

VEINS *of* MAGIC



Avisos



A PRESENTE TRADUÇÃO FOI EFETUADA DE MODO
A PROPORCIONAR AO LEITOR O ACESSO À OBRA,
INCENTIVANDO POSTERIORMENTE A AQUISIÇÃO.

O GRUPO NÃO TEM O OBJETIVO DE OBTER LUCROS, SEJA
DIRETA OU INDIRETAMENTE.

SELECIONAMOS LIVROS QUE ESTÃO SEM PREVISÃO
DE PUBLICAÇÃO NO BRASIL, ASSIM,
AFIM DE PRESERVAR DIREITOS AUTORAIS
E CONTRATUAIS DE AUTORES E EDITORAS,
O GRUPO PODERÁ RETIRAR SEM AVISO PRÉVIO E SUSPENDER
O ACESSO AOS LIVROS QUE SERÃO LANÇADOS POR EDITORAS.

PREZEM PELO GRUPO, NÃO DISTRIBUAM LIVROS
FEITOS POR NÓS EM BLOGS,
PÁGINAS DO FACEBOOK E GRUPOS ABERTOS.

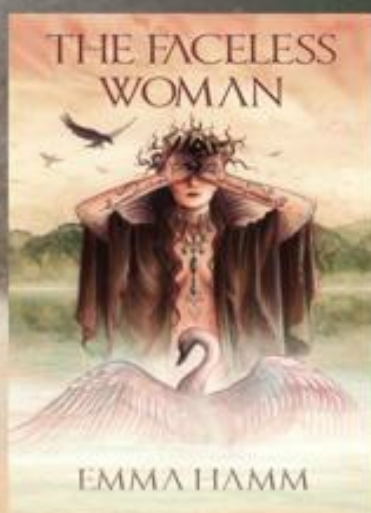
NUNCA FALEM SOBRE LIVROS QUE FORAM FEITOS
POR NÓS PARA AUTORES (AS),
DIGAM QUE LERAM NO IDIOMA ORIGINAL.

PRESTIGIEM SEMPRE QUE PUDEREM OS AUTORES
COMPRANDO SEUS LIVROS,
AFINAL ELES DEPENDEM DISSO NÃO É MESMO?

SAEM
WITCHES
Traduções

THE OTHERWORLD

Ordem de Leitura



SUMÁRIO

[Sinopse](#)

[Glossário de Terminologia](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

SINOPSE ERA UMA VEZ ...

Mágoa persegue os passos de Sorchá de Ui Neill. Embora ela esteja em casa com sua família, ela não consegue se livrar das memórias de seu tempo em Hy-brasil. Ela cura com o coração pesado,

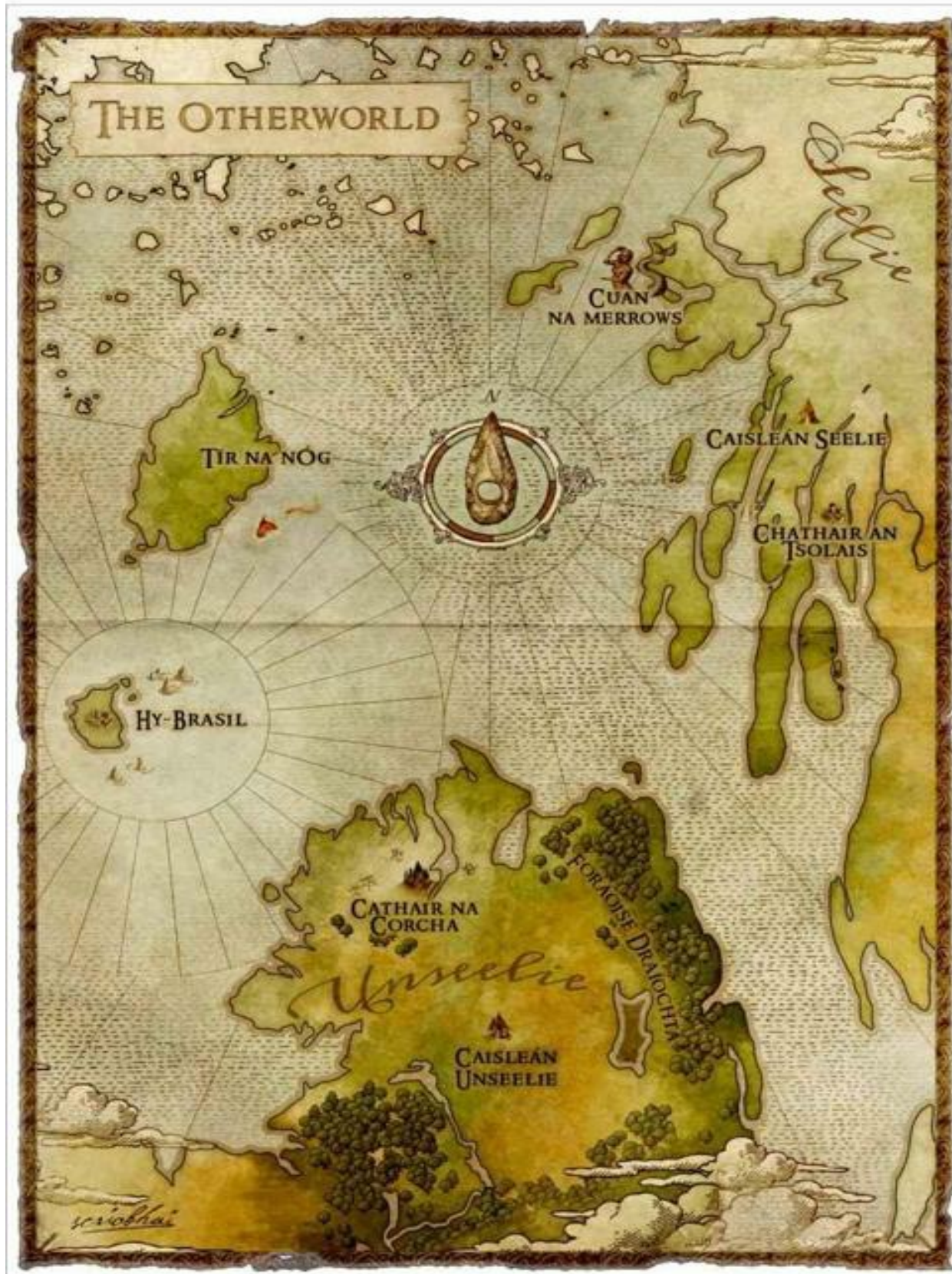
conta histórias com palavras melancólicas e não consegue esquecer a magia do Outro Mundo. Quando surge a oportunidade de retornar ao seu amado Príncipe Fae, ela faz um acordo questionável. Magia negra, maldições druídicas e uma bruxa abrem um portal e a enviam para o meio de uma guerra que ela deve encerrar pelo bem de todos os que habitam o Outro Mundo.

Salvar os faes não será fácil quando ela se tornar uma mulher que eles temem.

O rei uma vez banido batalha seu caminho através do Outro Mundo, libertando os Faes menores com cada golpe de sua espada. Cada ataque transforma Eamonn em algo muito mais bestial do que antes. Geodos se multiplicam e dificultam seus movimentos, endurecem seu coração e cristalizam sua determinação.

Juntos, eles enfrentarão o Rei dos Faes Seelie e seu exército dourado para acabar com a guerra que mudará o destino do Outro Mundo para sempre.

THE OTHERWORLD



GLOSSÁRIO DE TERMINOLOGIA

Tuatha dé Danann — Considerados os “Faes Superiores”, eles são as criaturas Faes mais poderosas e originais.

Faes Seelie — Também conhecido como os “Fae da Luz”, essas criaturas vivem suas vidas de acordo com as regras de Honra, Bondade e Aderência à lei.

Fae Unseelie — Considerados os “Fae das Trevas”, essas criaturas não seguem nenhuma lei e não apreciam a beleza.

Danu — Mãe de todos os Tuatha dé Danann e considerada mãe “terra”.

Nuada — O primeiro Rei Seelie, frequentemente chamado de Nuada Mão de Prata, porque ele tem um braço de metal após perder o seu em uma batalha terrível.

Macha — Uma antiga Tuatha dé Danann que é conhecida como uma das três irmãs que compõem a Morrighan. Seus símbolos são um cavalo e uma espada.

Redcap — Um Fae problemático, frequentemente encontrado em jardins assediando galinhas.

Máthair — “Mãe”.

Fogos-Fátuos — Pequenas bolas de luz que guiam os viajantes até os pântanos, geralmente com a intenção de que os humanos se percam.

Brownies — criaturas amigáveis, semelhantes a ratos, que limpam e cozinham para aqueles que são gentis com eles.

Pixie — Uma Fae alada cujo rosto se assemelha ao de uma folha.

Changeling — Faes velhas ou fracas trocadas por crianças

humanas, geralmente identificadas como crianças doentes.

Gnomo — Geralmente considerado feio, esses Faes pequenos e atarracados cuidam de jardins e têm um polegar verde impressionante.

Dullahan — Um Fae aterrorizante e muitas vezes malvado que carrega a cabeça no colo.

Bean Sidhe — Também conhecido como banshee, seus gritos ecoam chamados que anunciam a morte de quem os ouve.

Hy-brasil — Uma ilha lendária que só pode ser vista uma vez a cada sete anos.

Merrow — também conhecidas como sereias, os merrows têm cabelos verdes e dedos palmados.

Merrow macho — os maridos de suas contrapartes femininas são considerados horrivelmente feios, com narizes vermelhos brilhantes, guelras, duas pernas e uma cauda.

Bicho - papão — um brownie que fica com raiva ou se perde e se transforma em um bicho-papão. Geralmente são invisíveis e têm o hábito de colocar as mãos frias no rosto das pessoas enquanto elas dormem.

Pooka — Um Fae que imita animais, principalmente cães e cavalos.

Kelpie — Uma criatura semelhante a um cavalo que vive à beira de um pântano. Ele tentará convencê-lo a montá-lo e, nesse ponto, ele correrá sob a água e afogará a pessoa nas costas.

Selkie — Um Fae que pode se transformar em uma foca, contanto que ainda tenha sua pele de foca.

PRÓLOGO



Era uma vez, uma rosa se apaixonou por um veado.

Ela não era nada mais do que uma semente quando ele passou. Ela o viu e espalhou suas raízes profundamente no solo. Pequenos botões apareceram na próxima vez que ele passou, e ela floresceu para que ele pudesse se inclinar para cheirar seu doce perfume. Suas folhas se desenrolaram e seus espinhos encolheram para que ela não o assustasse.

Mas as rosas não foram feitas para crescer em praias salgadas. Ele pediu que ela subisse em seus chifres, onde poderia carregá-la. E embora as rosas fossem feitas para se estabelecer no solo, ela emaranhou suas raízes em torno de seus chifres.

Ele a carregou por um tempo. Ela virou suas pétalas em direção ao sol e dançou sob os raios. Ela ficou com sede, mas não contou a ele por medo de que ele a colocasse no chão. Ela era a mais feliz que já havia sido em sua curta vida.

As ondas batiam em sua casa e ameaçavam o bem-estar do veado. Embora não tenha contado à rosa, ele se preocupava com a segurança dela. Um veado poderia nadar até a costa.

Uma rosa certamente se afogaria.

Então, um dia, quando as ondas estavam no auge, um corvo passou voando. O cervo gritou por ele e implorou ao corvo para pegar a rosa em suas garras. — Leve-a para algum lugar seguro, — ele implorou. — Em algum lugar onde ela possa esticar suas raízes novamente.

O corvo a tomou suavemente, ignorando seus gritos tristes e

pétalas alcançando o veado. — Você vai para casa, — disse ele. — Uma rosa não pode crescer onde não há solo.

Eles voaram por terra e água, mar e ondas. O respingo de sal queimou suas raízes e arrancou todas as pétalas de suas flores. Quando o corvo a colocou na floresta, ela desistiu.

O velho carvalho suspirou: — Você não é uma rosa. Você não tem espinhos.

— Eu sou uma rosa, embora meus espinhos sejam opacos.

A bétula balançou. — Você não é uma rosa. Você não tem pétalas.

— Eu sou uma rosa, embora minhas pétalas tenham caído.

O freixo gritou. — Você não é mais uma rosa, mas pode se tornar algo mais. Durma nas minhas raízes por um tempo!

Quando a rosa despertou, ela descobriu que as árvores antigas estavam certas.

Ramos cresceram de seu cabelo e a casca cobria sua pele. As raízes se enredaram em seus pés, mas ela não era a mesma que as árvores. Seu corpo era curvo, sua mente clara e ela podia se mover para longe deles.

— Viu? — A cinza disse. — Você não é uma rosa, afinal.

CAPÍTULO I



A Rosa e o Veado

- Sorcha, meu rosto coça!
- Sorcha, meu estômago dói!
- Sorcha, eu não consigo respirar!

Sorcha soprou um cacho emaranhado de seu rosto e olhou para as vigas como se pudesse ver suas irmãs através do chão. Elas alegaram que a praga as haviam tornado inúteis e se recusavam a sair de suas camas, não importando quantas vezes Sorcha as lembrasse de que não estavam morrendo.

Ainda.

A roupa suja obscurecia sua visão, empilhada tão alto que ela mal conseguia ver além da borda, fazendo seu bíceps tremer com o peso. Esta era a primeira carga de muitas que ela precisaria trazer para o rio. Ela era o único membro da família que não foi infectado pela peste, e a única que os moradores deram permissão para deixar o bordel.

— Pequenas bênçãos, — ela murmurou antes de gritar: — Já vou, queridas irmãs!

— Mas Sorcha!

— Sei que o desconforto é grande, mas peço-lhes, tenham paciência! Eu preciso guardar a roupa.

— A roupa suja é mais importante do que nós?

Ela revirou os olhos. Suas irmãs sempre foram excelentes em

convencer o pai de como elas estavam doentes. Era uma pena que elas não puderam convencer sua irmã curandeira.

Sorcha lembrou a si mesma que elas estavam gravemente doentes. A praga do besouro do sangue não era algo que pudesse ser afastado. Era um assassino silencioso. Mas ela não conseguia se livrar da sensação de que elas podiam pelo menos estar tentando ajudar. Até o papai saiu da cama para jantar. Ele não a fez carregar os pratos todo o caminho para cima e trazê-los de volta.

Uma brisa fresca roçou sua nuca manchada de suor. Seu toque era bem-vindo e agradável, embora surpreendente, considerando que os pregos mantinham as janelas bem fechadas.

Levantando uma sobancelha, ela colocou a roupa no chão e empurrou a porta da cozinha para abri-la. Seu pai alimentava um pequeno pássaro marrom no parapeito da janela, as pranchas de madeira encostadas na parede ao lado dele.

Sorcha encostou-se no batente da porta e cruzou os braços sobre o peito. Papai empurrou as sementes para frente. Paciente, ele deixou o pássaro bicar e comer antes de pousar mais. Cada vez mais perto, até que o pequenino pulou em sua mão e comeu em sua palma.

— Você tem um talento raro. — Disse ela.

Ele ergueu os olhos com um sorriso. — Aprendi isso com você.

— Você aprendeu?

— Quando você era pequena, costumava dizer: 'Papai. Os pássaros têm medo de você porque você é grande. Se você se tornar pequeno e quieto, eles vão gostar de você como gostam de mim'.

— Eu não acho que você se fez pequeno.

— Bem, nunca fui bom em mudança de forma.

O pássaro sacudiu as penas e deu uma última bicada, voando

pela janela com asas silenciosas. Papa observou com uma expressão melancólica.

– Você sente falta do ar livre. – Disse Sorch.

– Mais que tudo. Que estação é agora?

– A primavera está chegando. Acho que vimos nossa última nevasca.

– Tão cedo?

– Não parece tão cedo, – ela riu. – Mas ainda estamos todos aqui. E isso é uma bênção.

– Todos nós?

– Sim. Quem mais estamos perdendo?

Papa se sentou no assento da janela e lançou-lhe um olhar medido. – Posso estar doente, mas não sou cego. Você deixou algo para trás.

– Todo mundo deixa algo para trás após uma longa jornada.

– Mesmo quando é outro mundo?

– Sim.

Sorch se sentou à longa mesa da cozinha, tirando o lenço manchado da cabeça. Uma juba de cachos vermelhos saltou livre para ondular ao redor dela. Ainda parecia estranho que nada tivesse mudado na casa de sua infância.

A mesa de madeira continha as marcas que ela esculpiu nas bordas para se distrair das brigas familiares. Ervas penduradas no fogo para secar, enchendo o ar com o cheiro de manjerição e alecrim. Um caldeirão borbulhava com sopa para o jantar.

O mesmo e não. Ela percebeu detalhes que nunca a teriam incomodado antes. Pó nas bordas da lareira. Teias de aranha nos altos picos das vigas. Rajadas de ar frio que nunca pareciam desaparecer.

Ela soltou um suspiro. — Quer que eu conte mais histórias de Hy-brasil?

— Suas irmãs estavam chamando por você.

— Sim, elas estavam.

— Você não quer cuidar delas?

— Na verdade não. — Sorchia apoiou os cotovelos na mesa e segurou a cabeça. — Isso faz de mim uma pessoa má? Eu deveria querer ajudar minhas irmãs. Elas estão doentes e merecem toda a minha atenção e cuidados.

Ela ouviu seu pai se levantar e arrastar os pés em sua direção. O banco rangeu quando ele se sentou ao lado dela. Sua mão fina esfregou sua espinha. — Você tem sido tão dedicada em nos manter vivos, pensei que algo terrível deve ter acontecido.

— Por quê?

— Ninguém trabalha com tanto fervor, a menos que esteja tentando esquecer algo. Ou alguém.

— E eu estou.

— Eu sei.

Ela virou a cabeça para olhar para o homem que salvou sua vida inúmeras vezes. Novas rugas surgiram no rosto de seu pai. Os pés de galinha se aprofundaram em dobras de pele, sua testa marcada de preocupação e dor.

— Ainda é difícil para mim entender quanto tempo se passou, — disse ela. — Um ano e um dia? Mesmo?

— Posso dizer isso indefinidamente, Sorchia. Nós pensamos que você estava morta.

— Lamento ter causado sua preocupação.

— Pare de dizer isso. — Ele estendeu a mão e puxou a mão dela

do rosto, segurando-a com força. — Você viveu uma aventura que nenhum de nós jamais poderia imaginar. Você nos conta histórias todas as noites que enchem nossos sonhos com coisas maravilhosas. É uma bênção você ter voltado para nós.

Ela não conseguia pensar assim. Sorchia não queria nem pensar em Hy-brasil. As memórias assustadoras de olhos do oceano e pele de cristal atormentavam seus sonhos. O buraco em seu coração se rasgando mais a cada dia que passa. Ela não sabia como parar a dor, então ela a acalmou com a família. Mas mesmo sua presença reconfortante fez pouco para consertar o que estava quebrado.

Sorchia apertou a mão de papai. — Fico feliz em ajudar. É bom estar em casa.

— Mas não é onde você quer estar.

— Não.

— Você quer ficar com ele.

— Sim, — ela respirou. — Muito.

— Então você deve voltar para ele.

— Eu não posso.

Papa franziu a testa. — Por que não? Você pode ir para o Outro Mundo, não pode? Você pode encontrar uma pixie para ajudar a guiar seu caminho.

— Não é assim. Pixies vão deixar o rei saber que eu voltei, e ele vai me rastrear. Eu nem sei se Pedra ainda está vivo.

Ela recorreu a chamá-lo pelo apelido, por medo de que ouvidos errados ouvissem seu nome verdadeiro. Os humanos provavelmente não se envolveriam com a política dos faes, mas nunca se podia ser muito cuidadosa.

Seu coração disparou. Ela esperava que ele estivesse vivo. Seu

vigor e força eram tais que ele pode ter vencido a primeira batalha com seu irmão, mas ela tinha visto o exército dourado e temia o pior.

— Seu coração diz que ele está vivo? — Papa perguntou.

— Sim.

— Então ele está vivo.

— Sempre otimista. O pássaro disse que ele ainda tinha ar nos pulmões?

— Os pássaros nos dizem muitas coisas. Este me disse que você não tem sido você mesma.

Os lábios de Sorchá se contraíram. — Foi?

— Você sabe que é a verdade, querida. Você nem mesmo visitou os santuários.

— Eu não quero.

— Desde quando? — Papa largou a mão dela e bateu com o punho na mesa. — Esses santuários significavam o mundo para você, mesmo quando criança. O que mudou?

— Não acredito mais que sejam úteis.

— Você está mentindo.

Ela se lembrou de como os faes provavam mentiras no ar. Talvez seu pai tivesse mais sangue de fae do que ela. Sorchá arqueou uma sobrancelha. — Você acha?

— Há uma vantagem difícil para você agora. Você quebra suas costas cuidando de nós, mas eu não acho que você queira mais. Houve um tempo em que pensei que você trabalharia até a morte só para nos salvar. Agora, eu me pergunto se você se importa.

— Claro que eu me importo.

— Então onde está a sua fé? Onde está seu pedido para que os faes venham e ajudem você? Você se tornou tão arrogante que acha

que pode fazer isso sozinha?

Ela se afastou da mesa. Suas pernas precisavam se mover, sua mente correndo enquanto caminhava pela cozinha de ponta a ponta.

— Eu estou com medo! É isso que você quer ouvir? Não cumpri minha metade do trato e, como tal, quebrei um acordo com os faes. Não posso ir ao santuário porque não sei o que me espera lá.

— Você acha que eles vão te matar?

— Eu não sei! — Sorcha ergueu as mãos, pegando uma erva nos dedos e jogando-a no chão. Ela suspirou e olhou para o teto. — Vou pegar a vassoura.

— Não. — Papa ergueu a mão. — Você não vai. Você vai sair desta casa e irá para o santuário.

— O que vai acontecer se eu não voltar? Quem vai tirar os besouros de seus corpos e mantê-los vivos?

— Conseguimos por um ano por conta própria.

— Porque fiz essa parte do meu negócio! — Seu grito subiu para as vigas e um pombo levantou voo. Ela suspirou e esfregou as têmporas. — Me desculpe, eu não queria gritar. Não quero ver você morrer e não confio nos curandeiros da aldeia.

— Nem eu. Mas, acho que os faes ainda têm planos para você. Estamos vivos por uma razão. — Ele se levantou e puxou as mãos dela do rosto. — Você é uma curandeira talentosa, Sorcha. Mas você não é a única razão pela qual os besouros ainda não nos mataram.

Ele estava certo. Ela notou como eles curaram rapidamente de suas cirurgias. Os besouros não estavam se multiplicando dentro deles como em seus outros pacientes. Na verdade, todo o bordel parecia preso em um único ponto do tempo. Eles ficaram doentes, com a mesma quantidade de besouros, mas a doença não cresceu.

— Não tenho nada para chamá-los, — ela murmurou. — Sem açúcar, sem creme, sem flores de nossos jardins.

— Então você vai levar suas desculpas.

— Os faes não se importam com a minha culpa. Eles se importam com as ofertas.

— Talvez eles te perdoem. Lembro-me de uma época em que as pessoas costumavam ir aos santuários apenas para estar com os faes da natureza. Não acredito que tudo seja dar algo a eles. Às vezes, o dar está em estar lá.

— Quando você se tornou filósofo? — Ela perguntou com um sorriso irônico.

— Quase na mesma época em que eu olhei a morte nos olhos e ela me disse que minha filha salvou minha vida.

Lágrimas arderam em seus olhos. — Oh, papai.

— Não me diga 'Oh, papai'. Vá, garota, e escolha alguns daqueles lindos verdes no caminho de volta.

— Dentes de leão?

— Eu não me importo se eles são uma erva daninha, eles têm um gosto delicioso e eles fazem bem aos meus ossos velhos. Diga olá aos faes por mim.

Ela lançou um olhar crítico para a roupa e encolheu os ombros.

— Por que você não vem comigo? Você nunca os cumprimentou antes.

— Elas não iriam querer que eu comesse agora. Eles veriam um velho tropeçando em sua direção e pensariam que eu estava perdido. É muito mais fácil para eles se conectarem com uma jovem bonita. Agora, saia!

Sorcha não esperou por mais argumentos. Suas irmãs gritariam

de novo, e então sua oportunidade desapareceria. Ela saiu correndo da cozinha, enrolou a capa nos ombros e saiu correndo.

O ar frio afundou em seus pulmões com pontas finas como garras. Isso a fez ofegar, carregando seu sangue com eletricidade. Ela ganhava vida quando saía do bordel.

Ela havia mudado muito.

Papai não se enganou ao apontar sua falta de cuidado. Ela sentira muita falta de sua família, mas a distância lhe proporcionou experiência e perspectiva. Suas irmãs não paravam de falar sobre coisas triviais, homens, limpeza, comida e bebida. Seu pai só falava de suas viagens, embora pelo menos isso fosse um pouco divertido. E nenhum deles tinha as qualidades mágicas do Fae que ela amava em seu coração.

A velha porta da cerca rangeu quando ela a abriu. Um dia desses, ela consertaria a dobradiça enferrujada. Ela precisava consertar as venezianas das janelas, os buracos podres no telhado, limpar o quintal... A lista era interminável.

Talvez ela se ressentisse desta vida. Por um tempo, ela viveu em um castelo, esperou por mãos e pés. Agora era ela quem servia aos outros.

— Eu cáí tão longe? — ela questionou e lançou um olhar para a silhueta de sua casa. — Eu fico ressentida com eles por estarem doentes?

Sim. A resposta foi um retumbante sim que ecoou em sua cabeça como um grito em um desfiladeiro.

Ela agarrou o muro em suas mãos, olhando para a casa como se *ela* fosse o problema.

— Sorcha! Está muito frio para estar do lado de fora. — A suave

voz masculina fez os cabelos de sua nuca se arrepiarem.

Com um sorriso falso, ela mostrou os dentes. — Geralt.

Ele caminhou em direção a ela com toda a graça de um dançarino. Calças justas abraçavam suas pernas, acentuando o que ele acreditava ser sua melhor característica. Um grande manto de lã preta varria o chão atrás dele para fora da neve caída.

— Você vai pegar um resfriado, Sorcha, e quem vai cuidar de você enquanto você cuida de sua família?

— Eu me saio muito bem por conta própria.

— Mas você não deveria. — Ele tirou as luvas de couro das mãos, dedo por dedo. — Permita-me.

— Não vou pegar suas luvas, Geralt.

— Você certamente vai! Que tipo de cavalheiro eu seria se deixasse você vagar sem roupas adequadas?

Ele estendeu a mão e pegou a mão dela, pressionando as luvas em suas palmas com um sorriso que a fez querer bater nele. Ela deixou o couro cair no chão.

— É assim que você costuma tratar as mulheres? Como se elas não entendessem quando precisam se cuidar?

— Elas não deveriam *ter* que cuidar de si mesmas.

— E se alguma de nós quiser?

— Por que você faria isso?

Sorcha bufou e revirou os olhos. — Você nunca vai entender.

— Nem eu desejo. Eu gosto de cuidar daqueles que são queridos ao meu coração...

— Não faça isso. — Ela ergueu a mão para interrompê-lo. — Não tenho interesse em ouvir o que você tem a dizer. Tenho lugares para estar, Geralt. Agora, se você não se importa.

— Vou caminhar com você. Você está indo para a cidade?

Certamente, se uma mulher solteira estava andando, ela deveria estar indo para a cidade. Sorcha tentou não revirar os olhos e falhou terrivelmente. Aonde mais uma mulher solteira estaria indo senão para a cidade? Homem ridículo.

— Eu estou indo para o santuário.

— Que santuário? Na Igreja?

— Não. Na floresta.

— Ah, — disse ele e franziu a testa. — Você nunca teria admitido isso antes de seu desaparecimento.

— Pessoas mudam.

— Aparentemente sim.

Suas botas rangeram na neve, deixando um leve indício de pegadas em seu rastro. Ela não iria ficar parada e ouvi-lo dizer qualquer outra coisa sobre sua vida. Ela não tinha interesse em falar com um homem que queria que ela se submetesse à sua vontade.

— Onde você estava mesmo?

Ele não sabia quando sair bem o suficiente sozinho.

As colinas eram todas brancas ao redor deles. Nenhuma árvore brotava da terra, apenas pequenos montes onde havia paredes de pedra. Até mesmo as ovelhas ficavam perto de seus celeiros nesta época do ano. Ninguém queria se afastar muito da segurança de uma fogueira.

Sorcha prendeu a capa com força contra o corpo e abaixou a cabeça. Talvez, com sorte, Geralt partisse.

— Ouviste-me? Eu perguntei aonde você foi.

Ela suspirou. — Você me fez a mesma pergunta centenas de vezes.

— Sim, eu fiz. E você ainda não me deu qualquer tipo de resposta.

— Eu não tenho certeza porque sou obrigada a responder a você.

— Você não é. Eu gostaria de saber.

— Por quê?

— Eu me importo com você, Sorchia. Você sabe disso.

Se ela revirasse os olhos com mais força, ela veria a parte de trás de sua cabeça. — Você se importa com a *ideia* de mim! Você não me conhece.

— Eu conheço! Eu te conheço desde que você era criança.

— Você passou por mim com seu pai algumas vezes. Isso dificilmente conta como conhecer.

Os sons de passos pesados que ele fez através da neve irritaram seus nervos. O homem não sabia ficar quieto? Ela queria uma caminhada tranquila até o santuário! Isso era realmente pedir muito?

— Eu tenho falado com Briana através da parede, e ela me disse onde você pensa que estava. O mundo dos faes, não é essa a história que você contou?

— Briana fala muito. — Ela resmungou.

— Você sabe que os faes não são reais, não é Sorchia?

Ela lançou um olhar de soslaio para ele e parou de andar. Ele não tinha o direito de dizer a ela o que era real e o que não era. Este homem pressionava demais, pensava que sabia muito mais do que uma simples mulher, e ela se cansou de homens que se consideravam tão bem.

— Geralt, o céu é azul?

— Sim. — Ele hesitou ao responder, olhando para ela como se ela tivesse enlouquecido.

— A grama é verde?
— Sim.
— Mas agora está branca.
— Bem, há neve nela.
— Então como você sabe que há verde embaixo?
— Porque eu vi.
— E se você não tivesse? — Gesticulou em direção aos campos.
— Se você nunca tivesse visto grama verde antes, como saberia de que cor era? Você não acha que a grama é branca?

— Eu moveria a neve.

Ela chutou o pé, batendo os pés no chão até que revelou a grama seca amarelada embaixo. — Você estaria errado então, não é?

— O que você está tentando me ensinar?

— Você não viu os faes, mas parece pensar que sabe sobre eles. Antes de julgar as colinas verdes, sugiro que tente vê-las primeiro. Os faes não vão gostar que você entre em seu santuário sem permissão. Eu realmente devo ir sozinha.

Seu queixo caiu, e ela não esperou para ver o que ele faria a seguir. Geralt havia tentado por muito tempo cortejá-la. E por mais que fosse um marido bom e tradicional, não seria um bom marido para ela.

As mulheres eram bidimensionais para ele. Elas cabem em uma pequena caixa feita por ele mesmo para que ele possa explicar seus raciocínios e ações. Sorcha o surpreendia cada vez que abria a boca. Talvez fosse por isso que ele a achava tão intrigante. Mas ela achava mais provável que ele quisesse domesticá-la.

Isso nunca aconteceria.

A neve rangeu atrás dela.

— Se você continuar caminhando em minha direção, Geralt, vou colocá-lo de costas na neve. Me deixe em paz.

— Você mudou! — Ele gritou.

— Sim, — ela disse. — Eu mudei.

Seu pai não foi o único a notar. A amargura em seu coração havia se espalhado tanto que ela não conseguia controlar. A dor a deixou com raiva, e essa não era uma dor física que ela pudesse curar com ervas ou remédios.

Bran estava errado. Ele disse que ela se recomporia, encontraria significado em salvar vidas.

Ela tinha feito exatamente o oposto. A raiva amarga infestou sua alma até que ela olhava para as vítimas do besouro de sangue como criaturas fracas. Sorcha não gostou das mudanças em si mesma, mas não sabia como impedi-las.

A floresta aparecia à distância. Uma rajada de neve veio em sua direção, pequena o suficiente para não tocá-la quando ela se abaixasse sob as árvores. Galhos carregados de neve tocaram o solo. Eles pareciam estar se curvando para ela quando ela entrou nas sombras.

Se eles estivessem. Ela desejou que as árvores pudessem ouvi-la, que um homem pudesse sair de sua casca e acenar para que ela avançasse. — Venha até nós, — diria ele. — Encontre nossos segredos escondidos e anéis de faes.

Ela balançou a cabeça. Os aldeões alegaram que ela perdeu a cabeça. Um homem estranho deve ter raptado ela, feito coisas horríveis, e a pobre coitada tinha quebrado. Por que mais ela falaria sobre faes como se fossem reais?

— Perdida para sempre, — ela grunhiu enquanto se abaixava sob um galho. — Sempre aquela que acredita nas coisas erradas.

A floresta estava quieta. Muito quieta.

Nenhum galho puxou seu cabelo, alertando-a para esconder sua raiva. Nenhum pássaro cantava suas canções. Apenas quietude e o baque abafado de neve caindo das árvores.

Onde estavam os faes? Onde estava o vento que roçava seus cabelos?

Com as sobrancelhas franzidas, ela entrou na conhecida clareira com a ansiedade revirando seu estômago. Algo estava errado.

— Sou eu? Eu te ofendi, Macha?

Até mesmo a luz havia desaparecido deste lugar sagrado. Nenhuma água borbulhava nas pedras. As esculturas de triskele tornaram-se opacas com o tempo, nenhum brilho mágico dando vida a elas.

Ela não tinha pensado que era assim que eles iriam puni-la. O silêncio era pior do que a ameaça de morte.

— Você nunca vai me deixar ver você de novo? — Uma lágrima escorreu por sua bochecha. — Você não pode se esconder de mim. Eu posso ver através do seu encanto.

Nenhuma risada dançou com o vento. Nada além de silêncio.

— Você só vai me cortar?

Ela queria gritar. Ela queria ficar com raiva dos faes que pensavam que ela merecia isso, mas a verdade tocou em sua cabeça. Eles nunca poderiam vê-la novamente e não as machucaria em nada.

Eles tiraram a magia de sua vida e de todos que ela amava.

Sorcha ergueu o queixo, travando os joelhos para não cair e se envergonhar. Ela permaneceria estável. Lágrimas escorreram por suas bochechas, mas ela se recusou a admitir que era uma fraqueza.

Somente aqueles fortes o suficiente para sentir as lágrimas

caírem.

— Eu não vou me desculpar, — ela implorou. — Fiquei fora mais tempo do que o esperado e não saí de boa vontade, mas tinha que cuidar da minha família. Não foi um desprezo contra você ou sua espécie o fato de eu não manter este santuário vivo.

Uma dor aguda cavou em seu tornozelo, pontos gêmeos de agonia que se chocaram contra o osso delicado. Ela engasgou e olhou para baixo. Uma cobra verde brilhante, tão longa quanto ela era alta, surgiu da neve.

Sua boca se fechou ao redor de seu tornozelo, impossivelmente larga com presas de prata que se cravavam cada vez mais em sua carne. Ela se enrolava, enrolando seu corpo grosso e pegajoso ao redor de sua canela.

Dor e dormência espalharam-se pelas presas da víbora. Ela olhou para ela com olhos brilhantes e frios.

— Impossível. — Ela arrastou. As cobras não podiam se mover no inverno. Cobras assim não viviam em Ui Neill.

Ela sentiu o gosto de beladona na língua. A língua dela engrossou, os lábios ficando dormentes. Ela conhecia bem os sinais de veneno.



Eamonn ergueu o rosto para o vento frio e cortante. Assobiava através das fendas em suas bochechas, afundando cada vez mais fundo em seu ser. O frio gélido do inverno fazia parte dele agora tanto quanto o braço direito exageradamente manco e inútil.

— Mestre! — Cian gritou pelo vento estridente. — Não podemos continuar!

— Nós devemos!

Eles não podiam parar na tempestade. A neve soprava contra eles, empurrando as pontas irregulares de gelo por baixo de suas roupas. Implacável e zangado, o Outro Mundo parecia determinado a destruí-los.

Ele puxou o capuz de sua capa de pele e inclinou a cabeça para baixo. Ele próprio afastaria o vento se isso significasse que alcançariam seu destino.

Não sobraram muitos deles. Seu irmão havia cavalgado para a ilha com uma intenção sincera. Destruir tudo em seu caminho e não deixar nada além de manchas de sangue e cinzas.

— M-Mestre! — Oona tossiu as palavras, com os pulmões fracos pelos dias na tundra gelada. — Eu não posso ir mais longe!

— Temos que continuar.

— Eu...

O vento passou por seus ouvidos, abafando qualquer palavra que ela pudesse ter dito. A raiva aqueceu seu sangue. Os cristais ao redor de seu pescoço brilhavam com uma luz violeta brilhante.

— Oona, não tenho tempo para discutir com você. Continuamos em direção à fortaleza anã! É o único lugar onde podemos encontrar faes simpáticos.

Eles não responderam.

Rosnando, Eamonn girou nos calcanhares. Sua capa chamejou ao redor dele e o ar frio golpeou seu peito. Afundando profundamente nas feridas de cristal que envolviam seu corpo.

Oona estava sentado na neve, os ombros caídos e arfando. Cian

ajoelhado ao lado dela com sua mão em seu ombro, sua expressão uma de perda completa.

Eles estavam todos empacotados com tudo o que puderam encontrar. Quinze pessoas deixaram as centenas que viveram na ilha. Uma mãe e seu filho pendurado nas costas, o minúsculo pooka ainda se curando de um ferimento que uma parteira poderia ter cuidado.

Boggart estava pendurada na parte de trás, seu corpo magro tremendo a cada respiração. Ela estava muito magra, muito pequena para tal viagem.

Ele imaginou que podia ver um contorno atrás dos faes. Um pilar de sombras que mudava e se movia. Cachos ruivos pendurados em seu rosto, vívidos mesmo na forma fantasmagórica.

Ela estava atrás deles, observando cada movimento cambaleante. Ela assombrava seus passos com os ecos de sua voz.

— Cuide deles, — ela sussurrou ao vento. — Eles precisam de você.

Eamonn suspirou e esfregou o rosto com a mão.

— Vamos parar um pouco.

— Os anões? — Cian perguntou.

— Nenhum lugar para serem encontrados, meu amigo. Estamos indo na direção certa, mas eles não querem se dar a conhecer ainda.

— Malditos anões. Eles vão nos deixar congelar até a morte e roubar as roupas de nossas costas.

Oona choramingou. — Eu me lembro dos anões. Eles eram criaturas amáveis com corações feitos de ouro puro. Eles podiam cantar magia que permitiria às mulheres tecer palha em outro.

— Você está delirando, — Cian resmungou. — Não eram os anões.

— Você nunca conheceu um anão.

Eamonn não tinha tempo de ouvi-los discutir sobre outra espécie de fae. Revirando os olhos, ele apontou para os poucos que permaneceram de pé.

— Você, encontre algo para acender. Você, me ajude a criar um banco de neve para nos dar algum tipo de abrigo. Você, junte neve limpa para a água para que possamos fervê-la. Você — ele apontou para a mãe. — Pegue as peles extras e embrulhe-o.

— Eu não poderia, meu senhor. Os outros precisam delas tanto quanto nós.

— Os lábios do seu menino estão ficando azuis. Deixe-o brincar com as peles primeiro, e coloque Boggart com ele. Vamos distribuí-las mais tarde.

Deuses, ele estava cansado de frio. Ele desejou uma cerveja quente em sua mão, uma mulher saudável em seu colo e que o frio desaparecesse para sempre.

Nada disso era provável de acontecer. Ele havia mandado embora a única mulher que queria em seu colo, não havia cerveja, e o gelo estava se formando em seus lábios novamente. Ele grunhiu e sacudiu pontas de gelo de seus ombros.

Os outros rapidamente montaram acampamento. Eles tiveram prática suficiente ao longo das semanas de viagem. Ele olhava para eles enquanto colocava as costas para trabalhar, empurrando a neve para a aparência de um abrigo.

Eles se amontoaram para obter calor e conforto. Nem uma única fae manteve a mão afastada uma da outra. Até Cian estendeu a mão para alisar o cabelo de uma testa, tocando dedos nos lábios, sussurrando palavras de encorajamento em orelhas.

Ele rangeu os dentes. Eles não ofereceriam nada a ele. Ele era o mestre, o invencível Tuatha dé Danann que mantinha o céu sob controle.

Se apenas isso fosse verdade. Ele balançou a cabeça e empurrou a neve até que uma parede grossa e compacta os protegesse. O vento soprava por cima, espalhando manchas em seu rosto enquanto ele se levantava. Isso serviria para a noite.

O selkie procurando gravetos voltou, balançando a cabeça. — Não há nada, mestre.

— Claro que não. — Resmungou Eamonn. Esta terra amaldiçoada estava tentando matá-los.

Ele ergueu o braço contra a tempestade cortante e avançou em direção aos suprimentos. O trenó era perfeito para acender gravetos e seria mais seco do que qualquer coisa que estivesse enterrada sob a neve. Eles poderiam carregar comida e água em suas bolsas.

— Mestre! — Cian chamou. O gnomo era apenas uma cabeça viajando pelos montes, seu corpo perdido na massa branca. — Precisamos disso!

— Vamos colocar tudo nas bolsas.

— Não podemos carregar mais nas nossas costas!

— Precisamos nos manter aquecidos.

— Então, vamos nos amontoar no abrigo que você fez.

— Sem um fogo, nós todos morreremos, Cian. Tem que acontecer.

Cian alcançou o lado dele, saltou e agarrou o braço de Eamonn. O peso o puxou para o lado. — Não podemos carregar mais nada.

A raiva surgiu em suas veias, tão forte que ele viu o vermelho.

— Então eu mesmo carrego! — ele gritou enquanto pairava sobre

o gnomo. — Não vou perder mais para esse resfriado de merda!

A tempestade continuou. Ventos frios e violentos golpeavam seus corpos, cavando suas peles e deixando cristais de gelo em seus rostos nus. Cian olhou fixamente para ele com uma carranca.

— Nós vamos perder pessoas, mestre. É inevitável.

— Não se eu puder impedir.

Eamonn se virou e puxou as bolsas restantes do trenó. Ele as colocou com as outras, marcando sua localização em sua mente para que pudesse encontrá-las amanhã. A neve as enterraria.

O trenó os servira bem e agora seria ainda melhor. Ele ergueu a moldura de um metro e oitenta e a agarrou como um galho entre as mãos.

Cian suspirou. — Bem, você vai usar isso.

— Eu disse que as carregaria.

— É muito peso. Essa é a maior parte da nossa comida e água.

— Chega, Cian.

— Só estou tentando cuidar de você, mestre. Você certamente não está fazendo isso.

— Não preciso de ninguém para cuidar de mim, — rosnou Eamonn. Ele quebrou os pedaços restantes e os colocou debaixo do braço. — Vamos voltar e alimentar os outros.

Eles marcharam pela neve. Cian cuspiu no vento quando eles alcançaram os montes mais altos, a saliva congelou antes de bater no chão.

— O que você está planejando dizer aos anões? — Cian chamou.
— Eles não gostam da sua espécie!

— Eles vão gostar do que tenho a dizer.

— E se não gostarem? — O gnomo deu um salto para ter um

vislumbre da expressão de Eamonn. — Eles não são os mais amáveis.

— Eles não precisam gostar; eles apenas têm que fazer o que eu digo.

— Certo, porque tem um histórico de trabalhar tão bem com anões.

— Eles gostam do meu irmão ainda menos do que de mim.

— Isso não é porque ele é seu irmão ou mesmo porque ele é o rei. Eles não gostam de Tuatha dé Danann. Eles podem até não deixar você entrar.

— Então todos nós podemos ser gratos por eu ser tão grande. Vou forçar minha entrada.

— Através de portas de ouro maciço?

Eamonn ergueu o punho de cristal. Sua mão foi ferida na luta, os ossos se transformaram em uma massa sólida de violeta. Ele ainda conseguia se mover lentamente, mas exigia prática. Ele considerou isso um pequeno milagre e tentou não temer a mudança.

Cian engoliu audivelmente. — Entendi, mestre.

Demorou apenas alguns instantes para que o fogo começasse no centro do banco. A magia ajudou a secar a madeira, e logo um crepitar alegre cantou sobre o vento uivante.

Eamonn se diferenciava dos outros. Ele estava mais longe do fogo, permitindo que os outros absorvessem o calor. Seus pequenos corpos precisavam disso mais do que ele. Oona assou legumes com uma panela do pacote de Cian e um grande pacote de ervas, mel e leite.

— Mestre? — ela perguntou. — Você se juntará a nós?

Ele balançou a cabeça e mostrou um bocado de carne de veado seca.

Eles se amontoaram em um amontoado de Fae menores. O menino se acomodou tão perto do fogo que Eamonn se preocupou que ele se incendiasse. Todos estavam exaustos, com frio e famintos.

Ele poderia fazer pouco mais do que assumir os fardos mais pesados. Ele mastigou a comida, ignorando os olhares preocupados que Oona lançava por cima do ombro. O gnomo deve ter contado a ela sobre a conversa.

A preocupação consumia sua mente. Ele não queria contar a eles a extensão de seus ferimentos. Sua mão era a menor de suas preocupações. Vales e fendas se estendiam por seu corpo em todas as direções.

Ele mal sentia o frio. O gelo entorpecente afundava em seus cristais e apenas desacelerava seu corpo; não o afetava como os outros.

Era preocupante.

Eamonn nunca levava a aflição o mais longe possível. Ele não queria saber o que aconteceria quando ele fosse mais geodo do que homem.

Ele não disse a eles que a lâmina de Fionn o pegou de surpresa. Eamonn ainda podia ver seu gêmeo enquanto ele cavalgava por trás e erguia sua lâmina. Eamonn o havia sentido, como um vento frio que dançava por sua espinha.

Ele se virou, e a lâmina seguiu o mesmo caminho que a espada de seu pai. Ela cavou ao longo da camada de carne e osso através de seu olho.

Eamonn teve o cuidado de não mostrar aos outros. Ele não queria que eles vissem a metade fraturada de seu globo ocular, o cristal dividindo o orbe. Ele tocava de vez em quando, refletindo que

nem mesmo sentia o toque. Todas as outras feridas eram sensíveis, mas não esta.

Se ele fechasse o outro olho, ele via o mundo em pedaços fraturados. Alguns faes se transformavam em centenas. O fogo se tornava uma chama que se estendia ao seu redor. Ele se perguntou se era assim que parecia a loucura.

— Mestre? — Oona gritou uma última vez. — Nós vamos descansar. Junte-se a nós?

— Não.

— Está mais quente com o fogo.

— Durma bem, Pixie. Vou ficar com o primeiro turno.

Ela fez uma careta. — O único vigia.

— De fato.

— Você tem que dormir algum dia, Eamonn.

— Não essa noite. Estamos muito perto do território dos anões.

Não serei pego de surpresa.

Ele ignorou as lágrimas que brotaram de seus olhos. Ele não podia ser vítima de suas emoções, não importava o quão cansado estivesse.

Ele era um soldado. Suas viagens trouxeram de volta memórias de um tempo atrás, quando ele empurrava seus homens para os exércitos de Faes Unseelie. Eles se espalharam diante de sua grande espada, fugindo do Príncipe Intocado.

Ele nunca tinha visto o Outro Mundo com neve assim. Os montes eram quase tão grandes quanto ele em algumas áreas. Ele guiou os faes ao redor das estruturas parecidas com montanhas e esperava que isso não os cansasse muito.

Obviamente, ele estava errado. Todos eles adormeceram

instantes depois de colocarem suas cabeças no chão.

O fogo crepitava. O vento uivava. E Eamonn permanecia tão imóvel que a neve se acumulou em seus ombros em pequenos pedaços. Horas se passaram, mas sua mente nunca se aquietou.

Ele não precisava do fogo, pois um fogo vivia em suas memórias. Sorch, a única mulher que cativou seus pensamentos desde o momento em que irrompeu na sala do trono. Ela dançava em sua mente, balançando para frente e para trás com o fogo. Ela usava o vestido verde, aquele de que ele gostava particularmente, e a saia larga se abanava ao redor dela como as ondas do mar.

Deuses, como ele sentia falta dela, mas esta não era a vida para uma mulher como ela. Ele esperava que ela tivesse ido para casa, encontrado sua família e talvez um bom homem para ter filhos e noites quentes.

Os cristais em sua garganta latejaram. Qualquer homem que ousasse tocá-la se veria na ponta da lâmina de Eamonn. Talvez fosse melhor se ela estivesse sozinha.

Uma sombra se mudou no canto de seu olho. Baixa, robusta e estreita demais para ser um gnomo, o anão passou pelos faes adormecidos.

Os anões eram pessoas astutas. Eles tinham dedos pegajosos e ninguém conseguia encontrá-los nos sistemas de túneis sinuosos que constituíam as fortalezas dos anões.

A sombra mudou novamente, mas Eamonn não se mexeu. Ainda como uma pedra, ele desejou que seu corpo ficasse em completo silêncio. Ele nem mesmo respirava quando o anão deslizou sobre um monte de neve e caminhou em direção às bolsas.

Pelo menos, Eamonn pensou que era ele. A barba sugeria -

homem - mas nunca se sabia com certeza até que eles falassem.

Eamonn se levantou e silenciosamente caminhou em direção ao ladrão. Seus passos não fizeram barulho, e ele não alcançou sua espada, sabendo que Ocras cantaria por sangue.

Seu rosto se contorceu em um rosnado quando ele disparou para frente. O anão não teve chance, as mãos de Eamonn se fecharam em torno de seu casaco.

— Oi! — O anão se contorcia violentamente, tentando deslizar para fora do casaco.

Eamonn torceu o punho, esmagando os cristais no tecido, forçando o anão a permanecer imóvel. — Você não vai a lugar nenhum.

— Vou sim!

— Eu não solto ladrões.

— Eu não sou um ladrão!

— Você estava roubando de nossos pacotes.

O anão acalmou sua luta, estreitou os olhos e encolheu os ombros. — Eu só estava olhando para eles.

— Por quê?

— Achei que eles poderiam ter algo interessante dentro.

— Mas você não estava pensando em roubar?

— Não senhor.

Eamonn arqueou uma sobrancelha de cristal. — Deixe-me ver se entendi. Você ia apenas olhar?

— Claro.

— Só para ver se havia algo interessante lá dentro.

— Esse era o plano.

— E se você encontrasse algo que gostasse, você iria deixá-lo.

— É isso aí, cara.

— Mesmo que fosse uma espada valiosa?

Os olhos do anão baixaram para a gema vermelha no punho de Ocras. — Bem, isso poderia ter sido uma história diferente.

— Você teria levado isso.

— Um bando de camponeses famintos não precisa de objetos valiosos.

— Então você roubaria algo que vale dinheiro?

— Eu não chamaria de roubo. — Brincou o anão.

— Você deixaria algo para trás por isso?

— Claro que sim.

— Como o quê?

Eamonn percebeu que a pergunta deixou o anão perplexo. Ele balançou os pés e encolheu os ombros novamente. — Eu encontrei algo.

— Você tem comida com você?

— Não.

— Alguma água?

— Apenas neve.

— Então você não tem nada digno de troca. Isso se chama roubo, — ele disse enquanto se inclinava mais perto para fitar o olhar do anão. — E você sabe o que eu faço com anões que roubam de mim?

O rangido suave de um arco sendo puxado levado pelo vento. Eamonn enrijeceu-se e ouviu o ruído revelador de penas quando uma flecha foi entalhada.

— Acho que você diria que deu aos ladrões tudo o que eles queriam e os deixaria ir em paz, — a voz com forte sotaque retumbou.

— Agora coloque a garota no chão.

Eamonn inclinou a cabeça para o lado e olhou para o anão em suas mãos de cima a baixo. — Garota?

— O que? — ela girou os braços para ele. — Você não sabia? Venha aqui, vou te mostrar como é uma garota de perto!

O anão atrás dele latiu: — Ponha-a no chão.

— Acho que não — Eamonn torceu a mão até que a garota gritou.

— Agora.

Eamonn olhou por cima do ombro para o anão que plantou os pés na neve. Seu arco se estendia mais alto que sua cabeça e Eamonn tinha certeza de que este era um homem. Sua barba cinza esvoaçava ao vento e a armadura prateada decorava seu corpo.

Seus olhares se encontraram e Eamonn deu-lhe um sorriso selvagem.

Oona se mexeu, acordando de seu sono para piscar no impasse. — Mestre, — ela murmurou. — Talvez você deva fazer o que ele diz.

Mas ele já estava com raiva. Tão bravo que não estava pensando direito e frustrado porque os anões já estavam puxando as armas. O que ele fez para ganhar seu ódio? Eles não sabiam quem ele era. Eles não tinham o direito.

Ele torceu o casaco da garota até que ela agarrou o pescoço e chiou.

— Atire a flecha, — disse Eamonn. — Mostre-nos a verdadeira natureza da hospitalidade dos anões.

O anão não hesitou. Ele disparou a flecha que cortava os flocos de neve ao meio e atingiu Eamonn bem sobre o coração. A ponta de metal se dobrou ao atingir a carne e depois o cristal. A madeira se estilhaçou em estilhaços que decoraram a neve em pequenos

fragmentos.

Eamonn não sentiu nada. Ele não se importava com nada. Tudo o que ele sabia era que o anão havia atacado.

Inclinando a cabeça para o lado, ele largou a garota no chão e quebrou a ponta de metal de seu cristal. — Você cortou meu casaco.

O anão largou o arco na neve. — O que você é?

O anão menor a seus pés correu para trás. — Amaldiçoado.

— Monstro, — o outro ecoou. — Você não é bem-vindo nas terras dos anões. Vamos expulsar você e seu povo amaldiçoado.

— Você pode tentar. — Rosnou Eamonn.

Oona se levantou com dificuldade, estendendo as mãos. — Não por favor. Ele não é um monstro!

— Explique o que ele é então, porque os anões não obedecem à magia negra.

— Ele é o seu rei!

O vento assobiava através de seus cristais e Eamonn olhou para os anões. A menina subiu em direção ao homem, se abaixando atrás dele como se isso fosse mantê-la segura. Sua mão pairou sobre Ocras, mas ele não a puxou para fora. Ainda não.

— Rei? — O anão balançou a cabeça. — Existe apenas um rei.

— Você está certo, — advertiu Oona. — Você está diante do Rei Supremo da Corte Seelie. O filho primogênito de Lorcan, o Bravo.

— Quem, o intocado? Ele está morto.

— Não estou morto, — disse Eamonn. — Longe disso.

O anão balançou a cabeça. — Bem, puxe minha barba. Se for realmente você, o senhor sob a montanha vai querer vê-lo.

— Espere um minuto, — resmungou a anã. — Ow, nós sabemos se é realmente ele?

— Você não sabe, — disse Eamonn.

Oona avançou arrastando os pés, hesitando quando os anões recuaram. — Eu sou Fae, assim como você. Eu não posso mentir.

— Você pode acreditar que ele é o rei supremo e ele pode levá-la ao erro.

— Eu cuidei dele quando criança. Eu cantei canções para ele enquanto ele dormia e observei enquanto o enforcavam. Este é o filho mais velho, aquele de quem se fala na música.

— E o que você quer com os anões? — Ele dirigiu sua pergunta a Eamonn com um aceno de cabeça.

Ele se moveu, colocando sua mão contra Ocras. Sua capa de pele se partiu com a brisa e revelou seu punho de cristal e torso disforme.

— Gostaria de falar com o senhor sob a montanha sobre um exército.

— Para quê?

— Pela guerra contra Fionn, o Sábio.

— Você quer retomar o trono?

Eamonn encolheu os ombros. — Eu gostaria de ver a cabeça do meu irmão em uma estaca.

— Você não deseja o trono?

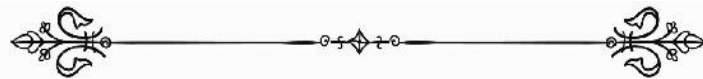
— Veremos como a história se desenrola. O resto é para os ouvidos do seu senhor apenas.

Os anões deram as costas a Eamonn e ao resto de sua tripulação. Eles se abraçaram e resmungaram. Uma de suas cabeças se levantara para encontrar seu olhar firme antes que eles se abaixassem novamente.

Finalmente, eles se tornaram um. — Vamos levá-lo para o subsolo.

— Você vai alimentar e lavar meu povo.
— Nós levaremos apenas você.
— Vocês levarão todo mundo. — A mão de Eamonn flexionou-se no punho da espada. — Ou vou insistir em justiça pela tentativa de roubo e encontrar outro anão.
— Você nunca encontraria outro.
— Se vocês acham que eu não posso destruir esta montanha, então vocês não conhecem minha reputação.
O anão macho bufou. — Venha, então. Todos vocês.
Eamonn lhes deu as costas e gesticulou para Oona. — Acorde os outros. Estamos indo para o subterrâneo.

CAPÍTULO 2



O Remédio e a Lâmina

Sorcha não conseguia respirar, não conseguia pensar, não conseguia sentir. Fagulhas negras obscureceram sua visão enquanto o veneno corria por suas veias. A cobra afundou suas presas mais profundamente em seu tornozelo.

O sangue pingou dos furos gêmeos na neve, onde chiou e afundou na terra. Engolindo em seco, incapaz de sentir sua própria língua, ela olhou para baixo e viu as mudas crescerem dos círculos vermelhos perfeitos. A neve derreteu em torno de seus caules frágeis.

Ela piscou e o pó branco voltou, sua imperfeição manchada de sangue engolindo as mudas.

A cobra apertou sua perna, destravou sua boca e subiu por seu corpo. As escamas lisas raspavam contra sua pele enquanto ela se enrolava em seu pescoço e abria a boca.

O veneno gotejava de cada presa. Ela sentiu o veneno pousar em sua capa, queimando o tecido grosso e grudando em seu peito. Queimava, mas ela não conseguia levantar a mão para afastá-la.

Seu olhar pegou os olhos semicerrados da cobra. Um sibilo baixo vibrou em seu crânio e o ar ficou quente. Ela ofegou, mas não conseguia inalar ar suficiente. Não enquanto a criatura balançava, apertando sua garganta.

Ela desviou o olhar dela, apontando sua cabeça chata para a floresta além.

Delirante, ela olhou para as árvores e viu a neve derreter. Folhas se desenrolaram e musgo crescia sobre os troncos, tão espesso e exuberante que rivalizava com qualquer outro que ela já tinha visto antes.

As árvores se moveram. Elas não arrancaram suas raízes nem se dobraram. Elas se separaram como uma onda, como se o mundo se rasgasse ao meio e um novo caminho se formasse.

Sorcha franziu as sobrancelhas, lutando para ficar de pé e observar o fenômeno. A cobra sibilou em seu ouvido e soou como palavras.

— Ande para frente, — dizia. — Caminhe em direção ao seu destino.

Mas ela não conseguia andar. Ela não conseguia nem levantar um pé quando o veneno com gosto de erva-moura congelava em suas

veias. Ela estava com frio. Tanto frio.

Mandíbulas estalando se fecharam em torno de sua jugular, afundando profundamente no músculo tenso de seu pescoço e bombeando mais veneno em seu corpo. Ela sentiu isso. Frio como gelo e quente como fogo, tudo ao mesmo tempo. Ela se soltou de seu pescoço e se esticou em pedaços por todo o corpo.

— Vá, — a cobra sibilou novamente. — As árvores conhecem o caminho.

Uma lágrima escorria por sua bochecha e ela deu um passo à frente. Sussurros ecoavam nas árvores. Não faes, pois ela conhecia bem suas vozes. Os resmungos profundos vieram de dentro da terra, emaranhados nas raízes das árvores. Eles resmungavam lendas, mitos e histórias sobre um jardim de rosas que crescia entre grandes carvalhos.

Sorcha ouvia enquanto caminhava pelo caminho. Sua visão distorceu e ela viu pessoas nas sombras. Não faes, não dríades, mas figuras vestindo couro com seus rostos pintados de azul.

O sol se pôs e a lua surgiu no final do caminho - uma lua cheia, embora ela tivesse certeza de que já havia passado. Sua cabeça se inclinou para o lado, expondo seu pescoço para a cobra que sibilou em seu ouvido. A lua estava pingando prata.

Gotas gordas caíam em direção a um altar no final do caminho. Lentamente, elas pingavam na bacia. A água ficou branco prateada, como leite com arco-íris dançando na superfície oleada.

— Beba, — a víbora sibilou. — Beba e junte-se aos outros.

— Que outros? — Sorcha perguntou, suas palavras arrastadas.

A cobra não respondeu. Ela ouvia sua respiração irregular misturando-se com o batimento constante de seu coração. Parecia a

batida de tambores.

Eram tambores, ela percebeu, tambores tocados por aqueles que estavam entre as árvores. Eles não estavam lá, ela pensou. Eles não podiam estar lá porque ela podia ver através deles. Eles seguravam espadas e lanças nas mãos. O som vinha de lâmina contra escudo.

— Beber a lua? — Ela arrastou. Ela já podia sentir o sabor inebriante. A água gelada que lavaria a erva-moura enquanto ela engolia.

— Beba. — A víbora sibilou novamente.

Sorcha deu um passo à frente e mergulhou as mãos no altar. Debaixo da água branca do leite, sua carne derreteu. Ela flexionou as mãos esqueléticas, choramingando porque não havia dor. Apenas um espaço em branco onde o sentimento deveria estar.

Ela se perguntou como deveria segurar a água com essas mãos. Mas quando ela a pegou em suas palmas, a carne voltou. Ela levou a lua aos lábios e bebeu profundamente de sua essência.

Desceu por sua garganta como um bálsamo. Os efeitos físicos do veneno foram eliminados. Fechando os olhos, ela se deleitou com o retorno da sensação.

A mandíbula da víbora estalou.

Sorcha abriu os olhos e olhou para a lua. O sangue pingava do topo e a tornou vermelha.

— Um mau presságio. — Disse ela.

— Não para nós, — a víbora sibilou. — Nunca para nós.

— Nós?

Os fantasmas avançaram. Suas mãos percorreram seus lados até Sorcha não poder mais dizer o que era uma alucinação e o que realmente estava acontecendo. Ela podia sentir seus dedos agarrando

sua carne.

Eles levantaram a cobra de seu pescoço e tiraram as roupas de seu corpo. Eles puxaram seu cabelo, puxando fios de sua cabeça. Seus dedos estavam frios.

Tremendo violentamente, ela colocou os braços ao redor de sua nudez e olhou para seus rostos pintados. Eles se deformaram, mudando de homem para animal.

Para pesadelos.

Uma mulher deu um passo à frente, galhos emaranhados em seu longo cabelo selvagem. Ela estava nua também, círculos gêmeos pintados ao redor de seus seios e runas esculpidas em sua pele.

— Bem-vinda, irmã. — Ela colocou uma coroa de hera no topo da cabeça ruiva de Sorchia.

— Irmã?

— Somos todas irmãs, — outra voz rouca em seu ouvido. — E agora você finalmente voltou.

— Eu nunca estive aqui antes.

— Você esteve.

— Não — Sorchia balançou a cabeça. — Eu me lembraria deste lugar.

Eles traçaram círculos em sua pele, deixando tinta azul em seu rastro até que runas e marcas que ela não reconhecia cobrissem seu corpo.

Mãos a empurraram para frente, em direção a outro altar que ela não tinha notado.

— Deite-se, — a voz atrás dela bajulou. — Deite-se e junte-se a nós.

— Não sei o que está acontecendo.

— Venha para casa, — eles disseram em coro. — Venha para casa e finalmente seja livre.

— Livre? — As lágrimas se acumularam em seus olhos, embora ela não pudesse explicar por quê. — Eu quero ser livre.

Eles empurraram e puxaram, esticando Sorchá no altar. A luz vermelha da lua banhou sua pele, seus raios quase tão quentes quanto o sol.

Ela ouviu as vinhas deslizando sobre o altar de pedra antes de vê-las. As folhas farfalharam suavemente quando tocaram timidamente suas pernas e se enrolaram em suas panturrilhas. Elas se enrolaram em seus braços e se enrolaram em seus cabelos.

— O que está acontecendo? — ela gemeu. — O que vocês estão fazendo comigo?

— Estamos acordando você, — cantou uma voz. — Já passou da hora de você se juntar à sua mãe.

— Minha mãe está morta.

— Sua mãe está sempre viva.

A mente de Sorchá girou enquanto as mulheres pintadas cantavam. Elas deram as mãos e balançaram para frente e para trás. Elas falavam em um idioma que ela não entendia, mas isso não importava. A lua estava brilhando, seus raios vermelhos como sangue.

Ela pensou que a lua a tinha curado do veneno da víbora, mas ela estava errada.

As escamas da cobra raspavam em seu osso do quadril. Subiu por sua barriga, entre os seios, e se arqueou até pairar sobre ela e obscurecer a lua vermelha. Ela abriu a boca.

As mulheres pararam de cantar. Tudo ficou em silêncio quando uma grande gota de veneno pousou no peito de Sorchá.

— Está na hora, — gritaram as mulheres. — Você se juntará a nós?

— Sim, — ela se pegou dizendo. — Sim, vou me juntar a vocês.

A cobra se lançou para frente e afundou suas presas em seu pescoço.

Sorcha deu um salto para a frente. Ela caiu de joelhos na neve, enrolando os dedos no frio. Ela deu um tapinha no corpo, sentindo apenas a capa de lã e as camadas grossas de saias.

— O que? — Ela murmurou.

Não era possível. Ela tinha estado naquele vale da floresta com mulheres cantando e uma cobra cavando suas presas... Ela sentiu seu pescoço em busca de feridas.

Duas crostas perfeitas deixaram bordas elevadas em seu pescoço.

— Olá, neta. — A voz veio da borda da clareira. Parecia o sussurro das folhas das árvores e era estranhamente familiar.

Ela olhou para o homem. Uma tira de couro puxava seu cabelo prateado para trás. Peles cobriam seu corpo e ele segurava um bastão feito de madeira de prata que ela não reconheceu. Ele a encarava com uma expressão gentil e reconhecimento em seus olhos verdes.

Ela conhecia seus olhos.

— Você tem os olhos da minha mãe. — Observou ela.

— Isso é porque ela compartilhava os meus. Assim como você.

— Quem é você?

— Eu sou seu avô.

— O que aconteceu comigo? — Sorcha apontou para o pescoço.

— Isso foi real?

— De certa forma. As coisas que acontecem em nossas mentes sempre têm significado e nem sempre estão simplesmente em nossas

cabeças.

— O que foi isso?

— Um antigo ritual que não é mais praticado por nossa espécie.

— Nossa espécie? — Ela balançou a cabeça. — Me desculpe, eu não entendo. Quem é você?

Ele avançou e estendeu a mão. — Meu nome é Torin. Eu sou seu avô.

Ela olhou para a mão dele. Rugas finas se estendiam da palma da mão aos dedos. Elas não teriam significado nada para ela antes de chegar a esta clareira, mas ela as leu facilmente. Uma vida longa. Um amor perdido.

Sorcha deslizou os dedos nos dele. — Você é o pai da minha mãe?

— Eu sou de fato. — Ele a colocou de pé. — E você se parece exatamente com ela.

— Você a conhecia?

— Eu conhecia.

— Eu não.

— Um erro lamentável pelo qual eu levo toda a culpa. Ela nunca deveria ter tido permissão para partir quando ela insistiu em ficar tão perto dos Fae.

— Por que você deixou ela? — O coração de Sorcha se apertou.

— Se você sabia que era perigoso, por que a deixou ir?

— Ela queria levar você para as selvas do mundo. Brigid nunca teve medo de ninguém.

— Brigid — Sorcha repetiu a palavra amada. — Você conheceu minha mãe.

— Ela era linda, como você.

— Eu não sou linda.

Ele estendeu a mão e colocou uma mecha de cabelo rebelde atrás da orelha. — Como você está se sentindo?

— Como eu.

— Não é novo?

Sorcha flexionou os dedos. — Talvez um pouco novo. O que devo sentir?

— Alterada.

— Por quê?

— Você participou da cerimônia. Você não é mais a mesma pessoa.

— Por que não posso ser a mesma pessoa de antes?

— Você ganhou muito conhecimento.

— E o conhecimento muda uma pessoa?

— Sim.

Sorcha vasculhou sua mente em busca de quaisquer diferenças, mas não conseguia sentir nenhuma. Ela balançou a cabeça. — Eu sinto o mesmo.

Torin franziu a testa e estendeu seu bastão. — Pegue isso.

Ela pegou.

— É bem feito. — Observou ela.

— É quente ao toque?

— Não.

— Hm, — ele puxou-o de suas mãos e apontou para a floresta. — Olhe para a floresta. O que você vê?

— Árvores.

— E?

— Folhas.

— Hm, — ele resmungou novamente. — E escute o ar. O que você ouve?

Ela fechou os olhos e exalou. Ela tentou ouvir, mas não conseguiu se concentrar. Suas mãos tremiam, seu coração batia tão rápido que ela se esqueceu de respirar.

Ela realmente estivera no vale da floresta todo esse tempo? A cobra estava em sua mente? As mulheres também?

Ele não respondeu às perguntas dela. Em vez disso, Torin havia falado em verdades veladas e enigmas estranhos.

Quem era ele?

Ela achou difícil acreditar que um parente apareceu do nada. A família de sua mãe nunca havia tentado entrar em contato com ela antes. Nem se lembrava de sua mãe falar deles. Era como se eles nem existissem.

— Criança? — ele perguntou. — O que você ouve?

— O vento, — ela encolheu os ombros e abriu os olhos. — Eu ouço as mesmas coisas de antes.

— Tente novamente.

— Não consigo ver o que você está fazendo. Por que você quer que eu ouça, olhe e sinta? De que adianta isso?

— Estou tentando ver que tipo de druida você é.

— Eu sou eu. — Sorchá ergueu as palmas das mãos. — Eu sou Sorchá de Ui Neill. Sou uma curandeira e amiga dos Faes. Isso é tudo.

— Um druida é sempre alguma coisa.

— Então, serei o primeiro a permanecer quem sou.

— Sua mãe era uma Banduri. Uma curandeira e vidente lendária.

— Minha mãe era apenas uma curandeira, — ela corrigiu. —

Uma amiga dos Faes, assim como eu.

Torin zombou. — Você pode ignorar seu legado o quanto quiser, mas você é uma dos nossos. Você aceitou no ritual e agora você deve aprender.

— Não aceito bem as pessoas me dizendo que *devo* fazer as coisas.

— Você vai aprender! — Ele bateu com o bastão no chão, e um golpe ecoante bateu em seus ouvidos. — Você não tem escolha!

— Você vai ficar em silêncio, velho!

Seu grito ecoou pela floresta e sacudiu a neve das folhas. Um grito ecoou o dela, o gemido dolorido de um troll acordado de seu sono.

— Oh, — ele disse. — Então você é um desses.

— O que você disse?

— Chamamos sua raça de druida tecelão.

Sorcha balançou a cabeça. — Do que você está falando?

— O propósito de um Tecelão é unir as vidas de druidas e Faes. Para ligar aqueles de nós que zelam pela terra e seu povo. É um presente raro.

— O que você quer de mim?

— Eu não quero nada de você. — Ele flexionou as mãos no cajado, inclinando-se contra ele com um sorriso suave. — Eu quero ajudar.

— Como você pode me ajudar?

— Curar a praga. Voltar para casa para o seu amor perdido. Encontrar os faes e afetando o curso do tempo.

Sorcha piscou.

O que ele estava falando? Ele realmente achava que poderia

mudar todas essas coisas com um pouco de magia druida?

— Os druidas se foram há muito tempo, — disse ela. — Como posso saber se você pode fazer tudo o que diz que pode?

— Confie em mim.

— Acho que a confiança se tornou muito mais difícil de ganhar.

— Sim, depois de tudo que você passou, imagino que sim.

— O que você sabe sobre mim?

Torin acenou com a cabeça em direção aos restos das pedras. — Eu tenho observado você desde o começo. Eu sei que você foi para Hy-brasil, que se apaixonou pelo rei supremo. Eu o vi forçar você a deixar a ilha para que ele pudesse lutar contra seu irmão sem medo de que você caísse.

O coração de Sorchá saltou na garganta. A imagem de Eamonn dançou diante de seus olhos. — Ele está bem?

A pergunta saiu de sua língua como uma gota da lua. Ela queria engolir de volta, não perguntar nada, por medo do que ele diria. Seu coração não estava curado ainda. Não poderia ser aberto novamente tão cedo.

— Ele vive. — Torin disse.

Seus joelhos se dobraram e ela caiu de volta no chão. — Ele vive?

— Ele luta pelo trono.

— Eu disse a ele, — ela suspirou. — Não sei se isso estava certo ou errado.

— Ele salvará seu povo, mas você deve salvá-lo.

— Por quê? — Ela olhou para seu avô e viu um olho pintado no centro de sua testa. Memórias nadaram em sua mente, imagens de uma fera terrível e seu marido. — Você trabalha para a Rainha Unseelie.

— Eu tenho contato com ela, mas um druida não serve a ninguém.

— Por que estou tão ligada ao destino dos Faes?

— Você é dele. — Torin sorriu. — E ele é seu. O fim não acontece sem os dois lados da moeda.

— E o destino dele decide o dos Faes?

— Precisamente.

— Oh, Eamonn — disse ela baixinho para que Torin não ouvisse o nome verdadeiro dele. O príncipe esquecido estava tão entrelaçado com o futuro que ele nem sabia. — Eu deveria estar lá com ele.

— Sim, você deveria. Mas agora não.

— Por que não agora?

— Existem pessoas que você deve salvar.

Sorcha jogou as mãos para o ar. — Por que todo mundo fica me dizendo isso? Eu não posso salvar ninguém! A praga do besouro do sangue está pior do que antes. Eu preciso de uma cura.

— Então você deve pedir uma.

— Por quê? Porque você tem uma? — Ela zombou. — Ninguém tem a cura. Tudo o que posso fazer é ver as pessoas morrerem e gostaria de saber como ajudar.

— Eu tenho a cura.

Sorcha congelou. Ele tinha uma cura? Não havia como ele ter uma cura, mas ele não parecia estar mentindo.

Ela se levantou e apontou para ele. — Você tem a cura?

— Sim.

— Os faes disseram que eles tinham.

— Os Faes com quem você falou sabiam que eu tinha a cura. Eles teriam trocado esse conhecimento depois que você completasse três

grandes feitos.

— E você vai dar para mim?

— Sim.

— Por que preço?

— Druidas não pedem pagamento. É um presente para minha neta.

Sorcha balançou a cabeça. — Não. Nada é gratuito. O que você quer de mim?

— Nossos videntes olharam para o seu futuro e desejamos que você se lembre de nós com gentileza.

— Por quê?

— Você não queria ver seu futuro quando a Rainha Unseelie deu a você a oportunidade. Você mudou de ideia?

Ela tinha? Sorcha não tinha certeza. Muitas outras pessoas pareciam conhecer seu futuro. Por que ela não deveria?

— Não, — ela admitiu. — Não quero saber meu caminho antes de percorrê-lo.

— Então eu te dou este presente, neta.

Ele enfiou a mão embaixo de sua capa e tirou um pequeno frasco. Filamentos de ouro enrolados ao redor do vidro, deixando uma textura de fusão na parte externa da esfera. Não era deste reino, embora ela também não achasse que era dos faes.

— Isso contém águas do Caldeirão de Dagda. Elas podem dar a imortalidade a qualquer humano ou curar qualquer ferida grave. Faça sua escolha com sabedoria.

Ela pegou o frasco e segurou-o sob a luz fraca do sol. Arco-íris se quebrando dançavam em sua superfície, como a água da lua. — Eu nunca consideraria mantê-lo para mim. Há tantas pessoas que isso

poderia ajudar.

— Precisamente por isso não me preocupo em dá-lo a você.

Ela agarrou o frasco em sua mão e suspirou. — E voltar para o Outro Mundo?

— Os Fae baniram os Druidas de suas praias há muito tempo. Não posso ajudá-la a retornar. Mas se você criar milagres enquanto viaja, os faes vão te encontrar.

— Uma gota disso salvará uma vida?

— E sempre se reabastecerá.

— Você acredita que a própria Macha vai me encontrar?

— Eu acredito que existem muitas maneiras de chegar ao Outro Mundo, e você encontrará pelo menos uma, se não muitas, em suas viagens.

Sorcha piscou. — Viagens?

— Você quer apenas salvar sua família? Ou você quer salvar o mundo?

Ela pensou muito sobre a questão. Há muito tempo, ela teria dito o mundo. Ela teria desistido de tudo o que tinha apenas para viajar e ter esse apelido estampado em seu nome. Sorcha de Ui Neill, a curadora da praga do besouro do sangue.

Agora? Ela balançou a cabeça. — Se eu pudesse dar para outro, eu o faria. Assim que eu encontrar um caminho de volta para o Outro Mundo, vou passar esse fardo para outro.

Torin assentiu. — Foi bem o que pensei. Você sente muito por ele, não é?

— Eu sinto.

— Por quê?

— Não tenho resposta para isso. Ele ganhou minha confiança e

mostrou que é um homem honrado. Isso basta para mim.

— Você o ama?

Ela o amava? Sorchia sabia que não era ela mesma sem ele. Que ela sentia tanto a falta dele que seu coração doía, e uma grande cratera crescia a cada dia que passava. Ela poderia sobreviver sem ver seu rosto. Ela simplesmente não queria.

Sorchia suspirou. — O que é amor senão paixão ardente e momentos fugazes? Eu o conhecia há pouco tempo e não posso dizer se o amo ou a ideia dele.

— Ele te ama.

Seu coração parou. Seu estômago apertou e suas mãos começaram a tremer. Ela as enfiou debaixo das axilas e balançou a cabeça novamente. — O que?

— Ele te ama. Os faes não fazem nada pela metade, e ele a admirava muito.

Ela queria voltar para Hy-brasil. Tanto que ela mal conseguia respirar. Mas não estava mais lá. Sua casa, seu povo, tudo destruído por um belo rei e seu exército dourado.

O que ela poderia fazer? Não havia mais nada para ela lá, exceto um fae que queria seu trono e cujo irmão o queria morto.

Ela suspirou. — Gostaria que tivéssemos mais tempo juntos, mas não posso voltar. Como eu o encontrarei?

— Eu tenho fé em você.

Sorchia se virou para sair, mas hesitou na beira da clareira. Este lugar sempre foi onde sua vida mudava. Olhando por cima do ombro, ela olhou para seu avô. Um homem que deveria estar em sua vida desde que era criança.

— O que um tecelão pode fazer?

Ele abriu um sorriso. — Eles são a razão pela qual os druidas foram banidos do Outro Mundo e caçados até quase desaparecermos para sempre. Eles unem os Fae aos humanos, mas também podem controlá-los.

— Eles podem controlar os Fae? Eles devem precisar do nome.

— Druidas têm uma gota de sangue de fae. Alguns podem controlar a natureza, alguns mudam a forma dos objetos ou deles próprios. Mas tecelões? Os tecelões podem comandar os Faes sem saber seus nomes verdadeiros.

Ela apertou a mão ao redor do frasco que salvaria seu povo. O rosto de Eamonn apareceu diante dela. Os cristais arruinados de seu corpo brilhavam à luz da espada de seu irmão. Ela se lembrou dos maus tratos aos faes pelos Faes Seelie e do castelo corrompido da Rainha Unseelie. Sua dor e angústia a chamavam.

Ela poderia deixar esta clareira e nunca mais voltar. Ela poderia curar seu povo e ser conhecida em todo o país. Ela não precisava da ajuda dos faes. Sorcha poderia esquecê-los inteiramente, como eles a haviam esquecido tão claramente.

Suas mãos tremiam e ela se virou para o avô.

— Mostre-me.



O golpe severo de um martelo bateu na parte de trás dos joelhos de Eamonn, e ele caiu com um grunhido, o cristal estalando contra a pedra. Irritou-o ouvir o som áspero que nenhum fae normal causaria. Não houve dor, nenhum desconforto, nem mesmo a menor pontada

nos joelhos.

O quão longe ele estava que não conseguia nem sentir dor?

— Então este é o rei supremo?

A voz profunda do Senhor Sob a Montanha o sacudiu. Era uma voz que Eamonn reconheceu, embora nunca esperasse ouvir novamente.

Olhando para cima, seus olhos se fixaram no trono. O anão sentado no monólito de ouro gigante era alto em comparação com o resto de seu povo. Sua barba era curta, aparada em vez de deixada em uma longa trança. Seu cabelo caía até os ombros, que estavam sem armadura e cobertos apenas por uma camisa sem mangas. Tatuagens pretas giravam em padrões circulares de seus ombros até a ponta dos dedos.

— Angus, — disse Eamonn. — Que fortuito.

O anão atrás dele empurrou seus ombros. — Você tratará o senhor com respeito!

— Vou tratá-lo com respeito quando ele descer do trono.

O Senhor Sob a Montanha estalou os dedos. — Você não se importa com a cabeça que reside em seus ombros? A qualquer momento, posso ordenar aos guardas que a removam, e eles não hesitarão.

— Eu gostaria de ver você tentar. — Eamonn inclinou a cabeça para trás para revelar sua ferida irregular no pescoço. — Já foi tentado algumas vezes.

— Sim, eu lembro de você subindo lá.

— Lembro que você foi arrastado por correntes.

— É uma pena que nenhum de nós tenha conquistado a liberdade naquele dia.

O anão atrás dele inalou. Eamonn achou bastante patético não ter percebido antes que os dois homens se conheciam.

Eamonn endireitou os ombros e colocou as mãos nas coxas. — Você vai me fazer ajoelhar pelo resto desta conversa?

— Eu gosto de você de joelhos.

— Só para que você possa finalmente me olhar nos olhos?

Angus bufou e saltou do trono. Suas botas pesadas ecoaram ao bater no chão. Ele parou na frente de Eamonn, plantou as mãos nos quadris e balançou a cabeça. — Pena que você está certo. Você vai ter que perder as pernas só para não olhar para mim.

— Como se você fosse deixar.

— Tudo bem, já que você é tão bonito. Levante-se.

Os anões que os rodeavam engasgaram quando Eamonn ficou de pé. Ele bateu com a mão no ombro de Angus e sorriu. — Você tem sorte de eu reconhecê-lo, caso contrário, poderíamos ter vindo a lutar. Você mudou, velho amigo.

— E o que você teria feito se não o fizesse? Teríamos cercado você.

— A menos que você tenha suas picaretas à mão, não acho que teria feito muito.

— Não, — Angus sacudiu a cabeça com uma expressão de problema. — Está piorando.

— Só vai continuar a piorar.

— Não é nenhuma maldição então?

— Não.

— Vergonha. — Angus se voltou para seu povo e acenou com as mãos. — Fora. Eu aguento daqui.

— Mas senhor...

— Eu disse fora, Cait. — Ele se dirigiu a ela com afeto. — Você cumpriu bem o seu dever de escoteira. Retorne ao seu treinamento.

Ela bufou e se juntou aos outros, olhando por cima do ombro antes de deixar a sala do trono.

O silêncio ecoou no grande corredor subterrâneo. O próprio povo de Eamonn estava com a língua presa, olhando para Angus e ele como se tivessem conjurado magia de suas palmas.

Cian foi o primeiro a quebrar o silêncio. — O que diabos foi isso?

— Este é Angus — Eamonn se virou com a mão no ombro do anão. — Um velho amigo de meus dias servindo ao rei anterior.

— Quando você estava lutando contra os Unseelie?

Ele assentiu. — Angus foi um dos poucos anões que voluntariamente se juntou à luta. Ele era um guerreiro notável.

— Ainda sou, — brincou Angus. — Não questione minhas capacidades.

— Na minha experiência, sentar em um trono faz pouco para afiar a lâmina.

— Você tem pouca experiência em sentar em um trono. — A voz de Angus tornou-se dura. — Aquele seu irmão gêmeo não é um exemplo de bom rei.

— Nisso, nós concordamos. — Eamonn gesticulou em direção aos faes que trouxe com ele. — Alimentação e hospedagem?

— Absolutamente.

Enquanto Angus clamava por seu povo, Eamonn preparava o seu. — Eles vão lhe trazer comida e água. Não sei que tipo de hospitalidade eles vão oferecer, mas presumo que pelo menos providenciem camas. Tenham uma boa noite de descanso.

— Eu vou ficar com você, garoto. — Cian endireitou sua capa

com uma careta. — Não gosto da ideia de você aqui sem um de nós ao seu lado.

— Angus é confiável.

— E você nem sempre toma as decisões certas quando não está pensando direito.

— Esta é a minha batalha para lutar, meu amigo. — Eamonn colocou a mão em seu ombro. — É apreciado, mas vou precisar de você com saúde pelo resto desta jornada.

Ele resmungou, mas seguiu a minúscula mulher anã que os tirou da sala do trono.

Angus empoleirou-se no braço de seu trono, olhando Eamonn de cima a baixo com um olhar crítico. — Parece que você andou rolando com os porcos.

— Estive em Hy-brasil.

— A mesma coisa então.

— Você poderia dizer isso. — Eamonn estendeu as mãos ao lado do corpo. — Vim em paz.

— Ocras está exposta. Eu ousaria dizer que não era sua intenção.

— Nunca se pode ser muito cuidadoso com os anões.

— Essa é a verdade. — Angus balançou o joelho antes de deixar escapar: — Por que você está aqui, Eamonn?

— Eu quero matar o rei.

O silêncio que se seguiu foi ensurdecador. Eamonn cerrou os punhos e obrigou-se a permanecer imóvel. Angus não o recusaria. Foi pura sorte ele ter se tornado Senhor e não um de seus muitos irmãos. Angus sabia em primeira mão o que Fionn poderia fazer aos Faes Seelie.

O anão puxou uma lâmina do quadril e a cravou sob as unhas.

— Você está indo contra o sangue? Desde quando?

— Fionn cruzou a linha.

— Ele não cruzou a linha quando tentou enforcá-lo?

— Não se concentre nas minhas dúvidas. Ele é meu irmão, Angus. Eu não queria dar as costas à única família que me restava.

— Então eu pergunto novamente, o que mudou?

— Ele atacou minha casa, — rosnou Eamonn. — Ele atacou meu povo.

— Não que eu não aprecie a mudança de opinião, mas não soa como você. Você nunca se importou muito. Ele jogou com você. O que diabos mudou para fazer você ficar mole?

Ele viu cabelo ruivo balançando com a brisa, arrastando sobre a pele sardenta tão branca que era quase leite. Unhas sujas com sangue endurecido por baixo por ajudar a curar seu povo, embora ele não quisesse que ela o fizesse. Eamonn ouviu o nome dela dançar no ar e sentiu o gosto do sol na língua.

— Eu ganhei perspectiva.

— Você conheceu uma mulher.

Eamonn olhou ferozmente.

— Na minha experiência, essa é a única razão pela qual um homem mudaria toda sua visão da vida. Ela deve ser uma fae deslumbrante para ter convencido você a voltar para casa.

— Ela não é Fae.

— Uma humana? — A adaga de Angus escorregou e cortou seu polegar. Gordas gotas de sangue pingaram no chão, mas ele não reagiu. — Você se apaixonou por uma humana?

— Eu não me apaixonei por ninguém.

— Uma humana, Eamonn? Uma das criaturas sujas que

fervilham em seu mundo e destroem tudo em seu caminho?

— Ela não é como as outras.

— Oh, nenhuma delas é como as outras. É assim que todas as histórias acontecem até que se voltem contra você e voltem para casa. O quanto você se odeia?

— Ela não iria embora, — ele rosnou. O grande salão de repente pareceu minúsculo quando as paredes se fecharam sobre ele. — Seja sábio, Angus, e acalme sua língua.

— Eu não a vejo em sua tripulação, portanto estou correto. Ela saiu e agora? Quer retomar o trono para que ela volte para seus braços? Grata por um rei querer colocá-la no trono ao lado dele?

Um lento rosnado de advertência retumbou no peito de Eamonn.

— Escolha suas próximas palavras com cuidado, amigo.

— Você vai me atacar por causa de uma mulher? Como a situação mudou. — Angus saltou de seu trono e enfiou a faca de volta na cintura. — Não posso fornecer tanta ajuda quanto você gostaria. Seu irmão atacou os anões muitas vezes.

— Tudo que peço é que alguns homens lutem ao meu lado.

— Eu não tenho nem um pequeno número. Tenho o suficiente para manter esta fortaleza segura enquanto ajudo os outros túneis. Você terá que fazer o vencimento com cinco.

Eamonn grunhiu. — Cinco homens? Você quer que eu mate o rei com cinco homens?

— Você já foi um grande general. Pense como aquele homem de novo.

Angus tinha perdido o juízo. Não havia a menor chance de Eamonn realizar o maior assassinato que seu povo já vira com cinco anões, um gnomo, um demônio e um duende à sua disposição. Não

importa o quão renomado ele fosse em batalha, Eamonn iria falhar.

— Eu vou para a guerra, — ele rangeu os dentes. — E você diz que eu deveria lutar com cinco homens?

— Eu não disse que não ajudaria de outras maneiras. — Revirou os olhos. — Calma aí, intocado. Seu temperamento explosivo não mudou em todo esse tempo, pelo que vejo. Me siga.

— Onde?

— Ocras serviu bem a você, mas ela não será páreo para milhares.

— E você tem uma espada que será?

— Não é qualquer espada. Eu tenho a espada de Nuada.

O coração de Eamonn saltou para a garganta. A espada de Nuada era uma lâmina lendária, passada através da linhagem de seu avô. Ninguém a tinha visto em centenas de anos. Todas as relíquias do Tuatha dé Danann original haviam desaparecido há muito tempo.

Até agora.

— Você tem a espada de Nuada?

— Eu tenho.

— E você não disse a ninguém até agora?

Angus zombou. — Para quem eu contaria? Seu irmão?

— Por que você está me contando?

Eles desceram uma escada da sala do trono principal. O espaço vital deu lugar a um sistema gigante de cavernas com redes de corredores que desapareceram nas profundezas da terra. Sistemas de polias erguiam anões para cima e para baixo nas grandes minas, todos iluminados por um canal de lava que saía de tonéis de cima.

— De toda a realeza na corte Seelie, você é o único em quem eu confio para não usar esta lâmina contra meu povo.

— Por que isso?

— Eu lutei com você, Eamonn. Eu vi o que você pode fazer com uma espada e como você trata os Fae Menores. Você não nos via como criaturas básicas. — O reflexo de Angus nas paredes de pedra polida revelou sua careta. — Espero poder confiar que sua opinião será a mesma agora.

— Já faz muito tempo. Caí na aflição dos meus irmãos.

— Não mais?

— Você pode agradecer a pequena humana por isso.

— Oh? — A voz de Angus se elevou com curiosidade. — O que ela tem a ver com tudo isso?

— Ela os via como iguais, mesmo quando eu não podia.

— Acho que gostaria dessa garota.

— A maioria gosta.

— Mas ainda é tão tola que ela te deixou?

Eamonn rosnou. — Isso foi obra minha.

— Ah. — Angus os conduziu ao redor dos mineiros anões que olhavam fixamente para o homem bestial que caminhava entre eles. A maioria se esquivou de encontrar seu olhar, embora alguns olharam carrancudos ao passar. — Então não é ela a idiota.

Ele não poderia concordar mais. Ele tinha sido um tolo por forçá-la a partir, mas não havia outra opção.

Eamonn recusou-se a colocá-la em perigo. Seu irmão tentaria usá-la como um peão. Os Seelie lutariam para capturá-la, para arrancá-la de seu lado e fazer coisas indizíveis apenas para fazê-la falar.

Ela era inocente. Ela não conhecia os costumes dos Faes, nem sabia como se proteger. De todas as pessoas, ele preservaria essa

inocência com seu último suspiro.

Ao passarem por outro grupo de anões, ele flexionou sua mão de cristal e disse a si mesmo que tudo acabaria logo. Se ele tivesse a espada de Nuada, outros certamente o seguiriam. Os anões poderiam não lutar, mas havia muito mais criaturas que ele poderia convocar.

Eles seguiriam o Grande Rei dos Faes Seelie até os abismos do inferno. Ou ele os forçaria.

E uma vez que tudo isso fosse feito, ele poderia encontrá-la novamente.

Eamonn ficou sério com o pensamento. O tempo passava de forma diferente em seu mundo. Ela poderia estar uma mulher velha, com rugas e ossos frágeis. Ele nunca tinha visto um humano idoso antes. Eles não eram frequentemente encontrados no Outro Mundo.

— Aqui, — grunhiu Angus. — E tente manter o seu juízo sobre você, Eamonn.

O anão estava certo. Eamonn se esqueceu facilmente de onde estava. As fortalezas anãs eram labirintos nos quais até mesmo o mais inteligente dos Fae poderia se perder. Ele precisava prestar atenção onde estavam, caso Angus o deixasse no escuro.

Angus estendeu a mão e puxou uma alavanca. O balde preso a ele caiu, despejando lava em uma calha que se espalhou na sala do tesouro mais incrível que Eamonn já vira.

O ouro se estendia até onde a vista alcançava. Montanhas de moedas, pedras preciosas e armaduras empilhadas umas sobre as outras como se não tivessem a menor importância. Esses itens deveriam ser exibidos, colocados em um ambiente de honra. Uma coroa chamou sua atenção, diamantes brilhando no metal sólido.

— O que é este lugar? — ele perguntou.

— O lugar onde colocamos coisas que queremos esquecer.

— Você colocou a espada de Nuada nesta sala? — A raiva correu por seu sangue, quente e forte.

— Eu *escondi* a espada de Nuada nesta sala. Grandes barbas! Você poderia se acalmar?

Ele nunca controlou bem sua raiva. Há muito tempo, quando a guerra estava em seu sangue e a raiva cintilava nas bordas de sua visão, ele cavalgou as ondas de raiva como um capitão guiando um navio. Ele tinha se tornado muito bom em convencer as pessoas de que não estava nem uma fração de segundo de rasgar sua garganta.

— Apenas acabe com isso. — Ele rosnou.

— Ansioso para colocar as mãos na arma que pode mudar a maré da guerra?

— É a espada do meu avô, e ainda não acho que você a tenha.

Angus arqueou uma sobrancelha grossa e mergulhou a mão em uma montanha de tesouro. O ouro caiu em uma avalanche ao seu redor, escorrendo em grandes ondas que pareciam água pingando. Cada tinido rangia nos ouvidos de Eamonn até que ele mal conseguia suportar.

Ele observou com atenção extasiada como Angus tirou seu braço da pilha e brandiu a lâmina mais bonita de toda a história.

Claíomh Solais. A Espada de Luz.

Pedras vermelhas brilhavam no punho da espada, cada uma como uma pequena gota de sangue. O punho de ouro se afilava na boca aberta de um lobo que engolia o resto da lâmina. Era uma bela lâmina. A luz cintilava na borda afiada, runas escritas nas bordas planas falavam das batalhas às quais havia sobrevivido. E ganhado.

Angus puxou de volta quando Eamonn estendeu a mão para

pegá-la. — Não tão rápido. Você conhece as lendas desta espada?

— Sim.

— Então você sabe o que pode fazer.

— Ela carrega o poder de manipulação, controlando as mentes dos outros assim que a lâmina é puxada. Sim, eu sei, Angus.

O anão fez uma careta. — Estou entregando a você uma arma muito poderosa, Eamonn. Por favor, leve isso a sério.

— Você conhece as lendas? — Os lábios de Eamonn se abriram em um sorriso selvagem. — Essa lâmina só funcionará nas mãos do rei supremo.

Angus apontou a ponta para a barriga de Eamonn. — Ajoelhe-se.

— Não.

— Vá embora.

— Não, anão.

— Remova-se desta montanha e nunca mais volte.

— Terminou?

Angus se encolheu de ombros. — Eu queria ver se você estava dizendo a verdade. Você quer ver se você é realmente o rei supremo?

Ele queria? Eamonn não tinha tanta certeza. Ele passou a maior parte de sua vida evitando seu direito de primogenitura.

Ele lambeu os lábios e estendeu a mão. — Já passou da hora de aceitar minha herança.

— Você tem certeza?

— Dê-me a espada, Angus.

Embora o rosto de Angus se contorcesse de preocupação, ele estendeu o punho na direção de Eamonn.

Lambendo os lábios, Eamonn estendeu a mão e agarrou a cabeça do lobo. O metal frio atingiu a pedra gelada e o fogo correu por seu

sangue.

Ele engasgou e cambaleou para trás, segurando a espada com as duas mãos agora com medo de deixá-la cair. A boca do lobo abriu e fechou em um frenesi enquanto tentava engolir a lâmina. As batidas desesperadas de seu próprio coração ecoaram até os olhos de Eamonn arderem.

Um pulso de magia encheu a sala, levantando as moedas de ouro no ar e jogando-as todas com um estrondo que sacudiu as paredes da caverna. Ele cerrou os punhos ao redor do cabo da lâmina e desejou que parasse. Isso se dobraria à sua vontade.

O lobo exalou e o fogo azul lambeu a espada de Nuada. Torcendo e quente, queimava as pontas de seus dedos. Na palma da mão formaram-se cristais que ainda não haviam sido destruídos.

Apesar de tudo isso, Eamonn cerrou os dentes. Ele iria suportar. Se esse era o preço que a lâmina havia escolhido, ele o pagaria. Sua forma física suportaria a dor porque ele se recusava a quebrar.

Ele ouviu o rosnado de um lobo em seu ouvido e a risada satisfeita de seu avô.

— Muito bem, neto. Pegue a lâmina; é sua.

Outra explosão de magia agitou sua capa, e tudo ficou imóvel. O fogo esfriou. O vento acalmou. Tudo o que ele podia ouvir era a respiração irregular do anão e o rangido do cristal quando ele tirou a mão da espada.

— Que tipo de magia amaldiçoada era essa? — Angus cuspiu.

— Esse era meu avô.

— Então, você é o Grande Rei dos Faes Seelie?

— Parece que sim.

— Eu não me curvarei.

— Eu não esperava que você fizesse isso, — disse Eamonn. Ele apontou a lâmina para o anão e rosnou: — Que outras relíquias você tem escondidas neste lugar?

Angus lutou, colocando a mão em volta da garganta enquanto seu rosto ficava vermelho. Seu corpo se retorceu e desabou no chão enquanto ele lutava contra a magia da lâmina. — Eu vou cortar minha língua antes de dizer a você. — Ele engasgou.

— Então seja livre, velho amigo.

Eamonn largou a lâmina. Angus caiu mole, ofegante enquanto olhava para Eamonn com uma expressão chocada.

— Você mudou. — Observou o anão.

— O tempo não está do meu lado. Agora, vamos falar sobre o exército que você escondeu nesta montanha.

— Eu não tenho um exército escondido.

Eamonn apontou a espada mais uma vez, arqueando uma sobrancelha quando Angus engoliu em seco. — Torcer suas palavras não vai me deter. Nós dois sabemos que você não está me dizendo toda a verdade.

— Não vou colocar meu povo em risco.

— Não me faça forçá-lo, Angus.

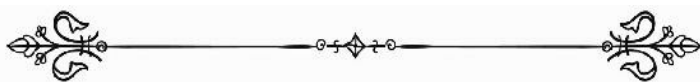
— O homem ao lado de quem lutei nunca se rebaixaria tanto.

Eamonn engoliu em seco e desviou o olhar do amigo mais antigo. — Então eu sugiro que você escolha sabiamente. Não há outra escolha que eu possa fazer. Fionn deve cair.

— Os anões não têm exército.

— Então eu sugiro que você encontre um. Rapidamente.

CAPÍTULO 3



O Sonho das Bruxas

A gota do líquido caiu do frasco, espirrando contra a língua de papai. Ele foi o último a quem ela tratou e o mais teimoso. Sorchia discutia com ele noite após noite, mas ele recusava. Ele sempre colocava suas garotas em primeiro lugar, mesmo tendo sofrido por mais tempo.

Ela não queria curar todos ao mesmo tempo. Quem sabia o que realmente estava no frasco que seu avô druida lhe dera? Ela não queria arriscar sua saúde com a palavra de um velho estranho.

Briana foi a primeira, a mais corajosa e a mais cansada de estar doente. Uma única gota em sua língua e eles esperaram. Durante dias e dias eles esperaram até que Sorchia finalmente cortasse as costas da irmã.

Ela puxou cada besouro e olhou em choque para os insetos mortos. Eles não se moveram, eles não lutaram, eles nem mesmo se contraíram.

A cura funcionou.

Sorchia tratou do resto da família, um por um, em seguida, retirou os besouros que permaneciam sob sua carne. A substância milagrosa no frasco a confundia e nunca parecia diminuir.

Seu pai balançou a boca e engoliu em seco. Todas as suas filhas saudáveis agrupadas em torno dele, olhando com atenção extasiada. Elas rezaram para que Sorchia estivesse certa e não tivesse tido sorte

com todos os treze.

Ele olhou em seus rostos expectantes e encolheu os ombros. — Eles parecem não estar mais se movendo.

Rosaleen gritou e pulou em seus braços. — Você está curado! Você vai viver, papai!

As outras irmãs pularam para frente. Todas elas se agruparam em um grande círculo ao redor de seu pai, com lágrimas escorrendo por suas bochechas e risadas borbulhando de seus peitos.

Sorcha sorriu, enfiou o frasco de volta em sua pequena caixa e se afastou da folia. Todos eles viveriam. Era um milagre que deveria encher sua alma de felicidade.

Mas ela ainda estava tão vazia.

Ela mexia a sopa acima do fogo e os deixou descansar um pouco. Eles mereciam ser felizes. Suas vidas se desenrolavam em páginas em branco nas quais poderiam escrever, embora guardassem cicatrizes por toda a eternidade.

Quando ela ficou tão fria? Essa era uma reação normal para alguém depois de voltar para casa do Outro Mundo?

Ela imaginou que sim. Este lugar, essas pessoas, todas pareciam tão enfadonhas em comparação com a vida que ela tinha visto. Eles não entendiam a magia ou as coisas maravilhosas que ela poderia fazer. Suas mentes estavam tão focadas em si mesmas, em vez de umas nas outras. As paredes de madeira simples, o chão de pedra sujo e os cômodos ventilados fizeram seu coração pesar.

Sorcha sentia mais falta dos faes agora que sabia que eles viviam. Agora não era que ela os tivesse perdido. Eles escolheram deixá-la para trás.

Ela soltou um suspiro e empurrou o cabelo para trás. Hy-brasil

pegou tudo o que ela sabia sobre si mesma e apagou. Agora, Torin estava tentando devolver a ela alguma aparência de si mesma.

Quem era ela agora? Quem era esta mulher que viu faes, curou a praga do besouro do sangue e sentia seu coração esfriar a cada dia?

— Sorchá?

A voz de Briana a tirou de seus pensamentos. Alisando as palmas das mãos suadas contra as saias, ela se virou com um sorriso falso. — Sim?

Sua família ficou junta e olhou. Expressões preocupadas cruzaram todos os rostos, exceto o de seu pai. Sua expressão desanimada avisou Sorchá de que ele podia ler seus pensamentos.

— O que? — Sorchá perguntou. — O que é?

— Você não vai ficar com a gente, vai? — Briana perguntou.

— Não.

— Você fará a coisa certa e curará todas as pessoas que precisam de ajuda?

— Sim.

— Você está nos deixando? — O lábio inferior de Rosaleen estremeceu. — Acabamos de te ter de volta!

Briana deu um passo à frente e segurou o rosto de Sorchá com as mãos. Ela procurou o olhar de Sorchá. — Alguma vez a tivemos realmente?

Ela deveria ter chorado. Ela deveria ter pelo menos sentido porque sua irmã estava certa. Sorchá estava fisicamente aqui, mas ela deixou seu coração no Outro Mundo.

— Não, — disse ela tão baixinho que apenas Briana podia ouvir.

— Temo que não, irmã.

Briana se inclinou para frente e pressionou suas cabeças juntas.

Ela cheirava a ervas e doenças. Não do jeito que Sorchá se lembrava dela, mas do cheiro que ficaria para sempre em sua mente.

— Você nunca foi feliz conosco, não importa o quanto tentássemos.

— Eu não fui feita para esta vida.

— Você foi feita para correr com os faes. — Briana se recostou e pressionou os lábios na testa de Sorchá. — Minha irmãzinha changeling.

Seu pai se levantou. Sorchá encontrou seus olhos por cima do ombro de Briana e se encolheu quando viu as lágrimas se reunindo. — Já embalamos suas coisas e tomamos a liberdade de adicionar outro pacote com o pouco que tínhamos economizado.

— Não vou aceitar o seu dinheiro.

— Você está salvando pessoas ao nos deixar, criança. Queremos ajudar no que pudermos.

— Eu deveria ajudar a remover os besouros...

— Nós observamos você e papai já concordou em nos permitir removê-los sem a sua ajuda.

Ela franziu o cenho. Todos estavam com os olhos marejados, querendo dar a ela o dinheiro ganho com dificuldade e ficando em desvantagem. Ela não deveria sentir algo?

— Obrigada, — disse ela. — Voltarei assim que puder.

— Não faça isso. — Briana apertou seu braço. — Sempre soubemos que só tínhamos você por um curto período de tempo e foi egoísmo de nossa parte mantê-la por tanto tempo. Vá ser... seja o que for que você seja.

Ela deveria hesitar.

Sorchá abraçou Briana e o resto de suas irmãs. Ela pressionou as

palmas das mãos nas bochechas do pai e beijou-o profundamente na bochecha. — Obrigada.

— Visite-nos.

— Farei o meu melhor. — Ela se virou e correu para a porta, querendo sair o mais rápido possível.

A voz de seu pai a fez congelar com a mão na porta.

— E volte para ele.

Suas mãos se apertaram. — Eu vou tentar.

Ela fugiu de sua casa de infância com duas bolsas penduradas sob os braços. Ela olhou para trás apenas uma vez enquanto descia a rua em direção à enfermaria. Suas irmãs acenaram de todas as janelas e seu pai se apoiou na porta.

Eles eram boas pessoas. Eles ficariam bem sem ela.

Ela passou semanas nas casas de doentes de sua pequena cidade. Os curandeiros chamaram de milagre. Que o próprio Deus a enviou para limpar seu povo da praga.

Sorcha deixou que lhe dessem o nome que quisessem. Ela atçou os rumores, esperando que um dos Fae viesse investigar.

Nenhum veio.

Geralt a deteve algumas vezes, com o rosto vermelho e a preocupação correndo como um rio em suas veias.

— Sorcha! Pare por um momento, ok? Você vai cair no chão!

— Tenho de ajudar, Geralt, — ela tirou-lhe a mão do braço. — Solte.

— Quando foi a última vez que você dormiu?

— Dias atrás.

— Sorcha, sei que você quer ajudar essas pessoas, mas não servirá para elas se estiver morta. — Ele empurrou para trás a mecha

de cabelo que sempre caía na frente de seus olhos. — Deixe-me ajudá-la. Vá comer, durma e volte com os olhos e a mente claros.

— Não vou entregar este frasco a ninguém.

— Onde você conseguiu isso, afinal?

— Os faes. — Ela mentiu enquanto verificava a temperatura de um paciente, satisfeita por este ainda estar vivo. O homem estava tão emaciado que ela pensou que ele morreria muito antes de os besouros serem extraídos.

— Não existem faes!

— Você pode acreditar no que quiser, Geralt. Mas agora, você está no meu caminho.

Ela encostou o ombro no dele e empurrou. Ele tropeçou para trás, caindo em uma cama onde ela empilhava os cadáveres dos besouros.

Seu grito de desgosto foi música para seus ouvidos. Ela não lhe ofereceu ajuda, nem se virou para olhá-lo, por mais que quisesse ver a expressão de choque em seu rosto.

Geralt desistiu depois disso. Suas declarações incessantes de amor cessaram e ele desapareceu de volta ao solar de sua família. Ele não deveria estar perto das vítimas da peste de qualquer maneira. Ele era mais distração do que ajuda.

Sorcha limpou sua cidade dos infectados e mudou para a próxima. Ela passou por curandeiros gritando seus remédios, por padres abençoando os infectados e caminhou diretamente para as casas dos enfermos.

Todos que ela tocou foram curados.

Seus pacientes espalharam histórias da mulher ruiva que caminhava entre eles. Eles viram suas orelhas pontudas e disseram

que ela era uma das Tuatha dé Danann que sentia pena de seu povo. Outros disseram que ela era uma bean sidhe guiando suas almas da terra dos vivos.

Quando questionada, Sorchá apenas sorria e perguntava sobre sua saúde. Por mais frio que parecesse, ela não estava interessada em conhecer seus pacientes. Este era um meio para um fim. A cura era um trampolim para o próximo ponto de sua vida.

Ela reduziu seus pacientes de centenas para dez. Aqueles que estiveram doentes por mais tempo não sofreram mais com a praga do besouro do sangue, mas com os efeitos posteriores. Seus pulmões estavam fracos, seus corpos frágeis, e ela iria ver isso até o fim.

— Sorchá? — A menina que ela cuidava perguntou. — Que som é esse?

Risos e gritos ecoavam pelos corredores da casa de enfermos. Franzindo a testa, Sorchá se levantou e alisou o avental. — Eu não sei.

Uma batida na porta da frente, seguida de risos, foi a gota d'água. Ninguém tinha o direito de perturbar os enfermos.

Com o temperamento explosivo, ela correu em direção à porta com as mãos fechadas em punhos. Outro grito, feminino desta vez, alimentou ainda mais as chamas de sua raiva.

Abrindo as portas de madeira, ela olhou com raiva para o grupo de homens pairando sobre um monte de trapos.

— Como vocês ousam? — Ela gritou. As pessoas que circulavam pelas ruas hesitaram. — Vocês não têm respeito pelos feridos?

— Ah, curandeira silenciosa, — respondeu um homem. — Estamos apenas nos divertindo um pouco!

— Vocês estão perturbando meus pacientes. Saiam daqui.

— Ou o que?

Sorcha enfiou a mão nas sombras atrás da porta e puxou um cajado com nós. Ela o havia encontrado durante suas viagens, e parecia certo em suas mãos, acomodando-se entre seus dedos com o peso perfeito. Ela o usou para derrubar a gentalha de seus passos.

Os homens riram. — Vamos, Ruiva. Você não fará nada com isso.

— Não vou? — Ela desceu o degrau e balançou. Ela segurou a ponta na mão, deixando o peso do cajado fazer o trabalho que seu braço não conseguia. A extremidade bulbosa atingiu o homem vocal na têmpora. Ele caiu como uma pedra.

Os outros ficaram boquiabertos.

— Bem? — Ela apontou o bastão para eles. — Eu não tenho o dia todo, meninos. Saiam da minha frente!

Eles pegaram seu amigo e saíram correndo rindo.

— Malditos tolos, — ela resmungou. — Muitos deles na cidade.

— Você pode dizer isso de novo.

Sorcha se assustou e olhou para a pilha de trapos. Ou melhor, a mulher usando as roupas mais nojentas que Sorcha já vira. Pedacos e pedacos de tecido esvoaçavam em movimento constante enquanto a mulher se levantava.

Seu cabelo preto estava tão emaranhado que Sorcha teria raspado tudo. A sujeira manchava seu rosto e sob suas unhas. Ela espetou Sorcha com o olhar. Olhos incompatíveis, um azul e outro castanho olhavam diretamente para sua alma.

— Piedade para os pobres? — a mulher perguntou. — Ou melhor, penitência pelos indignos?

— O que você está querendo?

— Você tem um centavo sobrando?

- Não tenho dinheiro para dar.
- Pena. — A estranha criatura cuspiu no chão.
- Por que aqueles homens estavam abordando você?
- Eles afirmam que eu sou uma bruxa.

A simpatia inundou Sorchia. A emoção a assustou, pois ela não sentia isso há muito tempo. Ela estendeu a mão e alisou o braço da mulher. — Eles me chamam do mesmo jeito.

- Claro que sim, curandeira. Mas eles estão certos sobre mim.

Sorchia puxou a mão de volta com um suspiro. Suas mãos tremiam com o desejo de cruzar o peito. — O que?

- Eu sou uma bruxa, e admito de bom grado que me relaciono com o Povo dos Faes. Eu os invoco e eles ouvem meus desejos.

Sorchia ergueu uma sobrancelha. — Mesmo? Você invoca os Fae e eles fazem tudo o que você manda?

- Claro.
- Faes não fazem isso.
- Talvez não seus faes.
- Você está fazendo acordos com eles? Uma e outra vez? Você está vendendo sua alma fazendo isso. — Sorchia balançou a cabeça e voltou para a enfermaria.

- Você acha que conhece os Faes? — A mulher gritou.

– Eu sei o que conheço. — Sorchia parou no topo da escada. — Passei mais tempo entre os Faes do que você pode imaginar. Fazer acordos com faes é perigoso.

- Ei!

O grito da mulher ecoou quando Sorchia fechou a porta. Deixe-a seguir se ela quiser, mas Sorchia não iria discutir. Havia pouco que ela pudesse fazer por uma mulher com dívidas até o pescoço que

acabariam por ser pagas.

A porta se abriu e passos ecoaram pelo corredor em sua direção.

— Eu disse, ei!

— Eu te ouvi.

— Então por que você não parou?

Sorcha pegou uma toalha de uma das prateleiras. — Eu sou uma mulher ocupada.

— Você falou com os Faes?

— Sim.

— Você morou com eles?

A mulher estava deixando manchas de sujeira no chão que Sorcha teria que limpar. Os outros faxineiros fugiram quando ela disse que não precisava mais deles. Eles provavelmente fugiram de memórias dos doentes e moribundos, as almas trágicas que permaneceram em tormento.

Franzindo os lábios, ela apontou para a pequena cozinha. — Dessa maneira.

— Por quê?

— Você quer comida e água?

Ela não precisou dizer mais nada. A mulher esfarrapada girou nos calcanhares e correu para a cozinha.

Sorcha encostou-se no batente da porta e observou a bruxa enlouquecida vasculhar seus armários. Ela tirou pão e queijo, jogou açúcar no parapeito da janela e bebeu uma jarra d'água.

Pequenas maneiras, mas ela poderia ser bonita se limpasse. Sorcha poderia dizer que uma bela mulher se escondia sob a sujeira. Ela não sabia dizer sua idade, embora fosse difícil, mesmo se ela estivesse limpa. Pessoas que levaram vidas difíceis sempre tiveram

olhos assombrados que os envelheciam.

— Qual o seu nome? — Sorchá perguntou.

— Aisling.

— Nome bonito.

— Eu diria que você poderia dizer isso à minha mãe, mas ela está morta.

— Qualquer outra família?

Aisling fez uma pausa com a boca cheia de comida. — Não.

— Bem, então você pode ficar aqui se ajudar.

— Não estou pedindo esmolas.

— Você acabou de perguntar se eu tenho dinheiro. — Disse Sorchá.

— Não disse que iria trabalhar para isso.

— Você é incrivelmente rude, não é?

Aisling abriu um sorriso cheio de dentes. — Lidar com os Unseelie fará isso com você.

Sorchá se sentou e observou a bruxa comer. O que a levou a fazer acordos com os Fae? Ela era tão tola que não se importava com sua própria segurança?

Talvez Sorchá nunca soubesse. Aisling terminou a comida em tempo recorde, recostou-se na cadeira e deu um tapinha no estômago.

— Você nunca se lembra de como a comida é boa até passar alguns dias sem ela.

— Você não come há dias?

Aisling encolheu os ombros. — Algumas semanas, as pessoas boas querem mais do que outras.

— Você vende mercadorias de bruxa?

— Eu falo com os faes por elas. Como você, aparentemente.

— Os faes não falam mais comigo. — Sorchá disse enquanto balançava a cabeça.

— Eles cortaram você?

— Parece que sim.

— É por isso que você está fazendo um nome para si mesma? — Aisling se recostou e apoiou os pés na mesa. — Você está tentando voltar.

— De certa forma.

— Você está tentando irritar os faes tanto que eles te levarão de volta para puni-la. Você é realmente louca.

Sorchá piscou. — Louca?

— Os faes não são gentis com aqueles que querem punir. Se você bagunçar o suficiente aqui, eles não vão te levar de volta para o Outro Mundo e deixar você seguir seu caminho feliz.

— Eu tenho que voltar.

— Existem centenas de maneiras de chegar ao Outro Mundo, e esta é sua escolha? — Aisling se recostou e balançou a cabeça. — Não é um bom plano, curandeira. Encontre outra maneira.

— O que você sugeriria?

Aisling se virou e enfiou as mãos nas dobras das roupas. Ela tinha bolsos, Sorchá percebeu. Embora ela não tivesse certeza de quais abas eram bolsos e quais eram apenas pedaços aleatórios de tecido.

A bruxa puxou um livro de couro surrado e o estendeu. — Provavelmente há algo aqui.

— O que é isso?

— Algo que eu roubei do Outro Mundo. Talvez você consiga entender isso.

Sorchá pegou o diário gasto e abriu uma página. O pergaminho

em branco rapidamente foi preenchido com palavras escritas. Uma assinatura que ela reconheceu, *Scribohai*, aparecia no final de cada página.

— Uau — Aisling exclamou por cima do ombro de Sorch. — Nunca fez isso por mim.

Os olhos de Sorch dançaram sobre as palavras, passando rapidamente pelos feitiços de magia negra que exigiam o sacrifício de animais e similares. Uma palavra se destacou acima de todas as outras.

Portal.

Ela fechou o livro e o segurou contra o peito.

— Ei! — Aisling gritou. — Eu estava lendo isso!

— Não é para você.

— Como você sabe?

— Porque não revelou as palavras para você. Eu reconheço magia druida quando a vejo, e aquela não era para você.

— Eles pareciam feitiços interessantes.

— Todo feitiço parece, tenho certeza.

Aisling puxou seus trapos e deu a Sorch um olhar crítico. — Eu não sei no que você se meteu, curandeira, mas não parece algo para o qual você esteja preparada. Quando você quiser abrir esse portal, me chame.

A bruxa se virou e se afastou amuada. Ela segurava uma maçã roubada na mão como se ela desafiasse alguém a dizer a ela para largá-la.

— Sorch — Sorch gritou atrás dela. — Meu nome é Sorch.

Os ombros de Aisling tremeram quando ela começou a rir. — Sorch? Claro que você é ela. Todo o Outro Mundo está alvoroçado

com o seu nome. Eu tomaria cuidado se fosse você, Sorchá de Uí Néill. Os Fae estão bravos com você.

Ela observou a outra mulher escapar da enfermária, rindo o caminho todo.

O que a bruxa sabia que Sorchá não?

Preocupada, ela colocou o livro debaixo do braço e foi completar sua ronda. Os pacientes não se importaram, ela lutava com novas informações, mesmo que seu futuro de repente se tornara mais brilhante. Eles queriam que ela os alimentasse, os rolasse para fora de suas feridas e esvaziassem suas comadres.

Nas casas para doentes nunca faltara trabalho. Ela guardou o livro para ver mais tarde e se cansou. O sol se pôs no momento em que ela completou suas rondas.

Ela estava exausta até os ossos.

Sorchá tropeçou em seu quarto e se lavou completamente. Embora os besouros sanguíneos não ameaçassem mais sua vida, ela precisava se preocupar com todas as outras doenças.

A voz de Eamonn sussurrou em seu ouvido: — Os humanos são tão frágeis.

A memória a fez sorrir. Ele não entendia como os humanos realmente eram frágeis. Ela tinha visto crianças morrerem porque caíram em um lago na época errada do ano. As mulheres adoeciam porque seus espartilhos eram muito apertados e os homens morriam de um simples corte na perna.

A morte seguia os humanos como uma amante conhecida. Sorchá quase podia senti-la respirando na nuca dela, esperando o momento em que ela cometesse um erro.

Ela colocou o vestido sobre os ombros. Hematomas cobriam sua

espinha e nas costas dos tapas e chutes violentos que alguns dos pacientes lhe deram. Ela estava preparada para que fossem violentos. Ela estaria, também, se houvesse apenas uma única janela para ela olhar enquanto esperava semanas e meses para se curar.

Eles projetaram asilos para a morte. Sorchá jurava que as pessoas morriam mais rápido aqui do que se estivessem do lado de fora. Embora ela tenha deixado as janelas abertas, os quartos privados não tinham nenhuma. O ar ficou estagnado e frio.

Seu vestido caiu no chão com um ruído suave e ela terminou de se lavar. Cada tragada da toalha a fez morder o lábio. O que ela não daria para deslizar para um banho quente e fazer com que Oona lavasse suas costas para ela.

Sorchá cambaleou até a cama e adormeceu quase instantaneamente, rezando para que nenhum sonho a acordasse. Ela estava muito cansada.

Mas os sonhos vieram. Sonhos da origem mais incomum.

Ela piscou os olhos abertos. O nevoeiro formava redemoinhos em ondas e escadas conduziam a uma névoa sem fim e desaparecia. Este não era um sonho normal, nem ela sentia a estranha qualidade do sono tonto.

Sorchá estava acordada, ou pelo menos consciente, no sonho pelo qual vagava. Franzindo a testa, ela se virou.

Um belo vestido cobria suas pernas. Não era algo que ela jamais teria escolhido para si mesma, sua primeira indicação de que um fae se intrometia em seus sonhos.

O veludo vermelho derramava sobre seus ombros como sangue. Mangas de sino tocavam as pontas de seus dedos e a saia larga se alargava sobre seus quadris, tão pesada e grande que ela sentia todo o

vestido se mover enquanto ela se mexia.

Seu cabelo girou enquanto se amontoava no topo de sua cabeça.

— Ah, — uma voz suave disse. — Olha como você é bonita.

— Fionn. — Ela rosnou.

— Você lembra de mim? Que lisonjeiro.

Sorcha girou em um círculo, tentando encontrá-lo nas brumas ondulantes. — Como eu poderia esquecer o Rei dos Faes Seelie?

— Você ficou ousada.

— Fiquei desesperada.

Uma mão tocou sua cintura. Forte e dolorosamente familiar, ela girou em seus braços para olhar para o rosto amado. Eamonn olhava para ela, olhos azuis vibrantes brilhando. Mas não era ele, não mesmo.

Ela se encolheu com a máscara que Fionn colocou sobre o rosto. Era uma imitação macabra de seu irmão.

— O que você tem? — ela rosnou. — Por que você usaria isso?

— Você não gosta? Achei que seria bastante agradável, considerando como você favorece meu irmão gêmeo.

— Você é um homem doente e distorcido.

— Você e meu gêmeo pensam a mesma coisa quando se trata disso. — Ele a puxou para seus braços. — É bom vê-la novamente, parteira.

— Curandeira agora.

— Claro. Como eu poderia esquecer? A pequena parteira que salvou a todos dos besouros do sangue.

— Você parece desapontado.

— Eu estou. Sempre pensei que você faria coisas mais importantes do que salvar humanos. Havia um toque de grandeza em você quando nos conhecemos. — Ele encolheu os ombros. — De

qualquer jeito. Você não vai dançar comigo?

— Dançar?

Sorcha sentia o toque do tecido nas costas do vestido. Ofegante, ela esticou o pescoço para ver que centenas de outros faes se juntaram a eles. Cada um mais bonito que o anterior, os Faes Seelie se juntaram a seu rei no mundo dos sonhos.

A música explodiu no ar. Violinos e harpas se entrelaçando para criar uma dança que ninguém poderia ter parado.

Ela odiava. Ela odiou ainda mais quando ele a puxou para mais perto, colocou a mão em seu ombro e a empurrou para a multidão.

— O que você quer? — Ela rosnou.

— Posso não querer passar um tempo com minha humana favorita?

— Você odeia humanos.

— Eu não te odeio.

Ela o olhou com raiva enquanto giravam descontroladamente entre os outros Fae. — Você quer algo de mim.

— Você não pode aproveitar a noite antes de encontrar seu caminho para a política?

— Não vou ficar presa neste sonho para sempre.

Sua expressão mudou, se transformando em algo terrível. Algo que ela reconheceu muito bem. — Você é muito inteligente para o seu próprio bem, parteira.

— Você já me disse isso antes.

Ele a girou em um amplo arco ao redor de uma árvore que crescia no centro da sala. Suas raízes gemeram ao passar. — Onde ele está?

— Quem?

— Não banque a tímida. Você sabe de quem eu falo.

— Eu não consigo nem imaginar.

Fionn a puxou para si. Ela bateu no peito dele com força suficiente para tirar o ar de seus pulmões. Ele a apertou, dolorosamente forte, em advertência. — Você sabe onde ele está.

— Se eu soubesse onde ele está, você não acha que estaria com ele?

— Ele mandou você embora. Ele a empurrou para fora do castelo e de volta para sua vida, onde você vive na sujeira e em ruínas. Por que mais você gostaria de voltar para o Outro Mundo? O mundo humano é muito simples para você.

A expressão bajuladora estava de volta em seu rosto. Se ela fosse qualquer outra mulher, ele poderia tê-la convencido a ficar aqui com ele. Ele era dolorosamente bonito, todas as maçãs do rosto arqueadas e um sorriso deslumbrante.

Fionn tinha uma aparência perigosa. Estava atrás de seus olhos, ela pensou. Algo por trás daqueles vívidos olhos azuis se transformava em ódio.

Seus pensamentos se voltaram para a primeira noite em que conheceu Eamonn. Para uma sala do trono lançada em sombras, e uma barra de luz nos olhos brilhantes. Ele tinha os mesmos olhos de seu irmão naquela época, cheios de escuridão e raiva.

Ela estendeu a mão e passou os dedos sobre a crista das maçãs do rosto de Fionn, logo abaixo da raiva azul. — Você é tão parecido com ele.

A emoção em seus olhos ferveu, mas ele sorriu para ela. — Eu posso ser quem você quiser que eu seja, pequena parteira. É só perguntar.

- Você não pode ser ele.
- Por que não?
- Eamonn aprendeu algo que você não aprendeu.
- O que? — Ele rosnou.
- Ele aprendeu como se livrar da raiva.

Fionn jogou a cabeça para trás e riu. Ela tremia em seus braços, cada risada estrondosa pulsando por seu corpo. Os faes dançando ao redor deles pararam e se juntaram à sua risada.

— Oh, pequena parteira. Você é totalmente divertida. Você acha que meu irmão abandonou sua raiva? — Seu sorriso se transformou em uma careta ameaçadora. — Vamos ver o quão errada você está.

Ele a girou em seus braços, puxando-a de volta contra seu peito e torcendo a mão em seu cabelo. Ele usou a corda de sua trança para prendê-la. Puxando sua cabeça para trás, ele acariciou a longa coluna de sua garganta.

— Veja.

Ela estremeceu, não se importando que seu cabelo puxasse seu couro cabeludo. Ele não tinha o direito de contê-la dessa forma. Ela fechou os olhos com força quando um lampejo de luz irrompeu na névoa, revelando imagens.

— Olhe, parteira. Veja as escolhas que seu amante faz.

Sorcha não queria abrir os olhos, mas a tentação se apoderou de seu estômago. Fionn mentia. O que quer que ele mostrasse a ela seria uma mentira, então não havia mal nenhum em olhar.

Ela olhou para a névoa. Luzes e cores rodopiantes abordaram seus sentidos, e então o som foi filtrado.

Batidas retinentes de aço contra aço. O estalo áspero de um chicote e a canção do vento assobiando através de cristais e pedras.

Uma espada cortou a espessa camada de névoa. Eamonn saiu das cores rodopiantes de fogo e enxofre como um guerreiro vitorioso. O sangue respingava em sua armadura e gotejava pelos vales de suas feridas.

Mas ele estava vivo. E ele estava bem.

Sorcha deu um suspiro de alívio que durou pouco enquanto ele avançava em sua direção. Fionn a manteve imóvel enquanto Eamonn brandia sua espada e rosnava.

Ele avançou em direção a eles com uma lâmina desconhecida brilhando na luz do sol que ela não conseguia sentir. Sorcha engasgou e fechou os olhos com força enquanto ele erguia a lâmina, encolhendo-se contra o ombro de Fionn.

— Oh não, — ele murmurou em seu ouvido. — Você não pode fechar os olhos para isso. Veja.

Os dedos dele se cravaram em suas bochechas, forçando-a a se virar no último momento quando Eamonn cravou a lâmina em seu peito. A espada fantasma afundou em seu torso e ela ficou boquiaberta com o homem que amava. Seu rosto se contorceu em uma careta de ódio frio e calculado. Não havia dor, pois os sonhos não tinham dor, mas ele olhou para baixo como se ela fosse nada mais do que um animal.

— Ele varre meus exércitos, matando centenas de bons homens com famílias esperando por seu retorno. — Fionn rosnou.

Ela olhou para os olhos brilhantes e se perguntou o que teria acontecido. Ele tinha sido tão contra a morte, pelo menos quando ela o deixou. Cristais estavam cavando em um de seus olhos, congelando-o no lugar até que tudo que podia fazer era olhar com raiva fria.

— Ele não se importa com nosso povo. Ele só se preocupa com o

trono e sua vingança pessoal.

— Esse não é ele. — Ela balançou a cabeça. — Ele se preocupa com os Fae menores. Ele se preocupa com todos eles.

— Você é tão doce. Tão ingênua. Você vê aquela espada na mão dele, pequena parteira?

Eamonn puxou a lâmina de seu peito. A boca de um lobo engoliu o aço, olhos vermelhos brilhantes olhando para ela enquanto ele girava para longe do fae que acabara de matar.

— Sim, eu vejo.

— Essa é minha espada. Minha espada legítima de nosso avô.

Ela sabia quem era seu avô. Tinha visto Eamonn ajoelhado em um altar, pedindo orientação aos antigos Tuatha dé Danann. — Essa é a Espada de Nuada?

— É sim. E apenas o verdadeiro Rei dos Faes Seelie pode usá-la.

— O aperto dele aumentou em sua cintura, apertando até que ela choramingou. — E eu sou o verdadeiro rei.

— Aparentemente não.

— Você ousa me ameaçar assim?

— Estou tão cansada de faes dizendo isso para mim, — ela rosnou e se desvencilhou de seu aperto. — Eu não sou uma donzela fraca que teme você. Você seria sábio em *me* temer, Rei dos Faes Seelie.

Ele jogou a cabeça para trás e riu novamente. — E por que eu deveria?

— Eu sei seu nome verdadeiro, Fionn, o Sábio.

Ele congelou, olhando para ela como se ela tivesse feito o impensável. — Usar esse nome a leva a um caminho perigoso.

— Eu usei nomes de faes antes, e usarei novamente. Agora me

liberte desse sonho.

— Diga-me onde ele está.

— Eu não vou. Fionn, deixe-me ir.

Ela podia senti-lo lutando contra suas palavras. O peso de sua vontade caía sobre seus ombros como se a pressionasse.

Ele sorriu. — Você tem que ser sincera, parteira. Você realmente tem que querer tirar meus próprios pensamentos da minha mente e forçar os seus em seu lugar.

— Deixe-me sair desse sonho, Fionn.

— Novamente! — Todas os faes ao redor deles ecoaram sua risada. — De novo, garotinha. Talvez com mais prática você controle o Rei dos Faes Seelie!

— Agora, Fionn. Eu te curvo à minha vontade. Me deixe ir!

— Não!

Ele girou nos calcanhares e avançou. A mão dele agarrou seu cabelo, torcendo as mechas até que ela gritou e seus joelhos cederam. Ela caiu de joelhos aos pés dele.

Seu belo rosto se contorceu com crueldade. Seus lábios tocaram sua bochecha enquanto ele se inclinava para sussurrar em seu ouvido: — Você nunca vai me controlar. Agora me diga onde meu irmão está.

Sorcha estremeceu quando ele puxou com força a longa cauda de sua trança. — Eu nunca vou te dizer.

— Tudo bem, — ele riu em seu ouvido. A magia cresceu ao redor deles, pressionando seus ombros e sua mente. — Então me diga onde você está, doce parteira.

Sorcha lutou contra o desejo de dizer a ele tudo o que ele queria saber. Ela lutou em suas garras sem sucesso. O pânico crescia em sua barriga até que tudo que ela pôde fazer foi inclinar a cabeça para trás e

gritar.

— Fionn, deixe-me ir!

Ela cambaleou na cama, seu cabelo uma bagunça emaranhada ao redor dela e o cheiro de suor rançoso enchendo o minúsculo quarto em que ela dormia. O fogo havia se apagado. Sombras dançavam em sua visão enquanto a magia dos faes se dissipava.

Sorcha pressionou a mão contra o peito e tentou recuperar o fôlego.

— Eu fiz isso, — ela engasgou. — Eu o controlei.

Mas ela tinha? Ela nunca saberia realmente, embora suspeitasse que ele ainda não tinha terminado com ela.

Seu travesseiro de repente parecia menos convidativo. Pesadelos esperavam por esse caminho, e ela não tinha certeza se tinha forças para lutar contra Fionn novamente. O Rei dos Faes Seelie era muito mais forte do que ela acreditava.

Tremendo, ela puxou os cobertores sobre os ombros, saiu da cama e avivou o fogo. A luz baniria os pesadelos de sua mente. Sorcha abriu a janela para uma boa medida, esperando que o cheiro doce e enjoativo de medo fosse embora com o vento.

Que batalha ela havia vencido? E o que Eamonn estava fazendo?

— Ele precisa de mim. — Ela disse enquanto seu coração se apertava.

Ele precisava de alguém para lembrá-lo de que havia coisas boas no mundo. Que ele precisava ser tão bom para os outros, ou ele se encontraria trilhando o mesmo caminho que seu irmão gêmeo. Mas ela não poderia fazer isso de Ui Neill.

Seu olhar se fixou no livro com capa de couro que a bruxa lhe dera.

— Não, — ela disse a si mesma. — Você não vai se rebaixar a lidar com os Unseelie. Existem outras maneiras de voltar para o Outro Mundo.

Nenhuma que fosse tão rápida, entretanto. Sorchá mordeu o lábio inferior e olhou para a solução mais fácil para seu problema. Eamonn não tinha muito tempo, nem ela. O rei Seelie estava vindo por ela. Ela precisava de proteção e Eamonn precisava de uma consciência.

Resmungando, ela jogou os cobertores dos ombros e pegou o livro. A magia zumbia contra seus dedos como se o livro soubesse que ela queria usá-lo.

Ela o abriu e correu os dedos pela costura central. Palavras apareceram no pergaminho em branco, palavras que ela não deveria entender, mas de alguma forma entendia.

Isso era magia negra, não apenas favores de faes ou feitiços que poderiam curar. Palavras de bruxa apareceram, invocando poderes que Sorchá nunca poderia entender. Ela também não queria. Runas, sangue de galinha, cordeiros sacrificados e muito mais dançaram diante de seus olhos até que seu estômago revirou.

Como se o livro soubesse que ela já tinha visto o suficiente, as páginas flutuaram e definiram o que ela queria.

O portal.

— Estou apenas lendo suas páginas, — ela murmurou. — Eu não estou usando você.

Uma voz sussurrou em sua mente: — *Ainda não.*

Tremendo, Sorchá passou os dedos pelas palavras e tentou decidir se valia a pena. As sombras dançavam fora de seu alcance enquanto Faes Unseelie entravam em seu quarto.

Ela podia vê-los com o canto dos olhos. Torcidos e empenados, os goblins se curvaram uns sobre os outros e prenderam a respiração. Ela faria isso? Ela aceitaria o negócio oferecido na forma de pele esticada e tinta?

O feitiço era bastante simples, mas exigia mais de uma pessoa. Sorchá não poderia arrastar um de seus pacientes para essa confusão. Ela nem mesmo queria fazer o negócio sozinha.

Outro feitiço apareceu na borda da página. Um feitiço para encontrar alguém. Um feitiço com um nome já escrito com sangue.

— Aisling. — Ela murmurou.

Era cruel, talvez, envolver a bruxa em ainda mais negócios. Mas quem melhor para ajudar na abertura de um portal para o Outro Mundo do que alguém que já está com dívidas até o pescoço?

Sorchá fechou o livro e ignorou os gritos triunfantes dos Faes Unseelie.

Ela tinha uma bruxa para capturar.

CAPÍTULO 4



A Bruxa e o Portal

Eamonn balançava sua lâmina sobre sua cabeça, o metal cantando quando ele a baixou sobre o elfo mais próximo. A criatura estranhamente bela dançou para trás e a ponta afiada traçou uma linha raspando em seu peitoral.

O elfo sorria. Seu capacete cobria apenas os lados de seu rosto, deixando seus olhos e boca livres.

— Você não vai ganhar, besta, — o elfo cantou. — Você só pode lutar por um certo tempo!

— Você não ouviu as lendas? Vou lutar até que o último de vocês esteja morto.

— Eu gostaria de ver você tentar.

Incapaz de suportar a tagarelice da criatura por mais um segundo, Eamonn avançou. Seus oponentes nunca esperaram que ele chegasse ao alcance de suas espadas. Alguns tinham visão de futuro o suficiente para erguer as lâminas, na esperança de cortar a pele impenetrável de Eamonn.

Eles sempre estavam errados. Seus cristais cortavam o metal até que não passassem de pó.

Este elfo não era inteligente o suficiente para sequer tentar. Ele gritou, ergueu as mãos e congelou quando Eamonn o agarrou pela garganta.

— Espere, — a linda criatura gorgolejou. — Misericórdia.

— Eu não tenho nenhuma para sua espécie.

Eamonn apertou o punho até que o sangue e a carne o cobrissem. Só então ele deixou o corpo cair no chão.

O campo de batalha era um lugar horrível para se estar. Nos muitos anos desde que ele havia sido general, Eamonn havia se esquecido de como era. O verdadeiro medo e olhares enlouquecidos enquanto os homens lutavam. Os gritos dos vitoriosos se misturavam aos que se agarravam à vida, recusando-se a morrer rapidamente.

A Espada de Luz pesava em sua mão. Isso o atraía de uma forma que Ocras nunca fizera. As runas escritas em cada centímetro de metal

vibravam com poder, ferindo suas palmas e aquecendo o cristal de sua mão. Ele não gostava, mas era eficaz.

Um anão passou correndo por ele. Jovem, talvez muito jovem para estar lutando, e gritando enquanto um elfo o derrubava. O sangue respingou no ar, enchendo-o de ferro e névoa vermelha.

A raiva fervilhava logo abaixo da pele de Eamonn. Que direito eles tinham? Os Faes Superiores Seelie não eram melhores do que os Fae menores. E ainda assim, ele viu a alegria nos olhos dos elfos. Eles queriam matar os anões. Eles queriam ver seu sangue no chão, mas se recusavam a se abaixar para permitir que até mesmo uma partícula tocassem sua armadura.

A espada em sua mão latejava. Energia, como nada que ele já havia sentido antes, subia por seu braço e ia direto para seu coração.

Claíomh Solais sabia o que fazer. As runas brilhavam enquanto seu poder flexionava, pressionava contra sua mente e implorava para ser liberado. A espada poderia fazê-los pagar. Isso poderia destruir todos eles.

Eamonn deixou que ela tomasse conta de todo o seu ser, ergueu o braço e tirou o sangue que desejava desesperadamente beber.

A lâmina cortou o ar e a carne. Ele vagamente ouviu gritos que ecoaram em seus ouvidos, penetrantes e ecoando com dor. Uma corrente de sangue escorreu por seu peito e por baixo de sua armadura, criando um rio entre seus músculos abdominais.

Quanto sangue o cobria agora? Ele não sabia.

Ele não se importava.

A espada fendeu a carne e o osso, separou o membro do tronco. Ele esfaqueou as linhas do exército de Fionn uma e outra vez.

O tempo diminuiu. Ele não sabia onde estava, quem era, nada

além do movimento repetitivo de seu corpo. Apareça, bloqueie, balance a lâmina junto com seu corpo. Ele não era mais um homem, mas uma arma.

Tardiamente, ele percebeu que vinha lutando há muito tempo.

Eamonn praguejou enquanto matava o último dos elfos. Seus ombros doíam de balançar a lâmina pesada que lutava pelo controle a cada movimento. Seu corpo queria descansar depois de horas e horas de batalha. Os Fae não paravam quando eles começavam uma luta. Eles continuariam até que todos estivessem mortos.

Ele balançou com muita força e a Espada de Luz rasgou o torso do último elfo. Ele olhou nos olhos do homem enquanto ele caía, segurando a ferida aberta em sua barriga.

Ele não deveria sentir algo? Eamonn balançou a cabeça e cambaleou para trás.

Ele só sentia exaustão. Não havia espaço para pena nos espaços vazios de sua mente.

— Mestre? — Oona gritou.

Por que ela estava aqui? Eamonn girou, cravando a ponta da espada no chão para se equilibrar. Corpos jaziam no campo de batalha, espalhados como folhas vermelhas caídas no outono.

Ele franziu a testa. Ele tinha feito tudo isso? Quem lutou com ele?

— Eamonn! — A voz de Oona tornou-se frenética. — Responda-me!

— Aqui, — ele murmurou. — Eu estou aqui.

Um minúsculo corpo alado rastejou sobre um monte de soldados caídos, sua expressão se derreteu em alívio quando o viu. — Oh, meu rapaz, pensamos que tínhamos perdido você!

— Estou bem.

— Eu posso ver isso, mas como? — Ela juntou as mãos no peito e olhou para ele, asax roxas vibrando de medo. — Dearie, como você fez isso?

— Fazer o que?

— Os anões recuaram horas atrás. Você esteve sozinho.

Ele olhou para a espada. — Eu não sei.

— Querido... você está bem?

— Acho que não, Oona. Eu não sou eu mesmo.

Ela deu um suspiro de alívio. — Venha comigo, querido. Vamos limpar você.

Ele olhou para a mão dela. Ele poderia tocá-la? Depois de ter derramado tanto sangue, ele era digno de tocar a mulher que o criou?

— Eamonn, — disse Oona gentilmente. — Largue a espada e deixe-me guiá-lo para fora do campo de batalha.

Ele queria? Eamonn não conseguia decidir se queria colocar a espada de volta na bainha ou se queria enfiá-la na pixie.

Ela fechou a mão sobre a dele, tão pequena comparada à estrutura cristalina de seu punho. — Fique tranquilo, meu garoto. A batalha acabou.

A batalha acabou.

As palavras ecoaram em seus ouvidos uma e outra vez até que ele suspirou e enfiou a espada em sua bainha. — Minhas desculpas, Oona.

— Eu sei que a sede de sangue corre em suas veias, querido. Eu tenho criado aqueles em sua linhagem desde que seu pai era um menino.

Seu pai havia sofrido com o que ele chamava de fúria do sangue.

Eamonn conhecia as costas da mão do pai muito melhor do que a frente. Ele nunca quis se tornar aquele homem.

Ele cerrou os punhos. — Não desejo seguir os passos do meu pai.

— E você não vai. Venha comigo, Eamonn. Venha e veja o seu reino.

— Meu reino?

— Estamos no sopé da Cathair Solais. Já passou da hora de você ver o castelo da sua infância.

— Ele mudou? — Ele não sabia o que faria se tivesse mudado. Se o mundo tivesse melhorado em sua ausência.

— Só um pouco.

Oona colocou a mão nas costas dele enquanto o guiava para longe da carnificina. Ele não pôde deixar de olhar para baixo, tentando forçar sua mente a lembrar. Como eram seus rostos? Que terror eles sentiram quando ele os arrou?

Ele não conseguia se lembrar de nada. Apenas uma névoa vermelha que engolia sua visão. Qualquer coisa que caminhasse através da névoa, ele matou. Claro e simples.

— Onde estão os anões? — Ele arrastou as palavras enquanto as dizia.

— Eles recuaram.

— Por quê?

Seus dedos flexionaram contra sua coluna. — Eles não queriam ficar no seu caminho.

— Inteligente.

— Isso já aconteceu antes?

Eamonn sacudiu a cabeça e a ergueu sobre uma grande pilha de homens. Ao olhar confuso dela, ele encolheu os ombros. — Eu não

quero que você toque neles.

— Tão doce, mesmo depois de tudo isso. — Ela deu um tapinha em sua bochecha. — Vai ficar tudo bem, você sabe.

— Tem que ficar.

— Eu sei que você vai tentar.

Eles se afastaram do campo de batalha e foram até a beira de um penhasco. Os anões permaneciam o mais longe possível dele, ele notou. Talvez eles soubessem quando uma besta caminhava entre eles.

Ele ouviu os sussurros enquanto passava. — O veado vermelho... é realmente ele.

— Eu pensei que ele estava morto?

— Eu também. Mas lá está ele em carne e osso. Você viu como ele retalhou aqueles elfos?

— Cortou-os como se fossem seu jantar, ele o fez. Essa lâmina dele não parava de se mover! Não consegui nem ver.

Eamonn os bloqueou, balançando a cabeça e limpando os ecos dos gritos. Ele não era o mesmo de antes. Ele não se lembrava dessa névoa vermelha e certamente nunca havia esquecido os rostos daqueles que matou.

Eles o atormentavam por séculos. Mas agora? Ele teve que se forçar a olhar para seus rostos, e mesmo assim não poderia se importar menos que eles estivessem mortos. Eles lutaram pelo lado errado.

— Venha aqui, — Oona estendeu a mão para ele. — Veja o seu reino na luz.

Seu reino.

Eamonn respirou fundo, pegou a mão oferecida e se levantou

para olhar para o Castelo de Luz.

Ele brilhava como só o castelo dourado poderia brilhar. A luz do sol ricocheteava em sua superfície lisa, mas também era absorvida por ele. Branco e dourado, os altos picos e torres imaculadas nunca foram sujos. Elas brilhavam e cegavam aqueles que olhavam para sua superfície.

O terreno havia mudado. Um jardim colorido ficava no lugar do labirinto pelo qual ele corria quando criança. Ele podia ver faes andando por ele mesmo agora, sem perceber que uma batalha havia ocorrido logo acima delas.

Ele não poderia atacar o castelo. Ainda não. Havia muito a planejar, e seu irmão não sabia o quão perto ele estava.

Em breve, ele voltaria para casa.

— Vamos embora. — Disse ele.

Ele precisava se dirigir ao exército anão. Os homens que lutavam por Eamonn não podiam ter medo dele. Ele não queria governar como seu irmão.

Ele escalou a colina e deixou a imagem de sua casa desaparecer. O castelo esperaria por ele; nenhum exército destruiria o lendário Castelo da Luz.

A espada em seu quadril bateu contra sua coxa, lembrando-o de que havia muito mais em jogo aqui. Como o rei supremo, ele tinha certas habilidades que seu irmão não possuía. Contanto que ele pudesse descobrir como usá-las.

Anões amontoados em pequenos grupos familiares. Eles não estavam felizes em lutar por ele. Eles não estavam felizes em lutar por ninguém, exceto um pelo outro.

Cian se apressou em direção a ele, levantando uma mão. — Eles

não estão satisfeitos com você, mestre. Eu chegaria a dizer que eles têm medo de você.

— Não estou surpreso.

— Eu não iria me dirigir a eles tão cedo. Deixe o medo se acalmar.

— O que mais você gostaria que eu fizesse?

— Caminhar?

Eamonn olhou ao redor e ergueu os braços. — Onde você quer que eu vá?

— Pegue os corpos então. Eles estão assustando a todos.

— O que eles achavam que encontrariam na guerra? Sol e flores?

Oona puxou seu braço. — Venha comigo, vamos dar um passeio. Vai ser bom para aliviar seus músculos.

— Eu não quero andar.

— Mestre, — ela puxou novamente. — Por favor.

Ele reconheceu o pânico nos olhos dela. Ela tinha a mesma expressão quando Fionn cavalgou até o castelo em seu corcel branco. Ela estava escondendo algo dele.

Eamonn se virou e sentiu o coração congelar no peito. Agora que sua mente havia se acomodado, ele reconheceu este lugar e a plataforma apodrecida enfiada na encosta da montanha.

Ele atravessou anões que se espalharam conforme ele se aproximava. Seus pés calçados com botas tocaram a borda da plataforma enquanto ele olhava para o espaço em branco onde um mastro estava e uma corda balançava com a brisa.

Ele ergueu a mão e pressionou-a contra a garganta. Os cristais pulsaram com luz, uma dor ancestral vibrando por seu corpo.

A brisa bagunçou seu cabelo. Sua longa trança balançou, mas seu

corpo permaneceu imóvel como uma pedra.

Vozes sussurraram em seu ouvido há muito tempo.

- Esse é o monstro.
- Aquele que traiu todos nós.
- Olhe para ele! Ele está tão feio agora.
- Não acredito que o deixei me tocar.

Eles o haviam abandonado. Não apenas as pessoas que professavam amá-lo, mas também sua própria família.

Ele nunca esqueceria o olhar assombrado de sua mãe, que pressionou as pontas dos dedos contra os lábios e não disse nada. Não fez nada. Assistiu seu filho mais velho balançar na ponta de uma corda com lágrimas nos olhos, imóvel e silenciosa.

A multidão atrás dele prendeu a respiração como se pensassem que algo notável estava para acontecer. O príncipe banido, o homem feio que caíra em desgraça, estava diante da força que havia começado tudo.

Ele levantou um pé e colocou-o nas tábuas apodrecidas. Elas seguraram seu peso enquanto ele subia as escadas. Oona soluçava, o único som no que restava do campo de batalha.

Por que ele de repente se sentia tão velho? Seus ossos doíam quase tanto quanto sua alma. Ele inclinou a cabeça para trás para o céu e se lembrou dos corvos bicando seus olhos. Ele experimentou cada memória que ele manteve enterrada profundamente dentro de sua pessoa para que ele não sentisse essa dor novamente.

Mas agora ele sentia isso. Ele viveu cada segundo dos dias em que balançou na ponta da corda. A dor aguda em seu pescoço enquanto os cristais afundavam cada vez mais. A preocupação de que talvez ele nunca morresse, e eles o deixassem ali.

Ele havia sobrevivido. E assim tinha seu propósito.

Eamonn cerrou os punhos e se voltou para a multidão de anões e os restos de seu povo.

— Todos vocês conhecem minha história, — ele começou. — Alguns de vocês estavam lá para assistir enquanto minha própria família me condenava por causa da minha cara.

O exército temporário olhou para ele em choque, alguns com temor. Para os faes mais jovens, ele era uma lenda. Um mito que os pais contavam aos filhos à noite. O príncipe intocado que abria caminho entre exércitos sem receber um único ferimento.

— Nunca foi minha intenção voltar aqui. — Ele olhou para o campo de batalha e balançou a cabeça. — Nunca foi minha intenção começar uma guerra. Mas alguém me lembrou que meu povo estava sendo maltratado.

Oona fungou e apertou a boca com a mão.

Ele apontou um dedo para trás. — Este é exatamente o lugar que eles tentaram tirar minha vida. Eles me viram como um monstro, mas mais do que isso, eles viram o que eu representava. Se a família real pudesse ser marcada como 'defeituosa', então os Fae menores não eram metade bestas. Você são Seelie Faes, tanto quanto eles. Eu sobrevivi, e agora sei que meu propósito era voltar aqui, neste dia! Para guiá-los de volta às suas casas, ao seu povo, aos direitos que foram retirados de vocês.

Alguns dos anões se levantaram.

— Não permitirei que meu irmão destrua mais esta terra. Vocês e suas famílias merecem o reconhecimento que lhes é devido. Colocarei minha vida em risco por vocês como fiz no campo de batalha hoje. Fiquem comigo, irmãos e irmãs Fae. Deixem-me ser sua

espada, pois derrubarei qualquer um que os ameçar. Deixem-me ser seu escudo, pois vou resistir a vocês nesta tempestade. Deixem-me ser o frio cortante do inverno e o calor escaldante do verão, pois cortarei as forças de Fionn, o Sábio, e os levarei para casa!

Um aplauso estrondoso sacudiu o chão enquanto todos os faes se levantavam e batiam os pés. Eles gritavam com ele, raiva e raiva alimentando as chamas.

Ele os levaria para casa. Ou ele morreria tentando.



— Não fique muito confortável — resmungou Sorch. — Eu só pedi a você aqui para ajudar porque o feitiço requer duas pessoas.

— Nós duas sabemos por que você me chamou aqui, e não foi por isso. — Aisling sorriu e jogou uma de suas novas moedas no ar. Uma bolsa cheia balançava em sua cintura, a última parte que Sorch tinha em seu nome.

— Só... — Sorch suspirou e colocou as mãos nos quadris. — Quieta. Por favor. Estou tentando me concentrar.

— Você não está fazendo um bom trabalho nisso.

— E isso é inteiramente porque você não cala a boca.

— Se você me ouvir, isso pode ir mais rápido.

— O que! — Sorch jogou os braços para os lados. — Onde estou errando então? O que você poderia ter a dizer que o livro não pode me dizer?

Aisling saltou de seu assento em um toco próximo. A lama endureceu em seus pés descalços, que bateu contra o chão frio e

úmido enquanto ela se curvava sobre uma runa próxima. Cabelo emaranhado cobria seu rosto, galhos e folhas amarrados na massa pesada. Ela estendeu a mão e tocou com um prego irregular na ponta da runa.

— Isto está errado.

— É exatamente assim que parece no livro — resmungou Sorch.

— Não está errado.

— Não pode ser curvo. As linhas devem ser retas para que a runa permaneça acesa. — Aisling se moveu, seu corpo curvado rastejando sobre o círculo de runas que Sorch havia esculpido no chão. — Sua runa Alce é muito boa, mas a Deusa do Vidoeiro está perdendo seu topo.

— Você está dizendo palavras que não entendo.

Aisling arqueou uma sobrancelha. — E você quer ser uma druida?

As bochechas de Sorch queimaram. Ela era horrível nisso - em magia - em rituais estranhos para ela. Como ela deveria descobrir isso quando ninguém estava aqui para ensiná-la?

E a bruxa diante dela parecia saber muito. Aisling disse que não havia sangue druida em suas linhagens, nem fae, mas ela era inatamente capaz quando se tratava de feitiços. Ela se agachou sobre o círculo rúnico e girou, consertando todos os erros de Sorch.

— Obrigada — disse Sorch. — Eu aprecio sua ajuda.

— Diga isso com mais frequência e posso mantê-la viva.

— Eu já disse!

Aisling olhou por cima do ombro e mostrou os dentes. — Então diga de novo.

— Obrigada, Aisling, por me ajudar a retornar ao Outro Mundo.

— E por mantê-la segura.
— Não consigo ver como você está fazendo isso.
— Se você errar este portal, ele a cortará pela metade quando você passar por ele. — Aisling bateu palmas. — Assim como um cutelo na cabeça de um peixe.

O pescoço de Sorchá doeu em resposta. Ela assentiu. — Ponto tomado. Temos certeza de que está consertado então?

— Oh, agora você está preocupada. Ridícula. Apenas confie em mim, curandeira? Isto é o que eu faço.

— Como você sabe fazer isso?

— Cresci com isso.

— Você cresceu com uma druida?

Aisling desenhou linhas retas para ligar as runas. — Tipo isso. Eu morava com uma bruxa tradicional. O tipo de bruxa velha que ganhava dinheiro com poções de amor e outras mentiras. Ela tinha esses livros, como o que mostrei a você. Livros que falavam comigo e alguns que não.

Ela tinha que ter sangue druida. Sorchá não conseguia acreditar em mais nada. Se os livros revelavam seus segredos, parecia muito provável.

— São livros de druidas? — Ela perguntou indiferente.

— Acho que sim. Se o que você tem agora é druida, os outros são praticamente os mesmos. — Aisling se recostou e soltou um suspiro.

— Parece certo.

— Não parece que você tem muita fé de que vai funcionar.

— Deve funcionar.

— Você não está me dando nenhuma confiança aqui.

— Bem, eu nunca fiz esse feitiço antes, fiz? — Aisling olhou ferozmente. — O objetivo é fazer você sobreviver. Isso é o melhor que posso oferecer.

Sorchá acenou com a cabeça. Ela não queria interromper muito a bruxa, mas suas pernas balançavam e as palmas das mãos ficaram molhadas de suor. Quanto tempo se passou no Outro Mundo? Ela seria capaz de encontrá-lo?

Ele. Ela podia sentir os solavancos e sulcos de cristal contra as pontas dos dedos só de pensar nele. O suspiro suave que ele soltava sempre que ela se apoiava em seu ombro, ou tocava sua mão sem vacilar.

Algo bem dentro dela sabia que ele precisava de apoio. O sonho de Fionn solidificou isso, mas ela sabia muito antes do sonho. Ela soube no momento em que deixou a ilha que levava um pedaço de sua alma com ela.

— Isso vai servir, — Aisling saiu cuidadosamente do círculo. — Veremos quando estiver ativado.

— É isso aí? — Sorchá olhou para o chão. — Não parece muito.

— Você achou que a magia seria todas as cores piscando e luzes bonitas? Claro que não parece muito. Isso é magia natural, não a porcaria que aqueles vendedores ambulantes fazem passar. — Aisling estendeu a mão. — Agora me dê algo dele.

— O que?

— Temos que encontrá-lo no Outro Mundo, e a única maneira de fazer isso é ter algo dele. Você não tem uma mecha de cabelo?

Sorcha torceu o nariz. — Eu não mantenho o cabelo das pessoas.

— Amadora. Você deve sempre ter o cabelo de todos, apenas no caso.

— Você tem o meu?

— Sim, — Aisling disse e deu um tapinha nas dobras do tecido sobre o peito. — Mas não se preocupe. Não tenho nenhum desejo de amaldiçoar você.

— Ainda não.

— Você está aprendendo. Então você não tem nada dele?

Sorcha balançou a cabeça.

— Explosão. De repente, isso se tornou muito mais difícil.

— Não dizia nada no livro sobre precisar de algo dele, — disse Sorcha. Ela puxou o livro das costas e folheou até a página com o desenho do portal.

— Não estou surpresa. É apenas uma maneira de *chegar* ao Outro Mundo. Mas isso vai colocá-la onde quer que ele decida, e precisamos ter certeza de que é para onde você quer ir.

— Então isso foi tudo um desperdício? — Sorcha fechou o livro com força. — Eu não posso ir a qualquer lugar no Outro Mundo, nunca serei capaz de encontrá-lo.

Aisling bateu com o dedo no queixo. — O quão próxima você

estava desse fae?

— Muito próxima.

— Perto o suficiente para que ele possa estar pensando em você?

— O tempo passa de forma diferente no Outro Mundo. Eu nem sei quanto tempo faz desde a última vez que nos vimos.

Sorcha esfregou o peito. O pensamento de que ele poderia ter esquecido dela fez sua pele coçar. E se ele não a quisesse de volta? Ele a mandou embora para ficar segura, mas sempre havia a chance de que ele a mandasse embora porque ele estava feito com ela.

— Posso encontrar alguém que está pensando em você — murmurou Aisling. — Você está pronta?

— Agora?

— Agora.

Sorcha assentiu, embora o nervosismo fizesse seu estômago subir pela garganta. Muitas coisas poderiam dar errado. Finais ruins passaram por sua mente repetidamente até que ela questionou a sanidade disso. Ela nem conhecia essa bruxa!

Ajoelhando-se na frente do círculo, Sorcha pegou um punhado de terra. — Por terra, eu abro este portal entre o nosso mundo e o Outro Mundo.

Aisling se agachou no topo do círculo, inclinou-se e soprou sobre o próximo. — Pelo ar, eu quebro os escudos que separam nossa espécie.

Sorcha cuspiu na próxima runa. — Pela água, eu levanto o véu e crio o caminho para o Outro Mundo.

A bruxa hesitou apenas por um momento, um sorriso selvagem dividindo suas feições. Ela ergueu a mão e estalou os dedos. O fogo dançou nas pontas, estalando com energia não natural. — Pelo fogo,

eu abro o portal.

Aisling jogou o fogo na última runa restante, que explodiu em chamas. O círculo derreteu no chão quando os elementos se combinaram. Uma superfície vítrea se espalhou diante delas e Sorchu olhou para o Outro Mundo.

Era tão lindo quanto ela se lembrava. Grama verde tão perfeita que seus olhos lacrimejaram. A luz do sol e os faes voando pelo portal sem nem mesmo olhar para as duas mulheres olhando para elas.

Aisling suspirou. — Nunca envelhece, não é?

— Não. De jeito nenhum. — Ela sentia muita falta. Apenas ver a terra e as faes fez sua alma apertar. — O que agora?

— Agora encontramos alguém que está pensando em você.

— Isso pode demorar um pouco.

— Provavelmente sim. Não consigo imaginar que centenas de faes pensem em você o tempo todo. Sem ofensa, curandeira.

— Não ofendeu.

Aisling estendeu as mãos sobre o portal e cantarolou baixinho. — Espíritos do ar, ajudem-me. Procure aquele que sonha com uma garota ruiva, que sussurra o nome Sorchu de Ui Neill. Inspire neste portal a sua orientação e leve-nos ao lugar onde eles descansam.

A superfície ondulou e zuniu pela paisagem até que tudo se tornou um borrão. Pareceu hesitar em alguns pontos por alguns momentos, mas depois continuou procurando por uma pessoa pensando em Sorchu.

Ela soltou um suspiro. — Vamos. Um de vocês, por favor, pense em mim. Por favor.

Certamente ela não tinha partido há tanto tempo? Eles não podiam ter esquecido dela já.

E então o espelho parou, pousando em um pequeno pedaço de musgo no centro de uma floresta. Verde esmeralda e salpicado de orvalho, o prado era um pequeno pedaço do céu.

— Melhor ir agora, — disse Aisling. — Não sei quanto tempo vai aguentar, e se estiver se movendo enquanto você pula, você será lançada ao ar.

— Eu só pulo para baixo?

— Isso é tudo.

— Vai doer?

— Eu não tenho a menor ideia. Nunca passei por um portal de faes antes. Nunca vi alguém tentar até você.

O sorriso brilhante que ela deu a Sorchá não era reconfortante. Havia algo sobre a mulher que era estranho e incomum. Não sua aparência, Sorchá tinha visto um monte de mulheres que eram ásperas nas bordas. Não era a maneira como ela se movia ou falava, mas algo inato que pairava fora de seu alcance.

Sorchá começou a se mover e jogou a bolsa sobre os ombros. — Quantos anos você tem? — Ela perguntou.

— Eu? — Aisling pôs a mão no peito. — É rude perguntar.

— Acho difícil acreditar que você está preocupada com minhas maneiras.

Aisling se levantou, colocou a palma da mão na coluna de Sorchá e balançou a cabeça. — Eu sou mais jovem que você. Dezoito anos para o meu nome, e já sei mais do que a maioria das pessoas descobre em toda a sua vida. Diga olá, aos faes por mim.

— Você tem quantos anos?

A bruxa empurrou com força e Sorchá caiu pelo portal. Ela caiu sobre as mãos e os joelhos, amortecida pelo musgo. O choque ainda

tirou o fôlego de seus pulmões.

— Aisling! — ela gritou. — Eu não terminei com você ainda!

Sorcha rolou de costas e olhou para o portal que estava diminuindo constantemente. A cabeça coberta de um ninho de pássaro apareceu na pequena janela e acenou. — Divirta-se!

— Como faço para voltar?

O portal se fechou antes que a bruxa pudesse responder.

— Bruxa maldita! — ela resmungou. — Eu precisarei voltar, eventualmente!

Ela rolou sobre suas mãos e joelhos, puxando o livro encadernado em couro. Devia haver algo em suas páginas que pudesse ajudar. A página do portal voou, mas não havia palavras escritas depois disso.

Muitos feitiços apareceram, todos para se proteger contra faes e sua laia. Nada que a ajudasse a voltar para casa, ou mesmo encontrar a criatura que estivera pensando nela.

Sorcha rolou, seus cachos se espalhando pelo rosto e se enredando na frente dela. Nenhuma fae olhava para ela. Nenhum pássaro cantava nas árvores e nenhum inseto voava pelo ar.

Tudo estava quieto e silencioso.

Ela estava em casa. Sorcha respirou o ar puro e doce e sentiu a peça que faltava dentro dela deslizar de volta ao lugar. Este era o lugar onde sua alma pertencia.

Lágrimas ardiam em seus olhos e ela não conseguia recuperar o fôlego. Ela sentiu como se uma vida inteira tivesse passado desde que ela caminhou pela última vez nesta terra maravilhosa. Seus dedos se afundaram no musgo que brilhava com o orvalho.

Havia alguém aqui pensando nela. Alguém que ela deve ter

conhecido, pois quem mais pensaria nela neste lugar?

Ela engoliu em seco. — Por favor, não seja Fionn.

Sorcha se levantou, quase tropeçando. Ela deveria gritar? Ela deveria deixar quem estava aqui saber que ela havia chegado?

Era a única opção. Embora parecesse uma tolice em um lugar como este, Sorcha sabia que era a escolha certa.

— Olá? — ela gritou. — Olá? Quem está aí!

Um galho quebrou à sua esquerda.

— Não devo falar com estranhos. — A voz era jovem e a fez cair de alívio.

— Pooka, — ela respirou e se virou. — Sou eu.

— Quem é você?

— Você não se lembra de mim? É Sorcha, Pooka.

O menino havia crescido muito desde que ela o viu pela última vez. Ele estava quase tão alto quanto ela. Ele não tinha assumido a forma que sua mãe escolheu, a mulher remendada era desconfortável de se olhar. Em vez disso, Pooka escolheu uma forma mais espessa que se inclinava fortemente para as características caninas.

Ele semicerrou os olhos. — Eu não conheço uma Sorcha.

— Eu coloquei seu braço de volta no lugar quando você era pequeno. — Ela apontou para o apêndice. — Eu contei a você histórias de Macha para mantê-lo quieto e disse que você era um homem corajoso por lidar com tanta dor sem um pio.

Ela o observou esfregar o braço, exatamente onde o havia quebrado. Ela prendeu a respiração e rezou para que ele se lembrasse. Há quanto tempo ela se foi? Ele era tão diferente do que ela se lembrava.

— Se você é realmente ela, o que está fazendo no Outro Mundo?

— Eu vim encontrar seu mestre.

— Ele não precisa ser encontrado.

— Ele precisa.

— Por quê? — Pooka deu a ela um olhar suspeito. — Você vai impedi-lo?

— Impedi-lo de quê?

Outra voz interrompeu, gritando: — Domnall! Onde você está, garoto?

Pooka ficou vermelho brilhante. — Você não ouviu esse nome.

— Eu não teria usado isso contra você de qualquer maneira.

— Domnall! Pensei ter dito para você colher artemísia, não vagar pela floresta e... — Oona parou de falar e parou atrás de Pooka ao avistar Sorchá. Lágrimas encheram seus olhos. — Oh.

As palavras de Sorchá ficaram presas na garganta enquanto todas as emoções borbulhavam. — Olá, Oona.

As lágrimas escorreram por suas faces parecidas com folhas quando Oona se lançou nos braços de Sorchá. — Oh minha querida! Minha garota, você está aqui!

— Faz tanto tempo.

— Mais para nós. — Oona apertou-a com tanta força que ela mal conseguia respirar. — Oh minha querida, doce menina. Como sentimos sua falta!

— Você está bem? Você conseguiu sair do castelo?

— Apenas por pouco.

— Cian?

— Vivo.

— Boggart?

— Ainda está conosco.

- Ótimo — Sorcha murmurou contra o ombro de Oona. — Bom.
- Não acredito que você está aqui!
- Nem eu acredito!

Oona se afastou, emoldurando o rosto e tocando cada parte de Sorcha que podia. — Você é real.

- Sou real.
- Como?

— Há tanto para te contar. Mas apenas quando todos estiverem juntos. Onde ele está? — Ela viu o rosto de Oona cair. O nó na boca do estômago se apertou com força. — Oona?

— Oh, querida. Já faz muito tempo desde que ele te mandou embora.

- O que aconteceu?

As folhas farfalharam atrás deles. Cian tropeçou em direção a eles, sacudindo folhas de seus ombros. — Não posso deixar vocês dois sozinhos nem por um segundo! Vocês vagueiam como se não tivessem mais nada para fazer Ele olhou para cima e congelou.

Sorcha acenou. — Olá, Cian.

- O que você está fazendo aqui?
- Estou feliz que você sobreviveu à batalha.

Ele bufou. — Sim, bem. Você escolheu um momento ruim para voltar.

— Por quê? — Ela olhou para os rostos familiares amados. — Por que este é um momento ruim? O que aconteceu?

— O mestre, — disse Oona. — Ele... não é o mesmo de quando você saiu.

- O que você quer dizer?
- As forças do rei nos procuram. De alguma forma, Fionn

percebeu que Eamonn estava construindo um exército. Temos lutado para atravessar o Outro Mundo para chegar ao Castelo da Luz.

— Sinto muito, por que isso o mudou? Ele sempre foi um guerreiro.

— Você nunca o viu assim, querida.

— Eu o vi matar por mim. Você esqueceu que eu estava lá? Eu estava com ele quando a batalha começou. Ele matou cinco elfos e nem mesmo vacilou. Eles não podiam tocá-lo!

Oona estremeceu. — Eles estão tocando nele agora. Acho que ele não se importa mais se eles o tocarem.

— O que?

Cian embaralhou seus pés. — O que a pixie está tentando dizer é que ele está caindo aos pedaços. Solidificando-se mais depois de cada batalha porque os cristais o fortalecem.

— Ele está se jogando na frente da lâmina — Sorcha arfou de horror. — Isso não o tornará mais forte.

Oona brincava com os dedos, torcendo-os para a frente e para trás. — Temos tentado convencê-lo disso, mas ele não quer ouvir. Ele tem certeza de que recuperará seu trono e salvará a todos. Mas agora você está aqui! Talvez você possa convencê-lo do contrário.

— Eu posso tentar, — ela sussurrou. — Mas não sei se ele vai me ouvir. Faz quanto tempo?

— Cinco anos.

Ela balançou os calcanhares em choque. — Cinco anos?

— Cinco longos anos cheios de lutas e adversidades.

Pooka bufou. — E fome.

— Vocês estiveram viajando todo esse tempo? — Sorcha perguntou.

— Não paramos desde a batalha.

Ela exalou e tentou não pensar em suas lutas. Haveria tempo para isso. Ela tinha todo o tempo do mundo agora para estar com eles. Mas, havia algo que ela tinha que fazer. E ela não podia esperar mais.

— Onde ele está? — Sorchá perguntou.

Oona apontou. — Através da floresta no vale.

— Você tem certeza?

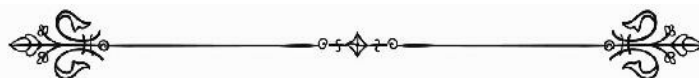
— Sim.

Sorchá entregou sua mochila e alisou sua saia azul simples. — Por favor, leve isso de volta para o seu acampamento. Eu vou com você mais tarde.

— Você está indo para ele?

— Eu estou.

CAPÍTULO 5



A Reunião e o Trono

Beirais caíam das árvores verdes e brilhantes. Elas tinham um cheiro tão doce em comparação com o inverno que ela havia deixado.

Suas mãos tremiam enquanto caminhava pela floresta em direção ao vale onde Eamonn estava. Ele iria querer vê-la novamente? Ele sentiu a falta dela tanto quanto ela sentiu a falta dele?

Minúsculos orbes de luz explodiram no ar de seu refúgio no topo das folhas. Eles a seguiram, pousando nos cachos de seu cabelo e se aninhando bem no meio das espirais. Talvez eles tenham sentido a

batida acelerada de seu coração e ouvido a promessa sussurrada de uma história ganhando vida.

A floresta estava tão quieta. Sorcha abria caminho através do musgo, evitando cada graveto ou freixo que pudesse denunciá-la. Ela não queria que ele soubesse que ela estava indo. Ela precisava de apenas mais alguns minutos para controlar a respiração, sentir o formigamento nos dedos e enfrentar o medo da rejeição.

Ela afastou um pedaço emaranhado de videira e lá estava. O vale que brilhava dourado à luz do sol.

E ele.

Eamonn sentava-se em um toco no centro do terreno esmeralda. Uma espada desconhecida colocada em seu colo, e ele olhava para ela.

Ele havia mudado. Os cristais se espalharam, mas era mais do que isso. Ele estava ao sol sem uma capa, sem tecido cobrindo seu rosto. Eamonn estava nu para o mundo e não recuava de medo.

Ela colocou a mão contra a árvore mais próxima para se equilibrar. O sonho que Fionn havia mostrado a ela era verdade. Ele realmente se tornou mais cristal do que homem, e ainda assim ele era *dela*. Ela podia sentir isso.

Ele deve ter estado perdido em pensamentos, porque não ergueu os olhos. Ela pisou em um galho e o deixou estalar sob seu calcanhar.

— Eu pedi solidão. — Sua voz profunda causou arrepios em sua espinha. — Não preciso de companhia, Oona.

Ela não conseguia falar. Ele parecia o mesmo, embora o tempo tivesse passado. Ainda era ele.

Seus ombros curvados para frente antes de ele rosar. — Oona, quantas vezes eu tenho que te dizer?

Sorcha o observou se levantar enquanto prendia a respiração. Ele

se virou e seus olhos se encontraram. O relâmpago dançou entre eles. O vento soprava no vale, chicoteando a cauda de sua trança que era mais longa do que ela se lembrava.

Mas foram seus olhos que a seguraram. Como um toque físico, um sussurro, uma promessa.

— Você voltou.

— Claro que sim.

— Depois de todo esse tempo, você voltou.

Ele deu um passo em direção a ela, um passo cambaleante antes de se controlar como se não soubesse se tinha o direito de tocá-la. Ela deixou escapar um som sufocado e então eles correram um em direção ao outro. Ela não sabia qual deles se movia primeiro, mas não importava.

Seu braço a envolveu, uma mão erguida para segurar seu rosto e pressionar sua testa contra a dele, respirando-a.

— Eu pensei que tinha perdido você para sempre. — Sua respiração soprou contra seus lábios.

— Como eu poderia ficar longe?

— Você não está segura aqui.

— Vale a pena viver se não estivermos juntos?

Eamonn se curvou, erguendo-a pelos quadris até que pudesse beijá-la sem esforço. Eles derramaram suas frustrações, seus anseios, seus corações partidos em um único beijo que enxugou aquelas emoções.

Ela envolveu as pernas em volta da cintura dele e cravou os dedos nas ranhuras de seus ombros. Ele era sólido e real, o homem que ela desejou por tanto tempo. Finalmente, ela poderia apertá-lo contra o peito e inspirá-lo.

Suas costas bateram em uma árvore, a casca cavando através do tecido de seu vestido, mas ela não se importou. Sorchia traçou a curva angular de sua mandíbula, descendo pela coluna forte de seu pescoço, nas fendas profundas de que ela não se lembrava.

Eamonn a beijou como se fosse um homem se afogando. Cada passagem prolongada de lábios firmes e cristal cortante curava seu frágil coração. Ele não apenas tomava seus lábios, ele a devorava.

Ele recuou por um segundo, pressionando um gemido rouco contra sua garganta. — Eu deveria deixar você ir.

— Por favor, não. Acabei de te conseguir de volta.

Suas palavras romperam a corda de seu controle rígido. Suas mãos estavam por toda parte. Contra sua coluna, pressionando-a mais perto de seu corpo enquanto deslizava até o comprimento suave de sua coxa. Seu vestido se abriu e o ar quente dançou ao longo de suas panturrilhas.

Cada terminação nervosa em seu corpo disparou até que tudo que ela podia sentir era ele. Ele lambeu um rastro de fogo em sua garganta e em seus ombros.

Desta vez foi diferente da primeira. Ele não hesitou ou recuou, não permitiu que ela assumisse o controle. De alguma forma, ela entendeu que este momento não era sobre o quanto eles sentiam falta um do outro. Esta não foi apenas uma reunião ou um momento de partir o coração para lembrar um ao outro que eles existiam.

Ele queria marcá-la com seu toque porque ele esteve tão perto de perdê-la.

O tecido de seu corpete rasgou quando ele se moveu muito rapidamente. Sorchia engasgou e arqueou as costas.

Ele lambeu um rastro do oco de sua garganta até seus seios. Ela

se esqueceu de como respirar enquanto ele colocava as pedras apertadas na boca. A primeira vez foi tão doce que ela não conseguiu pensar.

Agora ela se sentia como se estivesse à deriva no mar e ele fosse a única jangada à vista. Ela se agarrou a seus ombros e balançou nas ondas que eles criaram.

A mão dele deslizou por baixo de sua saia, subiu pela parte de trás de sua coxa e apertou os globos de seu traseiro. Ele se afastou de seu peito, respirando em seu ouvido: — Senti sua falta.

— Pare de brincar comigo, — ela grunhiu. — Agora, Eamonn.

— Mal começamos.

— Vou descobrir cada centímetro do seu corpo novamente, mas não posso esperar mais!

Ele se inclinou para trás e arqueou uma sobrancelha. — Eu esqueci como você era exigente.

Sorcha puxou sua trança com tanta força que a cabeça dele jogou para trás. — Estou insultada por você ter se esquecido de alguma coisa.

— Eu não esqueci o seu gosto. — Ele se inclinou para frente e lambeu seus lábios. — Luz do sol e morangos.

Ele se atrapalhou com o fecho do cinto para se libertar. Sorcha se preparou, sabendo que já fazia muito tempo e que ele era um homem consideravelmente grande. Mas então, ele hesitou.

Eamonn tirou os cachos de sua testa e deu um beijo em sua têmpora. — Você tem certeza? Há bastante musgo macio para amortecer suas costas e tempo antes que os outros nos encontrem.

Era por isso que ela o adorava. Os olhos de Sorcha se desviaram e um sorriso se abriu. — Sim, sim, é isso que eu quero.

— Graças aos deuses.

Suas coxas se apertaram com força ao redor de seus quadris enquanto ele mergulhava dentro dela com um golpe rápido. Ela tinha sonhado com este momento tantas vezes, mas nenhum sonho poderia replicar a sensação das mãos dele tão gentis em seus quadris. Os cristais cortando seu abdômen roçaram sua barriga com cada movimento de seus quadris contra os dela. Ele sussurrou palavras carinhosas em seus ouvidos com cada flexão de seus músculos.

— Meu raio de sol, — ele gemeu. — Minha luz.

Ela emoldurou seu rosto e trouxe seus lábios aos dela em um beijo tão delicado que era doloroso. — Sua.

Não havia como se aproximar dele, mas ela queria. Ela cravou as unhas em suas costas, pegando novas feridas. Tanta dor envolvia sua pele, mas ela poderia fornecer a ele um refúgio.

Seus dedos dos pés apontaram, sua cabeça inclinada para trás para se apoiar contra a árvore.

— Eamonn. — Ela engasgou.

Ele traçou a palma da mão no arco de sua coluna. Pegando sua nuca, ele pressionou seus lábios nos dela novamente. — Eu não posso me perder em você.

— Quem disse que você não pode?

A resposta gemida foi pouco mais do que barulho, e ele acelerou seus golpes. Cada vez, ele se aproximava cada vez mais de tocar sua alma.

Inesperadamente, a luz explodiu atrás de seus olhos. O orgasmo aconteceu tão rápido que ela não o sentiu crescer. Estrelas caíram do céu e se libertaram de sua pele em um momento de aperto que a fez prender a respiração.

Ele rosnou e enterrou o rosto em seu ombro enquanto encontrava sua própria liberação.

Ofegante, ela apertou seu domínio sobre ele. Ele passou os braços em volta dela, segurando-a com tanta força que ela mal conseguia respirar. Enquanto ela olhava para as folhas verdes salpicadas acima deles, ela se perguntou como ela iria deixá-lo ir novamente.

Suas coxas se apertaram com força ao redor de seus quadris, puxando-o cada vez mais para perto. Ela não conseguia se livrar da sensação de que, no momento em que o soltasse, ele desapareceria novamente. Lágrimas picaram seus olhos.

— Por favor, deixe isso ser real. — Ela pressionou as palavras contra o topo de sua cabeça. — Por favor, me diga que isso não é um sonho e você não vai desaparecer no momento em que eu olhar para você novamente.

— Esperemos que não seja um sonho, pois certamente não sobreviveria ao acordar.

— Não diga isso. Não tão cedo depois que você quase morreu.

— Eu não posso morrer.

— Você não é invencível, Eamonn.

— Estou com você ao meu lado.

Ele se afastou e ela olhou para seu rosto amado com um amor temeroso. Ela traçou sua testa ferida.

— Seu olho. — Ela engasgou.

— Não é nada.

— Isso dói?

— Não mais do que os outros.

Sorcha podia ver a dor em seus olhos. Ele temia que ela o

rejeitasse por suas diferenças. E ela tinha esquecido o quanto seu passado influenciava seu futuro.

Ela se inclinou para frente e deu um beijo casto em sua testa. Ela esperava que o toque de borboleta curasse as cicatrizes em seu coração.

— Sinto muito por sua dor.

Seus dedos flexionaram contra seus lados. — Mo chroí.

— Eamonn, não fique bravo comigo pelo que estou prestes a fazer.

— Como eu poderia ficar com raiva de você agora?

Ela recuou apenas o suficiente para inclinar o braço para trás e dar um tapa no rosto dele com tanta força que os cristais em sua bochecha cortaram sua palma.

Ele se encolheu e levou a mão ao rosto. — O que foi isso, sua louca?

— *Nunca* me obrigue a sair do seu lado de novo!

— Houve uma batalha! Você teria morrido se tivesse ficado!

— E essa não é sua escolha! — Seu grito ecoou pelo vale. — Se você arriscar sua vida por mim, então eu poderei fazer o mesmo. E se você tentar fazer isso de novo, encontrarei uma maneira de enfiar uma espada em seu coração.

Ele piscou para ela em estado de choque. — Você acabou de me ameaçar?

— Nunca tire a escolha de uma mulher de apoiar seu homem. Você me ouviu?

— Eu te escuto.

— Diga isso de novo.

— Eu ouvi você, minha feroz sacerdotisa druida. — Ele traçou o

contorno de seus lábios com o polegar.

— Falo sério, Eamonn. Nunca mais.

— Eu sempre me colocarei como seu escudo. Tenho que proteger aqueles que prezo. E você é meu coração, Raio de Sol.

Suas palavras cravaram em suas costelas, abrindo caminho através do exterior gelado que ela havia erguido. — Então me deixe andar ao seu lado e curar todas as feridas.

Seus lábios se uniram, a respiração se misturando até que toda a sua língua ardeu com hortelã.

— Estou tão feliz por ter você de volta.

— Assim como eu.

Ele pressionou sua testa contra a dela, rolando para frente e para trás até que os cristais a fizessem estremecer. Só então ele deu um passo para trás, abaixando as pernas dela no chão suavemente e segurando enquanto seu equilíbrio se restabelecia.

Musgo afundava entre os dedos dos pés. Quando seus sapatos caíram? Ela olhou ao redor, procurando os sapatos usados que mantiveram seus pés aquecidos durante todo o inverno.

— Procurando por isso?

Eamonn os segurava pendurados na ponta dos dedos.

— Sim, — Sorcha disse enquanto estendia a mão.

— Eles são tão pequenos.

— Eu imagino que seriam para você, sou muito menor que a maioria dos Faes. — Ela saltou, tentando arrancá-los da mão dele.

Ele deixou os sapatos caírem em suas mãos à espera. Sorcha ficou maravilhada com a facilidade de voltar a esta vida. Ela tinha pensado que seria mais difícil, mais difícil se conectar com ele.

Era como se ela nunca tivesse partido.

Pulando em um pé, ela calçou os sapatos. — O que aconteceu enquanto estive fora?

— Eu poderia te perguntar a mesma pergunta. — Ele esperou até que ela estivesse de pé novamente antes de puxá-la em seus braços e carregá-la até o toco.

Eamonn se acomodou com ela em seu colo, suas mãos brincando com a curva de sua cintura. Ela não conseguia parar de tocá-lo também. Cada novo corte precisava ser explorado e ela não conseguia vê-lo totalmente.

Ela afundou os dedos em seu cabelo e puxou com força. — O que aconteceu na ilha?

— Fionn invadiu o castelo. Seus homens cortaram a maior parte dos nossos, boas pessoas caíram porque não tinham espada ou arma.

— Como você saiu?

— Eu não sei. — Ele balançou a cabeça, desalojando os dedos dela do topo de sua cabeça. — Eu não me lembro disso. Oona diz que desembanhei Ocras e resolvi o problema, mas não vai me dizer mais nada.

— Desejo de sangue? — Ela tinha ouvido falar de tal coisa nas lendas, mas não pensou que fosse real. A preocupação deu um nó em seu estômago como se um punho se fechasse em torno dele.

— Muito pior do que isso, pequeno raio de sol. Ele recuou para a extremidade da ilha, mas estava obviamente reunindo suas forças para outro ataque. Restavam tão poucos que fugimos para o Outro Mundo. Foram muitos meses difíceis enquanto lutávamos para encontrar um novo lar.

— Eu pensei que nosso povo não poderia retornar ao Outro Mundo? Você disse que o banimento é para sempre.

— É, até que o Grande Rei dos Faes Seelie decrete que eles sejam absolvidos.

Sorcha parou de respirar. Ela não tinha pensado que tal coisa fosse possível, embora tivesse vergonha de não ter pensado nisso sozinha. Ele era o filho mais velho, o herdeiro legítimo do trono.

— Você correu um grande risco. — Ela disse enquanto balançava a cabeça.

— Eu sabia que nasci para ser rei desde o momento em que respirei pela primeira vez.

— Você escolheu abandonar essa vida.

— Isso não significa que eu não possa voltar atrás.

As palmas das mãos alisaram sua coluna para acalmá-la. Mas suas sobrelanceiras franziram da mesma forma, e seu intestino torceu.

— Eamonn, não será fácil seguir este caminho. Seu irmão não desistirá, seu povo ficará confuso. Você está sugerindo dividir seu pessoal em dois.

— Eu sei disso muito bem. Passei os últimos cinco anos lutando para recuperar a independência e meu trono.

— Como isso funcionou para você?

— Eu ainda estou em uma floresta, sem trono ou coroa.

Sorcha havia pensado nisso. Ela procurou em sua mente uma ideia, algo que ela pudesse dizer para ajudar. Mas ela estava completamente fora de seu elemento. Uma camponesa de Ui Neill sabia pouco para ajudar um rei dos faes.

Ela pigarreou. — Que passos você deu até agora?

— Tenho um exército de anões e os poucos gnomos que vieram ajudar a causa. — Ele balançou a cabeça, os lábios torcendo para o lado em decepção. — É um exército muito pequeno com pouca

habilidade para lutar contra Tuatha dé Danann e elfos. A sorte não está do nosso lado.

— Você vai enfrentá-los de frente?

— De que outra forma você me faria lutar?

Ela brincou com sua trança, puxando-a sobre o ombro e esfregando os fios de seda entre as pontas dos dedos. — Eu não gostaria que você lutasse. Você é um rei, isso não deveria ser resolvido pelas cortes?

— Isso não é algo sobre o qual meu irmão e eu possamos conversar.

— Por que não?

— Ele não vai desistir do trono.

Ela esfregou os fios finos entre os dedos novamente, tentando se lembrar de todas as lendas e mitos dos Faes. Sorchá nunca foi a contadora de histórias. Ela preferia usar as mãos a ouvir e tendia a cochilar quando as baladas eram cantadas.

Sorchá vasculhou sua mente em busca de qualquer história que pudesse se encaixar, decidindo por uma lenda que ouvira há muito tempo. Cormac Ulfada, um sábio Rei Supremo da raça humana, e suas muitas decisões inteligentes para manter seu trono.

Seus olhos brilharam quando uma ideia se formou. — Ele não precisa.

Eamonn inclinou a cabeça para o lado e a olhou com uma expressão curiosa. — O que você tem fermentado em sua mente?

— Este é o seu povo, Eamonn. Você provou ser o rei supremo. Fionn não tem nenhum direito real ao trono. Por que você deveria lutar pelo que é seu?

— Isso é o que fazemos. Lutamos pelo que é nosso.

— Mas e se você não tivesse que lutar? E se seu povo fizesse a escolha por você? Eles vão te seguir sem guerra, sem sangue, sem morte. Tudo o que você tem que fazer é dar a eles a opção de seguir um líder mais digno.

Ele piscou para ela em estado de choque. — O quanto você aprendeu enquanto estava fora?

— Aprendi? Estive em casa com meu pai e minhas irmãs.

— Eles estão bem? — Eamonn acariciou seu queixo, a preocupação pintando linhas finas em sua testa.

— Eles vivem.

— Você curou a praga, não foi?

A expressão orgulhosa em seu rosto encheu seu coração quase explodindo. Ele acreditou nela quando sua própria família não pensou que ela pudesse fazer milagres acontecerem.

— Como você sabia? — ela perguntou.

— Eu sempre soube que você faria.

— Sem a sua ajuda.

— Você precisava da minha ajuda?

Sorcha balançou a cabeça. — Não, aparentemente não.

Ele traçou um dedo pela testa até a ponta do nariz. — Você nunca precisou de mim para curar a praga. Você é perfeitamente capaz de salvar seu próprio povo.

— Eu deveria dizer a mesma coisa para você?

— Isso seria apreciado.

— Não concordo com você, Eamonn. Toda essa morte parece desnecessária. Quantas pessoas têm que morrer antes de você trocar os tronos?

Ele suspirou e enterrou o rosto em seu pescoço. Ela sentiu a forte

pressão de seus lábios contra sua clavícula. — Isso não é algo que um humano poderia compreender. Tuatha dé Danann não desistem, e Fionn desejou o trono durante toda a sua vida. Ele não vai me receber em seu castelo com um sorriso.

— Você já tentou falar com ele?

— Chega, Sorcha. Deixe-me desfrutar de ter você de volta em meus braços por alguns momentos antes de tentar curar todas as minhas feridas.

Ela o abraçou mais perto, sua mente girando com pensamentos. Fionn obviamente estava preocupado com o paradeiro de Eamonn. Se ele estava invadindo seus sonhos, então ele tinha um pressentimento de que seu gêmeo estava mais perto do que ele desejava. Mas quão perto estava Eamonn?

— Estamos perto do Castelo da Luz?

Ele deu um suspiro. — Bem acima, mo chroí. Tão perto da casa da minha família que posso sentir sua magia no ar.

— O que você está planejando, Eamonn? — Seu coração batia forte em seu peito, tão rápido que ele batia o dedo em sua pele no ritmo das batidas.

— Outra batalha para acabar com todas as batalhas. Não posso continuar lutando com ele assim. Ele tem uma quantidade infinita de soldados e eles continuam se aproximando cada vez mais de nossa localização.

— Então você precisa encontrar uma fortaleza.

— Uma fortaleza? — Ele se inclinou para trás e olhou nos olhos dela. — Primeiro você declara que devo falar com ele e, em seguida, sugere uma fortaleza?

— E o Castelo da Luz o que o torna tão especial? — ela

perguntou. — É poderoso? Existem pessoas lá que o ajudariam? Ou são apenas os laços familiares?

— Não há nada de especial no castelo.

— Então vamos encontrar um novo castelo. Um novo lugar para onde aqueles que foram injustiçados podem fugir. — Ela se acomodou em seu colo, os planos já se formando. — Se você se recusar a falar com ele, então construa seu exército com aqueles que lutam voluntariamente pela causa. Espalhe a palavra de que você existe. Que o rei supremo deseja retornar ao trono.

— Você está sugerindo um golpe.

— Estou sugerindo muito mais do que isso, — disse ela, animada com a formação da ideia. — Estou sugerindo que você crie um segundo trono. Um trono mais alto.

— Eu gosto do jeito que você pensa.

— Nem todo homem daria ouvidos a uma mulher.

— Eu sei que não devo ignorar a sabedoria das mulheres. Embora nem sempre concorde com você, mo chroí, nunca rejeitarei suas opiniões.

Seu coração se encheu de felicidade.

Eamonn sorriu, lobo e cheio de travessuras. — Agora, por que não paramos de pensar um pouco?

Ele inclinou as costas dela até que sua coluna atingiu o musgo macio. Rondando atrás dela, ele se acomodou entre suas pernas e sorriu.

Ela sorriu de volta, a felicidade borbulhando em seu peito. — O musgo é confortável.

— Eu não colocaria você em outro lugar.

— O sol está quente.

— Ele vê você e sorri.

— Você parece tão familiar, — ela disse maravilhada e ergueu a mão para tocar os novos cristais perto de seu olho. — E, no entanto, tão diferente também.

— Chega de falar, mo chroí.

Ela não fez isso por um tempo enquanto encontrava cada novo ferimento e deixava sua marca no corpo dele mais uma vez.



— Aqui está, querida.

— Obrigado, Oona. — Sorchá pegou a tigela oferecida cheia de ensopado de coelho. O mero cheiro disso fez seu estômago roncar. Ela não conseguia se lembrar da última vez que havia comido, mas foi isso que veio com o trabalho de cura.

Todos eles se sentaram ao redor de uma pequena fogueira. Boggart se sentou em seu colo, Cian e Oona discutindo sobre o modo certo de cozinhar coelho. Sorchá chorou com eles quando ela chegou. Eles haviam perdido muitos. Agora, todos se reuniram para comer e forjar seus laços novamente.

Pequenos fogos crepitavam na sombra da cadeia de montanhas ao redor deles. Grupos de anões formaram-se em torno de cada chama, com pouca mistura ocorrendo tão tarde da noite. Grupos familiares, supôs Sorchá. Os anões eram um povo silencioso e não estavam interessados em falar com ela.

Embora, eles fossem muito mais intuitivos do que os outros faes que ela conheceu.

Uma pequena anã fêmea tropeçou em Sorchá quando ela chegou, bufou e murmurou: — Agora, há druidas aqui também?

Sorchá ficou olhando para ela em estado de choque.

Eles ficaram longe dela depois disso. Ela não sabia se anões estavam entre aqueles que baniram seu povo em primeiro lugar, mas ela adivinhou que era provável que eles fizessem parte da decisão. Druidas eram criaturas temíveis para os Faes. Humanos capazes de magia desafiavam toda lógica.

Ela se enfiou no ensopado e tentou encontrar Eamonn no meio da multidão. Ele deslizou para sua aparência de senhor da guerra assim que pôs os pés no acampamento. Toda a sua atenção se concentrou em alcançar os anões que ele chamava de “generais”. Ela achou mais provável que fossem chefes de família.

Boggart puxou sua manga e apontou.

Sorchá seguiu a direção do dedo espetado de Boggart, encontrando a mesma fêmea anã na borda das sombras. Ela não parecia assustada, mas algo completamente diferente. Ela estava observando Sorchá com um olhar severo.

— Posso ajudar?

— Acho que não.

— Você está machucada? — Sorchá perguntou. — Eu sou uma curandeira.

— Druidas não são anões reais.

— Você tem um problema porque tenho sangue de druida?

— Sua espécie toma decisões ruins. Eu me lembro das histórias de quando vocês tinham acesso livre ao Outro Mundo. Roubar objetos mágicos. Usá-los um contra o outro até matar acidentalmente um fae importante. Eu sei de tudo isso e não confio em você.

— Bem — Sorchá colocou a tigela de lado e abraçou o Boggart com mais força. — Talvez ficasse tranquila sabendo que não sigo os velhos métodos. Não fui criada como uma druida e a magia é muito nova para mim.

— É isso? — A anã acenou com a cabeça para sua tigela. — Então por que você deixou um pouco de comida?

— Não estou mais com fome.

A pequena mulher cruzou os olhos e sacudiu a barba por cima do ombro. — Continue. Faça o que quiser com isso. Vou assistir para ter certeza de que você não está fazendo nada engraçado.

— Não quero fazer nada com isso.

Mas isso era uma mentira. A anã estava lendo sua mente, Sorchá percebeu. Seus dedos coçaram para pegar a tigela de volta e jogar os restos no fogo. Ela sempre fez isso, mesmo quando criança. Ela sempre jogava sobras nas chamas, até mesmo comida que outra pessoa poderia comer.

Palavras floresceram em sua mente como a tinta que apareceu nos papéis de seus livros. Mostrando os dentes em uma careta, ela pegou a tigela e jogou o resto da comida nas chamas da fogueira.

— Ancestrais de antigamente. Agradeço a comida que me proporcionaram e o porto seguro que oferecem à minha alma. Eu honro sua memória com esta comida simples. Sejam abençoados.

As chamas subiram no ar e Sorchá viu pessoas nas estacas dançantes. Rostos que ela não reconheceu, mas a fez relaxar do mesmo jeito. Cada um usava o pavio azul que as mulheres de sua visão usavam.

Ela cerrou os punhos.

A anã estalou a boca. — Viu? Os druidas nunca caem muito

longe da árvore. Você tem sorte de eu não ser meu avô, ou eu já teria tirado sua cabeça de seus ombros.

— Por que não tem mais ninguém então? Eu vejo ondas de anões como se eu olhasse para o oceano, e nenhum de vocês levantou um dedo para mim.

— Porque todos nós estamos morrendo lá fora. — A anã apontou o dedo para sua família. — E se você pode parar com isso, acabar com toda essa loucura, então isso significa que você vai viver. De outra forma? Fique fora do nosso caminho.

A escuridão engoliu a pequena mulher enquanto ela fugia de volta para sua própria fogueira.

Sorcha balançou a cabeça. — Eles são todos assim?

— Eles são quando se trata de proteger o que é deles. Você é realmente uma druida, querida?

Os olhos de Oona estavam enormes. A lua refletia em suas profundezas iridescentes, piscinas gêmeas límpidas que Sorcha achava que eram muito esperançosas para seu gosto.

— Sim. Meu avô me encontrou enquanto eu estava em casa.

— Família? Do lado da sua mãe?

Sorcha cantarolou, o ronco suave do Boggart vibrando contra seu pescoço. — Não sei o quanto confio nele. Ele parecia saber muito sobre minha vida, mas não parecia se importar com minhas escolhas. Foi tudo muito estranho.

— É bom ter pessoas que te entendem.

— Ele não me entende. Ele parece não entender o mundo. — Ela bufou. — Eu confiaria mais na bruxa do que nele.

— Bruxa? — Oona se assustou. — Bruxas são criaturas perigosas.

— Eu sei disso. Mas ela ajudou a me trazer aqui, e eu acho que é

mais provável que ela tenha um pouco de sangue druida nela.

— Os druidas estão voltando então. — A voz de Oona adquiriu uma qualidade estranha, um sussurro ao vento. — É como deveria ser. O Outro Mundo está retornando ao seu estado anterior. O rei supremo assume seu trono. Os druidas voltam pelos portais. Os Feéricos Menores se juntam a suas famílias e deixam suas vidas difíceis.

— Esperamos.

Cian se estatelou abaixo no outro lado do fogo. Ele se sacudiu e a água espirrou de seus rolos de carne. — Esse menino não quer ouvir porcaria nenhuma.

— Eamonn? — Sorchá perguntou.

— Sim. Ele tem na cabeça que vamos nos mover. Um exército inteiro! Podemos ir do ponto mais próximo ao castelo.

— Onde estamos indo?

— Pergunte a ele. Ele não vai dizer uma palavra para mim.

Sorchá ficou parada, procurando por Eamonn através das fogueiras que pontilhavam como estrelas.

— Ele está ali, querida. — Oona apontou para o que costumava ser uma plataforma sólida, mas agora tinha buracos podres como bocas abertas. — No lugar onde tudo isso começou.

Ela não compreendeu as palavras até que percebeu onde estavam. Uma plataforma, uma grande coluna de madeira e um homem cuja garganta trazia a marca do laço.

— Não. — Sorchá balançou a cabeça. — Não, não pode ser.

— Ele escolheu ficar aqui. Para se lembrar, dia após dia, por que ele está lutando tanto.

— Foi aqui que o penduraram?

— Estamos no mesmo lugar que sua família estava há tantos anos. Eles o observaram se balançar em uma corda por horas antes de voltar para o castelo e adormecer. — Oona fungou. — Eu ainda não sei como eles fizeram isso. Eles me fizeram voltar com eles, e nenhum deles teve pesadelos. Seu menino foi deixado de fora para os elementos, incapaz de respirar, e com todas as feras do Outro Mundo o mastigando. E eles não pareciam se importar.

Sorcha não conseguiu suportar. Seus pés a moveram em direção à plataforma onde Eamonn estava olhando para o céu. Ninguém estava olhando para ele.

Eles estavam olhando para ela.

Ela foi graciosa enquanto abria caminho através da multidão. Suas saias brilhavam ao luar, tornando-as prateadas e brancas.

— Um fantasma. — Alguém murmurou.

— Uma bean sidhe.

— Não, uma druida.

Seu cabelo mexia com a brisa. Cachos esvoaçavam em seu rosto enquanto ela olhava para ele. Ele não respondeu à sua abordagem. Os músculos de suas costas ficaram tensos, seus punhos se fechando.

Ele sabia. Ele sempre sabia quando ela estava caminhando para ele. E ela tinha certeza de que ele sabia que ela estava prestes a discutir com ele.

Silenciosamente, ela subiu as escadas podres e colocou a mão em sua coluna.

— Eamonn.

— Você não vai mudar minha mente.

Ela sorriu. — Por que eu iria tentar? Foi ideia minha, mo chroí. Vamos sair deste lugar?

— Eu não vou ficar nesta terra amaldiçoada por mais um momento.

— Onde quer que você vá, eu o seguirei.

— Não será uma jornada fácil.

— Então é bom que você tenha uma curandeira que o ajudará ao longo do caminho.

Um grande suspiro balançou seus ombros. Ele se virou para ela então, puxando-a em seus braços e inclinando-se para descansar o queixo em sua testa. — Não achei possível sentir falta de outra pessoa tanto quanto senti sua falta.

— Eu sentiria falta se perdesse um membro. E é exatamente assim que me sinto quando você não está comigo.

— Obrigado por me apoiar.

— Vou convencê-lo a falar com seu irmão, Eamonn.

— Você pode tentar, mas nunca vou ceder.

Ela gritou em sua mente palavras de encorajamento. Não por ele, mas por ela mesma. Sorchá sabia, no fundo de suas entranhas, que a única maneira de acabar com essa guerra sem mais derramamento de sangue era fazer as duas partes conversarem. Eles tinham que entender que havia muito mais guerra que esta terra poderia suportar.

Mas, por enquanto, ela se envolveria nos braços de Eamonn e rezaria para que ele entendesse.

Ele se endireitou, colocando-a debaixo do braço. — Homens e mulheres de Sob a Montanha!

Todos os anões se levantaram. Sorchá olhou para suas fileiras e se perguntou quantos eles haviam perdido. Cinco anos de batalha? Ou foram cinco anos de luta com Eamonn, e essas pessoas só estavam aqui há algumas semanas?

Cicatrizes velhas e novas decoravam seus rostos, armaduras gastas pesavam sobre eles. Ferrugem delineando as bordas e lascas estragando as superfícies imaculadas.

— A muito que lutamos. Vocês são um povo duro e verdadeiro, mas agora devo pedir outra bênção.

Um estrondo de preocupação ecoou.

— Nós deixaremos esta terra amanhã. Não arriscarei mais nossas tropas e nossas vidas. Vamos para a terra natal de nossa família. Para o antigo castelo onde os Tuatha dé Danann tocaram o solo pela primeira vez.

— Onde? — Alguém gritou.

Ele apertou Sorchá contra o peito. — Para o castelo de Nuada Mão de Prata!

A alegria retumbante com essas palavras provavelmente poderia ser ouvida até o Castelo da Luz. Eles estavam indo para a casa sagrada de Nuada?

Ela olhou para Eamonn. — Isso é sábio?

— Para onde mais poderíamos ir?

— Qualquer lugar. Não desejo irritar seu avô.

— Nem eu. — Ele a soltou, segurando sua mão e guiando-a escada abaixo. — Mas não há outra escolha. Como você disse, a batalha não pode continuar por muito tempo. Eu preciso de um novo trono até eu pegar o meu de volta.



Eles viajaram por dias através da vasta extensão do Outro

Mundo.

Sorcha começou a reconhecer montanhas e colinas. Os picos que ela escalou quando criança, agora cobertos com purpurina cintilante, atravessados por faes e muito mais vibrantes. As flores a alcançavam com suas mãos cheias de folhas. A grama se enredava em seus tornozelos se ela parasse por muito tempo, acariciando qualquer pele que pudesse encontrar.

Eamonn estabeleceu um ritmo acelerado que deixou toda a companhia exausta. Ele não voltou para ver Sorcha, embora ela entendesse por quê. Os anões tomavam muito de sua atenção.

Quanto mais ela os observava, mais ela se perguntava como ele reuniu tal exército. Eles não *gostavam* um do outro, muito menos dele. Pequenas disputas rapidamente se transformaram em brigas gigantes. Cuidar deles minava sua energia.

Ele não a tinha esquecido, ela tinha certeza disso. Depois de todo esse tempo, ela finalmente estava no Outro Mundo. Ele estava ocupado, não distante.

Sorcha ficava repetindo as palavras em sua cabeça. Tornou-se um poema, um hino, que se repetia continuamente em sua mente até que pegou.

Depois de todo esse tempo.

Ela se virou para olhar para trás, o caminho que eles haviam viajado. Uma longa fila de anões descia a montanha como um rio. Era um raro dia de sol que transformava os campos em ondas ondulantes de grama verde. Afloramentos de pedra se projetavam da terra, imitando picos brancos e espumosos.

Oona e Cian ficavam perto dela, os outros de Hy-brasil não muito atrás.

Pedras rangeram atrás dela, mas ela não precisava olhar. Pooka era muito mais jovem do que o resto deles. Sua energia ilimitada o fazia correr para a frente e para trás com atualizações sobre para onde estavam indo.

— Estamos parando. — Relatou ele carrancudo.

— Isso é uma coisa ruim?

— Pode ser, dependendo do que você pensa desta jornada.

O vento aumentou e soprou as longas mechas de Sorcha como uma bandeira ao vento. — O que você quer dizer com isso?

— Chegamos.

— E tão cedo.

Ela olhou para ele, agachado em uma pedra com uma carranca no rosto. Quando ele ficou tão velho? Ela viu as linhas de preocupação que marcavam sua expressão e sabia que ele tinha um motivo para estar com medo.

— Vá ajudar os outros, — disse ela. — Precisaremos de todos eles conosco quando chegarmos ao castelo.

— Você os quer na frente?

— Acho que seria sábio ter sua família perto dele.

— Você acha que ele nos considera uma família? — Pooka balançou a cabeça e saltou para o chão. — Você tem muitas grandes ideias nessa sua cabeça, mas ainda não entende Tuatha dé Danann.

— Eu acho que agarrar-se a preconceitos trouxe sua espécie a este ponto. Agora vá buscar todos eles e me encontre na frente. Quanto falta?

— Muito.

Ela o prendeu com um olhar de censura. — Domnall.

— Sobre a elevação, — ele resmungou. — Você verá antes de

chegar muito perto. Ele parou todos para que pudessem olhar para o castelo antes de irmos a qualquer lugar.

Oona bufou e bufou para eles. — Estamos parando?

— Não, desculpe.

— Ah bem, era uma esperança de qualquer maneira. Sabemos quando ele quer passar a noite?

— Ele alcançou o castelo. — Sorchá olhou para a borda irregular da montanha que escalaram. — É do outro lado desta crista.

— É melhor irmos então.

— Pooka, quantas vezes eu tenho que dizer a você para ir ajudar os outros?

— Você não pode mandar em mim.

Sorchá girou nos calcanhares e agarrou o menino pela orelha. Seu grito soou assustadoramente como o de um cachorrinho ferido. — Eu digo a você o que fazer porque você precisa aprender a respeitar os mais velhos. Vá buscar os outros antes que eu deixe uma marca da minha bota em seu traseiro.

— Você não ousaria.

— Experimente, filhote.

Ele olhou por alguns momentos antes de seus ombros se curvarem em derrota. Ela deu mais uma torção na orelha dele antes de provocá-lo.

Oona deu uma risadinha. — Ele não bajulará você em nenhum momento.

— O menino precisa ouvir.

— O menino está meio apaixonado por você, e você mal olhou para ele.

— Claro que não. — Sorchá revirou os olhos para o céu. — Ele é

apenas uma criança!

— Eu não estava sugerindo que você o encorajasse.

As duas mulheres começaram a subir a montanha. Sorchá estendeu o braço para Oona segurar, embora soubesse que a pixie não admitiria fraqueza. Elas se uniram e escalaram o caminho rochoso.

Oona estava sem fôlego. Sorchá podia sentir seus pulmões queimando. Era uma pena estar tão cansada, pois a paisagem era linda e ela gostaria de fazer uma pausa para apreciá-la.

A montanha era um mau presságio. Penhascos íngremes caíam no nada, sem nenhum caminho para marcar sua direção. Ninguém esteve aqui por muito tempo.

Elas passaram por alguns anões que se sentaram em pedras e puxaram seus odres de água. As bochechas vermelhas e os rostos manchados de suor revelaram o quanto Eamonn os havia pressionado. Demasiado.

— Por que todo mundo parece tão nervoso? — Sorchá perguntou.

— Diz-se que o castelo está assombrado.

— Castelo de Nuada? Por que estaria assombrado?

— Você conhece os fomorianos?

Sorchá cresceu com as histórias dos homens bestiais que lutaram contra os Tuatha dé Danann. Séculos de guerra diminuíram o número de ambos, embora houvessem muitas histórias românticas entre eles. Parecia que as duas culturas amavam lutar uma contra a outra tanto quanto amavam quebrar as regras.

— Eu sei deles.

— As lendas humanas nunca disseram que eles cruzaram para o nosso mundo, mas o fizeram. O castelo de Nuada foi o primeiro que

eles tomaram, e eles reinaram lá por um bom século antes de perderem tudo. Tantas pessoas morreram lá. — Oona soltou um suspiro. — Diz-se que os fantasmas andam pelos corredores com cabeças de cabras e corpos de homens.

— Então está abandonado?

— Muito mais do que isso. Está amaldiçoado. Mesmo os Unseelie não vão atravessar suas ameias.

— Maravilhoso. E um castelo assombrado parece uma boa ideia para Eamonn?

Oona apertou a mão no braço de Sorchá. — Nuada Mão de Prata foi o último Rei Supremo. Você não juntou tudo, não é? Um rei pode ser qualquer pessoa no nome. As pessoas se ajoelharão diante de qualquer pessoa com uma coroa. Mas o Grande Rei dos Faes Seelie é algo completamente diferente. Ele é o verdadeiro governante reconhecido pela própria terra. Pode haver muitos reis. Mas só pode haver *um* Rei Supremo.

Sorchá soltou um longo suspiro, forçando a tensão em seu corpo a diminuir. Fazia sentido que Eamonn fosse o rei supremo. Ele era o filho primogênito e não se curvava aos velhos hábitos. Ele via as coisas de uma forma que beneficiaria todo o seu povo.

No que ela se meteu?

Elas alcançaram o topo da montanha e Sorchá quase caiu de joelhos. O castelo de Nuada Mão de Prata foi construído no pico da montanha mais próxima. As paredes se estendiam das bordas do penhasco, sustentando as torres ornamentadas acima. Bandeiras esfarrapadas tremulavam ao vento. Afloramentos de pedra fundiram-se no castelo, fazendo com que o castelo parecesse ter crescido a partir da própria montanha.

A única maneira de entrar era uma ponte em ruínas, gotejando pedras como água. Corvos sentados sobre ela, observando o exíguo exército aparecer na colina.

— É assustador. — Observou Sorchá. Pássaros brancos erguiam-se das ameias do castelo e voavam em círculos.

— Temo que seja ainda pior por dentro.

— Há quanto tempo ninguém mora lá?

— Séculos.

Sorchá suspirou. — Então ele estará desmoronando.

— Um exército se sai melhor quando há algo para fazer. Ele é inteligente para nos trazer aqui enquanto espera por mais por vir.

— Eles vão? — Sorchá olhou para Oona. — Foi uma ideia que tive, mas não conheço os costumes dos Faes. Será provável que outros o sigam?

— Eu acredito que eles não terão escolha. O Grande Rei dos Faes Seelie comanda todos nós.

Os olhos de Sorchá vagaram pela multidão de anões. Parado como uma montanha no centro de um campo, Eamonn olhou para o castelo. Ela podia ver o conjunto determinado de seus ombros, a maneira como suas longas pernas eram fortes e preparadas. O vento o golpeava, mas ele não se movia, não reagia nem mesmo quando os anões largavam suas bolsas ruidosas.

Ele estava tão preocupado quanto ela.

Com um aperto suave, ela soltou Oona e abriu caminho através da multidão de faes. Desta vez, eles não sussurraram que uma druida estava entre eles. Eles apenas observaram enquanto a estranha mulher ruiva se movia entre suas fileiras.

Ela ficou ao lado de Eamonn, minúscula em comparação com

sua grande altura, e observou os pássaros estranhos circulando acima.

— Conseguimos. — Disse ela.

— Contra todas as probabilidades.

— É muito maior do que eu imaginava.

— Há muito tempo, este castelo abrigava milhares de faes.

— Eu posso ver como isso seria possível. — Ela estendeu a mão timidamente, sem saber se ele iria querer seu apoio. Não parecia provável que ele quisesse sua mão. Em vez disso, ela ligou seu dedo mindinho ao dele. — Vamos entrar?

— Eu não sei o quão perigoso será.

— Então, talvez apenas nós dois devamos ir primeiro?

Ele estremeceu como se a mera sugestão o incomodasse. — Você não entrará naquele castelo até que eu tenha certeza de que é seguro.

— Achei que já tivéssemos tido essa conversa.

— Nós tivemos, e eu digo isso novamente. Este não é um lugar seguro para humanos, Sorchia. Fique aqui para que eu não tenha que me preocupar com você enquanto eu limpo este castelo de qualquer mal restante. — Ele deslizou um dedo sob seu queixo e cutucou até que ela olhou diretamente em seu olhar. — Você entende, Sorchia?

— Quando você se tornou tão dominador?

— Quase na mesma época, eu levava a sério ser rei.

— Eu não gosto disso.

— Você não precisa. Você apenas tem que ouvir. — Ele deixou cair a mão e voltou para os anões. — Nem pense nisso, Sorchia!

Sorchia estava bem pensando nisso. Ele já deveria saber que ela odiava que alguém lhe dissesse o que fazer. Tudo o que ela queria era colocar o pé na ponte para ver sua reação.

Ela olhou para as pedras faltando e parapeitos cobertos de

musgo. Seria tão fácil escolher seu caminho através disso e explorar o enorme castelo. E realmente, o que ele iria fazer? Ele nem estava olhando para ela.

Parte dela sabia que isso era uma má ideia. Ela podia sentir em seus ossos que algo horrível poderia acontecer.

Mas seu orgulho não a deixaria esquecer seu pedido. Ela mordeu a ideia como um cachorro com um osso até que soltou um suspiro e encolheu os ombros.

Ela teria que ir rápido. A ponte não parecia capaz de suportar muito peso, mas se ela pulasse entre as grandes aberturas, deveria aguentar. Levantando as saias, ela saltou da abertura mais próxima para o centro da ponte.

Gemeu tão alto que ela tinha certeza de que iria quebrar. As nuvens embaixo dela provavelmente não a alcançariam quando ela caísse.

— Sorch! — O grito de Eamonn a queimou até os ossos.

As pedras sob seus pés começaram a desmoronar. Com o coração batendo forte, os pulmões arfando, ela voou pela ponte caindo. Cada passo que ela dava parecia ser o último. O barulho de pedras batendo no chão abaixo dela ecoava pelo desfiladeiro.

A ponte à sua frente estremeceu. Isso significava que o que estava atrás dela já havia caído?

— Não olhe. — Ela murmurou enquanto saltava de pedra em pedra.

Olhar só solidificaria quanto perigo ela corria. Ela tinha que se concentrar, tinha que chegar ao outro lado da ponte ou cair para a morte.

Sorch! plantou o pé em uma pedra que já estava caindo. Ela

empurrou, saltando no ar e rolando para o outro lado da ponte. O ar explodiu de seus pulmões e ela se empurrou.

Cabelo caiu na frente de seus olhos, mas ela ainda podia vê-lo. Seu enorme príncipe fae que corria por uma ponte que se desfazia em pó atrás dele. O rosto de Eamonn estava retorcido de raiva e concentração, a luz do sol brilhando ao atingir os cristais de seu corpo.

Ela prendeu a respiração quando ele soltou um rugido poderoso e a ponte caiu sob ele.

— Não. — Ela murmurou. Não poderia ser. Ele não podia cair e morrer agora. Não por causa de seu erro tolo.

Filetes de fumaça e detritos saíram do chão. Ele rodou como fantasmas, o movimento estranho e não natural. Ele assombraria este lugar com todos os outros?

Uma mão de cristal se agarrou à borda restante da ponte. Sua mão humana o seguiu, os dedos segurando a pedra com tanta força que amassou.

— Graças aos deuses. — Ela murmurou enquanto se arrastava até ele.

Sorcha se inclinou sobre a borda para abrir um sorriso aliviado. Eamonn não parecia divertido.

— Ainda não acabou, Raio de Sol.

Ela agarrou o antebraço dele e soprou o cabelo do rosto. — Nunca duvidei por um segundo que você conseguiria.

— Solte.

— Você está pendurado na beira de um penhasco, deixe-me ajudá-lo.

Ele soltou a mão que ela agarrou e a afastou. — Afaste-se, Sorcha.

Pela primeira vez, ela percebeu que provavelmente era uma boa ideia ouvi-lo. Ela deslizou para trás em seu traseiro para dar-lhe espaço suficiente. Com um grande impulso, ele se puxou para cima e sobre a ponte, rolando para o lado dela.

Eamonn colocou a mão no peito, que se erguia rapidamente a cada respiração. — Não faça isso de novo.

Ela se inclinou sobre ele, seu cabelo criando uma cortina ao redor deles. — Você não precisava me seguir.

— Claro que sim, — disse ele enquanto alisava o polegar sobre sua bochecha. — Você acabou de arriscar sua vida por curiosidade?

— Duvidoso.

Eamonn gemeu, rolando para o lado e ficando de pé. Ele acenou para os anões que estavam em uma linha na beira do penhasco. Oona e Cian se empilharam em cima de uma pedra grande, balançando perigosamente na borda enquanto eles esperavam para ver se eles estavam bem.

Eles tiveram sorte. O estômago de Sorchá se contraiu ao ver os danos na ponte. Não havia mais nada além dos ossos do esqueleto alcançando o abismo do nada.

— Olhe para isso, — disse ela. — Parece que vamos ficar presos aqui por um tempo.

— Os anões vão consertar isso em algum momento. Assim que descobrirem que querem seguir, eles falarão com as pedras.

— Falar com as pedras?

— Você achou que eles cavaram um túnel através das montanhas? — Eamonn se voltou para ela, seus olhos de cristal brilhando. — Eles pedem que elas se movam, e elas o fazem.

— Ah, — ela acenou com a cabeça. — Como tudo aqui, acho que

devo dizer que faz sentido e seguir em frente. Vamos para o castelo?

— Absolutamente não.

— Mas está bem ali! — Ela gesticulou para a imponente pedra escura e altos parapeitos.

— Eu posso ver, Sorch.

— É para onde estávamos planejando ir de qualquer maneira.

— E é perigoso. A terra amaldiçoada pelos faes nunca é amigável para os humanos.

— Eu já estive em Unseelie, — disse ela, plantando os punhos nos quadris. — Você está me dizendo que este castelo é mais perigoso que o Castelo das Trevas? Se for, então talvez devêssemos encontrar outro lugar para levar seu exército.

— Você esteve onde? — Seus olhos brilharam de raiva. — Eu tinha esquecido disso.

— Sim, bem, a Rainha era horrível. — Outro bando de pássaros começou a voar. O vento soprava ao redor deles, limpando a poeira do colapso e revelando as paredes decrépitas. — Tem certeza de que não deseja entrar?

— Estamos esperando aqui até que os anões concluam a nova ponte.

— Quanto tempo isso vai levar?

Ele acenou novamente para os anões. Ela podia ver suas bocas se movendo, mas seus gritos não alcançavam o vale profundo entre eles.

— Assim que eles começarem a construir, não deve demorar muito.

Sorch bufou. Os anões estavam montando acampamento para a noite, e ela não os culpava. Eles provavelmente começariam a construir assim que o sol nascesse novamente. Eamonn estabeleceu um ritmo extenuante e todos estavam exaustos.

Eles mereciam um pouco de descanso.

Ela balançou a cabeça e começou a trilhar um caminho. Havia edifícios em todas as estradas que se estilhaçavam da ponte. Ela imaginou que estes haviam sido casas, já que parecia improvável que alguém que não fosse a realeza e seus funcionários imediatos tivessem vivido no castelo.

Hera rastejava pelas paredes dos edifícios e pelas ameias de proteção que cercavam a cidade inteira. Redemoinhos góticos e picos dramáticos nos telhados, sugerindo que este já foi um lar para artistas e artesãos.

— Sorchas? Sorchas! O que foi que eu disse?

Ela revirou os olhos. — Você disse que ficaria e esperaria pelos anos. Não gosto de dormir na beira de um penhasco.

— Volte aqui!

— Não.

Ela ouviu seu grunhido de frustração e o barulho de pequenas pedras enquanto ele a seguia em direção ao pátio central.

— Eu não gosto de fantasmas. — Ele resmungou quando a alcançou.

— Fantasmas não existem.

— Estamos no Outro Mundo. Tudo é possível.

— Então eu gostaria de conhecê-los.

— Por favor, não diga isso.

Sorcha sorriu. — Há alguém nos seguindo, Eamonn?

— Não.

— Tenho certeza de que posso ouvir um terceiro conjunto de passos.

— Pare!

CAPÍTULO 6



Os Fantasma do Castelo

A tinta salpicava da madeira apodrecida das grades, uma vez que uma grande escada era ultrapassada por musgo e videiras. As portas tinham facilmente o dobro da altura de Sorcha, aterrorizantes e imponentes em sua grandeza e idade.

— É assim que parecia? — Perguntou Eamonn.

— O que?

— Caminhando até a porta principal do castelo em Hy-brasil e se perguntando o que havia por trás disso?

— Sim, — ela respondeu. — Isso é exatamente o que parecia.

— Não dou crédito suficiente por sua bravura.

— Ou pela minha tolice — acrescentou Sorcha com um sorriso.

— Eu fui muito impulsiva quando entrei na sua sala do trono.

Ela colocou as mãos contra a madeira e empurrou. Surpreendentemente, suas mãos não perfuraram a porta. O rangido ecoante dançou por sua espinha, mas se abriu sem cair das dobradiças.

Era um começo.

Ela espiou através das teias de aranha e vinhas emaranhadas. Havia sombras dançando nas paredes, algumas que ela achava que não vinham das plantas. Elas poderiam ser goblins? Elas pareciam vagamente semelhantes às criaturas curvadas que ela tinha visto no

castelo Unseelie.

A mão de Eamonn pousou em seu ombro e a cutucou atrás dele.

— Deixe-me ir primeiro.

— Eu pensei que você tinha medo de fantasmas?

— Não tanto para eu deixar você colocar sua vida antes da minha. — Seus lábios se inclinaram para o lado. — Tenha um pouco de fé, Raio de Sol.

— Eu nunca duvidei de você.

Seu escárnio ecoou quando eles entraram no grande salão.

O castelo do rei Nuada Mão de Prata era tão grande quanto ela o imaginava. Vitrais emolduravam o corredor e luzes coloridas dançavam no piso xadrez branco e preto, que estava faltando alguns pedaços de mármore.

Vinhas cresciam nas paredes e hortênsias azuis gigantes apareciam por rachaduras e fendas. O ouro cintilava na parede mais próxima a ela. Sorchá se aproximou, deslocando a hera para o lado e cambaleou para trás com um suspiro.

Olhos a encararam de volta.

Eamonn a segurou contra o peito. — É uma pintura.

— Eu pensei que era... parecia tão...

Ele estendeu a mão contra sua barriga e se inclinou para rir em seu ouvido. — Quem tem medo de fantasmas?

— Aparentemente nós dois. De quem foi a ideia brilhante de vir aqui quando o sol estava se pondo?

— Eu acredito que foi sua.

— Certo, rainha das más ideias.

— Vamos, Sorchá. Nós só pisamos alguns passos no castelo.

— Agora você quer explorar, — ela resmungou e se separou

dele. — O que são essas sombras?

— O vidro.

Ela ergueu os olhos. Os vitrais bem acima deles revelavam contornos, humanos e de faes na natureza, criados por fumaça e alcatrão preto. — Estranho.

— Uma tática de intimidação que a maioria dos Faes reconhece.

— Eu não pensei que Faes Seelie estariam tão interessados em estragar tal beleza.

Uma sombra passou por seu rosto, seus olhos azuis perfurando-a com sua intensidade. — Isso não foi criado pelos Faes.

— Os Fomorianos, então?

— Provável.

Ele se virou e marchou pelo corredor como se fosse o dono. E de certa forma, ele era. Como um descendente direto de Nuada, ele era a única pessoa remanescente que poderia reivindicar este lugar assombrado.

Ele sempre parecia acabar em lugares esquecidos, ela meditou. Seus pés deixaram marcas cortantes contra o chão coberto de poeira. Algumas das grandes flores azuis levantaram suas cabeças quando ela passou, pequenas videiras se estendendo para ela.

— As plantas não fazem isso com mais ninguém. — Eamonn estreitou os olhos para a vegetação ofensiva.

— Claro que elas fazem. Elas só querem atenção.

— De você.

Ela passou por cima de uma árvore que havia caído na parede e pousou no topo de uma escada que subia. — Elas não fazem isso com faes?

— Não.

Ele parou em frente a uma planta que tinha crescido tanto que cobria toda a parede. — Venha aqui.

— Não sei se quero. Elas parecem mais interessadas em mim do que nas outras plantas.

— Eu quero tentar algo.

— Eu não.

— Sorchá. — Ele rosnou.

Ela cerrou os dentes e o deixou agarrar sua mão. — O que você acha que acontecerá? Elas são apenas plantas!

— Elas não são apenas plantas. Elas são guardas. — Ele franziu a testa em concentração, segurando a mão dela logo acima da hortênsia mais próxima. — Essas flores não são nativas do Outro Mundo e, no entanto, aqui estão elas.

— Você acha que tenho algo a ver com isso?

A planta alcançou uma videira fina e a envolveu em seu dedo. Suave e quente, deslizou para seu pulso, acariciando suavemente a pele sensível.

— Eu acho que há algo por trás dessa parede de plantas. — Ele murmurou.

— Por que você pensa isso?

— As escadas param aqui.

— Elas também continuam atrás de nós. Isso pode ser apenas uma parede.

— Você disse que tem sangue druida. Pergunte às plantas.

Sorchá revirou os olhos. — Pergunte às plantas, ele diz. Como se isso fosse possível.

A videira puxou com força em seu pulso. Eamonn segurou seus quadris e puxou-a de volta contra ele, mas a planta não se soltou.

Outra videira atacou e envolveu o outro braço, esta significativamente mais espessa e forte.

Ela olhou em choque quando as folhas se separaram e olhos verdes encontraram seu olhar. O farfalhar do vento passou por seus ouvidos, mas ela não podia sentir.

— Eamonn? — Ela engasgou. — Há outra pintura.

— Não estou vendo nada, Sorch.

— Por favor, seja outra pintura.

Os olhos enrugados nas bordas em um sorriso. Ela teve tempo de soltar um pequeno gemido antes que as videiras puxassem seu braço ainda mais forte. As mãos de Eamonn escorregaram, os cristais se cravaram em sua pele macia antes que as plantas a envolvessem.

— Sorch!

Ela cambaleou para o outro lado das plantas, que colocou pequenas folhas contra seu traseiro e empurrou com força. Descontroladamente, Sorch girou em um círculo, rezando para que a abertura ainda estivesse lá. Ela não foi rápida o suficiente e não conseguiu dar uma olhada em Eamonn por entre as plantas enroladas.

A parede ondulou, folhas se retorcendo e girando, flores empurrando para olhar para ela. Enervada, ela olhou por cima do ombro.

— A sala do trono. — Disse ela com admiração.

O que mais as flores guardariam?

Rosas rastejavam pelas paredes, afundando espinhos em pedras, seiva vermelha escorrendo pelas rachaduras como sangue. Fios pendurados no teto - restos de cortinas outrora grandiosas - cada fio zumbindo quando seu olhar passou por elas.

— Eles são seus ancestrais. — Uma voz saiu da escuridão.

— Torin?

— Eu nunca me afastei muito de você, neta.

Ele saiu das sombras, seu bastão batendo contra o chão de pedra rachado. As vestes pendiam de seus ombros largos e as tranças enroladas em seus longos cabelos grisalhos. Ele parecia diferente aqui. Mais forte e mais confiante.

— O que é este lugar? — Sorcha perguntou.

— Nossa casa ancestral.

— Este é o castelo de Nuada Mão de Prata. Eu não tenho nenhuma posse aqui. — Ela esperava. Uma pequena parte dela se apertou, esperando que ele não fosse dizer que ela era uma descendente dos grandes Faes.

— É aí que você está errada. Você tem mais direitos do que Nuada quando entrou neste lugar.

Torin a circulou, seu bastão ecoando na câmara. As rosas giraram com ele, girando e girando no ar, seguindo cada movimento seu.

— Este é um castelo Seelie.

— Costumava ser, mas era Fomorianos antes disso. E depois também.

— Como isso é possível? — ela perguntou. — Os Fomorianos e Fae nunca viveram lado a lado.

— Eles fizeram aqui por muitos séculos.

Seus olhos se arregalaram. — Os Fomorianos e Fae viviam em harmonia?

— Eles viveram.

— Mas isso não é possível. Todas as lendas dizem que Fae e Fomorianos se odiavam.

— As lendas estavam erradas. Foi aqui que nosso pessoal começou.

— Você está alegando que os druidas vieram dos fomorianos? Eu pensei que tínhamos sangue Fae.

— Não viemos dos Tuatha dé Danann. — Ele parou na frente dela e sorriu. — É por isso que estamos ligados à terra, ao mar e ao céu. Um fae e um humano podem fazer um fae ou uma criança humana. Fomorianos e faes fizeram algo totalmente diferente.

— Eles fizeram druidas. — Ela disse maravilhada.

— De fato.

— Por que você esperou tanto para me contar?

— Você teria acreditado em mim?

Sorcha jogou os braços para o lado em descrença. — Estou tendo dificuldade em acreditar em qualquer coisa ultimamente. Por que estou aqui, Torin? Posso sugerir que esse era o seu plano o tempo todo.

— Sim, eu queria que você voltasse para este castelo.

— Por quê?

— Você deveria estar com sua família.

— Minha família voltou para casa. Eu os deixei para vir aqui, então você deve me dar um motivo melhor do que isso.

Ele recuou, gesticulando para as rosas que obedeciam à sua vontade. Elas deslizaram para longe uma da outra, raspando o chão e as paredes até que revelaram uma janela de vitral gigante em forma de sol. Era tão grande que ela pensou que rivalizaria com uma árvore. Com a altura de seis homens, ou mais, peças finas, todas encaixadas para criar uma obra-prima de arte.

A luz estilhaçou pela sala, revelando dois tronos no centro. Um

enegrecido pelo fogo e denteado, o outro coberto de rosas e espinhos.

— O que é isso?

— Estes são os tronos do nosso povo. Muitos se sentaram sobre eles, Nuada, Balor, reis e sacerdotes. Mas não foi o primeiro rei que moldou nosso mundo. — Torin caminhou em direção ao trono enegrecido, colocando a mão na ponta de uma espada. — Nuada Mão de Prata criou um império de Tuatha dé Danann. Ele lutou, lutou e governou como um bom homem. — Ele colocou a mão nas vinhas do outro. — Ethniu, sua esposa, era uma fomoriana que desistiu de seu mundo para ficar com ele.

— Ethniu?

— A filha de Balor, rei dos fomorianos. Ela deixou tudo que conhecia por causa de seu amor por Nuada. E como sua primeira esposa, ela lhe deu filhos como o mundo nunca tinha visto. Crianças que se tornaram druidas. Ela o temia, o amava e se sentou neste trono para espalhar bondade e luz.

Sorcha engoliu em seco. — Isso é muito familiar para mim, avô.

— Como deveria ser. O tempo se repete indefinidamente. Histórias, lendas, mitos, estão todos acontecendo até agora, enquanto conversamos.

— Você quer que eu seja rainha, — ela deixou escapar. — Rainha dos druidas.

— Rainha dos Faes Seelie.

As palavras soaram ridículas até mesmo para seus próprios ouvidos. Ela? Rainha? De todas as pessoas, Sorcha era a última pessoa a desejar um trono.

— Não sou da realeza, — argumentou ela. — Sou parteira e sou feliz como tal.

— Você procurou durante toda a sua vida algo mais do que bebês chorando, mães gritando e um bordel.

— Isso não significa que eu quero ser uma rainha, — ela rosnou.
— É ridículo até mesmo considerar o pensamento!

— Você seria uma boa rainha para os Fae.

— Ele nunca vai perguntar. — Seu coração se partiu em um milhão de pedaços, mas ela quis dizer cada palavra. — Ele será o maior rei que eles já viram. Ele vai tomar uma fae Seelie como noiva e esquecer tudo sobre mim. Vou ajudar seu povo, vou guiar seus pensamentos, mas ele nunca vai me fazer rainha.

— Ele já fez isso. Ele a trouxe perante seu povo, fez discursos com você ao seu lado, plantou sua semente dentro de você. O que mais você poderia querer? — Torin bateu com as duas mãos nos tronos.

— As palavras, — ela disse. — Eu quero que ele diga isso. Eu quero que ele me peça para ser sua rainha. Caso contrário, estou me forçando a ele.

— Sorcha. Faça isso por seu povo.

— Quem é o meu povo? — ela gritou. — Por favor, diga-me, avô. A quem devo mostrar minha lealdade? A família humana que me criou quando criança? Os faes que me acolheram e me mostraram bondade? Ou os druidas que aparecem inesperadamente em minha vida e pedem coisas impossíveis?

— Você vai com seu coração. Posso ler você como um livro, criança. Você quer pertencer a algum lugar, e eu lhe digo agora, você pertence a nós.

As palavras dispararam em suas veias e criaram raízes em sua alma. — Nós?

— Você achou que nós a deixamos? Ou que nós a trouxemos para um lugar que não era tanto seu quanto nosso?

As pessoas saíram das vinhas. Cada flor, cada folha, cada talo revelando uma alma escondida nas sombras.

— Estávamos esperando por você, — Torin disse com um sorriso. — Séculos se passaram desde que o último druida caminhou por esses corredores. E agora, você pode assumir o trono. Nuada não é seu ancestral, Sorch, ele deixou sua esposa à mercê da selva. Mas Ethniu, com sua graciosa sabedoria e coração bondoso, casou-se com outro. Você é descendente dele.

— Você quer que eu siga os passos dela?

— Eu quero que você tome seu lugar de direito. Este lugar, este castelo, essas pessoas são todas suas.

— Elas são dele! — Seu grito ecoou e alguns dos espíritos explodiram de volta.

O trono de Ethniu estremeceu. As folhas tremeram e os botões avançaram para florescer em brilhantes rosas vermelhas.

Torin gesticulou em direção ao movimento. — Este lugar não é mais dos Faes. Pode ser algo muito mais do que isso, e você é a única que pode dar esse passo. Junte-se a nós, minha doce menina.

— Como seria uma rainha? — ela perguntou. — Que tipo de governante eu seria? Tudo o que posso fazer é controlá-los.

— O que você acha que ele planeja fazer?

— Ajudar o seu povo.

— Com a lâmina de Nuada? Essa espada controla todos os que estão em seu caminho. Ele destruiu um exército inteiro por conta própria, porque eles ficaram parados e o deixaram cortar suas cabeças de seus ombros.

Ela engoliu em seco. Então foi assim que ele ganhou. Todo esse tempo, ela se perguntou o quão longe ele iria para recuperar o trono.

Agora ela sabia.

— A rainha tempera o Rei Seelie. — Ela repetiu as palavras que Oona havia dito a ela há muito tempo.

— Ela sempre faz. Mas agora não é hora para uma rainha temperamental. Agora, quando os mundos estão mudando e o tempo está se desfazendo, precisamos de uma Rainha que falará por *todos* nós. — Torin deu um passo à frente e estendeu a mão. — Fale pelos druidas, por seu povo. Para aqueles que têm direito ao Outro Mundo tanto quanto os Fae.

Sorcha olhou em seus olhos, perguntando-se o quanto disso era verdade. Ele pode ser o sangue dela, mas ela não acreditava por um segundo que ele não mentiria para ela.

Torin tinha sua própria agenda. Suas palavras eram amargas e perigosas. Ela iria contra Eamonn pegando na mão de seu avô?

Ele sorriu. — Não estou tentando enganar você, Sorcha. Poucos druidas respiram, e eu não quero ver nosso povo morrer.

Algo não estava certo. Com as sobrancelhas franzidas, ela pegou a mão dele e observou enquanto a dela passava por ela. — Você não é real.

— Eu sou real para você, para nosso povo.

— Mas você não está aqui.

— Eles não disseram a você que o castelo era assombrado? — Os cantos de seus olhos enrugaram. — Druidas estão conectados à terra, amarrados por suas almas. Não somos rápidos em desaparecer deste reino.

— Então vocês são todos... — Ela olhou em volta, captando o

olhar de cada druida que se demorava na hera. — Vocês estão todos mortos.

— Sim.

— Suas almas estão nas plantas.

— E na poeira, no vidro, na argamassa deste castelo.

Os olhos de Sorchá se encheram de lágrimas quando ela percebeu a magnitude dessa decisão. Estas não eram apenas almas presas, eles eram sua família.

— Se eu fizer isso, você será libertado?

— Não, — Torin balançou a cabeça. — Não é isso que queremos. Queremos estar aqui, com você, e dar sentido a todos os sacrifícios que fizemos.

Sorchá ergueu a mão e pressionou-a contra o coração. Os espíritos mutantes piscaram dentro e fora da existência. Torin vacilou na frente dela e o trono brilhou. — Nada disso é real, é?

Alguns dos espíritos falaram, suas palavras como o farfalhar de juncos no outono.

— Isso é muito real.

— Não, não é. Isso é o mesmo que o altar, como a cobra, como tudo o mais que você me mostrou.

Os espíritos voltaram a afundar na folhagem com as palavras dela. Os dentes de Torin brilharam no branco de sua barba. — Você nunca deixou de me impressionar, neta, mas nisto se engana. O altar era real. Isso é real. Se o que você vê é físico ou não, não o torna menos importante.

— Então, se eu assumir o trono?

— Você também faz isso no mundo físico.

Ela soltou um suspiro e avaliou suas opções. Rainha era um

título pesado para carregar, e não um que ela pretendia ter. Ela não tinha considerado o que um relacionamento com Eamonn se transformaria, não queria. As escolhas dele eram dele mesmo, e ela não podia controlá-lo.

A areia passou pela ampolheta de sua mente e ela viu o tempo que passavam juntos escurecer.

Torin colocou a mão de volta no trono. — Que tipo de rei ele será sem você?

— Um melhor.

— Você acredita nisso?

Ela não disse. Ela já tinha visto o que ele podia fazer, tinha ouvido falar de suas batalhas e visto a marca de cada golpe de espada em sua pele.

Suspirando, Sorchu pegou as saias e caminhou em direção ao trono. — Nunca pensei que concordaria em ser rainha com uma bainha suja.

— Eu não esperaria nada menos de você. — O toque frio de sua mão passou por sua testa. — Mas há muito mais trajes simbólicos para você usar.

A magia cintilou por seu corpo como um respingo de água fria. Ofegante, ela olhou para baixo para ver que seu vestido havia desaparecido.

Lã verde espessa balançava em torno de seus quadris com fios dourados bordados em forma de folhas caindo ao chão. Um espartilho de couro abraçava suas costelas, terminando logo abaixo dos seios. As mangas compridas verdes enroladas em seu dedo médio, triângulos de tecido deixando suas mãos quentes e verdes.

Uma magnífica pele prateada cobria seus ombros, macia e

infinitamente quente. Ela sacudiu a cabeça, os cachos ruivos caindo livremente até a cintura.

Arqueando uma sobrancelha, ela olhou para seu avô. — Peles e lã?

— Os trajes de nosso povo.

Graças aos deuses ele não a colocou em uma roupa de fae. Ela se virou com um suspiro. Todas as outras almas druidas a observavam, seus rostos pintados de azul e seus olhos esperançosos.

No que ela estava se metendo?

— Você segue os passos de Ethniu, — disse Torin. — Este trono não faz de você uma Rainha, mas sim suas ações daqui em diante. Você aceita este título?

— Eu aceito.

Ela se abaixou para o trono com uma mente perturbada. Ela estava pronta para isso? Sorchia poderia dizer com quase certeza que não. As responsabilidades já pesavam em sua mente. E agora ela tinha ainda mais pessoas para cuidar.

Uma grande alegria se ergueu na sala do trono, mas ela mal ouviu. Vinhas se fecharam sobre seus pulsos, espinhos cravados na pele sensível de seus bíceps.

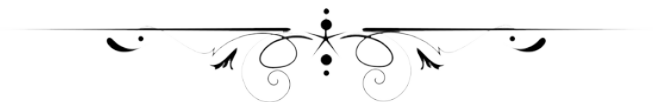
— Torin? — Ela gritou. — O que está acontecendo?

— Agora, testamos seu amante.

— O que? Não! Pare!

Folhas foram enfiadas em sua boca e rosas floresceram sobre seus olhos. Ela puxou as amarras, flexionando os braços e balançando as pernas até que os espinhos se cravaram em sua pele. O sangue escorria em seu bíceps enquanto as videiras se apertavam e a prendiam.

— Eamonn!



— Sorchá!

As trepadeiras a arrastaram pela parede e ele não pôde fazer nada a respeito. Seu calor ainda aquecia suas palmas.

Ele rosnou, ergueu a lâmina e cortou as folhas verdes. Elas não se moveram, nem se quebraram quando o metal afiado deslizou por elas — Magia, — ele cuspiu. — Onde você a levou?

Ninguém respondeu. Em vez disso, as folhas saltaram como se alguém atrás delas risse. Inclinando a cabeça para trás, Eamonn rugiu enquanto a fúria transformava seu sangue em fogo. Como eles ousavam? Fantasmas sem forma não tinham o direito de ainda estar nesta terra, muito menos de roubar o que era dele.

Ele cerrou os punhos e parou a respiração. Devia haver algum som, alguma fenda oculta na armadura deste lugar. Nenhum fae jamais construiu um castelo sem deixar segredos para trás.

As plantas lançaram videiras para ele, cada espinho pingando veneno verde. Ele saltou para trás, segurando sua lâmina como um escudo. Elas deixaram um resíduo liso e brilhante na Espada de Luz. Enojado, ele a deslizou de volta para a bainha.

Ele teria que encontrar outra maneira. Ele se virou e passou as mãos pelas paredes. Se fosse seu castelo, ele teria colocado algum tipo de pedra que se moveria, abrindo uma porta ou câmara secreta. Nenhuma magia era completamente controlável. Os faes sempre tinham um plano de fuga.

Risos explodiram atrás dele.

Eamonn congelou, a mão imediatamente alcançando sua lâmina.

— Onde ela está?

— Aqui.

— Ela não está aqui.

— Ela está lá.

Ele girou nos calcanhares. O espaço atrás dele estava vazio além das sombras que dançavam nas paredes. Os lábios de Eamonn se curvaram. — Unseelie. Mostre-se.

— Não.

A Espada de Luz cantou quando ele a puxou novamente. Sua ponta afiada brilhou quando ele a ergueu sobre a cabeça e apontou diretamente para as sombras. — Eu ordeno que você me responda.

As risadas ficaram mais altas e uma das sombras afastou as outras. Tinha a forma humana, mas ele sabia o quão enganadoras essas criaturas podiam ser. Quando percebeu seu olhar, a sombra acenou.

— Não.

— Eu te comando.

— Ai que amor. Ele sabe como usar uma espada. — A sombra se transformou em uma planta que estremeceu de tanto rir. — É uma pena que ele não saiba como lidar com fantasmas. Se vire.

Ele girou. Não havia mais uma parede atrás dele, mas uma charneca cheia de neblina e fogos-fátuos.

— Que trapaça é essa?

— Bem-vindo ao lar, irmão, — uma voz masculina falou em seu ouvido. — Por quanto tempo você achou que poderia me evitar?

Eamonn girou, cortando o ar com a espada. Passou pela

garganta de Fionn sem deixar uma única marca.

Ele estreitou os olhos. — Você é algum tipo de miragem?

— Oh, muito pior do que isso.

Havia algo errado com os olhos de Fionn. Eamonn vira raiva, loucura e medo refletidos naqueles olhos que eram assustadoramente semelhantes aos seus, mas nunca vira tanta alegria.

— Você pensou que viria aqui e... o quê? Pegar um novo trono? Eamonn. — Fionn estalou. — Isso é tão mesquinho. O que há de errado com o meu?

— Eu lutei com você por cinco anos.

— E você quer que eu acredite que você terminou? — O cabelo de Fionn caiu sobre seu ombro, uma cachoeira graciosa de movimento e ouro. — Isso é estranho. Eu sei que você não terminou. Então, o que você realmente está fazendo?

— Nosso povo já sangrou por tempo suficiente.

— Não é por isso, também, — seu gêmeo rosnou. Pulando para frente, Fionn explodiu através da forma de Eamonn em uma chuva de dor gelada. — O que você está fazendo aqui?

— Já te disse — Eamonn cambaleou para o lado e enfiou a ponta da espada no chão. O que Fionn fez com ele?

— Você ainda está escondendo a verdade. Meias verdades, irmão, só conseguem nos deixar com raiva.

— Não estou bravo.

— Mas você ficará. — Fionn estendeu a mão para ele, os dedos curvando-se no ar pouco antes de tocar o rosto de Eamonn. — Você e eu fomos próximos uma vez. Como apenas gêmeos poderiam ser. O que você fez conosco?

— Você sabe que esta não foi minha escolha.

— Não foi? Você sempre foi o filho favorito, o primogênito. Enquanto você estava lutando, matando e mutilando nossos aliados, eu estava consertando todas as pontes que você queimou ao longo do caminho, — Fionn rosnou. — Diga-me de novo, irmão, como isso não foi feito por você.

As palmas das mãos de Eamonn ficaram molhadas de suor e o punho da Espada de Luz escorregou em suas mãos. Ele não respondeu às acusações de seu irmão. Elas eram todas verdadeiras. Eamonn havia preenchido sua juventude com decisões erradas e guerras. Fionn havia aprendido como ser rei e enchido sua cabeça com preconceitos antigos e desatualizados.

— Nós dois somos culpados, não somos? — Eamonn finalmente perguntou. — Eu era um irmão pobre, mas foi você quem me apunhalou pelas costas e me deixou ser enforcado.

Fionn revirou os olhos. — Vamos voltar ao cartão do 'pobre e lamentável Eamonn' de novo? — Ele desapareceu, reaparecendo diretamente atrás de Eamonn. — Você merecia ser enforcado.

— Eu não fiz nada errado.

— Você não está apto para fazer parte desta família. Monstro.

— Eu sou um bom homem. Sempre fui um bom homem e não vou permitir que tire vantagem de nosso povo por mais tempo.

— Se você quer tanto assim, pegue. — A mão de Fionn se ergueu sobre o ombro de Eamonn e apontou para um trono irregular. — Tome seu novo trono, torne-se o rei dos fracos e tolos.

E aí estava. O trono de Nuada, escurecido por anos de guerra. As pontas de metal se curvaram e se separaram, afiadas o suficiente para cortar a garganta de qualquer um que chegasse perto demais.

Era perfeito para Eamonn. Aquele trono passou por mais coisas

do que Fionn poderia imaginar, mais do que Eamonn sofrera.

Ele sentiu a marca das mãos de seu irmão em seus ombros por um breve segundo antes de desaparecer. Eamonn olhou uma vez por cima do ombro. A névoa obscurecia qualquer forma de sua visão. Arrepios dançaram por sua espinha ao sentir o olhar de alguém, ou algo, observando-o.

Ele deveria assumir o trono? Neste lugar, ele não tinha certeza do que aconteceria.

Ele temia se tornar outra pessoa. Alguém mais sombrio, mais perigoso, mais próximo de seus parentes do que ele gostaria de ser.

Suas botas bateram no chão, sólidas e reconfortantes na leveza do pântano. O trono era seu direito de nascença e o símbolo de tudo que ele lutou por toda a sua vida. Ele aceitaria, não importava o custo.

Mas, como ele esperava, os espíritos não tinham acabado com ele ainda.

No instante em que seu pé tocou o primeiro degrau para o trono, uma voz suave ecoou atrás dele. — Eamonn?

— Não, — ele gemeu. — Isso não. Qualquer coisa menos isso.

— Meu filho? — Rainha Neve, a fada Seelie mais bonita que já existiu, saiu da névoa. Ele olhou para ela, a dor estilhaçando em seu peito como se alguém tivesse passado uma espada em seu coração. — Meu filho amado.

— Por favor, não faça isso. — Ele gemeu.

— O que você está fazendo neste lugar, meu escudo?

O apelido de infância o fez fechar os olhos com força. — Você não é real. Você não está aqui comigo agora.

— Eamonn, é claro que estou. — Ele se encolheu quando as mãos dela tocaram suas bochechas, traçando suavemente os contornos das

feridas que haviam suavizado com a idade. — O que eles fizeram com você?

Embora soubesse que era uma armadilha, sua resolução se despedaçou. Com um som áspero, ele envolveu sua mãe e a puxou para seus braços. Ela era tão pequena, tão delicada, em seu aperto forte. Ele temeu que pudesse quebrá-la.

— Meu escudo, — ela disse enquanto acariciava seu cabelo. — Calma, Eamonn. Eu estou aqui.

— Isso é impossível, Mathair. Você não pode estar aqui neste lugar distorcido.

— Vim assim que senti a sua presença. O que você está fazendo aqui? — Ela se afastou para olhar para seu rosto, e algo dentro dele se curou quando ela não recuou.

— Fionn deve ser interrompido, Mathair.

— Seu irmão está fazendo o melhor que pode. É tudo o que podemos pedir a ele.

— Seu melhor não é suficiente.

— Então você vem aqui? De todos os lugares? — Neve olhou ao redor, linhas de preocupação se formando entre seus olhos. — Nunca entendi sua obsessão por seu avô. Ele e eu nunca nos demos bem.

Ele lembrou. Suas discussões eram silenciosas, como sua mãe sempre fora, mas poderosa o suficiente para empurrar todos para fora de um cômodo. Ela teve a bondade criada nela, mas ela era uma das Tuatha dé Danann que apoiava os velhos hábitos.

— Meu avô era um bom homem e trouxe muitas mudanças para nosso povo.

— Até que o removemos do trono, — ela respondeu. — Eamonn, não faça isso.

— Eu devo.

— Se você assumir este trono, por quanto tempo você acha que ficará nele? Você vai mostrar ao nosso povo que é possível destronar um rei. Eles farão isso repetidamente até que o Outro Mundo seja reduzido à ruína. Deixe as coisas ficarem como estão. É mais seguro assim.

Os lábios de Eamonn torceram-se para o lado. Ela havia dito as mesmas coisas para ele há muito tempo, antes que seu irmão gêmeo tivesse talhado o futuro na carne de Eamonn.

As mãos dela em sua mandíbula o viraram de volta para ela. Ele se afogou em sua pena, na tristeza de seus olhos. — Meu filho. Não se sente naquele trono manchado.

Cada palavra que ela disse o cortou até os ossos. Ele a puxou para perto e pressionou os lábios contra sua testa. Fechando os olhos com força, ele disse contra ela: — Eu te amo muito. Memórias de você me mantiveram vivo por muito tempo depois que fui banido. Lembrei-me de você escovando meu cabelo quando criança, cantando canções de ninar, sussurrando histórias no escuro depois que meu pai ficou zangado. Eu gostaria de poder falar tudo isso pessoalmente.

— Você pode.

— Você não está realmente aqui. — Ele a apertou. — Mas seja quem for, você precisará fazer muito melhor do que isso.

Sua mãe se dissolveu no ar.

Eamonn rangeu os dentes e girou em um círculo. Abrindo os braços, ele gritou: — O que mais? Que outro mal está planejado?

Unhas estalaram enquanto se enrolavam em uma ponta do trono escuro. Pronto para puxar sua lâmina, para passar por qualquer fantasma que eles invocassem, ele girou nos calcanhares com um

rosnado.

Ele ficou em silêncio enquanto Sorchá contornava o trono.

Eles a vestiram como uma princesa de seu povo. Penas finas deslizavam por suas curvas, cada uma mergulhada em ouro e cuidadosamente costurada no vestido. Flocos de ouro grudados em seus dedos, emaranhados em seu cabelo como estrelas, e pontilhados em seus ombros.

Ela era tão linda.

Sua expressão desmoronou e ele se afastou dela. Isso era pior do que sua mãe, pior do que este gêmeo. Esses espíritos não tinham o direito de torcer sua forma assim.

— Eamonn? — Sorchá perguntou. — Por que você se afasta de mim?

— Você não é Sorchá.

— Não é do seu agrado? Esta é a forma que você mais deseja, não é?

Ele quase gemeu. Suas mãos acariciaram seus bíceps, circulando-o até que ela olhou para seu rosto. Este era um malandro verdadeiramente talentoso. Ela parecia exatamente a mesma.

— Eamonn, — ela inclinou a cabeça para o lado. — Me beije.

— Não.

— Você não me quer mais?

— Você sabe que isso seria impossível.

— Então por que você não me beija?

— Pare com isso. — Sua voz era pouco mais que um grasnido. — Por que você me atormenta?

As mãos dela alisaram seu peito, mergulhando nas fendas e circulando as numerosas feridas. — Às vezes, atormentar é divertido.

Venha comigo, meu amor, deixe-me mostrar a você.

O amor dela. Ele mostrou os dentes em uma careta. — Você não está jogando limpo.

— Eu nunca disse que jogaria. — Ela passou o braço pelo pescoço dele e puxou-o para baixo. — Venha, meu amor, minha vida, venha comigo deste lugar horrível.

— Você não é minha Sorchia.

Ela não poderia ser. Cada pessoa até agora não tinha sido a pessoa que ele esperava que fosse. Por que sua mãe e Sorchia eram sólidas, ele não entendia. Mas ele sabia que esse fantasma impressionante não era a mulher pela qual seu coração batia.

— Me solte. — Ele rosnou.

— Por quê? Você não me quer?

— Onde ela está?

— Quem? — Sorchia inclinou a cabeça para o lado. — Você não quer dizer eu?

— Você não é Sorchia.

— Eu poderia ser, se você quisesse. Eu me rebaixaria a seus pés, beijaria seus lábios e adoraria o solo em que você pisasse.

— Não é isso que eu quero.

— Não é? Por que mais você escolheria uma mulher humana? Se você quisesse uma igual, você teria escolhido uma fae. — Ela deu um tapa e deu um passo para trás, alisando o peito e a barriga com as mãos. — Você queria uma druida, uma criatura proibida de provar e desfrutar até Sorchia ficar velha e frágil. Deixe a garota fraca para trás, Eamonn. Me leve em seu lugar.

— Nunca.

— Por que não?

— Ela não é uma mulher fraca, nem menos por ser druida, — ele rosnou. — O nome dela em seus lábios é uma blasfêmia.

— Você afirma se importar com ela?

— Sua bravura, coragem e lealdade inabalável ao meu povo capturaram meu coração desde o momento em que ela apareceu pela primeira vez em Hy-brasil.

— Prove. Prove que você se importa com ela, mais do que qualquer outra coisa.

— Como? — Ele faria isso. Ele não hesitaria em provar que ela era o motivo de sua respiração.

— Escolha. — Ela ergueu a mão e apontou para o trono. — Que futuro você quer, Eamonn?

Outro trono apareceu ao lado dele. Vinhas e espinhos emaranhados se projetavam em todas as direções das rosas que desabrochavam, mas foi a forma que prendeu sua atenção. Cabelo ruivo espiava pelas brechas da vegetação, manchado de sangue e seiva.

Um som sufocado escapou de sua língua. Ele tropeçou para frente, mas hesitou ao lembrar que tudo tinha sido uma ilusão até agora. — É realmente ela?

— De todas as coisas que você viu, essa é a única verdade. — A outra Sorchá encostou-se ao seu lado. — Você tem dois futuros diante de você. Um como rei, sentado em seu trono sabendo que está sã e salva. Ao seu lado, sim, mas também protegida de tudo que você teme. O outro futuro é que ela seja livre para vagar por conta própria.

— Por que eu não escolheria o segundo?

— Você não pode controlá-la se ela vagar livre. Sorchá continuará crescendo em seu próprio poder, descobrindo sua história,

sua família, sua cultura. Tudo que você ama pode mudar e se transformar em outra coisa. — Ela traçou um círculo em seu peito. — O quanto você quer garantir seu futuro, Rei Supremo?

Ter certeza de que ela estava segura seria um prazer que ele nunca considerou. Consortes de reis haviam sofrido pior, pelo menos ela estaria viva.

— Ela pode ver? — Ele perguntou, a voz falhando.

— Não. Ela está acordada, mas não. Sonhando sem visão, som ou toque.

— Então ela não está realmente viva sob tudo isso.

— Uma oferta para você, Eamonn da Corte Seelie. Se você deixá-la aqui, ela se juntará ao resto de seus ancestrais. Ela viverá entre as rosas por toda a eternidade ao seu lado.

Por toda a eternidade, as palavras ecoaram uma e outra vez. Ela não morreria. Ele não teria que vê-la envelhecer, virando pó em suas mãos. Séculos de solidão se espalharam à frente dele sem ela. Ele poderia mantê-la segura e preservada.

Mas não era escolha dele. Ela era uma mulher ferozmente independente e Eamonn não tinha o direito de tomar essas decisões por ela. Ele só poderia mantê-la segura por um certo tempo.

— Não, — disse ele, balançando a cabeça. — Ela não é minha. Ela é o seu próprio ser e não vou tirar isso dela.

A Sorchá ao lado dele deu um sorriso selvagem. — Então vá até ela, Rei Supremo. Liberte a sua noiva e lembre-se de que lhe dissemos para não assumir este trono.

— Por quê?

A coisa explodiu nas sombras e saiu correndo, rindo tão alto que os corredores ecoaram com seus gritos.

Corredores.

A névoa e a fumaça desapareceram. Eamonn estava no mesmo lugar que estava quando Sorchá desapareceu pela parede.

Ele girou para a parede de rosas, vendo apenas um espaço aberto onde as plantas um dia estiveram. Correndo, ele correu para a sala do trono com o sol de vidro gigante enquanto gritava: — Sorchá!

Dois tronos estavam no final do corredor. Um preto, o outro coberto de rosas vermelhas. Ela estava sentada no trono da rainha, unida pela própria beleza que a distinguia.

Ele soltou um suspiro horrorizado e correu para ela. Seus olhos não se desviaram para o trono de Nuada, para seu direito de primogenitura, para nada além dela.

Ela precisava dele.

Caindo de joelhos, ele rasgou os espinhos que rasgavam sua carne. Cristais brilharam à vista, espiando através de pequenos orifícios em suas mãos. Os finos ossos de seus pulsos rangeram com a pedra que enviava arrepios de magia pulsando em suas veias.

— Espere, — ele rosnou enquanto puxava as plantas. — Estou aqui, Sorchá. Estou aqui.

O som de sua exalação era música para seus ouvidos. Ele puxou as mãos dela e as pressionou contra o rosto.

— Você pode me ouvir? — Ele perguntou.

Ela não respondeu.

Frenético, ele se levantou e arrancou as videiras de sua cabeça. As flores gritaram quando se afastaram. Havia folhas em sua boca, ele percebeu.

Ele colocou os dedos entre os lábios dela, puxando punhados de plantas. Uma e outra vez, ele puxou folhas e vinhas para longe até que

ela soltou um gemido e depois engasgou.

— Eamonn! — Ela gritou.

— Estou aqui, — ele a puxou para fora do trono e passou os braços ao redor dela. Sua alma se acalmou, a paz finalmente aliviou a tensão em seu pescoço. — Estou aqui, mo chroí. Eu sinto muitíssimo.

— Isso não foi sua culpa, — ela tossiu enquanto falava. — Foi minha.

— Não se culpe.

— Eu nunca deveria ter nos trazido aqui. Você estava certo, este é um lugar perigoso.

— Encontraremos outro castelo. — Ele pressionou os lábios contra sua testa e apertou seu abraço. Ele quase a perdeu. Novamente.

— Vamos deixar este lugar amaldiçoado e nunca mais voltar.

— Não posso.

— Nós podemos, Sorchá. Esta não é a única opção para nós.

— Eu não posso, Eamonn! — Ela se afastou, seus olhos verdes escuros e assustados. — Este castelo ecoa nas almas do meu povo. Druidas, como eu. Eu disse a eles que ficaria, assumi o trono.

— Você fez o que?

Ele cambaleou para trás, olhando para ela como se nunca a tivesse visto antes. Ele lutou contra os demônios de seu passado, negou seu direito de primogenitura e ela assumiu o trono?

— Por que você está olhando assim para mim? — ela perguntou.

— Eamonn?

— Eles me disseram para não assumir o trono.

— Quem?

— Seu povo.

Ela lambeu os lábios. — Estes são os tronos de Nuada e Ethniu.

Eles desejam que sigamos seus passos, seguindo o caminho que eles trilharam juntos.

— Esse futuro não pertence a mim também?

— Foi um teste, — disse ela. Seus olhos eram grandes como a lua. — Eles estavam testando você, Eamonn.

— E qual foi o teste?

Ela acreditou nas palavras que disse. Ele podia ver a verdade em seus olhos e saboreá-la no ar. Mas o que esse teste poderia provar? Que ele tinha uma fraqueza?

Outra voz se juntou a eles, profunda e desconhecida. — Um teste em que você passou, meu garoto.

O homem estava velho. Ele usava um envoltório de pele e se equilibrava sobre uma bengala, mas Eamonn tinha certeza de que o antigo exterior escondia uma magia poderosa.

— Eu passei? — Perguntou Eamonn. — E qual foi o teste?

— Que você tomaria conta da minha neta.

— Neta? — Eamonn olhou de Sorcha para o novo homem. — Não vejo nenhuma semelhança de família.

— Então você é muito menos capaz do que pensei que fosse. Ela é minha, e se você deseja tomá-la, então eu precisava ter certeza de que você a trataria bem.

— Eu não tenho até agora?

— Você a ignorou. Você alimentou o medo de sua própria magia e controlou seu povo sem ouvir suas palavras. Você é um Tuatha dé Danann. Você deve me desculpar, Rei Supremo, mas eu não confio em você.

Outras palavras ecoaram sob os tons profundos. Sugestões de punição caso Eamonn cometesse um erro. Mas outra coisa também.

Algo mais antigo e tão poderoso que ressoou em seu tom.

Eamonn estreitou os olhos. — Quantos anos você tem, avô?

— Velho o suficiente para saber quando um menino está tentando me encurralar.

Sorcha estendeu a mão e tocou o braço de Eamonn. — O nome dele é Torin.

— Este é o druida que encontrou você na clareira?

— Sou eu, — Torin respondeu.

— Você não é o que parece.

Eamonn puxou Sorcha para seus braços, colocando-a atrás de suas costas largas enquanto montava as histórias. — Quantas gerações se passaram desde que você era avô dela?

— Sete.

Embora surpreso que Torin fosse responder tão facilmente, Eamonn reconheceu o jogo. — Você disse que era um druida?

— Sim.

— Você era outra coisa antes?

— Sim.

Sorcha puxou seu braço. — O que você está fazendo, Eamonn? Ele é minha família!

— Esse é o trono de Ethniu atrás de você, não é?

Torin ergueu uma sobrancelha e colocou a mão nas costas. As rosas se enroscaram em seu pulso quando ele assentiu. — É sim.

— E você se sentou naquele trono, não é?

— Garoto inteligente, — o velho riu. — Cuide dela.

Uma rajada de ar os empurrou para trás quando Torin desapareceu da sala. Os tronos permaneceram, simbólicos, mas ainda pulsando com poder.

— Você sabe quem ele é. — Sorchá exclamou.

— Eu sei.

— Quem?

— Pai de Ethniu, Rei Balor.

— Eu pensei que ele estava morto?

— Todos nós pensamos que os antigos estão mortos, mas eles existem de alguma maneira. — Eamonn olhou para ela, as sobrancelhas franzidas de preocupação. — Você é a neta do Rei Balor?

— E você é neto de Nuada.

Ele cresceu com as lendas de Balor, o deus fomoriano. Seu terceiro olho se abriria e lançaria destruição onde quer que olhasse. Ele foi o único capaz de derrotar os Tuatha dé Danann originais no campo de batalha. Um grande rei, um inimigo horrível e o pai da raça druida.

E agora, ele olhava para a neta da temível criatura com novos olhos.

— Você tem medo de mim agora? — ela perguntou. — Eu não sabia quem ele era.

— Não, mo chroí. Estou ansioso por você.

— Bom. Eu não gostaria que você me visse de forma diferente por causa disso.

— Venha aqui. — Ele a puxou para frente e pressionou seus lábios contra os dela. — Vamos resistir a essa tempestade, como fizemos com todas as outras.

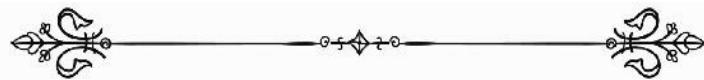
— Isto é uma tempestade? Quem é minha família?

— É um sinal. Reunimos famílias, pessoas, raças que nunca existiram lado a lado antes. Estamos no início de uma nova era, Sorchá. Juntos.

Ele a pegou nos braços e a carregou do lugar assombrado. Os espíritos fugiram de sua sombra quando ele os levou para a luz. E, naquele momento, Eamonn jurou a si mesmo que a protegeria de tudo.

Até dela mesma.

CAPÍTULO 7



A Espada de Luz

Faés enchiam o salão de banquetes, suas risadas e gritos de alegria ecoando nas vigas. Eles haviam chegado ao castelo. Uma nova casa, um novo futuro e as promessas de uma nova esperança.

Fileiras se alinhavam no corredor, cada mesa robusta cheia até a borda com qualquer comida que pudessem limpar. Oona estava em seu elemento, movimentando-se para cada pessoa que erguia suas taças vazias, pedindo mais bebida.

A adega ainda estava cheia. Os anões voltaram com os braços cheios de elixir, rindo com o achado.

Depois de tudo pelo que passaram, Sorchá achou que eles mereciam algumas noites de alegria.

Ela se sentou com os outros de sua nova família. Pooka se inclinou sobre a mesa e pegou o pão, suas mãos já pegajosas de mel.

Um anão passou e entregou uma caneca para Cian. — Não é o normal.

Cian sorriu abertamente e tragou qualquer que fosse a nova bebida. — Meus agradecimentos!

A alegria era contagiante. Ela mal conseguia ouvir uma palavra por causa do barulho e amava cada segundo. Como ela não poderia? Este era o seu povo, e eles estavam muito felizes depois de suas lutas.

Ela se abaixou quando uma galinha passou voando, suas penas explodindo no ar. Oona acenou com as mãos e correu atrás dela. Os gritos cacarejantes só aumentaram as risadas.

Havia muitas cores, pessoas e sons vibrantes. Ela não tinha visto tal reunião desde o festival Samhain. Sorchu apoiou o cotovelo na mesa e observou suas travessuras com um sorriso.

A porta do salão de banquetes se abriu e o silêncio soou mais alto do que as risadas. Uma caneca caiu no chão, quebrando com um estrondo.

Sombras rastejaram do corredor. As velas a muito tempo queimaram até suas bases, apagando qualquer luz que pudesse aparecer.

Ela reconheceu a silhueta da figura. Eamonn, o líder destemido que os trouxe até aqui. Sorchu se perguntou para onde ele havia fugido.

Era difícil para ele estar aqui quando havia tanta alegria. Seus pensamentos eram nublados, responsabilidades, família e séculos de solidão distraíndo sua mente.

Os faes ficaram em silêncio. Eles não torceram por ele, nem permaneceram. Eles pareciam estar prendendo a respiração.

Sorchu esperou até não aguentar mais. Ele estava parado na

porta com as mãos soltas ao lado do corpo, em conflito e incapaz de se mover. Ela não ficaria parada enquanto seu próprio povo o rejeitasse.

Ela se levantou e passou por cada um das faes que agiam como se estivessem presas em seus bancos. Seus passos eram suaves, mas pareciam altos a seus ouvidos. Cada etapa foi uma escolha. Uma confirmação de que ele era dela e ela era dele.

Ela estendeu a mão para ele pegar. — Bem-vindo, rei.

As sombras obscureceram sua expressão aliviada dos outros, mas ela podia ver brilhante como o dia. — Boa noite, Raio de Sol.

— Você veio se juntar a nós?

— Se eu for bem-vindo.

— Você é sempre bem-vindo entre seu povo.

Ele pegou a mão dela e a puxou para mais perto. As sombras a envolveram, junto com seus braços fortes. — Você tem tanta certeza disso?

— Venha comer com eles e nós descobriremos.

Os cristais em sua garganta balançaram enquanto ele engolia em seco. — Não tenho nenhuma vontade de estragar o jantar deles.

— Você nunca fez isso enquanto viajávamos.

— Um general é algo totalmente diferente de um rei. Eles devem ter medo de mim no campo de batalha e receberão ordens de qualquer um que latir para eles. Mas agora? Isso é diferente.

— Como assim?

Eamonn fechou os olhos com força. — Eles querem um homem, agora. Um rei que pode se sentar à mesa e ser régio. O rei que inspira coragem e honra, acalma a mãe preocupada e acalma o soldado ferido. Eu não sou esse homem.

— Isso não é quem eles esperam que você seja. — Ela estendeu a

mão e acariciou sua bochecha. — Eles sabem quem você é, Eamonn, é por isso que o seguem. Se eles quisessem que um rei se sentasse à mesa e tivesse uma boa aparência, eles jurariam fidelidade a Fionn.

— Eles estão aqui.

— Exatamente. Eles não querem que você mude! Então venha comer conosco, beber com seus homens e provocar suas mulheres. Eles são seu povo, agora. Não dele.

A tensão diminuiu em seus ombros e sua expressão se suavizou.

— Mostre o caminho, minha rainha.

Arrepios dançaram por sua espinha. Sua rainha. Ela queria ser? Dele sim, mas e todos os outros?

Ela não tinha tanta certeza.

Sorcha enredou os dedos nos dele e o puxou para o salão de banquetes. Os anões observaram com olhos arregalados enquanto o perigoso senhor da guerra que os havia liderado durante a batalha se acalmava ao toque de uma mulher druida.

Olhos afiados perceberam o momento em que Eamonn estendeu a mão e enganchou um dedo por um de seus cachos. O comprimento longo balançou em sua cintura e enrolou em torno de seu dedo como se soubesse que ele precisava de sua força.

Eles se dirigiram a uma das mesas restantes, onde apenas alguns se sentavam.

Eamonn puxou a mão dela: — Por que aqui?

— Deixe-os vir até você. — Ela disse enquanto se sentava. Ele a deixou puxá-lo para seu lado.

— Eles virão?

— Eu vi um cavaleiro mestre domar um garanhão uma vez. Ele passou toda a sua vida selvagem e livre, mas este homem nunca

desistia. Ele ficava sentado no cercado com o cavalo por horas e horas para que ele se acostumasse com sua presença. Sem chicotes, sem palavras gritando, sem cordas para prendê-lo. O cavalo passou a amá-lo simplesmente porque ele estava lá.

— Você acha que os anões são como cavalos?

— Espero que sim, — disse ela com um sorriso suave. — É assim que espero que eles gostem de mim.

— Então, vamos ambos comer nossas refeições e talvez eles se juntem a nós.

Ele se inclinou para a frente, empilhou a comida no prato e comeu. Eamonn não olhou para os outros, nem perdeu tempo esperando por eles.

Como se sentisse o peso de seu olhar, ele olhou para ela. Boca cheia, ele fez uma pausa. — Tudo está certo?

— Sim.

— Tem certeza?

— Tenho.

Ele gesticulou para o prato dela. — Quer comer?

— Já comi um pouco, mas vou pegar isso.

— E é do seu agrado?

— Sim.

Ela tinha sentido falta disso, Sorchá percebeu. Comer com ele, conversar com ele. As coisas mundanas que significavam muito.

Ele viu a mudança em seus olhos. A suavidade que vazou de sua alma para seus olhos. Eamonn estendeu a mão e segurou a mão dela, o polegar acariciando seus nós dos dedos. — Também senti sua falta.

O calor cintilou em suas veias como estrelas cadentes. Ela suspirou e apertou seus dedos, palavras impossíveis de encontrar.

Oona correu até eles e desabou em um banco com um suspiro bufado. — Minha nossa! Eu não pensei que fosse possível para os faes beberem tanto!

— Eles são anões, Oona. — Disse Eamonn com uma risada.

— E eles precisam se preocupar com o vício!

— Eles merecem ter um pouco de folia depois de todas as lutas.

— Isso eles merecem. — Oona puxou as saias para cima e colocou as pernas por baixo da mesa. Havia tantas camadas de saias que Sorchá não conseguia decifrar onde elas paravam e onde a fae começava. — Vamos ficar aqui, então?

— Não vejo por que não. — Disse Eamonn. Ele enfiou mais comida na boca e deu a Sorchá um olhar que sugeria que ela continuasse a conversa sem ele.

— É preciso um pouco de amor, — ela se apressou em preencher. — Mas acho que tem a possibilidade de ser um lar para todos nós.

— Incluindo os anões?

— Claro — Sorchá moveu a comida em seu prato em um círculo.

— Acho que serão úteis nos próximos meses. Não consigo imaginar mandá-los embora.

— Mandá-los para casa, você quer dizer.

— Prefiro chamar suas famílias aqui. — A ideia parecia impossível ao sair de seus lábios, mas Sorchá viu o mérito dela. Trazer mulheres e crianças aqui só faria com que fosse mais um lar.

Haveria criadas para ajudar na limpeza, crianças para ajudar na agricultura. Eamonn ergueu os olhos para ela, uma pergunta em seus olhos.

— Famílias? — Perguntou Oona.

— Sim. Espalhe a notícia de que os anões são bem-vindos para trazer seu povo aqui. A intenção deste castelo era criar uma fortaleza para aqueles que se opõem a Fionn. Isso significa torná-lo um paraíso para todos, não apenas para os soldados.

— Podemos apoiar tantas pessoas? — Perguntou Eamonn.

Cian pesou mais, seu volume empurrando de lado alguns anões que permaneceram. — Isso nós podemos. Os jardins estão selvagens depois de tantos anos sem cuidados, mas ainda estão produzindo o suficiente para alimentar muitos. Temos alguns caçadores aqui, e ainda mais que gostariam de aprender.

— E as camas? — Sorchá se inclinou para frente, excitação correndo em suas palavras. — Temos que colocá-los em algum lugar. Eu sei que o castelo precisa de muito trabalho, mas e os prédios ao redor?

— Posso enviar algumas pessoas para ver como eles estão amanhã, — disse Oona. — Há algumas mulheres interessadas em limpar o lugar. As construções externas estão em melhores condições do que o castelo.

— Então isso é possível? — Eamonn olhou para os três. — Estamos preparados para adicionar mais cem bocas potenciais para alimentar?

— Cem? — Sorchá riu. — Eamonn, seu exército tem facilmente mais de duzentos homens e mulheres. Suas famílias são provavelmente mais três pessoas, senão mais do que isso. Estamos considerando muito mais de cem pessoas.

Sua expressão atordoada a fez sorrir. Sorchá estendeu a mão, pressionou a palma contra sua bochecha e riu. — Quando você começou esta jornada, você sabia que se tornaria um rei.

— Não pensei que incluiria tantas pessoas.

— Você está planejando governar toda Seelie. Começar com um pequeno império não é uma coisa ruim.

— Império, — ele repetiu e balançou a cabeça. — No que você me meteu?

— Exatamente o que você queria. — Ela examinou Oona e Cian.

— Isso é algo que podemos começar em breve?

— Sim.

— Você acha que os anões vão se interessar? — Suas preocupações cavaram sua esperança com garras afiadas. — Sei que sempre há uma preocupação em trazer a família para a guerra, mas gostaria de tornar este lugar mais do que apenas um lugar para alimentar um exército.

— Acho que os anões sentem falta de suas famílias tanto quanto nós, — respondeu Oona. — Eles ficarão felizes em ter seus cônjuges e filhos ao seu lado.

Sorcha pensou em crianças correndo pelos corredores deste lugar assombrado. Ela olhou ao redor e viu todas as rachaduras onde as plantas cresciam e os cacos de vidro que cobriam o chão.

Ainda não era um lugar seguro, mas seria. Este castelo brilharia antes que ela deixasse qualquer criança vagar por aí. Ela imaginou criadas correndo pelo salão de banquetes com vassouras e panos de limpeza. Homens com grandes vigas nas costas caminhando entre elas, prontos para consertar paredes e pisos quebrados.

Este castelo tinha sido um lar para seus ancestrais uma vez, e agora ela faria dele um lar para seu povo novamente. Ela queria ouvir os cômodos cheios de risadas, as cozinhas cheias com o aroma de comida sendo preparada e o terreno repleto de mercados.

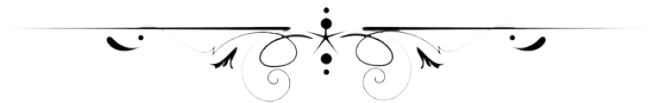
Eles poderiam fazer isso. Este era apenas o primeiro passo.

— Vamos começar então, — ela disse. — Oona, Cian, espalhem a palavra entre os anões que nós estamos fazendo este castelo nosso. Tragam suas famílias e todos aqueles que desejam trabalhar para seu sustento.

Ela encontrou o olhar de Eamonn e corou com a admiração que viu em seus olhos. Ela estendeu a mão e pegou a mão dele.

— Você está pronta para isso? — Ele perguntou a ela.

— Absolutamente. É hora de fazer deste lugar a nossa casa.



Sorcha adorava assistir os anões cantando para as pedras para ganhar vida. Eles ergueram as mãos cantando, as palmas erguidas para o céu, e deixaram suas vozes voar livremente. A terra os ouvia, como ela nunca tinha entendido antes.

Pedregulhos se moveram, rolando suavemente no lugar. Estátuas cuidadosamente esculpidas se recompuseram e selaram velhas feridas com rangidos silenciosos. Tijolo e argamassa subiram no ar e deslizaram de volta para seus lugares.

Ela tinha explorado tanto quanto ela ousava. Havia algo sinistro naquele lugar, muito mais do que Hy-brasil jamais havia sido.

Sorcha temeu que todos os cômodos fossem perigosos até que encontrou um corredor escondido e um lugar tranquilo. As plantas não se mexeram quando ela passou, os vitrais ainda estavam intactos e o musgo cobria o chão frio. Sorcha gostou da almofada contra seus pés cansados.

Ela trabalhava com os outros quando podia. Ela ganhava paz ajudando, embora os anões não gostassem de deixá-la chegar perto deles. A minúscula mulher barbada que falara pela primeira vez com Sorchia não era a única que tinha preconceito em seu coração pelos druidas.

A janela gigante permitia que ela os observasse sem interferir em seu trabalho. Eles provavelmente parariam se ela saísse, semelhante a como os outros faes reagiram à sua presença.

Agora, ela sabia como persuadi-los a gostarem dela.

— Achei que poderia encontrar você aqui.

Ela sorriu. Eamonn sempre soube onde encontrá-la, não importava o quanto ela tentasse se esconder dele.

Os braços dele envolveram seus ombros, puxando-a de volta contra sua pele quente. Ela roçou os dedos em seu antebraço. Os cristais lisos não eram os mesmos de há muito tempo. Ela se encontrou o tocando mais agora, familiarizando-se com esta nova versão.

— Você dormiu bem? — Ela perguntou.

— Melhor se eu tivesse acordado com você ao meu lado. — Ele deu um beijo no topo de sua cabeça. — Por que você não está na cama?

— Eu queria assisti-los.

— Você gosta das canções dos anões? — Ele bufou. — É cedo para eles acordarem.

— Acho que eles querem terminar o mais rápido possível. As chuvas os retardaram muito mais do que gostariam.

Ela inclinou a cabeça para o lado enquanto os dedos dele se enredavam nos cachos acima de sua orelha. Ele frequentemente

puxava os cachos, deixando-os voltar ao lugar antes de fazê-lo novamente. Ela achou que ele gostava de ver algo tão vibrante em sua vida.

A luz azul espirrou em seu antebraço, o vitral dando novas cores e vida a toda a luz tocada.

— Volte para a cama. — Disse ele com uma risada.

— Temos muito que fazer hoje.

— Nós?

— Oona me pediu para ajudar a limpar as cozinhas.

— Você é a senhora deste castelo. Você não precisa limpar.

— Eu quero, — ela disse. Girando no círculo de seus braços, ela plantou as mãos contra seu peito. — É importante para mim ser útil, Eamonn.

— Eu nunca vou transformá-la em uma rainha, vou?

— Por que você iria querer? — Ela sorriu para ele, esticando-se para o beijo que sabia que ele lhe daria. — Estou bem do jeito que estou.

— Bem não é a palavra que eu usaria. — Disse ele, pressionando um beijo contra sua testa.

— Não? Então, como você me descreveria, rei supremo?

— Bem, — Seus lábios acariciaram sua bochecha, movendo-se sobre seu nariz para o outro. — Requentada. Pensativa. Doce.

Ele inclinou seu queixo com dedos gentis, pressionando um beijo casto contra seus lábios.

— Essas são boas palavras.

— Não há o suficiente no mundo para descrever você com precisão, mo chroí.

— Sua nobreza está aparecendo, — ela respondeu, brincando,

puxando sua orelha. — Quando você fala assim, posso ver o rei em você.

— Apenas assim?

Sorcha revirou os olhos e se afastou. — O que eu saberia? Eu nunca conheci um rei antes de você!

— Você conheceu meu irmão.

— Estamos chamando-o de rei agora? Eu não sabia.

— Sorcha, — ele rosnou. — Volte aqui.

— Eu prefiro não.

— Agora.

Um arrepio delicioso desceu por sua espinha. Ela adorava quando sua voz assumia aquele tom duro. O som áspero que sugeria que ele estava a um fio de cabelo de perder o controle.

Ela mordeu o lábio e balançou a cabeça.

Os cristais em sua garganta brilharam por um mero momento antes de ele se lançar para frente. Ela soltou um grito de felicidade e saltou do banco atrás dela. As saias se enredaram em suas pernas, a distração dando a ele tempo suficiente para estender a mão e agarrar as costas de seu vestido.

Ele puxou, um aviso de que a pegara, e então a deixou ir. Ele queria a perseguição, seu rei guerreiro.

Girando, ela segurou as mãos soltas ao lado do corpo e lançou seu olhar ao redor do cômodo.

— Você está procurando uma fuga? — ele rosnou. — Não há nenhuma.

— Há uma videira particularmente forte atrás de você.

— Você planeja escalar?

— Eu pretendo emaranhar você nisso. Isso me dará tempo

suficiente para escapar pela porta e encontrar um lugar muito mais adequado para montar acampamento.

— Terreno elevado, — ele aconselhou. — Se você está lutando contra um exército inimigo, você sempre quer o terreno elevado.

— As torres então.

— E depois? Você me enfrenta e luta?

— Não, — ela murmurou enquanto olhava ao redor em busca de uma fuga melhor. — Você é muito maior do que eu, então eu não estou te encarando. Procuro qualquer coisa que possa jogar ou distrair você.

— Enquanto?

— Enquanto grito para alguém mais habilidoso com uma lâmina vir e ajudar. Eles chegarão por trás se estivermos nas escadas da torre, e então iremos flanquear o inimigo.

— Ótimo — concordou Eamonn. — Agora venha aqui.

Sorcha se abaixou e virou o banco mais próximo. Ele bateu no chão e deu a ela tempo suficiente para correr passando por ele.

Mas ele não era um guerreiro verde, e ela era uma humana destreinada. Ele agarrou o braço dela, girou-os para não machucá-la e ergueu-a no ar.

— Eu te ensinei bem. — Ele disse enquanto pressionava os lábios contra sua clavícula.

— Esse era o ponto, não era?

— Você aprende rápido.

— Eu tenho um bom professor.

Ela afastou o cabelo do rosto dele, sorrindo para ele. Seu coração estava leve em momentos como este. Quando um sorriso enrugou os cantos de seus olhos, e seus lábios se torceram sem sarcasmo. Ele

realmente era um homem bonito quando não era tão severo.

Sua expressão caiu. — Eu tenho que ir.

— Ir? Existem mais edifícios para planejar?

— Eu tenho que deixar o terreno do castelo.

— O que? — Ela balançou a cabeça em confusão. — Por quê?

— Nossa cidade está crescendo e há muito mais bocas para alimentar. Estou levando um pequeno batalhão para caçar.

Ele a deixou deslizar por seu corpo. Cada centímetro arranhou as ranhuras sob sua roupa que ela não tinha notado. Armaduras.

— Eamonn, — ela resmungou. — Achei que tivéssemos combinado que você não lutaria mais.

— Não procuro uma batalha. Mesmo você não pode discordar de que há muito mais pessoas para alimentar.

Ela suspirou. Este era um argumento que ela conhecia bem e entendia por que ele estava tão impaciente. Eamonn era um homem de ação. Os muitos anos em Hy-brasil não ajudavam nisso. Agora que estava em casa, ele queria fazer tudo o que pudesse para ajudar seu povo.

Estava irritando seus nervos.

— Devemos nos concentrar em trazer mais pessoas para cá. Você pode afastar o Faes Seelie de seu irmão sem derramamento de sangue. Force seu exército a ver que você é o melhor rei. Aquele que cuidará deles, de suas famílias, de seu sustento. Você não tem que fazer isso derramando mais sangue no chão.

— Eu não vou — ele disse com uma risada. Seu dedo deslizou sob seu queixo, inclinando seu olhar para ele. — Estarei recebendo comida, então podemos trazer ainda mais pessoas para este castelo. Eu gostaria de ver mais Faes do que anões.

- Você não vai lutar?
- Não procuro lutar com Fionn.

Ela procurou a verdade nos olhos dele. Havia algo desagradável na maneira como ele falava. Como se ele estivesse escondendo algo.

Os faes não podiam mentir. Ela tinha que confiar que ele não estava distorcendo suas palavras, e ele não deu a ela nenhuma razão para se sentir desconfiada.

Um sorriso lento se espalhou por seu rosto. — Eu gosto dos anões.

- Não, você não precisa.
- Eu gosto! Eles são trabalhadores constantes e esforçados. Isso é algo bastante difícil de encontrar hoje em dia.

— Eles ignoram você.

— Assim como os outros faes, — ela disse com um encolher de ombros. — Não há nada que eu possa fazer sobre isso. Eles não confiam em mim. Ainda. Eu estou trabalhando nisso.

— Não tenho dúvidas de que eles vão se apaixonar por você. — Ele a puxou para um abraço apertado. — Eu não vou demorar muito. Apenas alguns dias.

- Seja cuidadoso.
- Eu deveria dizer isso para você.
- Estou segura atrás das muralhas do castelo. Você estará evitando o exército de seu irmão, enquanto tenta caçar comida suficiente para alimentar uma grande vila.

Ele riu e a soltou. — Faça-me um favor? Não fale com nenhum fantasma enquanto eu estiver fora.

- Eu também não pretendo sentar no trono.
- Boa menina.

Ela o observou sair e disse a si mesma que o buraco em seu estômago era uma tolice. Ele ficaria bem. Ele não saiu com uma luta em mente, nem era seu plano enfrentar as forças de seu irmão.

Mas ela não conseguia afastar a sensação de que ele não estava lhe contando tudo. Pensamentos perturbados a atormentaram.

Eamonn não era do tipo que vagava. Ele estava claramente louco por ela, muito mais do que qualquer um de seu povo já o tinha visto antes. Sorchá não se preocupou que uma pequena mulher anã tivesse chamado sua atenção. E se ela tivesse, então bom para a anã.

A única coisa que restava para se preocupar era que ele ainda queria lutar. Essa batalha correu por suas veias e ele estava fugindo na esperança de que Fionn pudesse encontrá-lo.

Ela esperava que não. Cinco anos de guerra foram suficientes, seu povo se cansou do medo e das adversidades. Havia tantas mortes que os Faes Seelie podiam suportar. O parto era difícil para sua espécie, e ela temia ser a única parteira no Outro Mundo.

A preocupação fez sua mente vagar. Ela ficou no mesmo lugar, ela não sabia quanto tempo, olhando para a porta como se ele fosse voltar.

— Você vai ficar aí o dia todo? — Uma voz áspera latiu. — Ou você vai fazer alguma coisa?

— Com licença? — Sorchá olhou por cima do ombro para a anã que a repreendeu profundamente. — Quem é você?

— Claro que você não se lembra de mim.

— Não, eu me lembro de você da fogueira. Isso não significa que sei *quem* você é.

A anã fêmea jogou a ponta de sua barba por cima do ombro e cruzou os braços. — Bem? Por que você ainda não fez isso?

— Fez o que?

— Você é uma druida. Eles sempre fazem algo sorrateiro para sair de situações como essa. Então vá em frente. Faça o que for que você faz.

— Eu sou uma Tecelã.

A anã bufou. — Até parece. Não sobrou mais nenhum deles, matamos todos quando mandamos vocês embora. Aposto que você fala com plantas. Eu as vi estender a mão para tocar em você.

Sorcha estreitou os olhos para o anã rude. Bravura como essa era uma tolice. Ela não sabia do que Sorcha era capaz e ainda provocava como se não houvesse perigo.

Doendo com a partida abrupta de Eamonn, Sorcha se concentrou na anã.

Tecelagem tinha se tornado mais fácil aqui no Outro Mundo, ainda mais neste castelo. As almas druidas alimentavam seu poder, suas mãos fantasmagóricas acariciando seus braços e guiando sua mente.

Arrancar o nome do crânio da anã foi quase fácil demais. Ela puxou apenas a menor quantidade e um fio de luz cintilante pairou um pouco acima da orelha do anã. Ninguém podia ver, exceto Sorcha, e talvez as almas druidas que sussurravam animadamente em seu ouvido.

— Sim, — elas disseram. — É isso aí. Puxe um pouco, não deixe ela perceber.

Sorcha suspirou. — Isso é o suficiente, Caitlyn.

O fio zumbiu, revelando que o anã preferia o nome Cait.

A anã cruzou os braços. — É um bom truque. Adivinhou, não é?

— Não. É o que os Tecelões fazem.

— E eu vou te dizer mais uma vez, nós matamos muitos deles na última guerra. Não sobrou nenhum Tecelão. Você seria sábia em não se chamar assim, existem anões aqui que gostariam de matá-la.

O fino fio de paciência ao qual Sorchá se agarrou se partiu. Ela puxou com força, as palavras saindo de seus lábios como um bom vinho. — Eles iriam me matar? Então, talvez eu deva estar mais preparada. Que outros nomes você guardou nessa sua cabecinha?

Outro puxão rápido de sua mente revelou alguns nomes, mas nada importante.

— Ei! — Cait gritou. — Saia da minha cabeça!

Mas ela ainda não tinha acabado. Sorchá puxou mais uma vez, sorriu e inclinou a cabeça para o lado. — Aí está. Você foi uma garota de sorte por ser aceita por Angus, o homem que se tornaria o rei dos anões.

— Esse não é o seu nome. — Cait rosnou.

— E minha vida não é sua.

Elas se encararam, nenhuma querendo deixar de lado a raiva que queimava por trás de seus olhos. A tensão de Sorchá diminuiu quando Cait encolheu os ombros e suspirou.

— Bem. Então você tem um pouco de fogo em você. Isso não é uma coisa ruim. Agora, como você planeja se proteger?

— Contra quem?

— Todos. Os anões. Faes que não querem uma humana no Outro Mundo. O gêmeo do seu amante que obviamente quer que você vá, — Cait assinalou os dedos enquanto falava. — Parece-me que todos querem você morta.

Sorchá piscou. A anã passou de emoção em emoção tão rapidamente que até mesmo o calor do ar mudou. — Por que você

quer saber?

— Porque é importante que as pessoas saibam como se proteger. E você me provou que planeja se manter viva, embora aquela pequena escapada com o rei fosse embaraçosa de assistir. O que você sabe?

— Eamonn tem me ensinado a lutar em terreno elevado.

— Lutar? Com o que?

Ela repetiu o que disse a Eamonn apenas alguns momentos atrás, desacelerando quando Cait balançou a cabeça. — O que? Por que você está fazendo essa cara?

— O que você faz se ninguém vier ajudá-la?

Sorcha não tinha uma resposta para isso. — Eu mesma luto com eles, suponho.

— E o que acontece se eles agarrarem você?

— Então eu luto.

— Com o que?

— Chutando e gritando até que me soltem.

— Certo, — Cait bufou e cruzou os braços. — Deixe-me dizer como vai ser. Você vai gritar, eles vão te dar um tapa com tanta força que você sentirá o gosto de sangue e mais uma vez só para ter certeza de ver estrelas. Então, eles a imobilizarão e você não será capaz de se mover. Você terá sorte se eles matarem você nesse ponto. Então, vamos começar de novo. Como você vai lutar?

A anã tinha razão. Ela havia discutido uma luta semelhante com Eamonn, que se recusou a até mesmo cogitar a ideia de que ele estaria tão longe que não poderia protegê-la.

E então ele a deixou aqui sozinha.

Ela endireitou a coluna. — Eu não sei.

Cait estalou os dedos e apontou para Sorcha. — Essa é a resposta

certa. Venha, então.

— Onde estamos indo?

— Vou te ensinar como lutar.

Uma parte de Sorchia hesitou, perguntando-se por que a anã ajudaria quando ela obviamente não gostava de druidas. Mas outra parte queria saber desesperadamente como se proteger.

Talvez fosse a druida saindo. Ela só havia sentido o estranho desejo em seu coração algumas vezes, mas cada instância era poderosa. Havia uma criatura dentro dela que desejava ser mais forte do que nunca.

— Tudo bem — Disse Sorchia. — Quando?

— Agora, a menos que você queira olhar para a porta por mais um tempo.

Ela não disse. Sorchia estreitou os olhos e disse: — Não. Podemos ir agora, se você estiver preparada para me ensinar.

— Venha então, vou para o quintal com você. Com que arma você tem experiência?

— Nenhuma.

Elas passaram por anões cantando para suas pedras. Nem um único vacilou em seu trabalho, mas seus olhares queimaram contra suas costas. Talvez eles estivessem apenas curiosos sobre quem ela era. Mais provavelmente, eles se perguntavam por que ela estava andando com uma dos seus.

Cait empurrou um anão de lado que estava em seu caminho. — Isso não vai funcionar. Espadas?

— Eu não tenho uma.

— Não posso te fazer uma tão cedo neste poço. Lâminas curtas?

— Exatamente o tipo que corta comida.

— Isso é um começo, — Cait golpeou o ar como se estivesse esfaqueando uma pessoa. — As pessoas são um pouco como carne. Um pouco mais pegajosas. Podemos trabalhar com isso, e toda mulher deve ter uma lâmina. Arco e flecha?

O mero pensamento de esfaquear alguém a deixava enjoada. Ela dedicou toda a sua vida a ajudar e curar, não a ferir. — Eu costumava caçar com meu pai quando era jovem.

Cait se animou, saltando. — Você conseguia alguma coisa?

— Não.

— Oh. Bem, então você não sabe como atirar com um arco.

— Eu era uma boa atiradora.

— Você poderia atingir alvos estáticos, você quer dizer. Os móveis são muito diferentes.

Ela imaginou que sim. Sorchá tratou dessas feridas antes e sabia que às vezes uma flecha cravava no osso. Ela estremeceu com as memórias.

— Não fique melindrosa comigo agora, — Cait disse com uma risada. — Vamos prepará-la para qualquer coisa que possa surgir em nosso caminho.

— Eu tenho que perguntar novamente, por que você está interessada em me ajudar?

— A meu ver, você está no caminho certo para se tornar nossa rainha. Já não gosto do homem que tenta fazer-se rei. A última coisa que quero é dois membros da realeza que tenham pouca simpatia por meu povo.

— Eamonn se preocupa — disse Sorchá. Ela contornou um anão que entrou em seu caminho, sua canção se aprofundando por um momento em desaprovação. — É por isso que ele está trabalhando

tanto para retomar o trono. Para dar voz ao seu povo.

— Engraçado, não é assim que vemos.

— Então, como você vê isso?

Elas entraram em um pátio de treinamento. Apenas alguns anões permaneceram nesta área, a maioria deles escolhendo trabalhar com pedra ao invés de praticar suas habilidades de batalha. Sorchia achou estranho um exército não treinar cada segundo que podia.

Cait chutou um fardo de feno quando elas passaram por ele. — Como vemos isso? Apenas mais do mesmo. Outro nobre que pensa que pode fazer a diferença porque suas ideias são um pouco diferentes das anteriores. Nada acaba acontecendo, não importa quem esteja no trono.

Sorchia tinha visto uma situação muito semelhante em seu próprio mundo. Os camponeses, aqueles que trabalhavam o dia todo para ganhar a vida, nunca se importaram com quem era o rei. Eles faziam o que queriam, trabalhavam duro, juntavam comida e água para suas famílias, e a realeza vivia vidas totalmente separadas.

— Isso é decepcionante, — disse ela. — É semelhante no mundo humano. A realeza não tem conexão com o povo. Sempre desejei que sim, mas aqueles de nós que vivemos vidas difíceis nunca os vimos.

— Você quer que eu acredite que você não é da realeza? — Cait bufou. — Certo.

— Eu não sou. Fui criada em um bordel e me tornei parteira para curar minhas irmãs e impedi-las de encher o bordel de crianças.

— Você foi criada com prostitutas?

Sorchia estremeceu. — É uma palavra bastante cruel, mas sim. Minhas irmãs ganhavam bem e nos mantinham todos vivos. Eu as valorizo muito, não importa suas escolhas de emprego.

Quanto mais ela falava, mais o queixo de Cait caía. — Você não liga para o fato de que elas vendem seus corpos para quem vai pagar mais?

— Nem um pouco. O que elas fazem com sua própria carne não é da minha conta.

— E você não as julga por isso?

— Não, a menos que engravidem, e isso só aconteceria porque elas não tomaram o chá que eu lhes dei. Se elas fossem tolas com seus corpos, seus corações, suas mentes, então sim. Eu as julgaria. Mas são mulheres muito inteligentes. Nunca pensei menos delas por suas escolhas.

— Sabe, eu poderia gostar de você.

O queixo de Sorchá caiu. — Era só isso?

— Acho que sim.

— Como?

Cait se virou e vasculhou alguns dos sacos caídos no chão. — Não sei. Acho que você é mais uma pessoa agora do que era antes.

— Eu não era uma pessoa?

— A realeza não são pessoas. Eles não sabem ser gente.

— Justo.

Sorchá olhou ao redor do pátio que os anões haviam consertado. Uma parede curta de joelho cercava três lados, o lado restante confinava com o pico do penhasco que se estendia até a altura de dois homens. Os alvos estavam encostados na parede, ainda não montados ou usados. Ela reconheceu alguns dos bonecos de palha. Eamonn os havia usado em seu próprio pátio de treinamento.

O feno se espalhou pelo chão, ainda não perturbado por pegadas. Tudo estava puro, perfeito, exatamente como eram quando

foram feitos.

— Você não está praticando? — ela perguntou. — Tudo parece estar intocado.

— Não somos um exército, é por isso.

— O que?

Cait se aproximou e entregou a ela um arco mais alto do que ela.

— Anões não têm exército. Não gostamos de lutar, a não ser lutas em pubs. Isso nós faremos. Agora pegue o arco, aqui estão suas flechas, e atire no alvo.

— O que você quer dizer com anões não lutam?

— Atire no alvo.

Sorcha podia ouvir o ferro na voz da anã e não sabia como lidar com ela. Faes não mentem. Não havia nenhuma razão para Cait distorcer a verdade. Mas o que ela quis dizer com anões que não têm exército?

O que Eamonn fez?

Ela pegou a flecha oferecida, entalhou-a e ergueu o arco. Ela podia ouvir a voz de seu pai em seu ouvido. Expire antes que a flecha seja lançada. Mire o alvo com um olho. Mantenha o braço reto.

Ela exalou e lançou a flecha.

Ela cantou enquanto disparava pelo ar e atingiu a borda do alvo. Deixando escapar um grito, ela se virou para Cait com um sorriso. — Eu acertei nisso!

— Bem, isso é ótimo, princesa, mas se aquele fosse o tamanho de uma pessoa, então você teria perdido completamente. Há um ponto vermelho gigante naquele alvo por um motivo. Novamente.

— Achei que estava tudo bem para alguém que não pega um arco há anos.

— Eu não me importo se você está bem. Basta apontar novamente, certo?

Sorcha resmungou e o ergueu até os olhos. — Você está qualificada para isso, se você não é uma soldada?

— Eu posso ensinar uma pessoa a lutar. Não estou em um exército e marchar em linha para a morte. Anões lutam para permanecer vivos. É assim que você deve lutar também.

Ela exalou e deixou sua próxima flecha voar. Esta estava mais perto do centro, embora tenha aderido fracamente no fundo, caindo em direção ao solo.

Cait jogou as mãos no ar. — Bem, isso vai levar o dia todo. Novamente!



Sorcha se encontrava com Cait todos os dias, preparando o almoço nos pátios de treinamento e comendo na terra. A princípio, a anã parecia nervosa e desconfortável com a consorte de um futuro rei. Mas, quanto mais Sorcha mostrava que não se importava com o estado de sua saia, a qualidade de seu cabelo ou sujeira na bainha, mais a anã se soltava.

No terceiro dia, ela chegou ao pátio com seu arco já amarrado, Cait apontou para seu vestido e balançou a cabeça. — Isso não vai funcionar.

— O que não vai? — Sorcha baixou os olhos. — Não importa se eu sujar. Existem centenas dessas coisas mofadas no castelo.

— As saias só vão te fazer tropeçar. Já falei com a Oona, ela está

esperando na cozinha.

— Nas cozinhas? Com o que?

— Sua roupas. — Cait pulou na cerca do campo de treinamento e jogou a barba por cima do ombro. — Vá em frente então. Vou esperar.

Sorcha estreitou os olhos e apontou. — Você vai me deixar trançar sua barba?

— Por que eu arruinaria uma boa barba fazendo isso?

— Concorde, e eu usarei as roupas que você quiser.

— Bem. Só se apresse, não terei o dia todo para perder treinando você.

— Isso é exatamente o que você tem feito! — Sorcha gritou com uma risada.

Ela deixou seu arco e flechas com a anã, correndo para a cozinha com o riso soando em seus ouvidos.

De todo o tempo que ela passou no castelo, esses poucos dias de treinamento foram seus favoritos. Ela perdeu Eamonn e até Cian que tinha ido com ele. Mas havia algo tão revigorante em aprender coisas novas, usando as mãos e o corpo como deveriam ser usados.

Suas mãos já estavam fortes pela cura, seus braços maiores do que a maioria das mulheres. Todas as noites ela ia para a cama com os músculos doloridos e um sorriso no rosto. Ela não era uma criatura delicada, nem jamais desejou ser.

Batendo a porta da cozinha, ela entrou, chamando: — Oona!

— Aqui, querida!

Sorcha afastou um grande lençol pendurado para secar. A duende estava mergulhada até os cotovelos em água com sabão, mas sorria de orelha a orelha.

Sorcha sorriu. — Aí está você. Cait disse que você tinha algo para mim?

— Já passou da hora de você aceitar o jeito fae de se vestir!

— Por favor, me diga que não é feito de teias de aranha, vou rasgá-lo no primeiro segundo que colocá-lo.

— Oh não, querida. É muito melhor do que isso. — Oona acenou com a cabeça em direção a uma mesa. — Eu acho que você vai conseguir descobrir, mas me avise se precisar de ajuda. Vou secar minhas mãos!

Sorcha ficou imóvel quando viu as roupas dispostas sobre a mesa. Calças de couro, tão lisas e flexíveis que eram perfeitas. Uma túnica larga, dividida sobre os quadris para facilitar os movimentos, e um espartilho de couro. Protetores de pulso gêmeos estavam assentados no topo da pequena pilha.

— Estas? — Ela perguntou.

— Eu sei que elas são consideradas roupas masculinas em seu mundo, mas são muito mais confortáveis.

— Você usa saias.

— Eu não sou uma guerreira. Eu trabalho nas cozinhas e não devo fazer nada além disso. Você precisa de velocidade do seu lado, quer esteja trabalhando como parteira ou lutando. Isso deixará seus ancestrais druidas orgulhosos.

Sorcha podia sentir que era verdade. As mãos alisaram seus ombros, apertaram seu bíceps e a empurraram para frente.

— Avô? — Ela perguntou.

Os dedos bateram em seu ombro em concordância antes de pressionar o pano, deixando uma marca de mão para trás. Até os druidas queriam que ela vestisse a roupa.

Suspirando, ela desistiu de seu senso de propriedade e levou as roupas para trocar. Deslizar as calças de couro sobre sua pele trouxe uma estranha sensação de autossuficiência. Ela tirou os vestidos e as anáguas com alívio e tornou-se uma nova mulher vestida com roupas de homem.

Sorrindo, ela entrou na cozinha e deu uma pequena girada para Oona.

— Bem, olhe para isso, — disse Oona com uma risadinha. — Que fae bonita você seria.

— As pontas das minhas orelhas não me qualificam como uma?

— Duvido, mas vamos deixar passar. Você realmente é linda, querida. Eamonn não saberá o que fazer quando voltar.

O sorriso de Sorchia esmaeceu. — Já faz um bom tempo.

— Pode demorar um pouco para encontrar o veado. Não preocupe essa sua linda cabeça, tenho certeza de que nada aconteceu com eles. Agora vá.

Sorchia viu a expressão preocupada que Oona escondeu cuidadosamente. Uma parte dela queria empurrar, para ver se seu novo poder poderia forçar Oona a falar. A fae estava escondendo algo.

Todos eles estavam. Balançando a cabeça, ela vagou de volta para o campo de treinamento onde a anã estava sentada.

— Qual é o problema? — Cait perguntou imediatamente.

— Nada.

— Parece que você acabou de assistir alguém chutar uma criança. Não me venha com essa besteira.

Sorchia deixou escapar um gemido de frustração. — Sinto como se todos estivessem escondendo algo de mim! Não importa o quanto eu tente fazer com que todos me deem uma resposta clara sobre por

que está demorando tanto para Eamonn voltar.

— Bem, isso é fácil.

— É isso?

— Eles não querem que você saiba que ele matou uma tropa inteira de anões para encontrar mais pessoas para forçar em seu exército. E se por acaso eles encontrarem algumas das forças de Fionn ao longo do caminho, bem, melhor ainda.

Atordoada, ela piscou algumas vezes. — Obrigada pela resposta honesta, mas você não pode estar certa.

Eamonn não poderia ter mentido para ela, não é?

Cait deu a ela um olhar que sugeria que ela poderia. — Tudo bem, se é isso que você quer acreditar. Estou apenas treinando você.

Ela lançou flecha após flecha, sua mente um mar turbulento de ondas quebrando. Ela não queria acreditar que ele havia distorcido a verdade. Eles tinham acabado de se encontrar novamente e concordaram que esse era o melhor curso de ação.

Não havia outra escolha. Fionn tinha que ser parado, mas a verdadeira preocupação era o povo dos Faes Seelie. Eles não precisavam passar por outra guerra. Já haviam se passado cinco anos e essa tática não funcionou.

Eamonn havia entendido seu ponto de vista. Ele concordou com isso, agiu como se estivesse aliviado. Ele era tão bom em enganá-la?

O sol arqueou acima e mergulhou para beijar o horizonte. Ainda assim, ela não parou. Uma carranca franzia as sobrancelhas, seus bíceps tremendo de estresse. Sua língua inchou, a boca secou, o corpo ansiava por água.

Sua mente ainda não tinha terminado. Ela não concluiu o processamento de que ele poderia tê-la traído. Que ele ainda pudesse pensar que ela era uma garotinha humana tola que não conseguia entender a política dos faes.

— Sorchá! — A voz de Cait cortou a névoa de sua mente. —

Você ainda está aqui? É o suficiente!

Ela não podia - não queria - parar até que ele voltasse. Até que ela pudesse olhá-lo nos olhos e acusá-lo de todos os erros que Cait disse que ele tinha cometido.

— O suficiente!

O arco voou de seu alcance, batendo no chão de pedra e espalhando o feno. Respirando com dificuldade, Sorchá se virou para encarar Cait.

— Ainda não terminei.

— Sim, você terminou.

— Você não tem o direito de me dar ordens. — Sorchá girou e estendeu a mão para o arco.

— Pare! Você está sangrando, não consegue ver isso? Você praticou o suficiente hoje.

Ela podia ver suas mãos agora. Dedos em carne viva e com bolhas, sangue escorrendo de debaixo das unhas e caindo em gotículas de gordura no topo do arco descartado. Quando ela começou a sangrar?

A dor percorreu sua pele. A dor aguda imediatamente endureceu seus dedos, travando-os no lugar.

Gritando, ela caiu de joelhos e estendeu as mãos. Tola, ela se repreendeu. Agora, todo o seu treinamento iria para o lixo.

Cait estendeu a mão, no nível dos olhos agora que Sorchá estava sentada no chão. A anã agarrou suas mãos e estremeceu. — Eu deveria saber que isso iria te chatear. Peço desculpas, Sorchá. Não era a hora nem o lugar para expressar minhas preocupações.

— Era verdade? — Ela olhou para a anã com esperança nos olhos. — Por favor, me diga que foi apenas um boato.

— Você terá que perguntar ao rei a verdade.

— Então você não sabe?

— Eu sei para onde os homens foram e por que eles empacotaram suas armaduras. Sei que todos esperavam encontrar um exército élfico na estrada porque o caminho escolhido é uma rota comercial conhecida. Posso dizer que o Grande Rei escolheu isso com pleno conhecimento? Não. Não consigo ler sua mente.

Os ombros de Sorchá caíram para frente em derrota. — Ele sabia.

— Como você pode saber? Você consegue ler mentes de faes, druida?

— Ele não iria, caso contrário. Eamonn é meticuloso em sua tomada de decisão. Ele sabia.

— Sinto muito, — Cait disse. Ela deu um tapinha no braço de Sorchá com um tapa firme. — Eu sei que não é a coisa mais fácil de ouvir, especialmente quando você pensava que o conhecia.

Quando você pensava que o conhecia.

Ela conhecia? Sorchá não tinha mais certeza. Eles passaram muitas horas juntos, mas todas eram superficiais na melhor das hipóteses.

Seria mesmo possível para uma humana, tão limitada em anos e conhecimento, compreender a amplitude total de uma vida de fae?

— Queixo para cima. Você terá seu momento para pedir esclarecimentos em breve.

— O que? — Sorchá olhou por cima do ombro da anã, na direção dos portões do castelo. — Eles estão voltando?

— Nós pudemos ver a trilha de anões uma hora atrás. Chamei você, mas você não estava respondendo. Achei que era melhor deixar você ir em vez de interromper.

— Não consigo vê-lo assim.

— Ainda bem que os anões estão sempre preparados.

Cait puxou um pequeno frasco de seu bolso. Ela espalhou a pomada nas mãos de Sorch, que milagrosamente curou diante de seus olhos. Os cortes selaram, o sangue secou e os hematomas amarelaram.

Levando as mãos à luz do fim, ela balançou a cabeça maravilhada. — Notável.

— Útil, não é?

— Por que nem todo mundo usa?

— Porque é magia dos anões e nem todos têm acesso a ela. —

Cait cutucou o ombro de Sorch. — Vá em frente. Vá cumprimentar seu homem.

— Não sei se quero.

— Ele saberá que algo está errado se você não o fizer.

— Então eu ficarei aqui.

Cait se moveu de um pé para outro. — Os outros saberão que há algo errado também.

— E? — Sorch baixou os olhos. — Eles não se importam comigo.

— Você está crescendo em nós. A consorte de um rei desempenha um papel importante no bem-estar dos Faes. Se você está chateada, provavelmente ficaremos chateados.

Ela queria dizer então que assim seja. Eamonn poderia lidar sozinho com um grupo de anões perturbado. Mas a outra metade dela disse que era seu dever confortar os outros.

Sorch nunca espalhou o medo antes, nem o perpetuou. Ela não iria começar agora.

Endireitando os ombros, ela se levantou com um gemido. — Essa pomada não seria boa para os músculos, seria?

— Você está sozinha com isso. Boa sorte.

Ela precisaria disso. Sorchá seguiu pelo campo de treinamento, mal notando seus pés tocando as pedras. Seu coração disparou, suas palmas ficaram suadas com o simples pensamento de confrontá-lo.

Ela gritaria? Ela certamente queria. Palavras se acumularam no fundo de sua garganta, empurrando contra sua língua, desejando espalhar uma raiva ácida. Sua palma já ardia em antecipação de um tapa retumbante.

Ela subiu os degraus até as ameias. O vento soltou seu cabelo da amarração até que se enredou em seus braços e ombros.

Lá estavam eles. A longa cauda de anões, não juntos como deveriam estar, mas se espalhando livremente pela montanha. Eles ainda não haviam alcançado a ponte, seu ritmo era lento e fraco.

Bandeiras brancas de bandagens improvisadas se espalhavam entre a multidão. Alguns usavam o tecido em volta da cabeça, outros na cintura e nas mãos. A raiva foi drenada de seu corpo quando ela viu algumas ninhadas, corpos caídos moles sobre as estruturas frágeis.

Eles lutaram e perderam.

Seu olhar se fixou na figura mais alta. Eamonn abria caminho por entre rochas escarpadas e urzes esparsas. Sua capa rasgada revelou novos cristais, feridas e cortes decorando sua pele.

Ele olhou para cima e seus olhares se encontraram.

Muitas emoções chiaram entre eles. Alívio, ele estava vivo, embora tantos estivessem mortos. Ela estava feliz que eles haviam retornado, pois ela havia sentido saudades de todos eles. E decepção, ele mentiu para ela.

Um dos anões na parede cantarolou. Sua voz carregada pelo vento como a batida constante de um tambor. Outros juntaram-se a eles, sua obsessão cantando um hino para seus irmãos e irmãs caídos.

Uma voz assustadoramente bela pairou no ar. Tênuo no início, depois crescendo em força, a voz de Cait carregou as almas dos anões de seus corpos profundamente na terra.

Lágrimas escorreram pelo rosto de Sorchá enquanto ela contava os caídos. Oito. Oito homens que morreram porque Eamonn não cumpriu sua promessa.

Os anões olharam para ela, seus olhares solenes. O que faria a senhora do castelo? Como ela trataria os guerreiros que retornavam?

Era a primeira vez que ela teve que tomar uma decisão digna de uma rainha. Almas druidas pressionadas contra sua espinha, suas mãos a sustentando quando ela poderia ter vacilado. Eles a endireitaram, puxaram seus ombros para trás e ergueram seu queixo.

— Bom, — uma voz sussurrou em seu ouvido. — É assim que uma rainha fica.

Sorchá fechou os olhos com força por um momento. Ela poderia fazer isso. Ela poderia seguir os passos de tantas mulheres antes dela. Mulheres druidas que haviam tomado essa decisão centenas de vezes antes.

A voz de Cait tremeu e ficou em silêncio. O baixo vibrante profundo silenciou até que tudo o que restou foi o vento batendo em seus ouvidos.

Seus olhos encontraram os de Eamonn novamente, implorando seu perdão. Ele queria que ela entendesse sua decisão. Por mais que tentasse, ela não conseguia.

Com o coração partido, Sorchá desviou o rosto dele e dos

guerreiros que sacaram suas lâminas. Ela desceu as escadas, recusando-se a olhar para trás.

— Senhora? — Cait gritou, a primeira vez que ela deu a Sorch a um título de respeito.

— Eles sabem o caminho de casa. — Sua voz era fria e dura como ferro. — Cuide dos mortos, mas deixe que os feridos cuidem de seus ferimentos eles mesmos.

— Você não é nossa curandeira?

— Eu sou. — Ela olhou ao redor para descobrir que os anões a tinham seguido para fora das ameias. Ninguém permaneceu para saudar os soldados que retornavam. — Me ouçam agora! Não vou levantar um dedo para ajudar ninguém que dedicou suas vidas ao derramamento de sangue. Não haverá mais *guerra*.

Cait se empurrou para frente da multidão, seus olhos cheios de lágrimas. — Não podemos ir contra as ordens de nosso rei.

— Todos vocês têm uma decisão difícil diante de vocês. Sigam seu rei supremo e perca sua curandeira. Sigam-me e perca seu rei.

Ela se dirigiu para o castelo, pedras esmagando sob seus pés. Ela não olharia para trás, não veria se ele atravessou a ponte a tempo de vê-la partir.

A escova prendeu em seus cachos, agarrando-se às folhas e emaranhados que sempre estiveram em seus cabelos. Ela trocou as roupas novas e guardou os artigos em uma gaveta que não tinha certeza se abriria novamente.

Ele não a tinha visto neles. Agora, ela não tinha certeza se ele

merecia.

Sua camisola branca era outra relíquia encontrada em um baú de tesouro. Simples, leve e robusta, atendia ao seu desejo de sentir algo de casa. Todos os veludos e sedas faziam sua cabeça girar. Ela queria algo simples, e a única coisa que conseguiu encontrar foi uma camisola.

Ela puxou com força a escova, suportando estoicamente a picada de raiva em seu couro cabeludo.

A noite havia caído há muito tempo. O resto dos residentes do castelo se acomodaram na cama, seus roncos e sonhos silenciosos irritando Sorchia ainda mais. Ele não tinha subido ao quarto deles ainda.

Ele tinha o direito de estar nervoso. Ela ainda não tinha certeza do que diria, ou como diria. A raiva fervilhava sob sua pele como as pontas ásperas de garras.

Ele provavelmente estava bebendo. Ela tinha ouvido falar que os soldados faziam isso depois de voltar da guerra. O álcool limparia suas memórias de sangue e morte, e então eles voltariam para suas esposas.

— Eu não, — ela disse veementemente a seu reflexo no espelho.
— Não serei aquela esposa que prestará serviço a um homem que toma decisões tolas. Ele não tem direito!

Ele deveria ter *ouvido* ela! Ele achava que ela era incapaz de formar um plano que aderisse à política das faes? Ou ele a achava incapaz de qualquer coisa no reino de Fae?

A porta se abriu apenas o suficiente para as sombras entrarem. Ele parou, congelado assim que a luz da vela dela atingiu o corredor.

— Eamonn. — Não foi uma pergunta. Ela sabia quem

permanecia em sua porta.

— Você ainda está acordada.

— Eu estava esperando por você.

Ele suspirou e abriu a porta o resto do caminho. Ela queria repreendê-lo, gritar e berrar e jogar a escova em sua cabeça.

Mais hematomas se espalhavam por suas bochechas, um cristal áspero cortando seu pescoço. Ele se espalhava pelo antigo ferimento, e ela sabia que alguém havia tentado tirar vantagem da fraqueza. Eles não saberiam que era sua força.

Ela suspirou e largou a escova.

— Você vai gritar, — disse ele. Seus ombros se endireitaram como se estivesse se preparando para o pior. — Eu mereço. Foi uma ideia horrível e eu não dei ouvidos a você.

— Sim, foi.

— Perdemos bons homens lá, porque pensei que estávamos preparados. Eu estava errado.

— Sim, você estava.

— Nosso povo viu você se afastar de mim. O exército já está prestes a desertar, e ver sua reação certamente não ajudou. Não estou dizendo que não foi a coisa certa a fazer. Provavelmente foi.

Ela olhou para ele, silenciosa em seu respeito.

— Por que você não está gritando ainda? Posso ver que você tem muito a dizer.

— Não preciso gritar com você, Eamonn. Você já está fazendo isso por mim.

Suas palavras quebraram algo dentro dele. Uma respiração baixa sibilou por entre seus dentes e ele correu em sua direção, caindo de joelhos a seus pés. A tensão foi drenada de seu corpo, os ombros

caindo para frente em derrota.

Ele colocou a cabeça em seu colo, envolvendo os braços em volta da cintura dela com um gemido baixo. — Grite comigo, mo chroí. Fique com raiva, quebre cerâmicas e estátuas. Faça outra coisa além disso, eu imploro.

— Qual o bem que isto faria? — Ela disse, acariciando sua cabeça. — Você sabe o que fez e como foi errado.

— Eu estou perdido. — Ele puxou o comprimento de sua camisola até a coxa, a respiração farfalhando sobre sua pele enquanto pressionava os lábios de cristal contra ela. — Tudo que eu pensei que sabia está errado. Este é um mundo de que me lembro, essas pessoas rostos familiares, mas não consigo encontrar o homem que fui.

— Você não precisa encontrá-lo. O príncipe guerreiro não é mais quem você é, nem o que esta terra e seu povo precisam.

— De quem eles precisam?

Ele olhou para cima e seus olhares se encontraram. Ela queria dizer que o mundo precisava dele. Eles precisavam da alma gentil que existia dentro que queria ajudar seu povo. Mas quanto mais tempo ela ficava aqui, mais ela percebia que a cultura dos faes estava além dela.

— Não sei, — disse ela. — Eu posso ter dito uma vez que eles precisam de um rei gentil.

— E agora?

— Procuram alguém que os conduza, mas também alguém que os compreenda. — Ela pensou nos anões e em seus modos inabaláveis. Eles não queriam lutar, a não ser uma luta ocasional, mas aqui estavam eles. — Eles confiam em você, à sua maneira. Mas eles temem que você siga os passos de seu irmão.

— Sangue chama sangue.

— Não. — Sorcha cravou os dedos nos cristais de sua bochecha.
— Você não vai se tornar Fionn.

— Como você pode ter tanta certeza? Eu posso sentir isso, as velhas maneiras afundando debaixo da minha pele.

— Os métodos antigos não são os melhores. Você foi o primeiro a acreditar nisso, Eamonn. — Ela acariciou seus lábios com o polegar.

— Chega disso. Não há mais luta, sangue e morte. Seu povo merece descansar.

— Eu não posso parar. — O tormento em seus olhos quase despedaçou seu coração. — Ele virá aqui a seguir e não vai parar. Fionn não se importa com nosso povo ou com quantas pessoas devem ser sacrificadas para fazer seu ponto.

— Como é?

— Não sou digno de ser rei.

— Nenhum homem é, — disse ela com um sorriso suave. — Você só pode tentar o seu melhor para ser um bom rei. Você nunca vai conquistar o coração de cada um de seu povo. Mas você pode prover para eles, garantir que suas vidas sejam ricas e suas barrigas cheias.

— Como você sabe disso?

— Eu era uma daquelas pessoas que gostaria que meu rei soubesse apenas que estávamos com fome. — Ela se levantou, puxando-o com ela até que ele se ergueu até sua altura. — Você tomou banho?

— Não.

— Alguém cuidou de suas feridas?

— Não há necessidade. Minhas feridas não sangram.

Sorcha estremeceu. Ela queria lembrá-lo de que nem todas as feridas eram externas, que às vezes uma pessoa podia se curar com o

toque físico. Seu olhar pegou o dela, mantendo-a presa dentro de cristais azuis tão afiados como uma espada e tão profundos quanto o oceano.

Ele sabia, ela percebeu. Ele sabia o que ela queria dizer a ele e mesmo assim não queria que ela dissesse.

— Venha comigo. — Ela estendeu a mão para ele pegar.

— Sorchá...

— Pegue minha mão, Eamonn. Deixe-me cuidar de suas feridas.

— Eu não mereço o seu perdão.

— Ainda não conheci ninguém que não merecesse. — Ela deixou sua mão pairar no ar, esperando por ele.

Ele lutou consigo mesmo. Ela viu uma batalha travar-se por trás de seus olhos até que ele finalmente suspirou e pegou a mão dela.

— Eu não mereço você.

— Não, não precisa. Agora entre no banho e deixe-me mostrar o que os anões criaram.

O quarto atrás da cama era uma obra de arte moderna. Os anões trouxeram à vida um velho banheiro, batendo nas fontes geotérmicas sob o castelo. Um leve giro de uma maçaneta, e água quente correu para a grande banheira de ferro que eles carregaram escada acima.

Sorchá já a havia usado mais vezes do que deveria. Suas práticas com Cait fizeram seus músculos doerem e seu corpo tremer. A água morna acalmou essas dores, como ela esperava que acalmassem para Eamonn.

Ele parou no centro do banheiro e ela passou as mãos em seus ombros. Ficando na ponta dos pés, ela agarrou o fecho de sua capa e a deixou cair no chão. O som suave ecoou no cômodo apertado.

— Você não tem que fazer isso. — Ele disse, procurando em seu

olhar por uma resposta que ela não tinha.

— Eu quero.

Por mais zangada que estivesse, Sorchá precisava sentir as costelas dele se expandirem sob a ponta dos dedos. A vida corria em suas veias, forte e violenta como um rio agitado. Ele foi ferido, mas sobreviveu.

Era tudo o que importava.

Um suspiro deslizou por seus lábios enquanto ela enfiava os dedos por baixo da túnica e levantava o tecido. Ele se abaixou para ajudá-la a colocá-lo sobre sua cabeça, apoiando-se em um joelho.

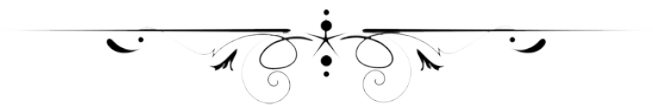
Novamente, ela enrolou os dedos sobre o cabelo dele. Nós se enredaram e puxaram, mas ela pacientemente soltou cada um deles.

— Fique de pé, guerreiro.

Ele olhou para ela como se ela fosse seu mundo. Eamonn levantou-se, o peito poderoso, largo e cheio de cicatrizes.

Sorchá enganchou os dedos na calça, puxando até que ele estivesse completamente nu. Ela deu um beijo na cicatriz mais recente. Era uma coisa raivosa, irregular e em carne viva com o cristal tão afiado que pressionou contra seus lábios.

— Deixe-me cuidar de você esta noite, Eamonn. Amanhã, vamos travar uma batalha nossa.



Sorchá não conseguia dormir. Sua mente girava com possibilidades e gritos de homens moribundos.

A guerra ganhou vida atrás de seus olhos. Memórias que não

eram dela, mas de mulheres druidas. O sangue cobria seus cabelos, corpos pintados de azul enquanto gritavam de raiva. Ela não conseguia entender o poder de sua raiva. Borbulhava em sua alma até que se tornassem uma besta, não mais humanas.

Eamonn mudou de posição atrás dela. Seu braço deslizou de sua cintura e ele rolou para o lado. Distância. Isso continuava crescendo entre eles, mais e mais até que ela se perguntou se eles dormiam na mesma cama.

Ela passou os pés pela beira da cama e escorregou para fora das peles. Olhando por cima do ombro, ela esperou até que ele se acomodasse novamente.

Ele sabia o quão bonito ele era? Eamonn era uma visão de poder. Cristais brilhavam ao luar, decorando sua pele como milhares de estrelas.

Doeu olhar para ele quando ela estava com tanta raiva.

Ela não podia gritar com ele por tomar uma decisão que parecia certa. Ele havia feito sua escolha e eles fundamentalmente não concordavam sobre como lidar com a guerra. Ela só queria que ele ouvisse com mais atenção.

O chão estava frio contra os dedos dos pés, amargo e gelado. Sua camisola branca de repente parecia frágil contra o ar frio da noite que balançava sob a porta e afundava as garras em sua pele.

Ela puxou a pele de uma cadeira próxima e saiu para a varanda.

A lua cheia sorriu para ela. A luz prateada deu à névoa uma qualidade mágica enquanto rodopiava pelo pátio abaixo. Os anões haviam construído um padrão nas pedras que substituíram. Um triskele, ela percebeu com um sorriso. Eles honraram os velhos hábitos.

— Você não deveria estar na cama? — A voz quente era reconhecível, e ela não ouvia há muito tempo.

— Bran, — ela respondeu, o calor imbuindo sua voz de felicidade. — Faz muito tempo.

— Sim, suponho que sim.

— Onde você esteve?

— Minha vida não é só intrometer-se nos assuntos Seelie.

Ela sorriu e se virou para o homem corvo. — Recentemente?

Ele parecia exatamente como ela se lembrava dele. As estranhas penas escuras que alisavam ao longo de sua bochecha e testa. Um olho de corvo enchia uma das órbitas, grande demais em comparação com a outra e inquieto em seus movimentos. Um lado de sua cabeça ainda estava raspado, embora um novo tumor preenchesse a pele pálida de seu crânio.

— Você parece bem. — Disse ela.

— Assim como você. Algo mudou dentro de você.

— Eu descobri que sou uma druida.

— Não é isso não. — Ele se inclinou para frente e levantou uma mecha de seu cabelo. — Você parece mais confiante.

— Eu estou.

— Você está se comportando muito mais regamente do que antes.

— Eu aprendi a fazer isso.

— Mas você ainda está vestida como uma camponesa. — Ele deixou cair a mão. — Eamonn ainda não bateu no irmão, presumo?

— Você realmente acha que eu não me vestiria assim se fosse a rainha?

Bran balançou a cabeça, um olhar severo estragando suas belas

feições. — Não, você está conectada demais à terra para ser influenciada por joias e seda.

— Eu não seria capaz de mantê-la limpa.

— E como você lutaria?

Ela franziu a testa e recostou-se no corrimão. — Você tem me observado.

— Eu não tenho.

— Você não pode mentir, então o que está omitindo? Você nunca saberia que eu estava treinando para lutar.

— Um corvo tem muitos caminhos para voar. Se eu vi você treinando com aquela anã diabólica, foi apenas por engano. Um viajante vê muito, mas não observa os outros especificamente para obter conhecimento.

— Você tem praticado isso há séculos, não é?

Ele deu uma risadinha. — Eu tenho.

Sorcha gesticulou em direção à escada que conduzia da varanda. Elas terminavam em outra protuberância, esta muito mais precária que a primeira. Os anões ainda tinham que adicionar grades ou segurança a ela. Ainda assim, ela tinha certeza de que suportaria seu peso combinado.

Como o cavalheiro que fingia ser, Bran gesticulou para que ela fosse primeiro. Pedra pulverizada revestia seus dedos enquanto ela os deslizava pelo corrimão. Sentando-se bem na beira da rocha, ela deixou as pernas balançarem bem acima do solo.

Bran se sentou ao lado dela. — Sua mente está preocupada.

— É por isso que você assumiu a forma humana? Bran, estou tocada.

— O que aconteceu? — Ele cutucou seu ombro com o dele. —

Apesar de não gostar de regras, nem seguir nenhuma lei, ainda prefiro saber o que os outros estão fazendo. E descobri que estou começando a gostar de você.

Ela corou. — Eamonn ainda está lutando contra Fionn pelo controle do trono Seelie.

— E isso é uma coisa ruim?

— Seu povo já está farto de mortes. Eles merecem pelo menos algum tipo de pausa.

— Não foi uma guerra tão longa.

— Já se passaram cinco anos! — Sorchá exclamou. — Quanto tempo mais deveria durar?

— As guerras dos faes duram séculos. Nós lutamos, isso faz parte de viver no Outro Mundo.

— Você nunca se cansa disso? — Sorchá podia ouvir o cansaço em sua própria voz.

E ela estava cansada. Ela não queria ver a expressão horrorizada nos rostos dos anões. Oona envelheceu muito. Cian recorria à bondade apenas para fazer as pessoas se sentirem melhor. Não era natural que qualquer uma dessas criaturas passasse por tanto estresse.

Bran a observou, seus olhos negros girando. — Você quer cuidar deles.

— Todos não?

— Não. Os faes cuidam de si mesmos e, se não puderem, então não estão treinando a próxima geração para ser resistente.

— E se você não precisasse mais ser resistente? — Sorchá se virou para ele e agarrou suas mãos. — E se você vivesse em uma terra onde a guerra nada mais fosse do que memória? Onde comida e água são abundantes e as pessoas trabalham para seu próprio sustento. Não

há mais escravos. Chega de Faes menores.

— Seria uma utopia.

— Seria. Seria um lugar lindo para morar, e que fosse inclusivo e gentil com todos os que morassem lá.

Ele bateu em seu nariz com um dedo em forma de garra. — Esse não é o jeito Fae.

— Por que não pode mudar?

— Mudamos muito nos muitos séculos desde que nosso povo começou. Mas não somos humanos, Sorchia. Você continua a nos dar traços humanos e se esquece de que os faes são mais bestas do que homens. Queremos lutar. Queremos discutir e interferir. Essas são partes de nós que você deve aceitar se quiser permanecer aqui.

— Por que você é tão inteligente? — ela perguntou. — Cada vez que faço uma pergunta, você não apenas tem uma resposta, mas também encontra uma maneira de me fazer parecer uma tola.

— Você não é uma tola. Você é uma mulher extremamente bondosa que deseja salvar o mundo. É admirável.

— Ele os está forçando a lutar. — Ela olhou para o chão. Estava tão longe e obscurecido pelas sombras da noite que ela quase podia imaginar que não estava lá.

— Forçando?

— Eu não sei como. Cait, a anã que você chamou de diabólica, me disse que os anões não desejam mais a guerra. Eles não fizeram a escolha para a batalha e estão cansados. Não sei como ele os está convencendo a continuar se isso for verdade, mas... — Ela deu de ombros. — Como poderia não ser verdade? Os faes não podem mentir.

Bran apoiou-se em uma das mãos e acariciou o queixo. — Você

acha que Eamonn os está coagindo ou forçando?

— Espero que não.

— E, no entanto, você ainda está falando sobre isso.

— Algo não está certo.

— Você acha que tudo ficará melhor se esses anões não lutarem mais? Você acha que sem um exército, Eamonn terá uma chance contra Fionn?

— Eu não sei. — Ela olhou para ele, seus ombros caídos em derrota. — Você?

— Fionn é imprevisível. Ele vê o mundo em preto e branco, certo e errado, a definição clássica de Faes Seelie. É por isso que ele é um rei relativamente bom.

— Bom? — O queixo de Sorchá caiu. — Como escravizar seu próprio povo e perpetuar a estrutura de classes faz alguém ser considerado um bom rei?

— Sempre funcionou para os Seelie antes.

— Você não pode honestamente acreditar nisso.

Bran ergueu as mãos. — Eu não acredito em nada. Acho que a corte Seelie em geral é uma perda de tempo para respirar. Até o seu amante, que considero um amigo, melhoraria o mundo por não estar aqui.

— Onde você quer chegar, Bran?

— Eamonn e Fionn são dois homens muito diferentes. Um favorece os velhos hábitos, o que certamente coloca um grupo de faes em desvantagem. Mas, os outros trazem uma grande mudança. Isso pode ser tão perigoso quanto não mudar nada.

— Você está falando em enigmas.

— É nisso que as faes são bons.

Ela revirou os olhos e olhou para o céu em busca de orientação. Ele estava certo, de certa forma. Isso poderia dar errado de muitas maneiras. Mas ela poderia ficar parada e assistir outros morrerem?

Não. Ela não podia. Era contra cada fibra de seu ser permitir que uma guerra tão sem sentido como esta fosse mais longe.

— Eu sei que Eamonn será um bom rei.

— Por que?

— Porque estarei ao seu lado.

As palavras vibraram através dela com força suficiente para enfraquecer seus joelhos, se ela estivesse de pé. Sorchá prendeu a respiração. Ela quis dizer isso. Ele seria um rei melhor porque ela nunca o deixaria ser outra coisa.

— Bom, — disse Bran. — Isso é exatamente o que eu queria ouvir.

— O que?

— Estas terras estão sem uma Rainha por muito tempo. Os faes são criaturas voláteis. Temos muitas emoções, mas raramente as mostramos até que sejam avassaladoras. É por isso que amamos com todo nosso ser e lutamos em guerras até que todos morram.

— Um rei incentiva os faes a serem quem são. Ele ensina os filhos a se protegerem, diz aos mais velhos para transmitirem as tradições. Seu papel é importante, pois ele é juiz, júri e justiça.

— A Rainha é diferente. Ela é a alma gentil que passa pelas terras, curando ferimentos e dando vida aos úteros. Ela é a suavidade em um mundo duro como aço. Sem essa mãe gentil, nosso povo rapidamente cai no caos.

Sorchá exalou. — Não há nada que eu possa fazer para ajudar. Não vou mentir com Fionn, e Eamonn ainda não teve sucesso em

retomar o trono.

— Acho que você está fazendo todas as coisas certas.

— E Eamonn?

Bran riu e se levantou. — Ele está fazendo o melhor que pode. Já faz muito tempo desde que ele esteve em casa. Há um período de ajuste.

— Existe alguma maneira de ajudá-lo? — Sorchu ergueu os olhos para o homem moreno parado diante dela. — Existe alguma maneira de eu ajudar seu povo?

Bran hesitou por um breve segundo, e naquele momento ela soube. Havia algo que ele não estava contando a ela. Algo que pudesse deter toda essa loucura.

— O que você sabe? — ela perguntou. — O que você descobriu?

— Você acredita que Eamonn será um bom rei?

— Sem dúvida.

— E você acredita que Fionn não virá e o encontrará com um exército?

— Existem mais segredos nestas paredes do castelo do que você imagina. Um exército teria dificuldade em nos encontrar.

Bran lambeu os lábios, os dedos se contraindo enquanto ela se movia de um lado para o outro. — Eu não deveria te contar.

— Achei que você gostasse de manipular a história. — Ela brincou com seu desejo natural de se intrometer. Era um truque cruel, mas um que ela achou necessário.

Ele soltou um suspiro. — É a espada.

— Qual espada?

— A Espada de Luz, parteira, o que mais poderia ser?

— Espada de Nuada Mão de Prata? — Ela ficou boquiaberta com

ele. — O que a espada tem a ver com isso?

— É como ele está controlando o exército. Essa espada controla tudo para o que aponta. Eamonn está ordenando ao exército que lute por ele e, se tiver a chance, provavelmente ordenará que o exército de Fionn se ajoelhe.

— Então por que ele não parou todos em seu caminho? Ele poderia ter evitado tudo isso se simplesmente ordenasse aos homens que voltassem para casa.

Bran encolheu os ombros. — Esse não é o jeito Seelie. A honra exige que ele os derrote sem a ajuda de magia. É provável que Eamonn esteja ordenando aos anões que lutem, mas dando a ambos os exércitos uma luta justa.

A mente de Sorchu disparou. Suas mãos tremeram ao perceber o que Eamonn havia feito. — Cait estava certa, — ela sussurrou. — Eles realmente não desejam lutar.

Se ele estava forçando os anões a se tornarem seu exército, então do que mais ele era capaz? Não era de se admirar que ele carregasse tanta culpa em seus ombros. Ele fez o impensável e tirou a escolha de seu próprio povo.

— Como faço para parar isso? — Ela perguntou.

— Destrua a espada.

— Suponho que você quisesse fazer parecer fácil. Destruir a espada de Nuada? Como faço isso?

— Tenho certeza que seus amiguinhos vão ajudar, — disse Bran. Ele piscou para ela com um sorriso maroto. — Os druidas sempre souberam como destruir objetos de faes.

— Bran.

— Eu não vou mais te dizer. Você disse para se intrometer na

história, e agora eu o fiz. Você é uma mulher inteligente. Tenho total confiança de que você vai descobrir isso.

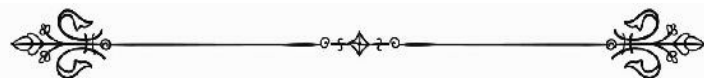
Uma rajada de vento girou em torno de seu corpo. As roupas caíram no chão e se desfizeram. Penas brotaram de sua pele enquanto sua forma se reduzia à de um corvo com um olho humano. Bran inclinou a cabeça para o lado, grasnou para ela, então abriu as asas e voou para longe.

— Destruir a espada de Nuada, — ela resmungou. — Essa é a única maneira de parar isso?

O ar quente a rodeou. Centenas de mãos pressionadas contra seus ombros e pernas, não mais estranhas ou desconfortáveis. Eles eram sua família, seu passado e seu futuro. Os druidas ajudariam se pudessem. Eles queriam que a guerra acabasse tanto quanto os faes.

Sorcha gostaria de saber por quê.

CAPÍTULO 8



A Sabedoria de Ethniu

Sorcha sentou na mesa principal com Eamonn e maravilhou-se com as mudanças que os anões haviam feito em tão pouco tempo. O salão de banquetes era muito mais do que a ruína de antes. Eles até

consertaram os vitrais, embora ela não soubesse como.

Candelabros simples pendurados no teto. Velas grudadas em seus anéis de metal, derretiam e brilhavam alegremente. Elas iluminavam todo o espaço com facilidade. Arandelas de parede brilhavam nas bordas de sua visão, iluminando até as sombras mais escuras.

As mesas estavam mais resistentes agora que os anões as construíram para durar. Havia algumas extras, embora muitos dos anões não comessem mais no corredor.

Centenas de anões chegaram em enxames. Eles se recusaram a jurar fidelidade a Fionn e, como tal, deixaram suas moradas nas montanhas para buscar abrigo contra o inverno que se aproximava. Cada família escolheu onde gostaria de morar, e o resto reuniu por comércio.

Estava quieto e pacífico entre os anões.

Sorcha desejou que estivesse em sua vida também.

Ela agarrou a colher em sua mão com tanta força que ela temeu que o metal pudesse entortar. Ele não disse uma palavra a ela desde a noite em que voltou da batalha.

Eamonn sumiu. Ele lutava, treinava com os anões, jantava e depois desaparecia durante a noite. Ela não sabia para onde ele ia.

— Eamonn. — Ela começou.

Ele ergueu a mão para silenciá-la. — Tudo está bem.

— Não nos falamos há algum tempo.

— Tenho me dedicado a consertar o castelo. Há muito trabalho para supervisionar.

— E à noite?

— Há segredos dentro dessas paredes que eu preciso descobrir.

Não vou descansar até ter certeza de que este castelo é seguro para todos os que vivem nele.

— Os ancestrais me garantiram que todos estão seguros. — Eles sussurravam segredos em seus ouvidos quando ela não conseguia dormir. Histórias dos velhos tempos, receitas de feitiços e magia. Qualquer coisa que mantivesse sua mente ocupada enquanto esperava por ele. — Você não precisa se preocupar.

— Eu não conheço seus ancestrais, nem conheço o mundo de onde eles vieram. O que não é perigoso para os druidas pode ser mortal para os Faes.

— Eles me diriam se fosse.

— Eles iriam? — Ele olhou para ela. — Os druidas nunca gostaram da minha espécie.

— Eu gosto.

Ela o observou lutar para encontrar as palavras para responder a ela. Ele sabia que ela não estava mentindo. Ela havia se provado uma e outra vez para todas as pessoas deste castelo. Sorchia era uma mulher confiável que queria ajudá-los.

Ele sabia disso. Ele também entendia, mas ainda tinha preconceitos contra os fantasmas de seu passado.

Era uma pena que ele não pudesse confiar nela.

Suspirando, ela mexeu a sopa e balançou a cabeça lentamente. — Então, é assim que funciona.

— Sorchia, não estou zangado com você.

— Não, suponho que não. Mas você ainda está distante. Você tem estado desde que voltei aqui.

— Não sei como mudar isso.

— Passe um tempo comigo.

Eamonn jogou os talheres na mesa com um barulho alto. — Tenho tantas coisas para fazer que mal tenho tempo para dormir. E você quer que eu encontre mais tempo para ficar com você? Eu sou apenas um homem, Sorch. E há muito tempo durante o dia.

— Então me inclua. Dê-me algo para fazer, para que eu possa relatar meus sucessos. Então, pelo menos, estaremos trabalhando juntos!

— Eu...

As portas do salão de banquetes se abriram, interrompendo as palavras exasperadas de Eamonn. Cian abriu caminho, bombeando os braços enquanto ele corria em direção à mesa principal. — Meu Senhor! Visitantes!

— Quem? — Eamonn se levantou.

Seus ombros se endireitaram e suas pernas ficaram bem abertas. Ele cruzou os braços sobre o peito grosso, os músculos protuberantes enquanto os pressionava para frente. Sorch estremeceu quando ele mudou de seu amante para o rei supremo que se alimentava da energia da guerra.

— Eu não sei. — Cian engoliu em seco. — Eles não são familiares para mim.

— Deixe-os passar.

— E se eles querem fazer mal?

— Então deixe-os vir.

Ela observou Eamonn colocar a mão contra a Espada de Luz. Raramente deixava sua pessoa, embora ela tivesse notado que desaparecia enquanto ele ajudava os anões em seus reparos. Ela simplesmente não sabia onde ele a deixava.

Sorch estendeu a mão e pegou o punho apoiado no punho da

lâmina. — Sem violência.

— Se eles vierem aqui com a intenção de fazer mal, não vou parar.

— Você irá. Essas pessoas podem estar procurando abrigo e não te conhecem. Sua reputação como o homem que mata o precede. Não dê a eles razão para espalhar esse boato mais adiante.

— Eles deveriam ter medo de mim.

— Só na batalha. Quando você está em sua casa, a paz deve reinar.

Ela esperou até que os dedos dele relaxassem e soltasse sua mão.

Uma pequena tropa de faes entrou no salão. Suas testas eram excessivamente altas, olhos tão grandes que refletiam a luz, seus corpos magros e ágeis. Cabelos parecidos com um galho alisado para trás e pendurado em dreadlocks nas costas. O musgo crescia em seus ombros e braços enquanto as folhas cobriam seus corpos onde as roupas deveriam estar. Flores desabrochavam em alguns deles. As mulheres, Sorchá presumiu.

— Faes de turfa, — ela disse com admiração. — Eu não sabia que elas ainda existiam.

— Eles não existem mais em seu mundo. Os humanos os mataram, junto com os fogos-fátuos. Seus tipos guerreavam há séculos.

— Eles são lindos.

— Eles são perigosos. Muitos de sua espécie se tornaram Unseelie.

— Essa é uma escolha pessoal, você disse. Não é reproduzido em espécies, sejam elas Seelie ou Unseelie. Eles fazem a escolha de manter os caminhos honrados, ou não.

— Isso não significa que sejam confiáveis.

Ela olhou para ele e se levantou. Virando-se para os faes que hesitaram diante de sua mesa, ela se forçou a sorrir. — Olá, e sejam bem-vindos, viajantes.

— Obrigado, senhora, — uma das faes floridas disse. Ela deu um passo à frente, olhos grandes piscando rapidamente. — Viemos em busca de abrigo.

— De quem?

— Aquele do rei. Não desejamos mais que nossas casas sejam pisoteadas pelos Grão-Feéricos e sua laia.

Ela tinha suspeitado que isso aconteceria e ficou satisfeita em ver que ela estava certa. A notícia se espalhou rapidamente de que o rei supremo havia retornado e estava levando seus súditos de volta um por um. Para provar um ponto, ela perguntou: — Como vocês encontraram este lugar?

— As lendas falam de um Rei da Pedra que fornece abrigo para aqueles que o procuram. Viajamos muito para entender a verdade dessa lenda. — Os olhos da mulher baixaram para o chão. — Vejo que os rumores sobre sua natureza feroz não eram exagerados.

Sorcha olhou por cima do ombro para ver a expressão dura de Eamonn. Ele estava tentando assustá-los e conseguindo. Revirando os olhos para que apenas ele pudesse ver, ela se voltou para os faes. — Ele é feroz no campo de batalha e incomparável a qualquer guerreiro. Mas ele também protege os seus.

— Gostaríamos de jurar nossa fidelidade a ele.

Mais uma vez, ela olhou para o homem grande de pé atrás dela. Abaixando a voz, ela perguntou: — É isso que você deseja?

Eamonn respondeu diretamente para a fada da turfa. — Seu

povo lutou com muitos. Não haverá luta entre os meus.

— Não temos nenhum desejo de lutar mais do que já temos.

— Eu vou cobrar isso de você. A primeira pessoa que levantar um dedo com raiva será medida pelo meu julgamento.

Um arrepio percorreu todos os faes. Suas folhas se reviraram, revelando veios prateados sob o verde vibrante. — Nós entendemos e reconhecemos seu aviso.

— Bom. Então vocês podem ficar dentro das muralhas do castelo.

— Com todo o respeito, — disse a fae, — nós preferiríamos ficar nas turfeiras do outro lado da ponte. Ficaremos felizes em soar um alarme se alguém se aproximar.

Ela percebeu que Eamonn estava pensando nisso. — Pode ser útil, — ela murmurou. — Há mérito em saber quando alguém está chegando, em vez de quando eles chegam à ponte.

— Cada fae aqui tem um uso, — ele declarou em voz alta. — Se vocês nos fornecerem uma vigia, teremos o maior prazer em fornecer sua comida. Meu exército de anões também fornecerá segurança a vocês caso surja algum problema.

— Obrigada, rei supremo. — A fae da turfa e seus parentes fizeram arcos baixos. — Você é muito gentil.

— Não se esqueça do meu aviso, pois eu não o serei.

— Agradecemos. — Eles disseram em uníssono novamente.

Eles se viraram para deixar o corredor com as pernas trêmulas. Sorchá olhou para suas costas com uma expressão preocupada.

— O que? — Eamonn resmungou ao se sentar novamente. — Eu conheço essa expressão, você acha que algo está errado.

— Não acho que você deva governar por medo.

— De que outra forma devo governar?

Ela encolheu os ombros. — Eu nunca fui uma rainha, eu não sei.

— Então sente-se, Sorch. Estou fazendo o meu melhor.

— Isso é tudo que se pode pedir. — Suas palavras foram sumindo quando seus olhos encontraram uma cor brilhante e vibrante caída no chão.

Ela deixou a mesa alta sem pensar. Seus pés farfalharam no chão de pedra e o barulho da multidão silenciou enquanto ela caminhava para o centro do salão. Ela sentiu os olhos de uma centena de anões em suas costas como um peso físico.

Ajoelhando-se, Sorch pegou a flor rosa brilhante que cheirava a luz do sol e vinho doce. Suas pétalas enormes caíram sobre seus dedos, moles e esquecidas.

Uma das faes da turfa sentiria falta disso, ela sabia em seu coração que uma flor fazia parte deles tanto quanto suas vinhas. Ela a segurou o mais gentilmente possível e se levantou.

Um som suave a fez erguer os olhos.

A menor fae da turfa estava diante dela, torcendo as mãos e olhando para a flor.

— Isto é seu? — Sorch perguntou.

A pequena fêmea assentiu.

— Você não precisa ter medo, não pretendo mantê-la. — Sorch estendeu para a fae pegar. — É a flor mais linda que já vi.

— Obrigada, druida.

Com a palavra, a visão de Sorch distorceu. Ela podia ver todos os fios que se enredavam fae da turfa. Laços dourados que a prendiam de volta à família e muito além da visão de Sorch. Um fio que Sorch poderia puxar com tanta facilidade, e segredos se derramariam dela

como a água de uma bacia.

Ela não puxou, em vez disso, escolhendo deixar a privacidade dos faes.

— Você está segura aqui — disse Sorchá. — Todos vocês estão seguros.

— Isso é tudo o que sempre desejamos.

— É por isso que todos nós nos esforçamos todos os dias. Se você precisar de alguma coisa, entre em contato comigo.

— Obrigada, senhora.

Ela observou os faes da turfa partir. A pequena afixou a flor de volta em sua pessoa, logo acima de seu coração. A fêmea chefe deu um tapinha na cabeça dela e olhou para Sorchá com um sorriso suave no rosto.

Tudo ficaria bem, Sorchá podia sentir no fundo de seus ossos.

Voltando-se para Eamonn, ela suspirou ao ver a carranca em seu rosto. Haveria muito mais batalhas para lutar com ele. Os faes ainda eram perigosos para ela e seu povo. Mas ele precisava entender que esse era o caminho para o crescimento.

Ele mudaria de ideia, ela decidiu.

Ela voltou para a mesa e se sentou. — Eles serão uma boa adição.

— Você tem tanta certeza?

— Sim.

Ele levou sua taça aos lábios e acenou com a cabeça. — Então eles vão ficar.

— Bem desse jeito?

— Você é aquela com o coração de ouro, mo chroí. Eu confio no seu julgamento ainda mais do que no meu.

Ela relaxou. — Você me deixou preocupada.

— Que eu não os aceitaria? — Eamonn encolheu os ombros. — Quanto mais você fala, mais eu vejo a luz. Você me ensinou muito, Raio de Sol, e eu seria um tolo se não ouvisse.



O barulho de martelos batendo em pedras ecoava por todo o castelo. A cabeça de Sorchá latejava, a dor florescia no centro da testa e se irradiava em círculos pulsantes.

— Tenho de ir, — disse ela a Oona. — Não aguento mais esse barulho incessante.

— Você está doente, querida? — Oona estendeu a mão e pressionou as costas da mão na testa de Sorchá. — Você está um pouco quente.

— Estou bem.

— Você tem dormido bem? Eu sei que tem sido um momento estressante para todos nós.

— Realmente, estou bem. Eu só preciso fugir de todo esse barulho.

Caso contrário, a dor de cabeça atrás de seus olhos poderia explodir. Ela não podia suportar o movimento constante do castelo, os olhos vigilantes dos faes, os anões que faziam piadas constantes. Eles eram maravilhosos em pequenas doses, mas Sorchá desejava um único momento de puro silêncio.

— Há um jardim atrás do castelo que precisa de cuidados, — disse Oona. — Não tenho certeza se alguém olhou para ele. As vinhas criaram uma grande bagunça e o matagal é grande o suficiente para

esconder um humano.

— Obrigada. — A cadeira de Sorcha rangeu, ela se levantou muito rápido.

— Eu entendo o desejo de liberdade, querida. Dê o fora e aproveite o silêncio.

— Você precisa de alguma coisa antes de eu ir?

Oona deu-lhe um sorriso radiante, ergueu dois pedaços grandes de algodão e enfiou-os nas orelhas.

Isso certamente resolveria o problema.

Sorcha sorriu e saiu da cozinha, indo para o único lugar onde poderia encontrar um pouco de paz. Ela sabia que jardim era. Todos eles tinham visto a área ameaçadora e cheia de mato. Era impenetrável, os machados não conseguiam cortar as raízes e ervas daninhas emaranhadas.

Havia um pequeno caminho que conduzia ao centro. Alguns dos anões mais jovens se desafiaram a correr para o centro. Sorcha os tinha visto se acotovelando, mas nenhum tinha realmente tentado a aventura assustadora.

Agora era a vez dela e ela se recusava a hesitar.

A porta do antigo castelo guinchou quando ela a abriu. O cheiro selvagem do ar de outono mordeu seus braços e arrepiou os cabelos. Ela tinha sentido falta disso acima de tudo. Sorcha gostava de estar do lado de fora, longe do ar sufocante e espesso dentro do castelo.

O farfalhar das folhas encheu seus ouvidos de música, enquanto o chilreio dos grilos dominava qualquer golpe de martelo que ela pudesse ter ouvido.

— Graças a Deus. — Disse Sorcha, aliviada pelo toque frio do silêncio.

Finalmente, ela podia se ouvir pensando. Ela apreciava os pequenos momentos em que podia ficar sozinha.

Afastando a hera emaranhada, ela olhou para as sombras. Era um lugar perfeito para o encontro de um amante, ou para um Fomorian se esconder.

Galhos esmagados sob seus pés, quebravam e estalavam enquanto ela pisava em seus membros caídos. A luz desaparecia enquanto os espinhos e vinhas arqueavam no alto. O matagal estava escuro mesmo quando o sol estava no auge.

Uma mão pressionava contra suas costas, fantasmagórica e mais suave do que qualquer outra que ela havia sentido antes. Era um toque reconfortante.

Sorcha não tinha certeza do momento exato em que se acostumara com as almas druidas que se agrupavam ao seu redor a qualquer momento. Elas faziam parte de sua vida diária tanto quanto os anões. Ela estava tão grata por sua presença quanto os faes que labutavam pelo castelo.

No centro do jardim selvagem, um altar natural cresceu. Cristais de ametista roxa e quartzo projetavam-se da terra. Cada pico foi talhado, criando uma mesa vazia de oferendas.

Seu coração bateu dolorosamente. Nenhum altar deve ser deixado sem cuidado. Isso a lembrava muito dos faes que seu próprio povo havia esquecido, e o quanto a terra havia sofrido.

A mão gentil pressionou contra sua coluna novamente e a fumaça girou em torno dela. — Honre os mortos, — uma voz calma sussurrou. — Acorde-os.

Ela não hesitou. Sorcha foi até o altar e caiu de joelhos.

Seus dedos se enrolaram na terra na base. — Eu me alicerço na

terra. — Ela começou.

Ela inclinou a cabeça para trás e respirou o ar fresco e limpo. — Eu encho meus pulmões para limpar minha mente.

Os frágeis espinhos se moveram, deixando uma lança de luz do sol brincar em suas feições. — Eu me conecto com o fogo do sol e o vínculo ao meu.

Uma única gota d'água caiu de uma rosa que floresceu acima de sua cabeça. — Eu curo todas as feridas com a água da vida.

Sua alma se acalmou. Cada palavra juntava uma parte dela que ela não sabia que estava faltando. Sorchia tinha ido ao altar da floresta pelo menos uma vez por semana, mais vezes se estivesse estressada. Essa parte de sua vida havia desaparecido, e agora, voltou.

Os rituais a faziam se sentir inteira.

— Muito bem, filha. — A voz quente de antes era uma que ela não reconhecia. — Veja o que suas ofertas geraram.

Sorchia piscou os olhos abertos e olhou para o altar. Os cristais mudaram de forma. Eles cresceram e se esticaram em direção ao sol, criando uma figura que era mais bonita do que qualquer outra que ela já vira.

A mulher usava uma vestimenta cerimonial de druida. Peles enfeitavam seus ombros, uma túnica tocava o topo de seus joelhos e um toucado feito de chifres de veado ficava no topo de sua cabeça. Mas foi seu rosto que chamou a atenção de Sorchia. Era linda, perfeita em todos os sentidos e formas.

— É uma bela semelhança, — disse a voz. — Embora eu sempre ache que eles são muito gentis.

Sorchia olhou por cima do ombro para a versão da vida real da mulher de cristal.

A beleza, tão avassaladora que era doloroso olhar, tornou a recém-chegada ainda mais sobrenatural.

Cabelo escuro enrolado em ondas até os ombros. Seu rosto estava apontado para o queixo, delicado com uma pele lisa e perfeita. Olhos verdes vibrantes, tão próximos aos de Sorchá, brilharam com um sorriso.

— Ethniu? — Sorchá perguntou.

— Sim, neta. Sou eu.

— Você está viva? Ou você está morta como o avô?

— Eu não estou viva nem morta. Eu existo em um mundo entre a vida e a morte, um lugar onde você nunca poderia me encontrar. — Ela estendeu a mão e passou a mão na cabeça de Sorchá. — Mas eu sou real o suficiente para tocar você.

— Como isso é possível?

— Você se parece muito com sua mãe, — disse Ethniu. — Ela era uma das minhas alunas favoritas. Tão talentosa, brilhante, capaz, o tipo de mulher que podia conquistar o mundo pela tempestade.

— Ela honrou os velhos hábitos.

— E eles a queimaram por causa disso. Os humanos podem ser desnecessariamente cruéis.

— Eles não gostam do que não conseguem entender.

— E davam fins horríveis.

Sua avó vagou até o altar e pressionou as mãos contra a superfície lisa. Os antigos Tuatha dé Danann não hesitavam em se mostrar a ela, agora os fomorianos também falavam com ela.

— Visitamos nossos netos, — disse Ethniu com uma risada. — Até Nuada visitou Eamonn.

— Você leu minha mente?

— Ser antiga tem suas vantagens. As mentes dos druidas são frágeis, fáceis de espiar.

— Você não encontrou nada que te desapontou?

— Como eu poderia? — Ethniu sorriu para ela, brilhantemente branco e ofuscante. — Você é tudo que eu sempre desejei. Os druidas foram feitos para ser como você. Criaturas amáveis que cuidavam dos humanos em nossa ausência.

— Não eram? — Sorchá percebeu a tristeza na voz da avó. — Os velhos druidas?

— Ninguém pode controlar suas criações. Não esperávamos que os druidas fossem tão imprevisíveis, mas eles são duas raças com raiva e orgulho em seu sangue. Os Fomorianos, meu povo, eram bestiais e cruéis. Os Faes Seelie, o povo de Nuada, são irrefletidos e governam com punhos de ferro.

— E a combinação tornava os druidas perigosos. Eles desejavam poder — Sorchá respondeu. Ela tinha ouvido as lendas dos outros faes.

— Eles eram, — Ethniu concordou. — E alguns, como você, eram maravilhosos. Eles fizeram grandes coisas, criaram impérios, curaram pequenas criaturas, e então morreram silenciosamente junto com os pequenos milagres que realizaram.

— Bruxas.

— Druidas. Homens e mulheres conectados à terra como nenhum ser humano jamais esteve. Estou feliz que você tenha se tornado exatamente o que eu pretendia que sua raça fosse. Os druidas foram banidos do Outro Mundo porque queriam governar. Eles sobreviveram neste castelo por algumas centenas de anos, mas eventualmente os faes os dominaram. Banidos para o mundo humano

onde os druidas quase desapareceram. Eles foram queimados nas fogueiras ou incapazes de passar seu conhecimento para crianças capazes de grande magia.

Sua avó estendeu as mãos, as mãos penduradas no espaço entre elas.

Sorcha segurou as mãos de Ethniu. — Eu não sei o que você queria que eu fosse. Eu só posso continuar a viver de acordo com minha própria moral.

— Curando?

— E espalhando amor.

— É por isso que sua mãe era minha favorita. Ela também achava que o mundo poderia mudar apenas com um pouco de energia de cura enviada pela janela todas as noites.

— Eu lembro disso.

As lágrimas brotaram dos olhos de Sorcha quando uma memória há muito esquecida surgiu em sua mente. Sua mãe costumava colocar as mãos para fora da janela como se estivesse colocando as mãos cheias de água. Quando Sorcha perguntava, sua mãe ria e dizia que ela estava deixando a felicidade escorrer por entre os dedos.

Eventualmente, ela jogaria as mãos para o ar enquanto jogava bons sentimentos para o mundo. Sorcha costumava achar isso um ritual bastante estranho, mas divertido.

Agora, ela sabia que era real.

— Por que você está aqui? — Sorcha perguntou. — Não tive sorte com Tuatha dé Danann me dizendo coisas que eles querem que eu faça.

— Ah, mas eu sou Fomorian e não quero nada de você.

— Então por que você está aqui?

— Eu queria conhecer minha neta, cara a cara.

— Assim como Balor fez? — A voz de Sorchia ficou dura como pedra. — Eu não confio nele, e você deve me perdoar por ter dificuldade em confiar em você também.

— Meu pai é um homem difícil de confiar. Ele causou tanta dor de cabeça neste mundo que não sabe mais como se impedir de fazer isso. Você não deve confiar nele, mas faça as perguntas certas.

— Por quê?

— Os fomorianos são um povo orgulhoso. Reunimos conhecimento como os Fae reúnem arte. Às vezes me pergunto por que eles são tão apaixonados por coisas bonitas quando há muito mais por aí. O conhecimento é um poder que pode ser voltado contra qualquer pessoa. A beleza é apenas um talento.

Sorchia arqueou uma sobrancelha. — Um talento? Ou um presente de nascimento?

— Qualquer pessoa pode ser bonita se se amar, mas nem todos podem ser inteligentes. Qual você quer ser?

Sorchia não sabia a resposta para a pergunta. Quando ela era mais jovem, ela teria escolhido a beleza. Fazer os homens caírem de joelhos porque ela era a mulher mais bonita do mundo fazia seus joelhos tremerem.

Mas então o conhecimento de cada criatura e coisa viva forneceria a ela tudo que sua alma precisava. A beleza era passageira, mas a inteligência significava que seu nome permaneceria na boca das pessoas por milhares de anos.

— Conhecimento, — ela respondeu. — Eu escolheria conhecimento.

— Por quê?

— Se eu medisse meu valor em beleza, teria uma vida cheia de riquezas e felicidade. Se sou valorizada pelo conhecimento que transmito ao mundo, então vivo para sempre.

O sorriso que floresceu no rosto de Ethniu aqueceu a alma de Sorchá. — Sim, você está certa, minha neta. Estou orgulhosa de que você seja do meu sangue.

— E eu agradeço por isso. Não vim a este bosque para te encontrar, mas estou feliz que este seja o caminho que o meu futuro tomou.

Ela se inclinou para a frente e pressionou a testa contra a de Ethniu. Elas se encostaram uma na outra, os dedos entrelaçados em cima do altar de cristal e os restos de um grande império ao redor delas.

Sorchá respirou a magia que crepitava ao redor de sua avó como um raio. Ethniu era linda de um jeito forte. Perfeita, adorável, mas tão lisa que parecia feito de pedra. Era adequado para uma criatura que vinha de uma linhagem familiar forte.

— Sorchá, — disse Ethniu, — há muito a dizer. Eu daria a você sabedoria se você ouvir.

— Sempre.

— Nuada e eu não tivemos uma vida fácil. Tomamos decisões que irritaram um ao outro e mudaram o curso do Outro Mundo. Há coisas que fiz das quais lamento. Mas nunca me senti culpada por permanecer fiel ao que amo e às pessoas que tenho em meu coração.

Sorchá entendeu o que ela estava tentando dizer. O amor vinha em muitas formas e passava por muito estresse ao longo do tempo. Ela ficou em silêncio enquanto Ethniu continuava.

— Eu sei o que você procura. A Espada de Luz mudou a vida de

muitas pessoas. Embora possa colocar um exército de joelhos, destruir uma raça inteira de pessoas com uma única palavra, também pode fazer muito bem. Meu marido a usou dessa forma, e eu não quero ver você destruí-la.

— Eu tenho que destruí-la. De que outra forma posso evitar que Eamonn se transforme em seu irmão? Ele está machucando seu povo porque é tão cego para sua própria raiva.

— Então esconda. Deixe-a nas águas do oceano, jogue-a da falésia e devolva-a às minhas mãos competentes. Deixe a espada afundar até o fundo do oceano, onde permanecerá até que a próxima geração precise dela. Mas não destrua uma relíquia que é uma das poucas peças restantes ligando nosso povo à raça original.

As palavras cavaram em seu coração e se torceram. Essas pessoas haviam perdido o suficiente ao longo dos séculos. Eles queriam se agarrar a tudo que pudessem desde os velhos tempos, os dias bons, aqueles em que eles governavam sobre tudo.

Agora, seus filhos continuavam a lutar e discutir como abutres catando ossos.

— Não quero que ninguém use — admitiu Sorch. — Na minha geração ou na próxima. Ninguém merece o poder de controlar.

— Como você?

— Não usarei meu poder contra os Fae. Não quero controlá-los e não vejo razão para fazê-lo. Eles são criaturas inteligentes com a capacidade de amar mais do que qualquer outra.

— Você quer apelar aos seus bons sentidos, — disse Ethniu com uma risada. — Você sabe que não vai funcionar.

— Tem que funcionar.

— Fionn não tem nenhum motivo para lhe dar tempo para falar.

Ele vai ouvir seus apelos e então vai derrubá-la.

— Eu não vou deixar.

— Controlando-o? — Ethniu recostou-se e apertou as mãos dela. Olhos vibrantes a encararam com mais conhecimento do que qualquer pessoa deveria ter. — Você já o controlou uma vez, Sorchá. Ele sabe do que você é capaz e é por isso que está tão assustado.

— Se ele realmente soubesse do que eu era capaz, então ele não teria medo. Eu não vou machucar ninguém.

— Jogue a espada dos penhascos do castelo, e vou escondê-la em um lugar onde ela não aparecerá novamente.

— Onde?

— Vou devolver ao meu marido. Os Tuatha dé Danann não desejam mudar o curso desta história. Estamos gostando de assistir você. Druidas são imprevisíveis em suas escolhas, e você muito mais do que o resto.

— Há outros? — Sorchá piscou, seu coração apertando enquanto a esperança erguia seu queixo. — Existem outros druidas que vivem?

— Sim, embora vocês estejam todos espalhados. Não sei se você já conheceu outro, mas sinto como se você pudesse em algum momento da sua vida.

— Você vai me levar até eles?

— Isso iria interferir com a história, e ao contrário de seu amigo Unseelie, eu não gosto de me intrometer.

Ethniu se levantou, as peles de seus ombros tocando as mãos de Sorchá. Elas eram impossivelmente macias, lisas, como as de um coelho em vez de uma ovelha. Mas Sorchá nunca tinha visto um coelho grande o suficiente para criar uma ombreira perfeita.

De onde era essa mulher gigante?

— Obrigada, neta, por poupar uma relíquia dos Tuatha dé Danann. Por isso, cuidarei de você nos próximos dias.

— O que está vindo? — Ela perguntou.

— Guerra. Violência. Morte. Todas as coisas que você temia, elas seguem os passos de seu amante como um cão leal.

— Existe alguma maneira de livrá-lo desse aperto?

— Não que eu saiba, — disse Ethniu. — Mas eu acredito que você pode encontrar uma maneira.

Sorcha fechou os olhos enquanto a tristeza corria por suas veias. Ela queria que isso acabasse. Tudo. Cada pedaço de ódio e raiva que se espalhava pelos Faes como um incêndio em uma floresta seca. Eles mereciam felicidade.

Ela merecia felicidade, e não era justo que eles não pudessem tê-la. Depois de tudo que ela passou, depois de tudo que ela desistiu, ela ainda estava presa aqui esperando o momento em que sua vida iria começar de novo.

— Ethniu, — ela gritou, — eu preciso de sua orientação. Ele é tão parecido com seu avô, senhor da guerra mais do que político, que não sei qual será seu próximo passo.

O silêncio foi sua resposta. Sorcha abriu os olhos e olhou ao redor do bosque que havia ficado silencioso. Ethniu havia desaparecido.

Um grilo dedilhou uma melodia provisória, ficando mais alto quando percebeu que nada falaria novamente. Foi como se o encontro nunca tivesse ocorrido.

O ar frio roçou sua pele, levantando os pelos minúsculos até Sorcha esfregar seus braços. Os Fomorianos eram muito mais perturbadores do que os Tuatha dé Danann.

O que isso significa? Ela estava tão preocupada com seu próprio povo?

— Sim. — Ela deixou a palavra voar no vento, caso Ethniu estivesse ouvindo seus pensamentos. — Eu estou.

Tudo que ela sabia era que agora havia um passo a dar. Do começo ao fim na forma de uma espada e um penhasco.

Ela tinha que encontrar.



— Eu não estou dizendo a você, garota. Vá embora!

— Eu curei você, Cian! Você deve pagar com alguma coisa.

Ele soprou para ela, pedaços de pele ficando vermelhos de raiva.

— Se eu soubesse que o pagamento pela cura trairia meu mestre, então teria ido para outro lugar!

— Você não o está traindo! Pare de ser dramático.

— Eu estou! Você não quer essa espada para qualquer coisa, eu conheço você, garota. — Ele balançou um dedo para ela. — Você está tramando alguma coisa.

— Eu não estou.

— Sim, você está.

— Sinto muito, você de alguma forma aprendeu a ler mentes enquanto estava em sua aventura? Se eu disser que não estou tramando nada, então não estou!

Oona abriu a porta da cozinha com um estrondo. Seus braços estavam cheios de cenouras, tão grandes que se empilhavam quase acima de sua cabeça. — Vocês dois estão discutindo de novo?

— Trocando — corrigiu Sorchia. — Você precisa de ajuda?

— Não, querida, só vou deixar isso antes de voltar. Esses anões cultivam os vegetais mais impressionantes!

Ela despejou sua braçada no canto da cozinha com um grande estrondo. Espanando as mãos nas saias, ela se virou para eles e deu de ombros.

— Eles? — Sorchia perguntou. — Estranho, pensei que os gnomos fossem famosos pela jardinagem.

Cian pulou para cima para bater em seu ombro. — Somos!

— Você nunca fez nada tão impressionante. Eu me pergunto se a diferença de tamanho importa?

— Com licença?

Ela nunca tinha visto o gnomo parecer tão zangado. Seu rosto ficou vermelho como um tomate, e cada rolo balançava enquanto ele se controlava.

Uma gargalhada encheu a cozinha. Oona encostou-se à mesa e enxugou as lágrimas dos olhos. — Você acha que é porque ele é tão pequeno, querida?

— Bem, a diferença de altura certamente me faz considerar que os anões, com alguns centímetros extras, podem ter uma vantagem significativa.

— É uma coisa boa estar mais perto da terra! — Cian gritou. — É onde estão todas as plantas!

— Vou parar de provocar se você me disser onde fica.

— Absolutamente não.

— Oona? Você já ouviu a piada sobre o gnomo e o anão que conheceram a mesma adorável senhora élfica? Ela disse que só dormiria com um, mas que tudo dependeria do tamanho dos faes.

Então, os dois homens se viraram e baixaram as calças...

— O suficiente! — Cian gritou.

Oona parecia prestes a explodir. Risos sacudiram sua forma até que suas asas chacoalharam. — O que é que ele está escondendo de você, querida?

— Eu quero saber onde Eamonn está guardando a Espada de Luz.

— No tesouro, amor. É o lugar mais seguro para isso.

— Oona! — Cian gritou. — A garota está tramando alguma coisa! Não diga a ela onde está!

— Obrigada, Pixie. — Sorchu deu um beijo em sua bochecha ao passar. — Isso é exatamente o que eu queria. Cian, se você me seguir, vou deixá-lo cair em uma lata de lixo que você não será capaz de sair.

— Você não ousaria!

— Me teste. Estou muito feliz em ver o que acontece quando você enfia um gnomo furioso em um barril.

— Tudo bem então! Você pode lidar com Eamonn quando ele te encontrar.

Ela com certeza lidaria. O homem pode ser intimidante, mas ele sabia como ela era quando queria algo. Sorchu não sabia como parar.

Ela saiu da cozinha com um sorriso no rosto. Um passo mais perto de seu próximo objetivo. A vida estava mudando.

No silêncio frio do corredor, ela respirou fundo e alcançou profundamente o poço de poder dentro dela. Ainda parecia não natural. Quase como se houvesse algo mais dentro dela, uma mulher que ela ainda não conhecia, mas podia sentir.

— Ancestrais? — Ela perguntou. — Preciso saber onde está o tesouro.

Eles não responderam imediatamente. Quanto mais tempo ela permanecia no castelo, mais eles achavam por bem deixá-la sozinha. Às vezes, ela passava dias sem sentir as mãos deles nas saias.

Os fantasmas eram gentis, mas estranhos. Eles não reagiam às coisas da maneira que as pessoas normais fazem. Uma chaleira guinchava, e eles voavam para fora da sala em pânico. Espadas batendo umas contra as outras iriam revigorá-los para implorar a Sorchá para treinar. Cavalos arranhando o chão quase tornavam os ancestrais visíveis.

Ela ainda não tinha descoberto a chave do que os assustava e do que gostavam.

Os corredores estavam silenciosos a esta hora do dia. Todos os anões da região dedicaram sua atenção a terminar o castelo o mais rápido possível. Eamonn estava no pátio de treinamento com aqueles que estavam trabalhando e Bran, que apareceu novamente.

Sorchá sorriu. O Unseelie continuava a dizer que ele não gostava muito deles, e que eles davam mais trabalho do que valiam. No entanto, aqui estava ele. Desta vez treinando com os anões e ensinando-lhes todas as maneiras de lutar sujo.

Uma voz sussurrou em seu ouvido: — O Unseelie os joga no chão e ri.

— Ele está ensinando-os a lutar do seu jeito.

— Os Seelie são honrados em suas batalhas. Este recém-chegado não é.

— A guerra é honrosa? — Sorchá entrou em um corredor escuro. Ela escolheu seu caminho sobre as rachaduras e crateras deixadas por uma batalha há muito tempo. — Nunca vi uma batalha em que os soldados parassem para ser educados.

— Existe uma etiqueta para lutar.
— E devo colocar um guardanapo no colo antes de comer, mas raramente o faço.

Sorcha não teve tempo para os druidas sussurrarem suas opiniões em seu ouvido. Ela não queria se distrair enquanto vagava pelo castelo. A Espada de Luz era muito mais importante do que debater as propriedades da guerra.

— O tesouro é por aqui? — Ela perguntou.
— Sim.
— Quão longe?
— Para a direita e desça as escadas.
— Está na masmorra? — Ela só tinha visto a parte inferior escura do castelo uma vez. As memórias de vítimas gritando deixaram marcas. Ela partiu quando seus gritos se tornaram demais para ela.

— Fica embaixo da masmorra.
— Há mais para ir?
A voz riu. — O castelo se estende profundamente no coração da montanha. Você encontrará muito dentro de sua barriga.

— Bem, isso não é sinistro. — Ela murmurou.
As bordas irregulares das vinhas rasgadas penduradas na frente da masmorra. As plantas já estavam recuperando as áreas por onde Eamonn e seus homens haviam escapado. Musgo cobria as pegadas que eles deixaram para trás, apenas o mais leve indício de um buraco revelando que ela ainda estava na mesma porta.

A névoa saiu pela abertura. Lenta e espessa, era mais essência mágica e fantasmagórica do que água.

Uma rajada de ar frio correu das entranhas das masmorras, trazendo consigo o eco de gritos.

— Não quero ir lá. — Disse ela.

— É a única maneira.

— Por que Eamonn colocaria a espada no lugar mais assustador?

— Ninguém vai para as masmorras.

— Ninguém além de mulheres tolas que querem ajudar — corrigiu Sorchá. — Afinal, por que mais uma pessoa sã andaria por este lugar assombrado?

— Você viajou pela corte Unseelie.

Ela estremeceu. — Sim eu viajei. E era assustadoramente semelhante a este lugar.

— Os Unseelie reúnem almas como pedras preciosas. Eles as deixam vagar pelos corredores escuros de seus castelos para que nunca morram de verdade. Eles gostam de ver os espectros reviverem suas mortes continuamente.

— Claro que sim. Isso se encaixa com todas as coisas que eu lembro. — Ela disse enquanto afastava uma videira e começava a descer a longa escadaria.

Cada passo esmagava o musgo sob seus pés calçados com botas. Os degraus cobertos de musgo eram perigosamente escorregadios, mas nenhum corrimão guiava seu caminho. Em vez disso, Sorchá colocou as mãos nas paredes e abriu caminho enquanto prendia a respiração.

Escorregar e cair acabaria mal. Ninguém sabia onde ela estava, além de Cian e Oona. Ela não os via com frequência suficiente para soar o alarme.

Ela repetiu todas as maneiras pelas quais poderia evitar um ferimento na cabeça. — Verifique as pupilas para garantir que não estão dilatadas. Se estiverem, mantenha o paciente acordado o

máximo possível. Envolver o ferimento com tecido branco para que o sangramento pare e crie uma maneira fácil de monitorar qualquer ferimento em potencial. Embale com mil-folhas e artemísia para estancar o sangramento e prevenir o sangramento interno.

Ela recitou outra diretriz sobre como ajudar as pessoas feridas em cada etapa. Isso a acalmou. Ela se lembrava de como curar, e isso significava que ela não havia mudado. Sangue druida corria em suas veias, faes trabalhavam ao seu redor, mas Sorcha ainda era a mesma pessoa.

Ela poderia dizer isso uma e outra vez, mas ela não tinha certeza de quão verdadeiro o pensamento era.

Alcançando o fundo, ela apertou a mão contra o peito em alívio.

— Pronto. Agora, para onde vamos?

Uma alma druida envolveu seu bíceps. — Após as celas.

— Mesmo? — Sorcha gemeu. — Eu não quero voltar lá.

— Você quer ir para o tesouro?

— Sim.

— Você quer escalar os penhascos?

— Acho que não sei fazer isso.

— Então você vai em frente.

Suspirando, ela começou a avançar com os ombros rígidos. Se ela tivesse que passar por todas aquelas almas perturbadas, ela faria. Mas ela se recusava a parecer que estava com medo.

Um clangor começou assim que ela se moveu. As almas gostavam de atirar pedras, sacudir suas gaiolas, qualquer coisa que pudessem fazer para que ela olhasse para eles.

Sorcha não tinha certeza se os outros podiam vê-los. Eamonn não reagiria quando uma alma fae cujo maxilar pendia flácido de sua

órbita ondulou através dele. Ela tinha visto isso, ofegando em choque e horror.

Ele olhou para ela como se ela tivesse enlouquecido. Sorchia sabia o que tinha visto, a luz verde brilhante do homem morto não era mágica. Era a fibra que o fazia viver.

As almas não deveriam passar por corpos sólidos.

Ela disse a si mesma para não olhar. As celas não estavam cheias de pessoas reais, esses eram os últimos pedaços restantes de almas que se repetiam continuamente. Ela não podia fazer nada para ajudá-los.

Mas ela olhou. Sorchia olhou para a cela mais próxima e imediatamente se arrependeu de sua decisão. Uma dríade, masculina e coberta de casca de árvore, sorriu para ela. Havia um buraco onde deveria estar seu coração e a seiva escorria por sua pele em pequenos rios.

— Olá, menina bonita, — disse ele, os músculos de seu rosto se contraindo. — Quer ajudar um homem?

— Você está morto, — ela disse a ele. — Você não tem lugar na terra dos vivos.

— É meu trabalho lembrar pessoas como você o que os espera no fim da luz do fim. Junte-se a mim. Compartilhe sua beleza e eu vou te salvar da escuridão.

— Vá embora.

Um druida pressionou seu fantasma contra sua espinha, cheirando a pinho e terra. — Tecelã, use sua magia.

Ela poderia? Ela olhou para o espírito do fae e se perguntou o quão longe seu poder se estendia. Ela poderia obrigá-lo a manter a boca fechada.

Mas havia coisas melhores a fazer.

A orientação fantasmagórica de seus ancestrais ajudou a puxar o fio de sua magia de linho. Ela o girou em sua mente e o teceu ao redor do fio do espírito dríade. Puxando levemente, seus dedos dançaram no ar.

Seus olhos se arregalaram. — O que você está fazendo?

Sorcha não sabia. Sua magia e tudo o que ela era capaz pareciam novos e brilhantes. Dedos balançando graciosamente no ar, ela imitou costurar um fio através de uma tapeçaria.

— Eu te liberto deste reino, — ela disse. A agulha mágica entre seus dedos mergulhou. — Vá para casa, para seus ancestrais e sua família. Conte-lhes sobre sua jornada e aventuras, sinta paz no conforto de seus braços.

— Como? — O espírito baixou os olhos para seus braços, que aos poucos iam perdendo a forma. — Isto é impossível.

— Você ganhou o direito à morte, guerreiro. Encontre a sua eternidade.

— O que é que você fez? — Ele a olhou nos olhos, horror e medo brilhando em suas profundezas.

— Eu libertei você.

— Obrigado.

Ele se dissolveu no ar. Ela sentiu a atração de sua alma desaparecendo enquanto a energia deixava seu próprio corpo. Cada vez que ela controlava uma fae, ela sentia isso no fundo de suas entranhas.

— Você se saiu bem, — sussurrou a druida em seu ouvido. — Muito melhor do que o esperado.

Sorcha não respondeu. Controlar até mesmo os restos de uma

alma parecia errado. Era a razão de ela estar nesta masmorra. Impedir que outros controlassem o livre arbítrio e a mente dos faes significava mais para ela do que a própria vida.

E então ela mesma usou esse poder.

O chão ficou escorregadio com musgo e algas. As almas sacudiram as barras de suas prisões, gritando sua raiva e fúria no ar até que a dor de cabeça de Sorcha floresceu novamente. Ela não parou para ajudar nenhum dos outros.

— Pronto, — proclamou a voz. — A sala do tesouro está à frente.

Ela via a porta agora. As dobradiças incrustadas de pedras preciosas brilhavam bastante na luz fraca. Um movimento de varredura havia recentemente levantado a poeira do chão.

A maçaneta da porta foi moldada no formato de uma cobra. Ela se ergueu com a boca aberta, esperando que ela colocasse a mão em sua superfície de metal. Rangendo os dentes, Sorcha agarrou timidamente o metal prateado e abriu a porta.

Uma luz fraca era filtrada por fendas nas paredes que permitiam que o ar salgado agitasse o ambiente. As raízes pendiam do teto, emaranhadas e nodosas. Os morcegos guincharam acima dela. Sorcha mal conseguia distinguir suas formas pequenas e difusas.

Arcadas graciosas foram esculpidas com lendas e mitos, Tuatha dé Danann lutando contra as feras. Corredores se separavam da câmara principal, sugerindo salas e salas de tesouros e conhecimentos antigos.

Ela não estava aqui pelas riquezas.

— Cadê? — Ela perguntou às almas druidas.

— Presa nas mãos do rei mais antigo.

— Qual rei?

— Caminhe em direção ao centro.

Um movimento nas sombras chamou sua atenção. Ela olhou para ver o espectro fantasmagórico de seu avô. Contas embelezavam sua barba cheia e um brilho em seus olhos a deixou preocupada.

— Avô. — Ela reconheceu.

— Você tem certeza de que este é o caminho que deseja seguir?

— Existem muitas maneiras de alterar o futuro. Desejo trilhar o caminho com o mínimo de morte.

— Então você escolheu corretamente. No fundo da sala está minha própria tumba. Você encontrará a espada nas mãos do meu cadáver.

— Você realmente está morto? — Balor parecia impossível de matar.

— Até o mais antigo dos seres deve morrer, minha querida criança.

Uma brisa forte passou por ele, e ele desapareceu em uma luz verde. Sorchá respirou fundo para se acalmar e atravessou a ampla antecâmara.

A tumba era relativamente simples para um deus que causou tanto impacto. Pedra retangular com cobertura lisa. Nenhuma escultura o marcava como outra coisa senão um dos muitos soldados que morreram nesta terra.

Por isso, Sorchá sentiu seu coração amolecer em relação a Balor, o Grande. Ela passou a mão no topo, notando a pedra desmoronada a seus pés.

— Você escolheu um caixão simples? — Ela perguntou.

— Não é minha função pedir grandeza na morte.

— Você fez uma boa escolha.

— Eu gosto de pensar assim.

Talvez ela fosse mais parecida com o avô do que acreditava. Sorcha apoiou seu peso na tampa e empurrou com força. Ela gemeu, arranhou e gritou em seus ouvidos até cair de sua base e se espatifar no chão. A pedra pesada se partiu em duas.

O rei Balor estava com as mãos cruzadas sobre o peito. Uma coroa de ouro circulava seu crânio enquanto toda a carne havia murchado há muito tempo. Mãos esqueléticas agarravam o cabo da Espada de Luz.

— Por que ele colocaria com você? — Ela perguntou. — Esta não é a sua espada e dar a você irritaria Nuada.

— Nuada não sabe. E se alguém estivesse procurando pela Espada de Luz, eles não olhariam em meu túmulo.

Ele tinha razão. Ela não teria olhado na tumba de Balor, pois era muito mais provável que ele se levantasse da sepultura do que segurasse a lendária Espada de Luz. Seus dedos frágeis envolviam o cabo, pedras preciosas brilhando em cada dedo do esqueleto.

— Eu... — ela hesitou e gesticulou em direção ao cadáver dele, — puxo-a para fora?

— Não vai doer. — A diversão aqueceu a voz de seu avô.

— Eu não quero quebrar nada.

— Que mal você poderia fazer ao meu corpo? Eu estou morto.

— Bom ponto.

Ainda parecia errado tocar seu cadáver. Engolindo em seco, ela estendeu a mão para tocar as mãos cobertas de poeira. A pele mumificada escorregou dos ossos lisos ao seu toque, descamando como pergaminho empilhado muito alto. Ela engasgou.

— Eu não esperava que você tivesse um estômago tão fraco,

neta.

— Você já tocou em um cadáver antes?

— Muitas vezes.

— Não quero saber o porquê.

Seus ossos rangeram quando ela puxou os dedos, estalando e estalando até que uma mão soltou. Ela gentilmente o colocou de lado enquanto os músculos de seu estômago se contraíam.

— Não pense no cadáver se movendo, — ela disse. — O corpo está morto, a alma é o que o faz mover.

— Você está se tranquilizando?

— Silêncio.

Ela puxou a segunda mão, estremecendo quando um dos dedos se quebrou entre os dela. Não era assim que ela queria encontrar a espada. Por que Eamonn a escondera tão completamente?

A boca do lobo brilhava na luz fraca, rubis pingando como sangue de suas mandíbulas. A magia girava em torno da lâmina. Gavinhas de névoa muito espessas para serem água enroladas em volta dela como cobras.

Ela não queria tocar a lâmina amaldiçoada. Nuada pode ter sido um fae forte o suficiente para lidar com tal magia, mas ela não desejava que ela tocasse sua vida. Preparando-se, ela agarrou o cabo e puxou-a da tumba.

Era mais pesada do que ela esperava. O puro poder da espada pesou até que seus braços tremeram e a ponta tocou o chão.

Seu bíceps estremeceu. Ela queria jogar a espada pela borda do penhasco? Ela poderia levá-la com ela em vez disso, forçá-los todos a dobrar os joelhos para Eamonn e parar a guerra agora. Não precisava haver mais luta. Isso poderia acabar com ela.

— O futuro está em jogo — murmurou Balor. — É sua escolha agora. Destrua a espada, use-a ou jogue-a fora para as gerações posteriores.

Ela viu os fios de magia envolvendo ao seu redor. Ao contrário de seus próprios fios de lã, estes eram ásperos e mal fiados. Eles não estavam certos e não podiam controlá-la.

Ela estalou os fios pendurados em sua mente e se endireitou. — Onde fica o penhasco onde Ethniu espera?

— Há uma abertura para as águas abaixo. — Balor apontou para um corredor perto dela. — Não caia.

— Eu não planejo isso.

A espada de repente parecia muito mais pesada. Ela se arrastava no chão, a ponta afiada lançando brasas em brasa enquanto rangia na pedra. Ela não parou, embora o som fizesse seus ouvidos sangrarem.

— Eu não me importo se você quer ficar, — ela rosnou para a lâmina. — Você já causou problemas suficientes para mim e para os meus. Espere pela próxima geração desesperada.

Sorcha jurou que a espada ficou ainda mais pesada. Segurando o cabo com as duas mãos, ela se jogou de volta para carregá-la e puxou-a pelo corredor, onde a luz se filtrava para dentro da caverna.

O respingo de sal revestiu sua pele muito antes de chegar à borda. O sal arranhava seus braços por causa dos espinhos com que ela lutava no jardim e enchia sua boca com o gosto amargo. As ondas quebravam e a espuma inundava a frente da caverna.

Sorcha não hesitou desta vez, flexionou os braços e ergueu a espada sobre o gume. Ela girou descontroladamente no ar, rubis brilhando com a luz do sol em seus olhos.

Pouco antes de atingir as ondas, um braço disparou das ondas.

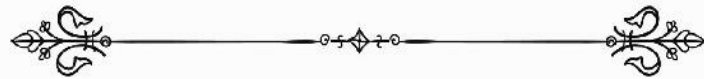
Dedos graciosos agarraram o punho da espada, segurando-a no alto por alguns momentos antes de afundar de volta nas profundezas.

— E boa viagem. — Ela murmurou, chutando uma pedra na arrebentação para completar.

Ela congelou quando a voz de Eamonn soou atrás dela.

— O que é que você fez?

CAPÍTULO 9



O Convite

Eamonn assistiu ela erguer a espada sobre o gume e sentiu sua determinação se estilhaçar em mil pedaços. A espada de seu avô, seu legado, agora se foi.

Ele tinha visto a mão se levantar das ondas para agarrar a lâmina. Se ela simplesmente a tivesse jogado no mar, ele poderia tê-la recuperado. Mas ele conhecia os dedos com pontas de garras. Um Fomorianiano a balançou e tomou a relíquia para si.

— O que é que você fez? — Ele perguntou.

— O que você deveria ter feito há muito tempo.

— Essa espada era a única garantia que tínhamos de vencer esta guerra!

— Você realmente acredita nisso? — Ela se virou para ele, a

nuvem de seu cabelo vermelho ondulando em sua raiva. Suas bochechas ficaram vermelhas enquanto ela o encarava.

Sua mulher era uma criatura temível quando ficava com raiva. Quase o suficiente para que ele não quisesse repreendê-la, sacudi-la com força suficiente para que seus dentes batessem. Por que ela fez isso? Agora, mais do que nunca?

— Sorcha, aquilo era uma relíquia dos Tuatha dé Danann! Isso pode forçar Fionn a ficar de joelhos. Venceríamos com essa lâmina do nosso lado!

— E você estava usando isso contra seu próprio povo. Eu não vou tolerar isso!

Suas palavras voaram para ele, rasgando seu coração e o empurrando um passo para trás. — Você acha que usei isso contra o nosso povo?

— Talvez você não soubesse que a usa, eu disse a Cait que...

— Cait? — Ele balançou a cabeça, passando os dedos pela mecha solta de cabelo. — Sorcha, Cait não quer estar aqui!

— Nenhum deles quer!

— É isso que você pensa de mim?

Tudo fazia sentido agora. Ele tinha estado ocupado, havia muitas coisas para ele supervisionar. Ele entendia que ela queria estar com ele. Eamonn sentia sua falta com cada fibra de seu ser, mas não podia permitir que seu foco vagasse.

Cada vez que ele estava perto dela, sua alma vagava. Ele queria tocar as amadas mechas de seu cabelo, traçar o contorno de seu beicinho teimoso, aliviar os pesadelos que ele sabia que a atormentavam.

Mas ele não conseguia. Ele viu seu erro em se afastar.

Eamonn foi até ela, agarrando suas mãos frias e pressionando-as contra o coração.

— A chuisle mo chroí, — ele respirou. — Pulso do meu coração, a loucura é minha. Não fiz nada para controlar os anões. Eles desejam estar nas profundezas de seus salões de montanha, sem ninguém para lhes dizer o que fazer. Existem muitos soldados que desejam lutar contra Fionn, e aqueles que não. Eu nunca forçaria um soldado em um campo de batalha. Essa é uma maneira certa de matá-los.

— Então por que você lutou com Fionn quando eu pedi para você não lutar?

Ele afastou os cachos emaranhados de seu rosto. — Sou um general e cometo erros. Achei que um pequeno grupo de guerra o convenceria de que eu não estava recuando. Eu estava errado.

— O que você planejou fazer com a espada?

— Eu teria forçado Fionn a abdicar do trono. Ele não teria escolha quando a espada de Nuada o comandasse.

Seus olhos verdes procuraram os dele, as perguntas se formando em suas profundezas esmeralda. Ele a conhecia bem o suficiente para esperar a pergunta antes que ela a expressasse. — É assim mesmo que você quer vencer?

Não. Ele queria lutar até que seu irmão caísse de joelhos. Ele queria rasgar o rosto de Fionn, tirar tudo dele e mandá-lo para a selva.

— Não posso machucá-lo, — admitiu. — Ele é meu irmão. Meu sangue.

Ela se aninhou em seu abraço, suas minúsculas mãos frias pressionadas contra seu peito. — Eu não poderia machucar minhas irmãs também.

— E agora eu não tenho escolha.

— Você ainda tem. Eamonn, podemos fazer isso juntos. Ele não tem que lutar contra nós!

Ele balançou sua cabeça. — Você não quer se envolver com a política dos faes, Sorchá. Confie em mim.

— Por que não? Você foi criado entre eles! Você deve ser capaz de nos preparar para o que pode vir.

— Isso é o que você quer?

Ele não queria. Uma parte de sua alma ferida nunca desejou retornar ao castelo onde eles o tinham privado de todos os direitos. Eles o desprezavam, o temiam, o odiavam porque ele não era mais o homem bonito que fora antes.

Eamonn conhecia os perigos da corte. Eles se agarrariam a Sorchá com garras e dentes afiados, tentando desesperadamente arrastá-la para a raiva amarga do mundo. Seu puro sol seria lentamente corrompido.

Ele a apertou com mais força, segurando-a contra seu coração, onde ela pertencia. Ele não a perderia. Eles não poriam suas mãos gananciosas sobre ela enquanto ele respirasse.

Ela olhou para ele, os olhos verdes brilhando com lágrimas. — Eamonn?

— Se este é o caminho que você deseja seguir, então andarei ao seu lado, mo chroí.

— Então o que vamos fazer?

— A maneira correta de se dirigir ao rei é solicitar uma audiência.

— Isso não parece algo a que Fionn responderia. — Pequenas rugas se juntaram entre seus olhos. — Ele parece mais propenso a ignorar ou negar que alguma vez o tenha alcançado.

— Especialmente se vier de mim.

— O que você sugere?

Ele arqueou uma sobrancelha de cristal. — Você está me pedindo conselhos sobre como abordar esta situação difícil?

— Claro que estou.

— Você jogou fora a única relíquia que poderia ter tirado o trono de Fionn sem sangue.

— Eamonn, — ela mordeu o lábio. — Eu posso controlar os Faes.

— Você é a criatura mais cativante que já conheci, mas não pode controlar todos.

— Eu sou uma Tecelã. Nunca te disse o que isso significava. Existe um tipo particular de druida que pode alcançar a mente de um fae e ordenar que façam o que bem entenderem.

Sua mente correu pelas velhas histórias, o raciocínio por trás do motivo pelo qual eles expulsaram os druidas do Outro Mundo. — Isso é verdade?

— Sim.

— E você pode fazer isso?

— Eu posso.

— Você não vai fazer isso comigo? — Ele só quis dizer as palavras com indiferença, embora fosse uma leve preocupação. Sorcha nunca mostrou qualquer tendência de persuadir os faes a fazer o que não queriam.

— Eamonn. — Ela repreendeu.

— Eu tive que perguntar, mo chroí. Você está dizendo que pode controlar Fionn?

— Se eu estiver perto o suficiente, eu acredito que posso conseguir. Eu tentei no sonho quando ele me visitou, mas não fui

fantástica nisso. Eu o venci, no entanto.

— Imagino que faes mais jovens sejam mais fáceis. — Eamonn abanou a cabeça. — Somos treinados desde tenra idade para proteger nossas mentes. Os faes fazem isso naturalmente quando somos adultos. Muitos de nossa espécie podem espiar os pensamentos dos outros, é mais fácil garantir que ninguém capte o que você está pensando.

— Então é por isso que ele era mais capaz do que eu.

— Você praticou?

— Não.

— De modo nenhum? — Ele podia sentir o gosto dela deitada no ar. — Sorch.

— Só um pouco! Com Cait, que insistiu que eu provasse a ela que na verdade eu era uma druida. Isso é tudo que eu fiz.

— Você precisa praticar muito mais do que isso se planeja andar pelos corredores do Castelo da Luz.

Ele já conhecia as táticas que desejava seguir. Embora ele ainda estivesse com raiva pela perda da espada, este não era mais o fim de tudo que ele conhecia. Sorch era um poder oculto por direito próprio, e um que seu irmão não poderia suspeitar.

Ele a tornaria mais forte do que ela jamais imaginou. Eles iriam treinar meio-dia e noite até que ela pudesse controlar até mesmo ele. Então, ele saberia com certeza que ela estava pronta.

Sorch deve ter reconhecido a expressão calculista em seu rosto. Ela balançou a cabeça e disse: — Não. Eamonn, o que quer que você esteja pensando, não. Não serei usada como uma ferramenta para acabar com esta guerra.

— De que outra forma vamos derrotá-lo?

— Vamos exaurir todas as outras opções antes de forçá-lo a se ajoelhar.

Ele não conseguia pensar em nenhuma outra maneira de colocá-lo no trono.

Eamonn sabia que ela acreditava que os faes eram bons. Ele via isso todos os dias enquanto ela curava seus arranhões, ignorava seus gracejos e predispunha o medo de seu povo. Mesmo os anões, por mais que cresceram para tolerá-la, sussurravam histórias sobre ela pelas costas.

Sorcha não deixava nada disso incomodá-la. Ela continuava seu dia dando e dando até que ela caía exausta na cama. Era uma coisa que ele amava profundamente nela e odiava ao mesmo tempo.

Ele a queria segura e feliz. A única maneira de isso acontecer, seria se ele fosse rei.

— O que você sugere? — Ele perguntou com um suspiro.

— Vamos falar com ele primeiro. Que mal poderia haver?

— Então vou enviar uma carta. — Ele a soltou de seus braços e balançou a cabeça. — Não posso acreditar que estou permitindo que você me convença a fazer uma coisa dessas.

— Por que não tentamos pelo menos?

— Ele vai ignorar. E então estaremos de volta para levá-lo para o castelo.

— Se ele ignorar, então vou treinar. — As rugas preocupadas voltaram à sua testa. — Embora eu não fosse escolher tal curso.

— Jure.

— O que? — Ela olhou para ele em choque.

— Faça-me sua promessa de que, se isso falhar, você concordará em fazer o que eu disser para derrubar Fionn.

Ele prendeu a respiração, sabendo sem dúvida que ela iria discutir. Ela sempre discutia.

Mas às vezes Sorcha o surpreendia.

— Eu juro.



O ar frio da noite flutuou sobre os ombros de Sorcha enquanto ela descia as escadas. Ela acordou com uma cama vazia com os lençóis jogados para trás e frios. Ele tinha partido, e ela não tinha certeza do porquê.

Embora isso não fosse totalmente verdade. Eles haviam se consertado depois que ela jogou a Espada de Luz no oceano. Então ela pensou.

Mas ele ainda estava distante. Ela frequentemente o pegava envolvido em seus próprios pensamentos, olhando para o ar enquanto os anões gritavam e erguiam suas canecas para brindar.

À medida que mais faes se juntavam a eles, Eamonn se retirava cada vez mais para sua mente. Isso a preocupou. Em parte, isso foi culpa de Sorcha? Ela, sem saber, tornara tudo isso pior?

Sua camisola balançou em torno de seus tornozelos, o tecido branco esvoaçando ao vento quando ela saiu da escada e entrou na grande extensão do grande salão.

O luar fluía através do vitral. O sol gigante refletido na pedra, prata e frio parecia que deveria estar quente.

Eamonn estava sentado no trono escuro, a cabeça apoiada no punho.

Ela fez uma pausa. Quantas vezes ela o viu sentado exatamente da mesma maneira? Ele gostava de estar onde as pessoas esperavam mais dele, mesmo quando não havia ninguém por perto.

Seu estômago revirou de nervosismo e ela soltou um suspiro.

— É tarde — ela disse, quebrando o silêncio ainda. — O que atormenta seus pensamentos?

— Muitas coisas. — Sua voz profunda retumbou por ela, enviando arrepios por sua espinha.

Eamonn nunca deixou de ser uma criatura sensual e assustadora a cada passo. Ele não era como os outros Faes. Ele se movia de uma maneira sobrenatural, mas não mostrava a graça natural e ágil que os outros tinham.

Era por isso que ela o amava tanto.

Amor. Parecia estranho que seu coração o tivesse chamado quase imediatamente ao conhecê-lo. Ela não sabia se era normal, talvez não, mas nunca houve uma pergunta em sua mente.

Uma vez que seu coração teimoso decidia que o queria, ela não tinha outro caminho para viajar. Onde ele fosse, ela também iria.

Seus dedos se contraíram, chamando-a para seu lado. Os passos de Sorchia produziam sons suaves de silvo enquanto ela deslizava pelo chão de pedra.

— É tarde, — ela disse com um sorriso suave. — Devíamos estar descansando.

— Acho difícil descansar hoje em dia.

— Sua mente está ocupada.

— Entre outras coisas. — Ele deu um tapinha no joelho para ela se apoiar.

Ela era tão pequena que podia sentar-se na coxa dele e não se

preocupar com seu peso ou desconforto. Sorcha achou mais fácil esquecer seu tamanho agora que ela estava tanto em sua presença. Mas ele era incrivelmente grande comparado a ela.

Sua mão enorme alisou sua espinha. — Pesadelos atormentam meu sono.

— Sobre?

— Eu me preocupo que você não fez a escolha correta. Fionn virá, destruirá esta terra e essas pessoas, e eu perderei novamente.

— Devemos ter fé, meu amor. — Ela descansou a cabeça em seu ombro. — Ainda acredito que existe uma maneira melhor. Que ainda podemos mudar o caminho para algo mais gentil. Moldamos o futuro com nossas ações. Eu gostaria que fosse um bom futuro.

Ele suspirou. — Você está certa, mas isso não significa que eu não me preocupe.

— Não, eu imagino que não.

Ela também se preocupava com eles. A guerra deixava as pessoas nervosas, forçando-as a perceber que seu tempo caminhando pela Terra era limitado.

Ninguém estava pronto para morrer. Muitos anos se estenderiam em seu futuro. Anos que poderiam ser cheios de felicidade e vida. Família, animais, uma pequena casa onde se poderia cultivar algo. Ter aqueles anos questionados não foi fácil.

Sorcha ergueu a mão, enfiou-a por baixo das lapelas soltas de sua camisa e esfregou seu peito liso. — Você reuniu um grupo de pessoas capazes. É admirável que você se preocupe por elas, mas acredito que elas podem cuidar de si mesmas.

— Não é só com o meu povo que me preocupo.

Ela ouviu o gorjeio em sua voz. — Você está preocupado

comigo.

— Não sei o que faria se te perdesse de novo.

— Você lutaria por mim? — Ela se inclinou para trás com um brilho malicioso nos olhos. — Se Fionn invadissem o castelo e me roubasse, meu cavaleiro de armadura brilhante?

Eamonn não queria provocar. Suas sobrancelhas franziram, e ele estendeu a mão para acariciar o pico alto de sua bochecha. — Se Fionn capturar você, ele não irá mantê-la viva por muito tempo. Você é um ser humano, com uma vida desnecessária para seus planos.

— Ele não vai me matar.

— Ele fará muito para se vingar de mim.

— Eamonn! — Ela suspirou exasperada. — Quando você vai acabar com esta batalha tola? Vocês são irmãos, vocês devem ser capazes de resolver isso.

— Os faes não funcionam da mesma forma que os humanos.

— Não, mas deveriam.

Ele deu uma risadinha. — Ah, meu amor feroz. Você vê o mundo com essa luz em seu coração. Eu gostaria de poder.

— Você pode, — declarou ela com veemência. — Você apenas tem que tentar.

— Eu tento, mo chroí. Eu tento.

Ele a puxou para seus braços e enfiou a cabeça dela embaixo do queixo. Os grilos cantavam sua canção da meia-noite, e o ar não estava mais fresco com ele a tocando. Sorcha mergulhou os dedos em uma fenda de pedra, mordendo o lábio enquanto os pensamentos dançavam em sua mente.

— Você está pensando. — Ele resmungou em seu ouvido.

— Não sei como te ajudar.

— Isso não é algo que você pode curar. A preocupação e a ansiedade não são feridas físicas.

— Eu não gosto de não poder ajudar você.

Seu coração batia contra seu ouvido, firme e forte. Cada batida a lembrava de que ele estava vivo, mas seu tempo era limitado. Que de todas as coisas que eles sobreviveram juntos, de todas as coisas que sofreram, eles ainda poderiam ser interrompidos.

Seus dedos acariciaram seus cabelos. Sorchá sorriu com o leve puxão, pois ela sabia que ele estava enrolando fios individuais em volta dos dedos e os desfiando novamente.

— Porque você faz isso? — Ela perguntou.

— O que?

— Você enrola meu cabelo em volta dos seus dedos uma e outra vez.

— Isso me ajuda a pensar.

— É? — Sorchá enfiou o rosto no oco de sua clavícula, sorrindo de orelha a orelha.

— Por que isso te deixa desconfortável?

— De modo nenhum.

— Bom, — ele rugiu. — Eu não quero parar.

Sorchá nunca esqueceria momentos como este. Ela não precisava de maravilhosas declarações de amor, cenas românticas na frente de outros faes. Ela queria uma noite tranquila, escondida dos outros, onde eles pudessem desfrutar um do outro em particular.

Mas havia muito não dito.

— Você está com raiva de mim? — ela perguntou. — Pela espada?

— Mo chroí, há muita coisa acontecendo no mundo para se dizer

louco por muito tempo.

— Isso é um sim?

— Sempre estarei um pouco zangado com isso. Mas eu nunca vou deixar isso ficar entre nós.

Ela engoliu em seco e assentiu. — Se você diz.

— Sorch, — ele gemeu enquanto esfregava suas costas. — O que devo fazer? Não vou deixar isso ficar entre nós, não quando eu sei como é a vida sem isso.

— Como se um pedaço de você estivesse faltando?

— Eu não era eu mesmo sem você ao meu lado. Não desejo repetir isso nunca mais.

— Eu também não era a mesma, — ela admitiu. — Eu estou dando muito mais quando eu sei que você está lá para me parar se eu for longe demais. Eu não sabia o que poderia ou não fazer enquanto estivesse em casa. Até meu pai comentou sobre isso. Essa parte de mim foi algo que deixei aqui.

— Eu estava com frio, — respondeu ele. — Perdi pedaços de mim mesmo uma e outra vez como uma espécie de punição. Esqueci que havia pessoas por aí que me amavam, que se importavam se eu vivia ou morria.

— Nunca me senti assim por ninguém antes.

— Os Tuatha dé Danann acreditam em almas gêmeas. Humanos acreditam?

— Minha mãe acreditava — disse Sorch com um sorriso suave.

— Ela costumava dizer que eu encontraria alguém que significasse mais para mim do que minha própria vida.

— Uma mulher sábia.

— Uma boa mulher que morreu cedo demais.

Ela sentiu o aperto em sua respiração quando mencionou a morte. Talvez fosse muito cedo, ele ainda estava preocupado com ela. Ela não deveria ter dito nada tão sombrio.

Suas mãos se apertaram em seus ombros. — Os Tuatha dé Danann não são como os humanos. Não temos padres para nos casar, nem capelas para tocar sinos.

— Você sabe disso? — Ela inclinou a cabeça em seu ombro para que pudesse olhar para seu perfil severo, delineado pelo luar. — Por que você estava coletando informações sobre casamentos humanos?

— Eu tentei encontrar um sacerdote que pudéssemos trazer com segurança para o Outro Mundo, mas não havia nenhum perto de círculos de faes na semana passada. Eles não parecem apoiar os métodos antigos.

— Não, eles ficam avidamente longe de qualquer coisa da velha religião. Eles não acreditam nisso. — Sorchu torceu o nariz. — Eamonn?

— Eu quero mantê-la segura. Se eu morrer, você deve ficar com tudo o que é meu sem questionar.

Tudo encaixou no lugar. Ela saltou para trás, batendo as mãos nos ombros dele. — Você está me pedindo em casamento?

— De uma forma bastante horrível, suponho que sim.

— Você acha?

— Esta não é a maneira certa de fazer isso?

Ela gemeu e jogou a cabeça para trás para olhar para o teto. — Não, essa é uma maneira horrível de fazer isso.

— O que devo fazer?

— Os homens ficam de joelhos! Eles planejam pedir uma mulher de uma forma romântica! Eles não perguntam no meio da noite

porque ela o encontrou.

— Eu teria perguntado amanhã de manhã, mas agora parecia um momento oportuno.

— Você pelo menos me deu um anel?

— Um anel? — Suas sobrancelhas franziram. — Eu preciso de um desses?

— Geralmente.

— Então, peço que adiemos isso até que eu pergunte de uma forma mais apropriada.

Sorcha soltou um suspiro, meio riso, meio suspiro de frustração.

— Bem, eu já sei o que você vai fazer agora.

Ele recuou em choque. — Isso geralmente é uma surpresa para as mulheres?

— Às vezes temos a tendência de que isso possa acontecer em breve.

— Vocês não falam sobre casamento antes?

— Alguns sim, mas muitas mulheres ficam surpresas quando o homem propõe.

— Isso parece horrível, — ele zombou. — Tal decisão deve ser um acordo mútuo. Se for uma surpresa, então como o homem pode ter certeza de que ela não fez sua escolha sob coação?

— Eu não sei.

— Eu não vou fazer isso com você. — Seus lábios formaram uma linha fina de determinação. — Você sabe das minhas intenções agora. Eu gostaria de me casar com você, e peço desculpas por você não ter percebido meus pensamentos. Por favor, leve todo o tempo necessário para tomar sua decisão.

Este homem seria a morte dela. Ela balançou a cabeça. — Eu sei

como eu quero responder.

O alarme em seus olhos arregalados quase a fez rir na cara dele.
— Bem, não tenho certeza se gostaria de saber o que é uma resposta tão rápida.

— Você acha que vou dizer não?

— Nunca tenho ideia do que você pode dizer.

— Sim, — ela disse imediatamente. — Mil vezes sim.

— Que eu não sei o que você vai dizer, ou que você deseja se casar comigo?

— Eu vou me casar com você da maneira que você desejar. Eu não preciso de um padre, estou satisfeita com a tradição Fae.

— Isso é muito mais fácil.

Ele afundou a mão em seu cabelo e a puxou para um beijo que abalou sua alma. Ela ofegou quando os lábios dele alisaram os dela, dentes e cristais beliscando.

— Eu prometo minha alma a você, — ele rosnou. — Meu coração, minha mente, minha vida agora são suas.

De alguma forma, ela sabia que deveria dizer as palavras. — Eu prometo minha alma a você, meu coração, minha mente e minha vida agora são seus.



— Ótimo — gritou Eamonn. — Novamente!

Todos os jovens anões estavam em formação, endireitando os ombros e tentando ficar de pé como ele. Foi a forma mais sincera de lisonja e que não passou despercebida. Os meninos estavam

aprendendo rápido. Ele não os colocaria em uma guerra logo, mas eles não precisavam saber disso.

Os anões eram talentosos em muitas áreas de guerra. Seus braços eram fortes devido ao trabalho manual e ao levantamento de pedras. Seus socos eram suficientes para quebrar os dentes de Eamonn. O gancho destro que alguns deles deram o fez ver estrelas.

Eles eram um exército melhor do que ele se lembrava do dos Tuatha dé Danann. Talvez porque estivessem muito ansiosos para aprender.

Sorcha o perdoou aos olhos de seu povo. Ela comia com ele todas as noites, tirava comida de sua tigela e acariciava seu braço quando os outros estavam olhando. Embora ainda estivessem aprendendo a se virar, os anões haviam relaxado.

Quando o rei e a rainha estavam felizes, seu povo também ficava.

— Levantem os braços!

Os meninos e meninas anões seguraram suas espadas na horizontal sobre suas cabeças, congelando no lugar enquanto aguardavam sua próxima ordem.

Ele resistiu apenas o tempo suficiente para que os poucos mais fracos tremessem. — Ataquem!

Ele os emparelhou em pares e trios. Esgrima individual para aqueles que não estavam confiantes em suas habilidades e grupos maiores para aqueles que lutavam com ele por mais tempo. Seus pais treinavam à tarde.

Ele estava lentamente transformando este castelo em um exército cheio de guerreiros lendários. Não experimentado, mas capaz de todas as maneiras que ele poderia fazê-los.

Fantasmas do passado assombravam seus passos. Eamonn não conseguia se livrar da sensação de que algo ruim iria acontecer. Ele queria estar presente o máximo que pudesse.

— Novamente! — Ele gritou.

Eles não precisavam treinar ainda mais do que já faziam. Esses homens e mulheres não eram mais crianças. Eles poderiam entrar no campo de batalha com confiança e saber que poderiam se proteger.

— Você os trabalha muito duro. — A voz suave de Sorchá ecoou por seu ser. Um arrepio percorreu sua espinha, e ele se lembrou de prestar atenção em suas pupilas.

— Eles precisam disso.

— Eles precisam de água e comida.

A diversão que ele ouviu o fez olhar por cima do ombro.

Ela usava um vestido de linho simples que envolvia seus braços e cintura, enquanto deixava suas pernas livres para se mover. O estilo era muito mais anão do que ele gostaria. Mas nela? Era mágico.

Sorchá começou a usar seus longos cachos soltos. Eles acenavam com a brisa e se esticavam em sua direção como se implorassem por seu toque.

Ele gemeu. — Você está me distraindo.

— Esse era precisamente o ponto. Venha, mo chroí. Já passou da hora de almoçar.

— O nosso almoço? — Ele ergueu uma sobrancelha. — Não almoçamos.

— Nós almoçamos agora.

Ela ergueu uma pequena cesta de vime. A tampa foi fechada, revelando nada além de um pequeno canto de tecido vermelho.

— Você me trouxe comida?

— *Trouxe-nos* um piquenique. Achei que poderíamos desaparecer durante a tarde.

— Eu preciso treinar os adultos.

— Eles sabem lutar, Eamonn. — Ela se abaixou para passar por baixo da cerca do campo de treinamento e valsou na direção dele. A mão dela roçou seu peito, causando arrepios em sua espinha mais uma vez. — Eles podem praticar sem você por um dia. Vamos nos divertir.

— Ouvimos alguma resposta de Fionn? — A carta pairava sobre ele como uma nuvem negra.

— Não, ainda não.

— Quanto tempo mais vamos esperar até você começar seu treinamento?

— Chega de conversa sobre trabalho! Vamos nos divertir durante a tarde. É o último dia quente do verão antes que as chuvas nos alcancem. E então será inverno, e ficaremos presos dentro do castelo o dia todo!

Ele sentiu o tempo pesando sobre seus ombros. Ele deveria ser um rei. Seu povo precisava dele para conduzi-los até que fossem melhores lutadores do que ele.

Mas ela queria brincar no campo. O sorriso em seu rosto era tão tentador quanto uma brisa quente de verão.

Finalmente, ele cedeu. — Tudo certo. Saia do pátio de treinamento enquanto eu termino aqui.

— Rápido por favor. Tenho planos para nós.

— Planos? — Ele não gostou do brilho perverso nos olhos dela.

— Sorch, quais são os planos?

— Eles são uma surpresa!

— Eu não gosto de surpresas.

Ele tentou agarrar a ponta do vestido dela quando ela se afastou dele, mas ela já tinha ido embora. A mulher provavelmente era tanto pixie quanto druida.

Eamonn rosnou de frustração, dividido entre o dever e o desejo.

— O suficiente! — Ele gritou para seus alunos. — Terminamos o dia!

Ele esperava reclamações e ruídos preocupados. Era isso que ele estava acostumado com os soldados de sua companhia anterior. As crianças não fizeram nenhum som que ele reconhecesse.

Lançando um olhar calculista sobre todos eles, ele viu como estavam cansados. Seus ombros caíram para frente e eles deixaram suas espadas penduradas no chão se não as tivessem largado completamente. Seus olhos estavam caídos, alguns até mesmo inclinados para o lado.

Nem um único reclamou durante todo o treinamento.

Seu coração aqueceu. — Vocês todos se saíram bem hoje! Vocês merecem sua ceia. Aproveitem sua tarde com sua família e esqueçam o treinamento por enquanto.

— Você está saindo com sua amiga? — Um dos meninos gritou.

— Eu estou.

O menino estava chegando à adolescência. Ele poderia até viajar com a companhia de Eamonn se a guerra chegasse a esse ponto. Para um anão, ele era alto e largo. Seu rosto era bonito, a barba já espessa e exuberante.

Enquanto os outros saíam do pátio de treinamento com pressa, esta bela criança ficou para trás. Eamonn reconhecia um jovem que queria falar. Ele se demorou e esperou que o anão viesse até ele.

Como um cavalo selvagem que ele desejava domar, lembrou-se de Sorchá proclamando.

— Meu rei? — O menino perguntou.

Eamonn olhou para ele, mas não disse nada.

— Tenho uma pergunta para você que não queria perguntar ao meu pai.

Isso já havia começado mal. Eamonn se apoiou na cerca, cruzou os braços com firmeza sobre o peito e tentou não parecer preocupado.

— Vá em frente.

— É só que... — O menino arrastou os pés na terra. — Há uma garota de que gosto, sabe. Ela é uma das faes da turfa que vem aqui de vez em quando. Eu penso, visto que você e sua dama não são da mesma espécie, que talvez você pudesse ajudar. Eu nem sei como falar com ela.

As pontas das orelhas de Eamonn aqueceram. O menino estava pedindo conselhos sobre relacionamento? Dele?

Anos atrás, ele poderia ser capaz de dar bons conselhos ao anão. As mulheres se juntaram a ele só porque ele seria rei e era tão bonito quanto seu irmão gêmeo. Para alguns, o fato de serem gêmeos foi o que mais atraiu.

Agora? Passaram-se séculos desde que ele sequer pensou em um relacionamento saudável com uma mulher. Não até que Sorchá apareceu.

Limpando a garganta, ele mudou seu peso para a perna oposta e pensou bem na pergunta. — Você já gosta dessa garota?

— Sim?

— Isso é uma pergunta ou você sabe que está interessado nela?

— Eu sei, senhor.

— Como você sabe se ainda não falou com ela?

— Bem, — o anão arrastou um caminho de grama com o dedo do pé. — Ela é muito bonita.

Eamonn acenou com a cabeça sabiamente. — É por isso que muitos de nós nos sentimos apaixonados.

— E ela é inteligente! — O menino parecia insultado por ser classificado com todos os outros homens que se viam apaixonados. — Eu a vi descobrir problemas que nenhum dos outros anões conseguiu descobrir.

— Ela parece um bom partido.

— Ela é.

— Você deve falar com ela.

Isso soprou todo o vento das velas do anão. Seus ombros caíram e seu queixo caiu em direção ao peito. — Não sei como.

— Eu também não sabia como falar com Sorchia.

— Você não sabia?

— De modo nenhum. Nas primeiras vezes que conversamos, comecei a brigar com ela. Cada vez que eu abria minha boca, algo rude saía. Eu não sabia se minha língua estava quebrada ou se eu ficaria mudo.

O menino deu uma risadinha. — Então o que você fez?

— Eu me forcei a continuar falando. Achei que, eventualmente, algo bom iria sair.

— Foi?

— Sim. E uma vez que a primeira frase fosse dita, eu poderia falar com ela sem hesitar.

Os lábios do menino torceram para o lado enquanto ele ponderava a revelação. — Então você está dizendo que eu deveria

apenas falar com ela?

— É um bom lugar para começar.

— E se ela não gostar de mim?

— Então você continua falando. Seja educado, ouça o que ela tem a dizer, e ela concordará. Se ela ainda não gosta de você, então respeite isso. Não podemos ganhar todos, garoto.

Eamonn observou o rosto do menino ficar vermelho brilhante. Ele gaguejou algo sobre a necessidade de encontrar seus amigos e saiu correndo do pátio de treinamento. Pequenas nuvens de poeira subiram por baixo de seus calcanhares.

Ele sentiu o olhar dela em suas costas, a causa de suas próprias provações e tribulações. Suspirando, ele se virou. — Quanto você ouviu?

— Ora, — ela disse com um sorriso suave. — Continue falando?

— Foi assim que ganhei você.

— Eu não me lembro de você falando muito.

Ela tinha razão. Eamonn apontou para seu olho de cristal com cuidado exagerado. — Eu falo com meus olhos.

— Com certeza. — A risada dela era música para seus ouvidos.

Era por isso que ele tinha que ficar tanto tempo longe dela. Ele daria qualquer coisa para ouvi-la rir continuamente até que o mundo acabasse.

Eamonn passou a perna por cima da cerca e caiu levemente em pé. — Então, para onde vamos com essa surpresa?

— Eu não posso te dizer, isso iria estragar tudo.

— Eu não gosto de surpresas.

Seus olhos brilharam. — Então você disse.

Ela era uma merrow, chamando-o para se espatifar nas rochas. E

ele pretendia totalmente.

Eamonn a seguiu como se estivesse em um sonho. Ele era um homem de sorte, por mais que ela o aborrecesse ou ultrapassasse seus limites. Poucas mulheres entrariam no Outro Mundo e não desprezariam as estranhas criaturas ou seu mundo.

Sorcha prosperava aqui. Ela ficou melhor do que quando chegou à ilha. Os olhos dela brilhavam com vida e uma vivacidade que ele sabia que vinha de ajudar seu povo. Ela mostrava amor a todos por quem passava com sorrisos brilhantes, beijos mandados e um toque gentil que abalou a base de seu ser.

Ela era um presente que ele não merecia.

Eles saíram do castelo para os penhascos na parte de trás. O sol estava fraco nesta época do ano, o calor geralmente insuportável temperado por uma brisa fresca de outono.

O respingo de sal picou suas bochechas, mas revigorou sua alma. Eamonn sempre amou o oceano. Foi a única parte de seu banimento para Hy-brasil que o tornou ligeiramente tolerável.

Gaivotas voavam lá em cima, seus gritos silenciosos em comparação com o silêncio das ondas batendo contra a costa bem abaixo delas. Ele não tinha percebido que o penhasco na outra extremidade do castelo era tão perigoso.

— Aqui estamos! — Ela exclamou. — Não é adorável?

— É.

Ele não estava mais olhando para as ondas ou para as impressionantes formações de nuvens. Ele estava olhando para ela.

O vento roçou seus cachos sobre suas bochechas, seus lábios carnudos se separaram em apreciação da beleza ao redor deles. O meio sorriso que ele tanto amava curvou seus lábios para o lado. Ele a

viu franzir a testa, sorrir, falar rapidamente, tudo o que uma pessoa poderia fazer. E ele nunca iria parar de observá-la até o dia em que ela morresse.

Seu vestido de linho esvoaçava com a brisa delicada. Ela devia estar com frio, mas ela não estremecia. Em vez disso, ela o pegou olhando e riu.

Sorcha ergueu os braços para o lado, baixou a cabeça para trás e deixou o sol brilhar em seu rosto. O vento passou por baixo de seus braços, arrastando-se ao longo de seus lados. Ela era linda, selvagem e toda sua.

Incapaz de resistir, ele deu um passo atrás dela e seguiu o caminho que o vento havia tomado. O mergulho de sua cintura era tão intrigante, embora ele não pudesse entender por quê. Seus dedos se espalharam sobre sua barriga e ele se abaixou para respirar seu perfume.

Morangos e sol. Ela sempre tinha o mesmo cheiro, não importava o que ela havia feito naquele dia. Como era possível uma mulher trabalhar o dia todo e ainda cheirar docemente?

Ela espalhou seus dedos sobre os dele. Cada pequena marca gravada nas costas de sua mão e profundamente nos cristais que se espalhavam por seu corpo como um incêndio.

Eles estavam crescendo novamente. Ele não tinha certeza de como contar a ela ou se deveria. Ela só se preocuparia.

Eamonn sempre soube que os cristais continuariam a prejudicá-lo. Ele nunca tinha realmente pensado sobre como eles funcionavam. Eles o remontavam quando ele era ferido e isso era o suficiente.

Agora, ele se perguntou o quão longe eles iriam se curar. Uma lâmina envenenada afundaria em sua corrente sanguínea e se

espalharia por todo o seu corpo. Os cristais seguiriam esse caminho? Ele seria reduzido a pouco mais do que uma estátua?

Ele descansou a cabeça sobre a dela, inclinando-se ligeiramente para acomodar seu pequeno tamanho, e se concentrou no que estava ao seu redor. Havia tantas coisas pelas quais agradecer. Ele seria um tolo por não apreciá-las enquanto as tinha.

Ele suspirou, mexendo nos ramos de cachos vermelhos. — O que você planejou?

— Um almoço só com nós dois.

— Parece maravilhoso.

— Eu esperava que fosse. — Ela olhou para cima e o pegou com o olhar. — Você vai ter que me soltar.

Ele não queria. Ela pertencia a seu abraço e a nenhum outro lugar. Mas ele também entendia que esses pensamentos não eram racionais. Com um suspiro, ele a soltou.

Ela caiu de joelhos e abriu sua cesta de tecido. O pedaço de tecido vermelho era um cobertor que ela estendeu no chão, acariciando suavemente para lembrá-lo de que ele também podia se sentar.

Tudo parecia estranho.

Eamonn franziu a testa, mas se sentou ao lado dela. — Estamos comendo no chão?

— Sim.

— Existem mesas perfeitamente boas dentro dos castelos.

— Você não se lembra de levar mulheres para a selva? Para comer entre os pássaros?

— Vagamente. — Ele se apoiou em um cotovelo e enganchou os tornozelos. — Isso foi quando pensei que poderia cortejar uma mulher

com palavras bonitas.

— Mesmo? — Sorcha se ocupou em separar a cesta, mas ele percebeu que ela estava intrigada. — Você era muito ousado?

— Todos os homens faes pensam que são poetas.

— Não consigo imaginar você como poeta. — Disse ela com uma risada.

Ele quase se sentiu insultado. Arrancando uma folha de grama das proximidades, ele a enfiou entre os lábios e a olhou fixamente. — Por que isso?

— Você não parece o tipo de homem que perderia tempo reunindo palavras. Você é mais do tipo que encurrala uma mulher e a beija até deixá-la sem sentido.

— É o que eu fiz com você.

— Precisamente.

Ela achava que o conhecia tão bem. Quase queria deixá-la acreditar nele, pois era assim que ele era agora. Eamonn se tornou aquele homem depois de trezentos anos nas cortes dos faes. Seu pai uma vez disse que os homens tinham que semear sua aveia selvagem muito antes de se tornarem membros da realeza inteligentes.

— Treinei como general minha vida inteira, mas nem sempre estive no campo de batalha.

— Você não estava? — Seu queixo caiu. — Eu pensei que você não fosse como seu irmão.

— Ambos passamos por um treinamento semelhante quando éramos crianças e jovens.

— Quão jovem?

— Trezentos ou quatrocentos anos, mais ou menos alguns séculos, não consigo me lembrar.

— O que você fez em seguida? — Ela desistiu da cesta e se virou completamente para ele. Suas pernas cruzadas, saia na cintura enquanto ela se inclinava para contar uma história. — Diga-me, Rei de Pedra, que tipo de poesia você usaria para cortejar uma mulher?

— Não tenho mais uso para essas palavras.

— Claro que você tem! Eu quero ouvi-las, Eamonn.

Ele não queria falar sobre elas. Suas orelhas aqueceram, ficando vermelhas sob seu escrutínio. — Você riria.

Ela bateu palmas nas coxas em decepção. — Então você não é bom com as palavras. Você falaria sobre seus olhos de centáurea e risadas que soam como sinos, não é? A mesma poesia que todo homem pensa que conquistará o coração de uma mulher.

— Você conhece esses truques?

— Todo homem tentou usá-los em minhas irmãs ou em mim. — Sorchá revirou os olhos. — Eles nunca funcionam.

— Você me compara a homens humanos?

— Com o que mais devo comparar você? Eu não ouvi nenhum homem fazer recitar poesia.

Ele franziu os lábios. Ela pensava que ele era semelhante a qualquer homem que ela já teve antes? Era uma pena que esses humanos fossem tão patéticos.

Eamonn agarrou a mão dela tão rapidamente que ela engasgou. Com os olhos arregalados, ela olhou para ele enquanto ele levava os nós dos dedos aos lábios.

— Quando eu era jovem, diria que ouvia a tua voz no canto do mar. Que na sua ausência, o cheiro de morangos me enchia de desejo por seu cabelo, seus lábios, as luvas brancas de seus dedos. — Ele olhou para a mão dela na sua, acariciou sua palma suavemente com as

unhas.

— Eamonn...

— Eu não sou mais o príncipe dos faes com palavras suaves. Minha poesia para você é uma promessa. O mundo pode queimar ao nosso redor, mas nenhuma chama tocará sua amada carne. O oceano pode engolir a terra, mas eu serei seu navio e o alimentarei com ar puro. Uma espada pode tentar cortá-la, mas suportarei todas as suas feridas. Eu vivi mil anos no escuro, esperando pelos raios de sua luz do sol.

A respiração irregular dela encheu seu coração com um desejo que ele não conseguia explicar. Ele a desejava, mas não seu corpo. Ele queria seus pensamentos, seus sonhos, seus desejos, seu futuro. Cada pedaço dela era dele, e ele queria marcar tudo.

— Isso foi lindo. — Ela murmurou.

— Eu disse a você que todos os homens faes são poetas de coração.

— Isso não era poesia. Era *você*.

Seus olhares se encontraram, e ele se esqueceu do que eles estavam falando. Seus olhos brilharam, cantando seu amor. Ele desejou ser tão bom quanto o melhor poeta dos faes.

Ela merecia cada soneto que ele pudesse escrever. Esses dias já se foram, mas Eamonn gostaria de poder voltar. Mesmo por alguns momentos.

Limpando a garganta, ele acenou com a cabeça em direção à cesta. — O que você trouxe, mo chroí?

— Oh. — Ela o arrastou em sua direção. — Uma coisinha que achei que você gostaria.

Sorcha tirou um pedaço de pão, o vapor quente ainda saindo de

sua superfície. Um pequeno pote de mel e creme, mais para ele do que para ela. Ele sabia que ela não gostava do doce ouro. E, finalmente, ela puxou um pequeno pacote embrulhado que ela revelou conter morangos frescos.

Ele se inclinou para frente e puxou um de sua mão. — Onde você conseguiu isso?

— Eu pedi a Cian um favor.

— Ele plantou morangos fora da estação?

Ela encolheu os ombros. — Eu posso ter pressionado por eles.

— Sua coisa perversa. — Ele mordeu a polpa macia, saboreando o doce sabor que dançava em sua língua. Quase tão adorável quanto ela, mas não tão satisfatória.

Ele sentiu os olhos dela nele. As memórias que compartilharam acenderam um fogo profundo em sua barriga.

— Você não está comendo? — Ele perguntou.

— Estava gostando da vista.

Era quase muito fácil arrancar um morango de suas mãos e levá-lo aos lábios. — Morda.

Pela primeira vez na vida, ela não discutiu. Ele quase gemeu quando os dentes brancos dela morderam a polpa vermelha, lábios macios mal tocando a ponta dos dedos.

Como da primeira vez, um pequeno fio de suco vinho tinto escorreu de sua boca e percorreu seu queixo. Ele desceu pela longa coluna de seu pescoço para se aninhar no oco de sua clavícula.

— Eu pensei que iria morrer na primeira vez que você comeu morangos, — ele gemeu. — Agora estou certo disso.

— Por que?

Ela sabia. Ela tinha que saber por que ele estava tão apaixonado

por uma mulher coberta com seu gosto favorito. Mulher e fruta proibida.

Um grunhido vibrou em sua garganta. Ele a empurrou até que ela deitou de costas, o cabelo espalhado como um pôr do sol. Inclinando-se, ele lambeu do vale de seu pescoço até a base de seu queixo.

– Você é uma mulher perigosa.

– Eu sou?

– Você consome meus pensamentos.

– Pobre homem.

– Eu não posso nem treinar meus soldados sem me perguntar o que você está fazendo, com quem você está. – Ele fechou a mão em sua saia de linho, puxando com força suficiente para fazê-la engasgar.

– O que você está vestindo.

– Prováveis roupas de segunda mão.

– As roupas mais tentadoras que já vi em uma mulher.

– Eu as peguei emprestado.

– Contanto que você as use, eu não me importo, – ele gemeu. Seus dedos se moveram, juntando o tecido em sua palma para que ficasse cada vez mais alto sobre suas coxas brancas leitosas. – Você poderia usar uma capa encharcada de sangue e eu ainda iria querer você.

– Oh, não diga isso meu amor, posso testá-lo.

– Teste o quanto quiser, mas não hoje.

Ele pressionou os lábios contra seu ombro, movendo o tecido de seu vestido enquanto caminhava. Ele sabia que ela gostava da forma como seus cristais raspavam contra sua pele. Os pequenos movimentos que ela fazia foram a vitória final.

Eamonn sempre achou que uma mulher no auge da paixão era uma visão maravilhosa. Ele passou séculos aprendendo cada centímetro, cada truque para agradá-las. Mas cada uma era uma pérola única. Um livro que deve ser lido, correta e frequentemente, para ser totalmente compreendido. Ele era um aluno muito atencioso.

Deixando a borda áspera de seu lábio inferior arrastar-se logo abaixo da elevação de sua clavícula, ele respirou na trilha úmida que havia feito.

Ela choramingou.

— Eu amo o quão sensível você é, — ele disse enquanto pressionava beijos cada vez mais baixo. — Não importa o que eu faça, você reage.

— Você fez pouco para decepcionar.

— Estou lisonjeado.

Ele arrastou a mão até a altura de seu quadril, pressionou a palma da mão contra sua barriga e deslizou entre seus seios. Laços na frente mantinham seu vestido unido. Ele enviou uma oração para qualquer deus que cuidava dele.

— Eamonn, — ela engasgou. — E se alguém ver?

— Deixe-os olhar, mo chroí. Eles não vão nos incomodar na única tarde que temos juntos.

Ela deve ter planejado isso o tempo todo. Os nós estavam soltos na frente e se soltaram facilmente. Ele separou o tecido e a mostrou aos olhos.

— Excelente, — ele disse. — Foi a primeira coisa que notei em você.

— Meus seios? — Ela parecia quase zangada.

Eamonn balançou a cabeça e mordeu o lábio. — Não, mo chroí.

Ele alisou as mãos sobre a pele clara e macia de seus ombros. Ele cavou apenas o suficiente para apertar seus músculos. Os ossos finos o cativavam.

— Você é uma tempestade de alma contida em uma garrafa de vidro. Tão frágil e facilmente danificável, mas poderosa em todas as outras formas. — Seus ombros estremeceram. — Você tira meu fôlego.

Ela agarrou seus bíceps, pequenas unhas cravando em sua pele com fervor repentino. — Eamonn, faça *alguma coisa*.

— Como minha senhora ordena.

Ele se abaixou, mordiscando as ondas delicadas dispostas diante dele como um banquete. Ela se contorcia embaixo dele. Ele sabia que ela estava pronta, mas ele não tinha acabado de atormentar seu próprio pequeno prêmio. Ainda não.

Alcançando a cesta de tecido, ele abriu a garrafa de mel. Ela engasgou quando o líquido suave derramou sobre seu peito.

— O que você está fazendo?

— Aproveitando a refeição que você forneceu.

— O que? — Sua voz soou turva. — Eu não...

— Shh, Sorchia.

Sua língua rodou através do elixir dourado, cobrindo sua língua com açúcar e mulher. Ela não tinha como saber o que o mel significava para os Fae. Que essa substância era tão afrodisíaca quanto comida.

Ele chupou um botão rosado em sua boca, espalhando o mel até que ele não pudesse dizer onde ela terminava e o doce começava. Isso não importava no final. Ela estremecia embaixo dele. Suas coxas se abriram e ele preencheu o vazio com uma onda de movimento que a trouxe mais apertada contra ele.

Liberando seu prêmio, ele se virou para o outro com um

grunhido que rivalizava com um animal. Ele mal podia acreditar o quanto a desejava. Seu coração batia forte no peito, pulmões arfando com o movimento e ele lutou contra o tecido apertado de suas calças. Nunca tinha sido assim com uma mulher antes.

Somente ela.

Ela arqueou as costas, exigindo sua atenção com um movimento sutil que ele entendeu. Seu corpo era uma linguagem que ele se dedicou a aprender.

Ele puxou a saia dela para o lado e deslizou a mão entre eles. Seu núcleo latejava, liso e macio como ele sempre se lembrava. Seu corpo inteiro tremia com a força que o mantinha sob controle. Gemendo, ele a soltou e balançou a cabeça.

— Você me transforma em pouco mais do que um menino destreinado! Eu deveria atormentá-la por horas.

— Eu certamente morreria!

Essas eram as palavras que ele esperava ouvir. Eamonn se atrapalhou desesperadamente com as amarras de suas calças, libertando-se com um suspiro de alívio.

Ele precisaria estar atento a seus cristais. Ele se lembrava cada vez que ela era delicada, sua pele facilmente quebrável, seus ossos frágeis. Mas ela cravou as unhas em seus ombros e gemeu para que ele se apressasse.

Como um homem manteria sua cabeça?

Ele flexionou os quadris e relaxou no calor liso dela. Os dois jogaram a cabeça para trás em êxtase. Ela gemeu seu nome, e ele apertou os músculos de sua mandíbula com tanta força que ouviu seus dentes rangerem.

Sorcha era sua casa. Cada centímetro dela, se ele estava dentro

dela, ao lado dela, ou tão longe que não podia mais sentir o cheiro dela no vento. O lar era um lugar pelo qual ele lutou e procurou. Séculos se passaram com muitas pessoas e lugares passando.

Eamonn nunca imaginou que o lar pudesse ser uma pessoa. Ele não sabia como um único sorriso, uma onda enrolada em seu dedo, um arco gracioso de um pé poderia mudar sua vida para sempre.

Ele se moveu, lentamente puxando os dois para mais perto e mais perto do pico. Mas não estava certo, ainda não.

Ele se inclinou e alisou o cabelo de sua testa. Seus belos olhos se abriram, encontrando seu olhar severo sem medo.

— Eu me comprometo a você. — Sua respiração soprou em seus lábios enquanto o ritmo de seus corpos se acelerava. — Onde quer que você vá, eu irei segui-la. Você é a única luz em minha vida, o farol no final de uma estrada longa e sinuosa. Juntos seremos mais do que amantes, marido e mulher, rei e rainha. Somos mil anos de desejo, desejo e amor. Muito amor.

— Juntos. — Ela repetiu e deu um beijo delicado em seus lábios.

Uma onda de fogo e relâmpago percorreu seu corpo até que ele pressionou sua testa contra a dela e se juntou a ela enquanto explodiam em mil estrelas. Ele imaginou que no ímpeto selvagem da paixão que costurou as estrelas dela nas suas para criar uma capa de meia-noite que o manteria aquecido para sempre.

— Mo chroí. — Ele deu um beijo em seus lábios, suas bochechas, seus olhos. — Meu coração bate por você.



Eles descansaram na beira do penhasco até o sol se pôr e as estrelas ganharem vida acima deles. Sorcha não queria ir embora. Cada segundo que eles passaram juntos era infinitamente precioso.

Ela estremeceu. O ar frio afundou através do tecido fino de seu vestido e cavou garras em seus ossos. Ela se aconchegou ainda mais em seu abraço e suspirou.

— Precisamos entrar? — Ele rugiu.

— Está esfriando.

— Pequena humana delicada.

— Druida. — Ela o lembrou. Ele a rolou de costas, sorrindo para ela com uma expressão suave que ela nunca se cansava de ver.

— Druida, — ele concordou. — Como eu poderia esquecer?

— É muito fácil quando você está tão distraído.

— Eu estou?

Ela seguiu a ponta irregular de uma fissura de cristal da testa até o lábio. — Talvez não tão distraído como você estava esta tarde.

Ele beliscou seus dedos. — Não me tente.

Tentação era a definição dele. Seu coração batia forte cada vez que ela olhava para ele. Eles estavam diferentes aqui neste castelo do que em Hy-brasil. As responsabilidades enchiam suas vidas e era difícil encontrar um tempo juntos.

O tempo que encontravam era raro e, portanto, ainda mais especial.

Ela estremeceu novamente e riu. — Sinto muito, mo chroí. Eu preciso me aquecer. A menos que você magicamente tenha um casack?

— Sem casaco.

Ele ficou de pé e estendeu a mão para ela. — Então, deixe-me

encontrar um fogo para você.

— Ou uma cama com cobertores.

— Ainda não está satisfeita?

— Totalmente satisfeita, mas encontrando-me ainda com fome.

Ele a pegou em seus braços e a carregou de volta pelo castelo. Ela riu quando ele bateu na porta como um aríete. O puro poder de seu corpo era impressionante, mas ele era infinitamente gentil com ela.

Eles correram pelos corredores, escondendo-se nas sombras quando um fae passou por eles. Sua audição era muito mais forte que a dela. Ele ouviu seus passos, o som de sua respiração, e se escondeu atrás das cortinas para evitá-los.

Ele a silenciou quando ela riu. — Estamos nos escondendo!

— Por quê?

O brilho em seus olhos sugeria que ele estava se divertindo.

Ela estava feliz em vê-lo feliz. Bolhas de alegria incandescente ergueram-se por seu ser e se espalharam em ondas. Ela acariciou qualquer pedaço dele que ela pudesse alcançar. Sua mandíbula, seu cabelo, seus ombros, as bordas irregulares de sua garganta.

— Mestre! — O grito de repreensão de Oona os fez congelar.

Eles tinham acabado de chegar às escadas, tão perto da liberdade. O suspiro de Eamonn agitou seu cabelo. Responsabilidade chamada.

Ela acariciou a nuca dele e sorriu. — Tivemos uma tarde.

— E foi uma tarde adorável.

Ele deixou as pernas dela balançarem no chão. Sorcha segurou seu ombro enquanto eles se viravam para a pixie, querendo ficar conectada a ele o máximo possível.

As sobrancelhas de Oona franziram e as pontas de suas orelhas alongadas caíram. — Mestre?

— Sim, vá em frente Oona.

— É... — Ela engoliu em seco e estendeu um pequeno pedaço de pergaminho. — Chegou uma carta.

— Uma carta?

O estômago de Sorchá caiu em suas entranhas. Os nervos viajaram por suas veias em correntes elétricas enquanto ela olhava para o papel muito branco. Ela sabia o que era, o que tinha que ser, e não podia forçar seus pés a dar um passo à frente.

Eamonn largou a mão dela e avançou como se estivesse em transe. Ela observou sua expressão, a maneira desanimada com que ele tropeçou e gentilmente pegou a carta em suas mãos.

Ele alisou as pontas dos dedos nas bordas, mas não abriu o envelope.

Ela não percebeu que havia se movido até que colocou as mãos sobre as dele. — Vamos abrir juntos.

— É a primeira vez que falo com eles em séculos.

— Eles?

Ele virou a carta e revelou cera dourada estampada com as linhas curvas de uma árvore. — É o selo real. Isso não é apenas de Fionn.

Era de toda sua família. Lágrimas escorreram de seus olhos até que ela mal conseguia ver o símbolo. Eles o haviam condenado, enforcado, banido, e ele ainda queria desesperadamente falar com eles.

— Dê para mim. — Ela disse.

Ele a entregou sem reclamar.

Sorcha deslizou a unha por baixo da cera. Ela se abriu sem nenhum selo mágico ou sinal de alerta. Pelo menos eles não estavam tentando envenená-lo.

Ela deslizou a carta para fora e correu os olhos sobre ela, lendo a nota com decepção. Isso não foi escrito à mão por ninguém de sua família. Ela suspeitava que eles nem tinham olhado.

— Tudo o que diz é que nosso pedido formal foi aceito. Em três luas, chegaremos ao palácio, onde serão preparados quartos para nos encontrarmos com o rei e sua corte. — Sorcha ergueu os olhos. — O que é isso? Pedimos uma audiência privada, não uma assembleia.

— Então é assim que ele vai jogar, — rosnou Eamonn. — Que assim seja.

— O que isto significa?

— Oona, prepare os anões. Eles precisarão criar roupas aceitáveis para a corte para nós dois. Partimos amanhã à tarde.

A pixie se moveu. — É tempo suficiente para chegar ao castelo?

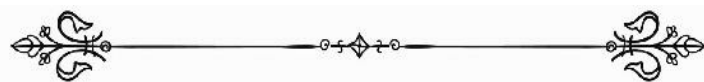
— Vamos cavalgar a noite toda se for preciso.

Oona correu pelo corredor em direção aos aposentos dos criados. Eles precisariam ficar acordados a noite toda para juntar as roupas que Eamonn considerasse aceitáveis.

Preocupada, ela agarrou seu braço quando ele começou a se afastar dela. — Eamonn! O que está acontecendo?

— Nós vamos a corte. — Piedade encheu seus olhos. — Precisamos nos preparar para o pior e torcer para que meu irmão não tenha perdido completamente a cabeça.

CAPÍTULO 10



A Corte Seelie

Eles deixaram o castelo assim que o sol beijou o horizonte no dia seguinte. Oona e seus faes trabalharam até a ponta dos dedos sangrarem. A roupa que eles fizeram era deslumbrante, fios dourados correndo por todo o tecido preto que parecia a luz das estrelas.

Eamonn grunhiu quando as viu, mas Sorchá percebeu a apreciação em seu olhar. Oona também. As bochechas da pixie ficaram vermelhas de prazer.

Eles decidiram que apenas uma quantidade limitada de seu povo viajaria com eles para Cathair Solais. Eles não tinham como determinar o que Fionn estava fazendo e, no final, não valia a pena arriscar a vida de seu povo.

O exército ficaria para trás. Só Oona, Cian e alguns anões selecionados viajaram com Sorchá e Eamonn.

Eamonn queria deixá-la para trás, dizendo que o castelo precisava de uma rainha. Ela argumentou que ele precisava de uma rainha muito mais do que os anões, que nunca tiveram uma rainha antes.

Ela ganhou.

Eamonn estabeleceu um ritmo extenuante que rapidamente fez com que todos se arrependessem de ter ido. Ele amarrou os faes a seus cavalos para que pudessem dormir enquanto viajavam. Em vez de amarrá-la, Eamonn segurava Sorchá em seu cavalo e permitia que ela

dormisse em seu peito.

Eles não descansaram até que o castelo estivesse em sua visão.

Ela piscou os olhos para a luz dourada que quase a cegou. — Estamos aqui?

— Nós vamos ter uma boa noite de sono primeiro. Todos nós vamos precisar de nosso juízo sobre nós quando entrarmos no palácio.

Ela não iria discutir com isso. Sorchá esperou que ele escorregasse do cavalo antes de segui-lo com as pernas de borracha. Ele a segurou contra o peito, dando-lhe tempo para se equilibrar antes de se afastar para desamarrar os faes. Sorchá começou nas amarras de Oona primeiro.

— Estamos parando? — Oona arrastou as palavras, a exaustão prendendo sua língua. — Por que não estamos continuando? Estamos tão perto.

— Eamonn quer que todos nós tenhamos uma mente limpa quando chegarmos ao castelo.

— Oh, — Oona desceu e colocou as mãos nos ombros de Sorchá. — Provavelmente é uma boa ideia.

— Você pode se acomodar?

— Vou ajudar os outros.

— Não. Pegue seu saco de dormir e deite-se. Pegaremos os outros.

Demorou apenas alguns minutos para libertar o resto dos faes que se amontoaram uns em cima dos outros e adormeceram em uma pilha gigante. Eles estavam tão cansados que ficaram em silêncio e imóveis.

Eamonn estendeu um cobertor no chão duro e suspirou. — Não é o luxo a que estamos acostumados.

— Estamos acostumados ao luxo? E aqui estava eu pensando que vivíamos em um castelo mal-assombrado e em ruínas. — Ela colocou a mão em seu braço, gentil. — Será o suficiente.

Eles deitaram juntos, o braço dele curvado sobre sua cintura, as mãos dela dobradas contra seu peito. Ele estava quente o suficiente para que ela não pedisse fogo.

Ela respirou seu perfume amadeirado e suspirou. — Você está pronto para amanhã?

— Não.

— Podemos nos virar agora. Não há necessidade de retomar o trono de sua família agora que você tem o seu próprio.

— O antigo trono de Nuada não é real, — respondeu ele. — Não há substância na afirmação, e os faes eventualmente se lembrarão disso. Se eu quiser salvar nosso povo e mudar os velhos hábitos, devo retomar o trono Seelie.

Sorcha entendia seu desejo de retirá-lo. Ela tinha visto no espelho Unseelie tudo o que Fionn era capaz. Os Fae menores mereciam uma vida igual à dos Tuatha dé Danann. Eamonn via isso quando outros não.

Mas ela se preocupou no que eles estavam entrando. A forma tensa com que Eamonn a abraçava sugeria que ele também estava preocupado com as possibilidades. Fionn nunca foi um homem em quem confiar antes.

Que horrores os aguardavam?

Ela suspirou e enfiou a cabeça embaixo do queixo dele. De todos eles, ela precisaria de seu juízo sobre ela. Um humano era pouco mais que um brinquedo para essas criaturas. Os outros a protegiam, mas todos se lembravam do que ela realmente era. Uma druida era capaz

de muito mais do que uma simples humana.

O sono a reivindicou até o amanhecer. Seus braços estavam congelando e próximos ao peito. Ele a havia deixado há algum tempo sem acordar.

Oona se agachou na frente de Sorchá, estendendo a mão. — É hora de acordar, querida.

— Obrigada. — Ela rolou para o lado, sacudindo a longa juba de seu cabelo e bocejando. — Quanto tempo mais temos?

— Não muito. Devo deixar você pronta e então iremos a sua corte.

— Nós? Você vem conosco?

— Devemos ser a sua corte.

— Nós temos um nome? — Sorchá se levantou e esticou a coluna, estalos altos aliviando sua tensão. — O Seelie, o Unseelie, quem somos nós?

Oona não respondeu.

Sorchá olhou para ela e percebeu a expressão assustada nos olhos da pixie. — Oona? — ela perguntou. — Você está bem?

— É a primeira vez que volto.

— Oh. — Sorchá não sabia como ajudar a boa mulher. Pixie merecia o mundo colocado a seus pés por ela dar natureza e sua doce disposição. Essas pessoas não se importaram com a sua existência, e então Eamonn a arrastou para uma ilha distante.

Sorchá pigarreou. — Oona, sei que fui negligente em conhecê-la. Eu nem sei se você tem família aqui.

— Não, querida. Nunca tive oportunidade. Famílias Pixie são bastante pequenas, e meus pais deixaram este mundo há muito tempo. — Ela gesticulou para o pacote em suas mãos. — Vamos

colocar este vestido em você e verei o que posso fazer com o seu cabelo.

— Você queria filhos? — Sorchá não pôde deixar de perguntar.

— Sim.

— Por que você não os teve?

— Fae menores a serviço de Tuatha dé Danann não podem ter filhos a menos que seus mestres os permitam.

— Quem era seu mestre naquela época?

Oona olhou por cima do ombro enquanto Eamonn caminhava na direção deles. — O pai dele.

— Temos pouco tempo, — gritou Eamonn. — Prepare-a!

— Sim, mestre.

O coração de Sorchá se apertou. Ela estendeu a mão e pegou a mão de Oona que segurava o tecido brilhante. — Você não precisa mais chamá-lo de mestre.

— Eu preciso. Isso é o que ele é.

— Ele não quer mais que isso seja a realidade para os Fae menores.

— Eu sei, querida. Mas não vou parar de chamá-lo assim até que isso se torne verdade para todos nós.

Era por isso que ela estava aqui. Sorchá se afastou dos homens e se escondeu entre os cavalos enquanto Oona a despia. Ela deixou o tecido de seda deslizar sobre sua pele, mal notando a qualidade fina e o toque frio.

Os nervos fizeram seu estômago apertar. Ela olhou para longe enquanto sua mente vagava. Eles seriam tão cruéis quanto Fionn? Ela estava entrando em uma corte onde todos atacariam?

Ela perderia as pessoas que amava hoje?

— A preocupação não levará você a lugar nenhum, — acalmou Oona. — Limpe sua mente e mostre a eles que você é mais do que apenas uma humana fraca.

— Os humanos não são fracos.

— Eles são comparados a nós. Mas você é uma sacerdotisa druida, uma Tecelã que é capaz de grandes coisas. A neta de Ethniu, Fomorianana e mãe da raça druida. Você não tem nada a temer.

— E tudo a perder.

— Braços para cima.

Ela ergueu os olhos para que Oona prendesse a delicada malha de ouro na parte superior das mangas. Todo o vestido era feito de seda amarela que se agarrava a cada centímetro de seu corpo. Oona colocou faixas em volta dos braços, da cintura e do colarinho.

— Isso é desconfortável. — Sorchá reclamou.

— A beleza não é confortável. Você consegue respirar?

— Sim.

Oona sincronizou o espartilho de metal com mais força. — E agora?

— Não. — Sorchá ofegou.

— Isso é perfeito então. Deixe-me ver o que posso fazer com o seu cabelo.

— Deixe para baixo.

— Não está na moda.

— Eu não me importo se está na moda. Quero que eles se lembrem de que não sou Fae. Mesmo que eu esteja tentando parecer um.

Parecia importante lembrar a Corte Seelie que Eamonn e sua consorte não eram as criaturas que esperavam. Ele havia crescido

muito nos anos desde que os deixou. Ela era uma criatura desconhecida que eles subestimariam. Ela queria usar isso a seu favor.

Rodeando os cavalos, ela cuidadosamente escolheu seu caminho pelo chão, evitando poças de lama enquanto avançava.

— Estou pronta.

Eamonn vestiu sua armadura. Limpa e oleada, ainda trazia as marcas da guerra. Amassados e rachaduras transformaram a placa de metal do peito em uma confusão com covinhas. Cristais se projetavam onde as espadas esmagaram a armadura contra sua pele e estilhaçaram as placas.

Ele parecia em cada centímetro o senhor da guerra, e ela estava completamente satisfeita.

— Você está linda, — disse ele. — Eles não saberão o que pensar de você.

— Idealmente, nada. Eu preferiria ficar nas sombras. Sou melhor em ouvir do que em política.

— Não, não tivemos tempo para treiná-la. — Ele colocou uma mecha de seu cabelo atrás da orelha. — Deixe-me falar enquanto estamos lá.

Ela não discutiu.

Eamonn montou em seu próprio cavalo em vez de deixá-la cavalgar separadamente. Ele balançou atrás dela, envolvendo um braço firmemente em torno de sua cintura e puxando-a de volta contra ele.

Todos ficaram calados durante a viagem para o castelo. Os poucos anões que viajaram com eles estavam em alerta máximo. Eles examinaram a distância como se esperassem que um exército surgisse do nada.

Sorcha presumiu que não era uma ideia tão rebuscada. Ela prendeu a respiração, esperando.

Eles chegaram à estrada principal sem incidentes. Os edifícios ao redor do castelo eram igualmente esplêndidos. Ouro derramado dos telhados como se a chuva fosse metal fundido. Peças filigranadas tão finas que devem ter sido feitas com magia decoravam o exterior do edifício como o mais fino papel de parede.

Faes circulavam pelas ruas, muito mais belos e impossíveis do que Sorcha jamais vira. Uma mulher com pele de ébano caminhava ao lado de seus cavalos, uma capa vermelha cobria sua cabeça e minúsculos pontos de ouro salpicados sobre as maçãs do rosto e a testa. Ela comprou um fio de pedras preciosas de um homem coberto com tantas joias que Sorcha não sabia por onde ele começou. Talvez ele fosse feito inteiramente de ouro e pedras preciosas.

Ninguém sequer olhou para eles enquanto passavam.

Sorcha se recostou e sussurrou: — Por que eles não estão olhando para nós?

— Nós somos os banidos. Nós não existimos.

— Eles *podem* nos ver, não podem?

— Se eles quisessem olhar para cima, sim, eles poderiam nos ver.

É proibido reconhecer a existência de qualquer um dos banidos.

— Como eles sabem que fomos banidos? — Ela perguntou.

— Eles foram avisados.

Então era assim que Fionn rasgaria a confiança de Eamonn antes mesmo que ele chegasse ao castelo. Não soldados. Não derramamento de sangue.

Sorcha havia esquecido o quão dolorosamente inteligente Fionn era. O rei não correria o risco de deixar Eamonn zangado. Seu orgulho

poderia ser ferido muito antes que alguém precisasse lutar. Um homem sem garantia de si mesmo cairia sem Fionn levantar um dedo.

Ela ergueu o queixo. — Deixe-os saber que não temos vergonha então. Eles podem não se lembrar de nossos rostos, mas vão se lembrar de que passamos por essa multidão sem medo.

Os anões ergueram o queixo com ela e as orelhas de Oona se ergueram. Sorchá se recusou a permitir que qualquer um deles se sentisse indesejado. Eles eram muito queridos por *ela*, e se o Faes Seelie não pudessem apreciá-los, então ela o faria.

— Cantem para as pedras. — Ela sussurrou.

Um dos anões olhou para ela surpreso. — Senhora?

— Cantem para as pedras. Deixe-os nos ouvir chegando, não temos nada a esconder.

O braço de Eamonn se apertou ao redor de sua cintura, mas ele não silenciou os anões. Eles ergueram suas vozes profundas bem alto no ar e deixaram o vento levar sua canção antiga. Faes estremeceram ao redor deles, alguns levantando olhos assustados para os recém-chegados antes de se virar violentamente.

Ótimo, Sorchá pensou. Deixe-os saber que o rei supremo viajou entre eles.

A canção dos anões ecoou pelas ruas, quicando nas pedras e estátuas. O pessoal de Fionn se espalhou. Logo, as ruas estavam vazias de tudo, exceto uns poucos corajosos que se recusaram a ceder ou olhar.

Sorchá os observou enquanto abaixavam a cabeça e mantinham os olhos fixos no chão.

— Eles parecem estar se curvando. — Ela observou.

— Eles não estão.

— Sua espécie não percebe que olhar um líder nos olhos é a maior demonstração de desafio? — Um fae próximo ergueu sua cabeça de cabelos verdes. Mas ele ainda não encontrou seu olhar. — É uma pena que haja tão pouca coragem entre o seu povo.

Com isso, o fae olhou para cima e encontrou seu olhar. Ele sorriu, frio e afiado, até que ele olhou para o chão.

Eles alcançaram os degraus do castelo e Eamonn não hesitou. Ele estalou a língua, incitando o cavalo a continuar. Sorchá se inclinou para a frente, agarrou os antebraços de Eamonn com força e respirou fundo.

As grandes portas se abriram.

Cathair Solais era tão bonita quanto ela se lembrava. Pisos polidos, tetos abertos que filtravam o céu através de folhas verde-esmeralda, colunas altas feitas do mármore mais branco, sem veios para falar.

Desta vez, faes encheram o castelo. Eles se enfileiraram de cada lado do grande salão que levava a um trono enorme. Tecido vermelho ondulado de três andares, estendido até onde a vista alcançava. Uma grande árvore cresceu atrás dele, quase tão alta quanto o castelo. E sentado no centro, Fionn, o Sábio, os observava se aproximando.

Eamonn se abaixou e disse: — Assim começa.

A multidão permaneceu em silêncio, seus olhos olhando para o trono e não para os recém-chegados que ousavam desfilar cavalos pelos salões sagrados do rei. Sorchá quase engasgou de choque quando eles se aproximaram o suficiente para ver o trono em detalhes.

Havia duas cadeiras nos níveis inferiores, sobre as quais o rei e a rainha anteriores se sentavam.

— Eamonn. — As unhas dela cravaram em seus braços.

Ela sentiu o momento em que ele os viu. Seu corpo ficou tenso, sua espinha se endireitou e sua respiração ficou irregular.

Que tormento ele devia sentir! Ela queria fechar os olhos para banir a imagem dos pais de Eamonn que nem mesmo olhavam para ele. Eles também mantiveram os olhos no chão. Fionn foi a única pessoa em todo o salão que encontrou o olhar de Eamonn.

Mãos de pedra agarraram as rédeas e puxaram com força. O cavalo bufou, sacudindo a cabeça em desconforto.

— Então, — a voz de Fionn ecoou pelo grande salão. — O príncipe banido retorna.

— Eu vim para recuperar o que é meu por direito.

A mensagem poderosa de Eamonn enviou uma onda de arrepios pela multidão. Sorchá não esperava que ele declarasse suas intenções imediatamente, mas concordou com sua decisão. Eles precisavam ser fortes porque Fionn esperava que fossem fracos.

— É uma pena que devo desapontá-lo. — Fionn recostou-se no trono, cruzou as pernas e gesticulou para o corredor. — Nada disso é seu.

— É quando desmontamos. — Ele se inclinou para que apenas Sorchá pudesse ouvi-lo. — Abaixar-se antes de mim, mo chroí.

Ela passou a perna pela lateral do cavalo. Suas saias subiam por suas coxas lisas, mas ela não se cobriu. Ninguém estava olhando.

Eamonn a seguiu, ficando de pé atrás dela com força. Ela podia sentir o poder elétrico de sua raiva e decepção com seu irmão.

— Fionn, — ele projetou através do grande salão. — Você governou em meu lugar por tempo suficiente.

— Eu? Se houver algum fae nesta corte que deseja desertar e ir com meu irmão, por favor, dê-se a conhecer.

Sorcha olhou para a multidão que permaneceu em silêncio e imóvel. Nem mesmo uma tosse ecoou, nem o arrastar de pés contra a pedra.

Ela queria gritar com eles. Eles eram todos covardes? Era esta a corte das faes com que ela sonhava quando criança? Nada mais do que seguidores mansos de um rei que não era nem mesmo assustador.

Um sorriso se espalhou pelo rosto de Fionn. — Então você vê? Ninguém quer ir com o príncipe banido que voltou sem ser convidado.

— Eles não expressariam suas opiniões em um ambiente tão público.

— Por que não?

— Eles têm medo de você, irmão.

— Pare de me chamar assim.

Eamonn deu um tapinha em seu cavalo, os sons suaves assustando alguns dos faes próximos. Seus olhares temerosos se ergueram para o rei supremo. — Isso é o que somos, quer você decida admitir ou não.

— Você não tem lugar aqui.

— Você está sentado no meu trono.

Ofegos ecoaram novamente. A audácia de um homem entrar na corte de um rei e fazer uma provocação tão ousada! Sorchá podia sentir seu horror, curiosidade e admiração crescendo a cada segundo.

Fionn se levantou, sua grande altura quase tão imponente quanto a de seu irmão. Mas ele não tinha a construção muscular que sugeria uma vida difícil. Em vez disso, Fionn era magro e alto. Seu corpo era tudo o que o de Eamonn poderia ter sido. Linhas suaves, curvas suaves, mãos graciosas que faziam as mulheres implorar por um único toque.

Ele flutuou do trono como uma pena ao vento. O cabelo dourado na altura da cintura brilhava em uma faixa perfeita de cor. Fionn caminhou diretamente para Eamonn e o encarou nos olhos.

Sorchá estremeceu com as semelhanças entre os gêmeos. Ela tinha visto os dois individualmente, mas juntos eram um espetáculo para ser visto.

Eles eram reflexos um do outro no espelho. Ela conhecia a postura teimosa do queixo de Eamonn, a curva de sua mandíbula, as minúsculas marcas no canto dos olhos quando ele sorria. Elas estavam todas no rosto de Fionn, até as rugas exatas causadas pela preocupação entre seus olhos.

Onde Fionn era deslumbrante, Eamonn não era. Cristais e geodos arruinaram a beleza que ele poderia ter nascido. Belo não conseguia descrever a graça com que eles se moviam, os sons sussurrados de seus corpos mudando mesmo enquanto eles ficavam parados, e as suaves inalações que levantavam seus peitos e dilatavam suas narinas.

— Você não tem o direito de estar aqui. — Fionn rosnou.

— Você não tinha o direito de me banir.

Fionn inclinou a cabeça para o lado, os lábios se curvando em um rosnado e os olhos brilhando de ódio. O que causou tal divisão? Sorcha se recusou a acreditar que fosse ciúme, pois essa era uma emoção que entorpecia com o tempo. Eamonn não tinha mais nada. O que mais Fionn poderia encontrar para odiá-lo?

O rosto do Rei Seelie sem qualquer emoção e ele se virou para Sorcha com um sorriso que a fez estremecer. — Sorcha de Ui Neill, é um prazer estar em sua presença novamente.

Ele pegou a mão dela e ela não teve escolha a não ser permitir que ele beijasse seus dedos. — Eu gostaria de poder dizer o mesmo.

— Você não está feliz em me ver? Seu rei?

— Você não é meu rei.

Eamonn e a multidão enrijeceram, mas Fionn riu. — Não, mas nenhum homem é seu rei. Eles são, pequena druida?

— Você não me conhece, Fionn, o Sábio. — Sua mão apertou a dela com a menção de seu nome. — Você se senta em um trono roubado e, como tal, não tem direito a ele.

— E o que você vai fazer?

Ela se inclinou para frente para que a multidão não pudesse ouvir suas palavras. — Defendi um tratado de paz, em vez de um exército à sua porta. Você deveria ser grato.

— Você acha que eu tenho medo de um exército anão?

— Você ainda não aprendeu que subestimar um druida é perigoso?

— Oh, lembro-me muito bem. — Ele se aproximou, tentando intimidá-la com seu corpo. Sorcha não recuou, embora pudesse sentir a respiração dele contra sua testa. — Mas agora você está na minha

corde, e eu tenho mil guardas que gostariam de nada mais do que enfiar uma espada em seu peito.

— Cuidado, irmão. — Rosnou Eamonn.

— E o que você vai fazer? Sendo o príncipe banido que você é?

— Você sabe o que me fez.

— Imortal? — Fionn balançou a cabeça. — Não, é possível matar você.

Os olhos de Sorcha se arregalaram com a revelação. O que Fionn sabia que eles não? Ela olhou para Eamonn, cuja expressão preocupada só a deixou mais nervosa.

Durante tudo isso, a rainha viúva e o rei permaneceram em silêncio em seus tronos. Fionn subiu os degraus e tocou suavemente os braços de seus tronos. Eles não falaram, nem mesmo se moveram, a não ser para reconhecer o filho que haviam escolhido.

A raiva plantou uma semente em seu peito que queimou. Sorcha esfregou a garganta e disse a si mesma para permanecer em silêncio. Esta não era sua batalha.

Ainda não.

Fionn sentou-se novamente e ergueu a mão. — Eu concedi a você uma audiência, príncipe banido, não uma cena. Como você pode perceber, já há muitos que desejam falar comigo. Suas travessuras e dramas não são apreciados por aqueles que já esperaram dias para expressar seus apelos. Você permanecerá em seus aposentos, que graciosamente providenciei, até o momento de sua audiência. Meus guardas verão você lá.

O tinido da armadura ecoou quando um verdadeiro exército de soldados dourados avançou sobre eles. A pulsação de Sorcha disparou quando o exército separou ela e Oona das outras.

— Eamonn! — Ela gritou.

Ele não respondeu, apenas olhou para seu irmão enquanto os guardas empurravam seu peito e o empurravam para fora do grande salão.

— Fionn! — Sua voz ecoou pelo salão tão alto que o rei teve que olhar para ela. — Para onde você está me levando?

— Não seria adequado permitir que um casal solteiro ficasse no mesmo quarto, não é?

Ela não poderia dizer a ele que eles eram casados, e Fionn sabia que ele a encurralou. Ele estava tramando alguma coisa, e ela se recusou a jogar junto com este jogo.



— Eles nem olharam para ele! — Sorcha gritou enquanto arrancava as pulseiras de ouro de seus braços. — Você viu aquilo? Eles são os pais dele e nem tiveram a decência de olhar para o filho que não viam há séculos!

— É o jeito dos faes. — Disse Oona em voz baixa.

— É uma maneira *estúpida*!

Sorcha jogou as pulseiras na parede. O som de batida apenas a fez se sentir um pouco melhor.

— Eles não olharão para o rosto dele até que ele não seja mais banido. — Disse Oona.

— E quem pode fazer isso?

— Apenas o rei.

— Certo. — Sorcha cerrou os punhos. — Ele nunca fará isso.

— Não, é improvável que Fionn escolha esse caminho. Ele quer que Eamonn permaneça banido enquanto ele reinar.

— Não temos outro recurso? — ela perguntou. — Como vamos fazer isso?

Ela desabou na cama e colocou a cabeça entre as mãos. Fionn já os tinha pela garganta. O plano de Eamonn era inflexível. Ele estava tão certo de que poderia valsar e seu povo o apoiaria.

Eles não tinham. Eles não queriam nada com o rei banido, especialmente quando seus próprios pais nem sequer olhavam para ele.

Quão cruéis eram esses Fae?

Ela não conseguia se imaginar abandonando seu próprio filho. Não importa o que eles fizessem, eles estariam em seu coração para o resto de sua vida. Mas essas pessoas não hesitaram em renegar uma criança apenas por ser diferente. Feio. Estranho.

Eamonn não era nenhum desses. Ele era um homem bom e capaz, que via as diferenças nos outros e os aceitava por essas diferenças. Ele entendia que o que tornava essas pessoas fortes eram suas diferenças.

Oona se ajoelhou na frente de Sorchá, os joelhos rangendo. — Minha doce menina, nem tudo está perdido.

— O que mais está lá?

— A audiência com o rei pode ser diferente do que esperamos.

— Como poderia?

— Não podemos saber o futuro. — Oona estendeu a mão e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha de Sorchá. — Só podemos esperar que o futuro continue brilhante.

— Não podemos nem ver os homens, Oona.

— Então, devemos planejar por conta própria, não precisamos de homens.

— Ele banirá Eamonn de novo, ou pior.

Um farfalhar vindo da janela interrompeu a conversa. — Ele já me banuiu, não pode fazer de novo.

Sorcha ergueu a cabeça tão rapidamente que sua visão girou. Eamonn jogou uma perna sobre o parapeito da janela, a outra balançando sobre a queda abrupta em direção à morte certa.

— Como você chegou aí? — ela gritou enquanto se levantava. Ela correu para o lado dele e agarrou seu braço, o terror correndo em suas veias. — Entre, seu tolo! Você vai cair para a morte!

— Mo chroí, tenha um pouco mais de fé do que isso.

Ele sorriu e ela perdeu o fôlego. Ela já o tinha visto tão feliz? O selvagem abandono de alegria que dançava em suas feições com a excitação sem fôlego de quase morte. Ela continuou encontrando novos lados dele, novas histórias que seu corpo contava, novos sussurros do homem que costumava ser.

Ela apertou as pontas duras de seu bíceps. — O que você está fazendo aqui?

— Não gostei de Fionn nos mantendo separados.

— Por que você não usou a porta?

— Há guardas postados fora de nossos quartos. Ele não estava facilitando para nós, principalmente para me irritar.

Sorcha balançou a cabeça. — Como isso iria irritar você? Ele não pensa muito de mim para considerar meus pensamentos ou planos uma ameaça.

— Ele sabe que vou me preocupar com você, não com o meu público. — Eamonn passou a perna pela janela e entrou no quarto

dela. — Não posso me concentrar.

Ele a puxou para seus braços e segurou sua nuca. Ela sentiu um suspiro erguer seu peito quando ele a aconchegou ainda mais em seus braços.

Oona pigarreou. — Vou encontrar comida para nós, então.

— Um banho também, Oona.

— Mestre?

— Há muito tempo que viajamos. Eu gostaria de estar limpo quando entrar no fosso dos faes novamente.

— Como desejar, Mestre.

Sorcha sorriu e apoiou a cabeça no peito dele. — Você não quer o banho só para limpar, quer?

— É sua primeira noite em Cathair Solais. Você deve desfrutar de todos os prazeres da vida dos faes.

— Que são?

— A água do banho aqui é misturada com ambrosia direto das flores encantadas. Se eu conhecer Fionn, ele terá muito adicionado aos pedidos de Oona de água de banho.

— O que isso vai fazer? — Sua sobrancelha enrugada com preocupação quando ela se inclinou para trás para olhar para o rosto dele. — Por que você não parece preocupado com isso?

— Ambrosia em pequenas quantidades relaxa o corpo. Em grandes quantidades, atua como um afrodisíaco.

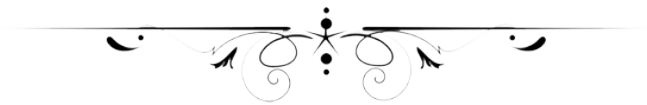
— Ah. — Suas bochechas ficaram vermelhas. — Você disse que não queria se distrair.

— Estou na casa da minha infância pela primeira vez em séculos, com a mulher que amo mais do que a própria vida. Um homem teria que ser louco para não desejar distrações em um momento como este.

— Você pode se arrepender por ter vindo de manhã.

— Eu nunca vou me arrepender de um único momento de seu tempo. — Suas mãos alisaram suas costelas até o mergulho em sua cintura. — Se esta é a nossa última noite, então eu desejo que seja uma noite que nossas almas lembrem nos corredores ancestrais.

Eamonn desceu e reivindicou seus lábios. Ele pressionou seu corpo contra o dela, mergulhou em seu coração com a língua, sussurrou promessas contra sua pele a noite toda. Promessas que os dois temiam que ele não pudesse cumprir.



— Você está pronta? — Perguntou Eamonn.

Sorcha observou Oona apertar as alças restantes de sua armadura, verificando cada uma para ter certeza de que havia pegado todas. Ele poderia ter usado a regalia da realeza dos faes. Era a roupa escolhida e preparada para ele pelos homens de Fionn.

Eamonn recusou. Em vez disso, ele puxou a armadura que usava como uma segunda pele. Sorcha não sabia se aprovava. Por um lado, dar a seu povo a chance de vê-lo como algo diferente de um senhor da guerra era potencialmente bom. Por outro lado, ele não deveria mudar simplesmente porque estavam acostumados com um rei que não lutava ao seu lado.

Ela seria suave para os dois. Oona a vestira com um vestido efêmero que flutuava como uma nuvem. Verde como a espuma do mar, acumulava-se em torno de suas pernas e se movia por conta própria. As mangas eram tão finas que pareciam feitas de fumaça.

Pedras preciosas escorriam de sua garganta e envolviam seus braços em correntes enroladas.

— Não — Sorchá respondeu. — Não estou pronta. Meu estômago dá um nó e não consigo parar de pensar que algo horrível vai acontecer.

— Não podemos planejar o que pode acontecer.

— O que ele quis dizer quando disse que você não era imortal?

— Sorchá o encarou com olhos arregalados. — Os cristais param cada lâmina. O que ele sabe?

— Eu não consigo imaginar o que ele está fazendo. Ele não vai me matar, Sorchá.

Oona terminou de apertar as correias e Eamonn caminhou na direção de Sorchá. A confiança ecoou em cada etapa. Ele pegou as mãos dela e pressionou os lábios nas costas.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Ele é tão parte de mim quanto eu dele. Os gêmeos são os dois lados da mesma moeda. Matar-me seria matar-se.

— Você quer matá-lo. — Disse ela.

— E estou preparado para me matar para acabar com esta guerra. Fionn nunca foi tão altruísta.

Quando ele se virou, ela estendeu a mão e agarrou a dele. — Não se mate por isso. Existem outras maneiras.

Ele olhou para trás, as emoções dançando em seus olhos como as páginas de um livro virando. — Eu tenho muito pelo que viver. Não tenho nenhuma intenção de deixá-lo tirar isso de mim.

Ela o seguiu para fora do quarto, para a custódia de vinte guardas e de volta para o grande salão.

Apesar de toda a fanfarronice de Fionn quando eles chegaram,

ele não os fez esperar muito. Uma única noite nos quartos dourados do castelo Seelie dificilmente poderia ser considerada uma estadia prolongada. Ele queria jogá-los fora, deixá-los desconfortáveis e depois forçá-los a voltar.

Ele mostrou a eles que sua palavra era lei simplesmente fazendo-os ir embora e então ele os veria em seus próprios termos. Seus planos foram frustrados tão facilmente.

Isso a deixou preocupada.

Cada centímetro deste castelo espalhava o medo por sua mente e alma. O que Fionn faria? Que loucura ele poderia trazer à vida?

Os ombros quadrados de Eamonn não vacilaram quando ele entrou na sala do trono. Sorchu fixou os olhos em sua forma, a única rocha que a sustentava. Ele não deixou que o medo o governasse. Nem ela deveria.

Faes encheram o salão novamente. Por quê? Fionn fez parecer que eles estavam esperando para falar com ele, mas ela reconheceu muitos de seus rostos. Esses eram os mesmos faes de antes. A beleza, tão poderosa que machucava os olhos, espalhava-se por sua corte.

Ela olhou para Oona. — Eles são a nobreza das faes, não são?

— Eles são.

— Porque eles estão aqui?

Eamonn caminhou em direção ao trono, parando a poucos metros de seus pais. — Minha petição era para uma audiência privada.

Fionn reclinou-se em seu trono, anéis brilhando em seus dedos. — E tenho o direito de negar esse pedido. Sua petição será pública.

— Tem certeza de que deseja fazer isso, irmão?

— Você não tem nada a dizer.

Eamonn baixou a cabeça. — Então, irei me dirigir a você e à sua corte.

— Você pode começar.

Os faes olharam para cima como um e encontraram o olhar do rei supremo. O filho primogênito que deveria tê-los governado, mas caiu em desgraça.

A garganta de Sorchá se apertou. Eles *olharam* para ele. Bastou algumas palavras de Fionn e de repente Eamonn voltou a existir. Mas porquê? Por que agora ele permitiria?

Seu amado hesitou por um breve momento quando ele encontrou olhares individuais.

— Meu povo, vocês já sofreram o suficiente. O trono sempre passou para o primogênito do rei e da rainha, nunca o segundo, a menos que o primeiro morra. Eu não estou morto muitos de vocês lutaram ao meu lado no campo de batalha, alguns salvaram minha vida. Outros, eu salvei.

— Vocês me conhecem desde quando eu era um garotinho. Vocês me viram crescer com confiança e honra, vocês me amaram como um dos seus.

— Essa deformidade não foi minha escolha, mas também não foi a sua beleza. Seu rei causou esta ferida e todas as outras que vocês veem em meu rosto. O que você veem é seu próprio rosto, seus medos, suas tentações, seus pesadelos. Posso ser feio, mas sou muito mais digno de um rei do que aquele que está sentado em seu trono.

— Faes não deveriam ser escravos. Temos uma chance, neste momento, de mudar nosso mundo. Para viver com tolerância um ao outro, para crescermos mais fortes juntos. Não vou descansar até que eu me sente naquele trono e reúna nosso povo de uma vez por todas.

Suas palavras eram lindas. Elas trouxeram lágrimas aos olhos de Sorchá e foram faladas como um verdadeiro rei. Alguém que tomaria os fardos de seu povo e os carregaria sobre seus ombros.

Mas eles viram isso?

Ela olhou para a multidão de pessoas e seu coração caiu. Eles não se importaram com suas palavras. Ninguém se moveu, piscou ou respirou enquanto o encaravam.

Fionn zombou. — E então você teve sua petição, príncipe banido. Seu povo deu a sua resposta.

Eamonn não respondeu. Ele manteve seu olhar fixo nos homens e mulheres que o desprezavam tão facilmente. Sua expressão não mudou, a postura de seus ombros não se mexeu. Ele os observou e esperou.

Ela prendeu a respiração, hesitante, dizendo a si mesma para não chorar.

O rei suspirou. — A sua petição não foi a única que aceitei.

Eamonn se virou e ficou olhando. — O que?

— Você enviou um pedido com dois nomes e eu aceitei os dois.

— De quem?

— Minha — disse Sorchá. Sua voz carregava o toque de um sino.

— Assinei meu nome na carta.

Ele se virou para ela. — Por que você faria isso?

— Eu não sei.

Centenas de olhares de fae queimavam. Eles esperavam que a druida dissesse algo que pudesse mudar suas mentes. Algo que abalaria a própria fundação de seu mundo.

E ela não conseguiu encontrar uma única palavra.

Fionn gesticulou para que ela desse um passo à frente. — Venha

aqui, Sorchá.

Seus pés a carregaram sem seu conhecimento. Ela observou os rostos enquanto passava e se perguntou o que poderia dizer para mudar suas mentes. Eles já sabiam que decisão tomariam. Eles o haviam condenado anos atrás e não queriam alterar seus pensamentos.

Ela parou ao lado de Eamonn e roçou o dedo mínimo contra o dele. Ela não o desgraçaria pegando em sua mão.

— Não aí, — disse Fionn. — Aproxime-se do trono.

Que jogos ele jogava agora? Ela olhou para Eamonn, que a encarava com preocupação nos olhos. Mas ela não teve escolha. O rei a chamou para ficar ao seu lado.

Cada passo parecia estranho. As escadas não eram boas para andar. Um rei deve ser justo com seu povo, deve comer à mesa, lutar ao lado deles. Ele não deve sentar-se acima deles e lançar seu julgamento sobre uma multidão.

A rainha viúva fez o menor dos sons ao passar. Um zumbido, um hino, uma prece sussurrada que deslizou pela espinha de Sorchá.

— Aí está você. — Fionn lambeu os lábios. — Você é uma coisinha tão bonita para uma humana.

— Obrigada. — Suas palavras deslizaram entre seus dentes cerrados.

— Tão educada! Desde quando você reprime a língua?

— Tenho aprendido a ter autocontrole.

— Aposto que sim. — Ele se inclinou para frente e acariciou seu braço com um dedo. Ela sentiu o calor dele queimar o tecido, a resposta confusa de seu corpo a um homem que era Eamonn, mas não. — Por que você não nos diz por que Eamonn é mais digno deste

trono do que eu?

— Não é minha função sugerir tal coisa. A política dos faes está além de mim.

— Mesmo você não deve ficar ao lado de meu irmão? Se seu próprio amante não a considera digno, então por que deveríamos?

Ela engoliu em seco. — Pouco me importa se ele se senta neste trono ou naquele que já reivindicou. O nome do castelo ou sede pouco significa, são as pessoas que decidem onde reside a sua lealdade. Tenho visto todos aqueles que buscam abrigo contra seus maus-tratos chegarem à nossa porta.

— E nós temos cuidado deles. Cada fae que foi negligenciado, cuja família tem fome de comida. Cuidamos de seus ferimentos, enchemos suas barrigas, proporcionamos um lugar quente para dormir. Se você continua como rei Seelie ou não, pouco importa para mim. Continuaremos salvando aqueles que você prejudicou. E você vai continuar a prejudicá-los.

As sobrancelhas de Fionn se ergueram. — Príncipe banido, sua amante fala muito bem para um rato de sarjeta.

— Ela é uma rainha. Você faria bem em mostrar respeito por ela.

— Rainha? — Fionn caiu na gargalhada junto com alguns membros da corte dos faes. — Ela é uma druida. Nós os expulsamos do Outro Mundo há muito tempo, e por um bom motivo. Eu deveria mandá-la de volta para o reino humano agora.

— Ela só encontraria outra maneira de voltar. Ela já o fez uma vez.

— Então você o escolhe? — Fionn perguntou a ela diretamente.
— Há muitos presentes que posso lhe dar. Muitas maravilhas que você pode ver nesta corte sem a presença de um príncipe das faes que não

valerão nada.

- Ele é seu irmão, — ela disse com uma respiração entrecortada.
- Como você pode ser tão cruel? Ele é parte de você.

Uma sombra passou por seu rosto. A mesma tristeza que ela vira em seu rosto quando olhou para Elva. — Eu cortei aquela parte quando enfiei uma adaga nas costas dele, pequena parteira. Não há como consertar essa ferida.

Ela não achava que ninguém além dela tinha ouvido sua admissão de culpa. O arrependimento ecoou em sua voz, saturou suas palavras com óleo pesado. Ele se odiava pelo que tinha feito. Mas ele não estava disposto a recuar.

Eles eram muito parecidos. Eamonn nunca deixaria seu irmão governar ao seu lado, e Fionn nunca se desculparia. Eles eram dois pilares de ódio e ciúme que se tornaram tão sólidos que nunca poderiam quebrar.

— Você tem este momento para mudar o futuro, — ela sussurrou. — Você pode dar este passo para consertar sua vida e a dele. Não vai menosprezá-lo nem fazer você parecer fraco. Dois grandes homens são mais fortes do que um.

— Suas palavras são tão bonitas. — Ele estendeu a mão e tocou sua bochecha. — E sua alma é tão brilhante. Ele não merece sua devoção.

- Ele merece de todo o coração. De novo e de novo.
- Se ao menos o mundo estivesse cheio de mais mulheres como você.

— Onde está Elva? — ela perguntou baixinho.

Ele se fechou, sua expressão se suavizando em porcelana e as mãos segurando os braços de seu trono com tanta força que gemeram.

— Você fez seu apelo, parteira. Volte para o lado de seu amante para meu julgamento.

— Julgamento? — sua voz soou. — Não estamos aqui para punir. Viemos a você para uma audiência, de rei para rei.

— Eu não reconheço outro rei na Corte Seelie. Nem meu povo.

— Eles já fizeram isso! — Ela recuou os degraus, sua alma gritando por justiça. — Eles se juntam a nós às centenas, e milhares mais virão.

— Você fugiu de Hy-brasil em claro desafio ao banimento.

— Você não tem direito! — Sorchá gritou ao chegar ao lado de Eamonn. — Seu julgamento não significa nada!

— Eu os considero culpados de violar as leis de nosso povo e traição.

Sorchá cerrou os punhos. — Você não é o rei deles! O verdadeiro Rei Supremo da Corte Seelie está diante de você, e você está cego para ver isso!

— Sorchá — Eamonn a segurou pelos ombros. — Silêncio.

— Não vou ficar em silêncio enquanto esses idiotas o chamam de rei!

— Mo chroí, — ele se inclinou e pressionou sua testa contra a dela. — Nós falhamos.

— Não vou aceitar isso.

A voz de Fionn cresceu. — Guardas, retirem a parteira.

Mãos agarraram seus braços e a arrancaram do aperto de Eamonn. Ele rosnou, espalmando as lâminas ao seu lado e empurrando para frente. Dois outros guardas o seguraram no lugar.

Ela observou o sangue sumir de seu rosto enquanto ele era forçado a encarar seu irmão.

Fionn balançou a cabeça. — Solte-o.

As mãos revestidas de ouro caíram dos ombros de Eamonn. Sorcha girou e se virou, tentando quebrar o domínio sólido sobre ela. Um dos guardas passou o braço firmemente em volta da cintura dela.

— Você sabia qual era a punição por tal desrespeito flagrante pelas nossas regras, e ainda assim você veio aqui. — Disse Fionn.

— Me enforque de novo, irmão. Vou balançar a corda pelo tempo que você quiser, mas voltarei aqui quando a corda se quebrar.

Mais uma vez, a expressão sombria que Sorcha reconheceu cruzou os traços de Fionn.

— Não. — Ela respirou. Seu estômago apertou, suas mãos tremeram, seus olhos lacrimejaram. Ela não sabia o que Fionn iria fazer, mas ela podia ver seu coração se partindo.

— Você forçou minha mão, irmão. — Foi a primeira vez que Fionn admitiu seus laços familiares com Eamonn. — E agora você vai ficar aqui, para que todos se lembrem do que acontece quando desafiam seu rei.

— Eu devo ser um prisioneiro então? — Eamonn zombou. — Você realmente é um tolo. Eventualmente, eles ouvirão o que tenho a dizer como verdade. Abdique do trono. Acabe com isso.

— Você não é o único a encontrar as velhas relíquias.

O tempo desacelerou enquanto Sorcha observava a cena se desenrolar diante dela. Os olhos de Eamonn se arregalaram e pela primeira vez ela viu o medo. Cru e irregular, ele destroçou seu rosto tranquilo, e ele agarrou a espada ao seu lado.

Mas Fionn foi mais rápido. Ele enfiou a mão nas dobras de seu manto e puxou uma alça enfeitada com joias. Com a pressão de um dedo, ela se estendeu em uma lança perversa com uma lâmina tão

afiada que cegava.

Fionn se virou tão silenciosamente que seus olhos não puderam rastrear seus movimentos e cravou a lâmina na armadura de Eamonn, entre suas costelas.

Ele não podia morrer, os cristais parariam. Ela esperou pelo tilintar revelador e pelo som de metal quebrando contra a terra. Não veio.

Um som abafado ecoou pelo corredor, que de repente ficou silencioso como um túmulo. Eamonn tossiu novamente e Fionn torceu a lança. Ele empurrou até a ponta se dividir nas costas de Eamonn e brilhar na luz. Nenhum sangue manchou sua ponta.

A respiração ruidosa refletia a dela. Fionn recuou, passou a mão pela boca e subiu as escadas até seu trono.

Eamonn caiu de joelhos e teria se esparramado no chão se a lança não tivesse se prendido na escada. Isso o sustentou, equilibrando-se exatamente com o que atravessava seu coração.

Um lamento atravessou sua cabeça, gritando e chorando de dor. Foi o grito de uma bean sidhe, o trovejar de um coração partido, a quebra de uma alma.

Ela fez aquele som. Gritando sua raiva e medo até que sua garganta vibrou e ela sentiu o gosto de sangue. Sorcha não tinha certeza se ela disse palavras, ou se o som era apenas a crua e violenta ponta de agonia.

O guarda afrouxou o aperto apenas o suficiente para ela se libertar. Ela correu em direção a Eamonn e segurou seu rosto, inclinando sua cabeça até que pudesse olhar em seus olhos.

Cristais se espalharam da ferida em seu peito. Eles desceram por seus braços, solidificando seu estômago até que ele não pudesse se

mover.

As lágrimas deslizaram por suas bochechas e suas mãos tremeram.

— Não, — ela gemeu. — Não meu amor. Você não vai me deixar!

— Eu... — Os cristais viajaram por sua garganta e travaram suas palavras dentro de seu corpo. Seus olhos tentaram dizer o que seus pulmões não conseguiam. Mas tudo o que ela viu foi o medo e a tristeza. A vida deles foi tirada deles. Sempre era tirada deles.

— Mo chroí, lute por mim.

Seus lábios se moveram, mas o cristal brotou de sua língua. Eles saíram de sua boca e derramaram em suas mãos. Seus olhos vagaram, cegos, até que também pararam.

Ela não tinha mais um homem nas mãos. Sem batimentos cardíacos, sem pulmões respirando, sem olhos falavam de seu amor. Ele não era nada mais do que um homem feito de cristal, um símbolo de todos aqueles que lutaram contra Fionn.

Sorcha puxou o ar para os pulmões, jogou a cabeça para trás e gritou. Sua agonia foi tão grande que rachou a pedra ao redor. Grandes fissuras que se espalharam como pernas de aranha pelo chão em direção aos odiosos faes que o condenaram a este destino.

Ela iria matar todos eles. Eles morreriam mil mortes por tirá-lo dela.

Uma alma corajosa colocou o braço em sua cintura, mas ela não deixou Eamonn partir. Ela se recusava a deixá-lo aqui, onde tantas pessoas odiadas olhavam para ele e riam. Elas não tinham o direito de mantê-lo.

— Sorcha! — Cian gritou em sua orelha. — Sorcha, devemos

partir!

— Vou fazer com que eles se arrependam de ter respirado!

— Nós vamos, amor. Mas temos que ir!

Ela abriu os olhos e viu que a sala do trono estava em ruínas. Os faes atacavam uns aos outros e aos guardas. Gritos e berros ecoavam os dela, embora ela não reconhecesse aqueles que lutavam.

Fionn fugiu da sala com um pequeno exército de guardas atrás dele. Eles conduziram a rainha viúva para longe, que olhou para Sorchá com dor nos olhos.

Sorchá apontou diretamente para ela. — Você não tem o direito de lamentar por ele.

A rainha estremeceu e fugiu.

— Agora, Sorchá! Não podemos correr o risco de sermos apanhados na masmorra! Todo o nosso trabalho será em vão!

— Eu não posso deixá-lo.

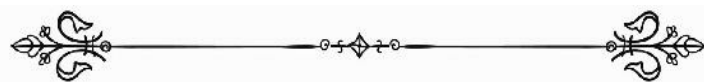
— Ele não sabe mais. — Ela ouviu a angústia na voz do Cian. — Ele não sabe, Sorchá. Temos de ir.

Tremendo, ela deu um beijo nos lábios frios e de pedra de Eamonn. — Eu vou te encontrar novamente. Nesta vida ou na próxima.

Com o coração entorpecido, ela se levantou e saiu com o que restava do povo de Eamonn. Sua alma gritando uma promessa.

Ela destruiria sua casa e teria pena do tolo que tentasse impedi-la.

CAPÍTULO II



A Rainha Druida

— O rei está morto.

As palavras ecoaram pelo castelo roubado de Nuada. Os anões e Faes Seelie que encontraram abrigo nas antigas paredes assistiram com olhos arregalados.

Eles haviam chegado a duas semanas. Quebrados, sangrando e arrastando Sorchá enquanto ela gritava e lutava contra seu aperto. Uma vez calma, ela disse aos outros para acalmarem suas línguas. Ela contaria a seu povo assim que as palavras não ficassem mais presas em sua garganta.

Ela não sabia que demoraria tanto. A loucura dançava nas bordas de sua visão por mais tempo do que ela gostaria de admitir. Sorchá não se achava tão fraca.

As palavras de Bran dançaram em sua mente. Encontre outra coisa para preencher seu tempo, para lhe dar um propósito, para forçar sua vida em outra direção. Ela havia sobrevivido sem ele antes. Ela poderia fazer de novo.

Mas ela não tinha pensado que perdê-lo uma segunda vez a destruiria.

Agora, ela estava diante da multidão de pessoas com a mente clara. Ela tinha um propósito, e era fornecer um lar para cada fae que buscasse abrigo das tempestades amargas da ira de Fionn.

Sorchá disse de novo, obrigando-se a si mesma e a eles a

perceber a verdade. — O rei está morto. Fionn mergulhou a Lança de Lugh em seu peito, a única arma que poderia matar nosso rei de cristal.

— Onde está o corpo dele? — Um anão gritou.

— Fionn o manteve como um símbolo do que aconteceria a todos aqueles que o desafiassem.

Murmúrios se ergueram no ar. As mentes dos faes ficaram perturbadas, imaginando o que aconteceria a seguir. Eles desafiaram o rei. Morar neste castelo, seguindo o povo de Sorch e Eamonn, todas as decisões que iam contra as ordens do rei.

— Nós vamos prevalecer, — Sorch gritou. — Este lugar é a nossa casa. As pessoas próximas a vocês são suas famílias, por sangue e por escolha. Nossas vidas permanecem como ele teria desejado. Livres.

Ela enterrou as mãos nas dobras do vestido. Lágrimas picaram as bordas de sua visão, mas ela não podia deixá-las cair. Quantas lágrimas uma única pessoa pode ter?

— Nós vamos ficar neste castelo. Continuaremos a construir nosso pessoal.

— Iremos para a guerra? — Uma fae de turfa gritou.

— Não — Sorch balançou a cabeça. Toda sua energia foi drenada e sua postura cedeu. — Não tenho intenção de liderar nosso povo para a guerra. Eu tomo essas decisões com base no que ele gostaria. Vocês eram mais importantes para ele do que sua própria vida. Não poderíamos saber o que Fionn planejou, mas sabemos a intenção de Eamonn. Não vamos lutar até que sejamos forçados a isso.

Ela deixou o grande salão enquanto o murmúrio dos faes aumentava no ar. Eles podiam pensar o que quisessem, mas ela estava

cansada de lutar.

Suas mãos tremiam enquanto ela abria a porta. Seu estômago ficou tenso enquanto ela caminhava pelo corredor. Seus joelhos tremeram até que ela empurrou em um dos quartos e bateu a porta atrás dela.

Ele se foi.

Um soluço sacudiu seus ombros, balançando seu corpo para frente e para trás. *Ele se foi.*

O que ela deveria fazer quando suas costelas estivessem se abrindo, expondo seu coração à expansão gelada de sua alma? Ela tinha perdido tudo, uma e outra vez. E agora ela estava sozinha.

Ela caiu de joelhos e pressionou a testa contra a porta. Seu povo precisava dela para liderá-los, para guiá-los adiante e tudo que ela podia fazer era cair em milhares de pedaços.

Eamonn nunca os decepcionou. Até mesmo a perda de seu amor o havia impulsionado. Sua própria família o enforcou e ainda assim ele encontrou forças para liderar as pessoas em Hy-brasil, coragem para voltar para casa e olhar nos olhos deles.

Ela não conseguia nem ficar de pé.

Mãos puxaram seus ombros, mãos fantasmagóricas que gelaram sua pele.

- Sorch, — eles sussurraram. — Deixe-nos confortar você.
- Eu não quero conforto. Eu quero sentir a dor.
- Você não deveria ter que suportar esse peso sozinha.
- Ele carregou meus fardos. Ele confortou minhas preocupações e elevou minha alma. Quem sou eu sem ele?
- Você é Sorch de Ui Neill.
- Não mais. Eu deixei essa vida para trás quando abandonei

minha família.

— Você é a Rainha Druida dos Faes Seelie.

— O que é uma rainha sem um rei? — Ela lambeu os lábios e se transformou na névoa verde de seus ancestrais.

— Uma criatura sombria e poderosa sem nenhum homem para temperar seu aço. Você deve empunhar uma espada como sua coroa, um chicote como suas joias e uma armadura como seu vestido.

— Não tenho mais vontade de lutar.

A névoa se agitou e se dissipou. Cabelo escuro e roupas esvoaçantes cobriam o corpo gracioso de Ethniu, mas seus pés estavam descalços. Ela tinha cascos fendidos, minúsculos pés de cabra que batiam contra o chão de pedra.

— Neta, — ela disse e abriu bem os braços. — Minha garota, eu sinto muito.

Sorcha ficou de pé, lançando-se no abraço de espera. Ethniu cheirava a um jardim de rosas. Ela respirou o doce perfume de sua avó e soluçou em seu ombro. — Eu não sei o que fazer.

— Deixe-nos ajudá-la, criança. Você não está sozinha.

— Eu estou. Não tenho família, não tenho amante, ninguém, exceto pessoas que esperam que eu as lidere quando tudo que desejo fazer é me enrolar na cama.

— Você nos tem. — Disse Ethniu com um sorriso.

Uma voz profunda ecoou as palavras. — Você sempre nos teve.

Sorcha voltou o rosto para o ombro de Ethniu e olhou para o avô. Balor, Torin, o druida sem nome que a ajudou em tanto. — O que você pode fazer? Você pode trazer um homem de volta dos mortos?

— Eu te avisei, — disse ele com uma sacudida triste de sua cabeça. — Sem a espada, a história mudou. Sacrifícios devem ser

feitos, e isso nem sempre é fácil.

— Eu não sabia que iria perdê-lo. Eu não sabia que era isso que eu negociava.

— Seu coração é tão grande. Se eu soubesse que iria machucá-la dessa forma, eu teria evitado que você jogasse fora.

Ethniu a apertou. — Nem tudo está perdido. Você encontrou seu povo, e eles merecem uma líder como você. Alguém que é gentil, boa, honesta; quem cuida deles.

— Ele era, — respondeu ela. — Ele cuidou deles como ninguém mais fez. Ele os entendia de uma forma que eu nunca serei capaz.

Balor e Ethniu trocaram um olhar preocupado sobre sua cabeça. Ethniu guiou Sorchá mais para o fundo da névoa. — Minha doce menina, deixe-me contar uma história.

— Não preciso de uma história, vó. Eu preciso de um milagre.

— As histórias podem ser isso. — Um banco se materializou diante deles. Ethniu afundou nele, as saias estufadas ao seu redor. — Você sabe que Nuada e eu éramos casados?

— É uma lenda que conheço bem.

— As histórias humanas nunca fazem justiça. Nuada e meu pai lutaram durante séculos. Eles devastaram esta terra e todos os que viviam nela. Os Fomorianos não queriam desistir do Outro Mundo, e os Tuatha dé Danann se recusavam a permitir que eles permanecessem.

— A solução fácil foi unir nosso povo por meio do casamento. Eu já tinha visto Nuada antes. Ele era bonito e poderoso e tudo que eu sempre desejei em um homem. Mesmo para os fomorianos, os Tuatha dé Danann são criaturas lindas. Eu o desejava como nenhum outro, e isso me cegou para todos os seus defeitos.

— Eu casei com ele em um dia frio de primavera. Ele me agradou por um tempo, e eu lhe dei muitos filhos. Havia outras mulheres muito mais bonitas do que eu. Não amaldiçoadas com características de animais, mas dotadas de beleza que só as Tuatha dé Danann têm.

Sorcha engoliu em seco. — Você está dizendo que as atenções dele vagaram?

— Vagaram é a maneira gentil de dizer isso. Eu poderia usar esse termo se fosse apenas um punhado de mulheres. Ele encontrou prazer nos braços de muitas antes que eu descobrisse sua infidelidade.

— Por que você está me contando essa história?

— Você não pode confiar nos Tuatha dé Danann. São um grupo estranho que se vê como senhores acima de tudo. Você viu isso com seu amante, como ele se recusou a ver a razão, mesmo quando seu povo estava lutando até a morte.

— Ele me explicou isso. Foi escolha deles.

— O fogo da guerra pode ser atizado com o mínimo de respirações.

Sorcha se levantou e balançou a cabeça. — Não. Não vou pensar mal dele. Ele era um homem gentil, queria o melhor para seu povo e, embora eu nem sempre concordasse com suas decisões, os motivos por trás delas eram puros.

— Ninguém pode saber as intenções de um fae.

— Eu não vou deixar você torcer minha mente! — ela gritou. — Eu amo-o!

Ethniu recuou. — Não estamos tentando torcer sua mente, Sorcha. Estamos tentando aterrar você.

— Insultando-o?

— Contando a você sua linhagem. Mesmo o maior de todos eles tinha seus defeitos. É por isso que deixei Nuada. É assim que você foi criada. Há muitas coisas neste mundo que você não conhece.

— Eu sei que confiei nele e ele era muito mais capaz do que qualquer outro para governar seu povo.

— Ele estava sozinho? — Balor perguntou. — Ou ele era ótimo porque você estava deste lado?

— Ambos. A resposta que você busca é que ambos éramos melhores quando estávamos juntos.

Os dois fomorianos trocaram um olhar e Ethniu sorriu. — Ela se parece muito comigo.

— Ela é mais do que você, mais do que você.

— Ela acredita nele, enquanto eu não acreditei em Nuada.

— Então nós iremos ajudá-la. — Balor se voltou para Sorchá. — Seu amante não é um homem fácil de gostar, nem eu respeito sua linhagem familiar. Mas eu respeito você. Se ele conquistou sua confiança, então ele conquistou a minha também.

— Obrigada, — disse ela. — Eu não sabia que estava tentando ganhar sua aprovação com as memórias assustadoras do meu marido morto.

— Você não estava. Viemos aqui porque sua alma clamou por ajuda e você deve nos perdoar por culpá-lo. Não tivemos boas experiências com aqueles de sangue Fae.

Ela afundou lentamente de volta no banco. — Parece que muitos não o fizeram. Até mesmo seu próprio povo desconfia uns dos outros.

— Com todo o direito. Fionn, o Sábio, está sentado em um trono que construiu com mentiras e rios de sangue. Seu gêmeo teria ajudado por um pequeno período de tempo antes que ele também se voltasse

para a maldade existente em sua alma.

Sorcha reconheceu as palavras de um profeta. Balor podia ver o futuro, ou talvez ele conhecesse alguém que pudesse. Sua mente girou, e ela disse: — Isso é o que a Rainha Unseelie viu em meu futuro.

— Seu caminho sempre pingou sangue.

— O que teria acontecido se eu não tivesse jogado fora a espada?

— Os fomorianos nem piscaram com a pergunta dela. — Balor, o que teria acontecido?

Ele hesitou por um breve momento antes de ceder. — O que pingava sangue se transformaria em um rio. Uma guerra diferente de qualquer outra se espalharia por Tir na nOg. Os Unseelie se juntariam à batalha depois de cinquenta anos, quando os refugiados invadissem suas terras.

— E Eamonn?

— Ele seria conhecido como o Rei Sangrento. Seus exércitos ganhariam a guerra depois que você morresse de velhice.

A boca de Sorcha ficou seca. — A Rainha Unseelie estava certa. O destino dos Faes dependia de minhas decisões.

— Sempre foi assim.

— E agora? Nada mudou. Eamonn está morto, Fionn está sentado no trono e os Faes Seelie não viram nenhuma mudança positiva.

Ethniu se inclinou para a frente e segurou as mãos dela. — Eles viram mudanças. Eles viram *você*.

— Eu não sou Fae.

— Os Fae não precisam de uma líder fae. Eles precisam de alguém que os guie neste momento difícil, que conserte os erros e lute

por eles.

— Eu não quero mais lutar.

— Às vezes, isso não é uma escolha, — disse Ethniu. — Devemos fazer o que é certo para o nosso povo. E seu povo ainda está espalhado por Tir na nOg, sem ninguém para reuni-los.

As mãos de Sorchá tremeram. Ela não queria ser a pessoa que faria isso. O sonho de Eamonn era liderar seu povo. O dela era para ser uma curandeira, não uma rainha.

— Não estou pronta para liderar os Faes.

— Nós vamos ajudar.

Ela não podia deixar de suspeitar das almas druidas que enxameavam ao seu redor. — Por que vocês querem ajudar? Todas as suas vidas tentaram controlar os Faes. Eu me pergunto se vocês estão apenas tentando cumprir esse desejo.

Balor zombou. — Nós estamos mortos. Mesmo se controlarmos os Faes através de você, que bem isso fará? Queremos ver um de nossa linhagem consertar a fenda entre nossa espécie. Uma única pessoa tem dificuldade em curar velhas feridas em todos os Faes. Mas uma rainha? Uma rainha poderia convencer todos os Faes de que os Druidas são dignos de retornar.

— Eu pergunto de novo, avô. Quantos druidas ainda respiram?

Ele ponderou sua pergunta por alguns momentos como se estivesse alcançando as almas restantes que ainda brilhavam com vida. — Muitos. Embora a maioria não saiba que são druidas.

— Onde eles estão?

— Espalhados pelas terras, lidando com magia tanto quanto possível, sem que os humanos suspeitem.

Um plano traçado em sua mente. Ela queria ajudar o povo de

Eamonn, mas também desejava o seu. — Se eu fizer isso, se eu liderar essas pessoas, você acha que eles vão se tornar mais tolerantes com os druidas?

— Sim.

— Eu preciso que você me guie. Para me ajudar em cada escolha que faço, porque desejo unir nosso povo. Druida e Fae.

— Isso vai demorar muito.

— Então eu sugiro que você me traga mais água do Caldeirão de Dagda.

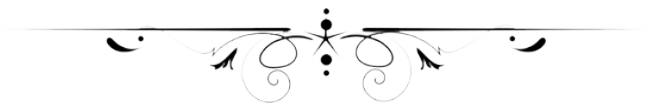
A resolução se instalou em sua alma como uma espada deslizando para fora de sua bainha. Ela tinha um propósito novamente. Uma razão para viver. Mesmo se Eamonn tivesse partido, ela poderia continuar seu trabalho.

Balor mudou. — Você deseja se tornar imortal? Mesmo que seu amante tenha morrido?

— Não vou compartilhar meu corpo com outro, e não confio em ninguém além de minha própria linhagem para continuar meu destino. Traga-me as águas, Balor, e eu dedicarei minha vida para trazer para casa nossa espécie. Vou ver esses corredores cheios de druidas mais uma vez.

Ethniu ergueu a mão e as almas se enredaram ao redor deles. Sorchu viu seus rostos na fumaça verde. Homens, mulheres e até crianças olhando para ela com aprovação ou medo.

Sua avó sorriu. — Então vamos sussurrar em seu ouvido e guiar sua mão enquanto você lidera seu povo. Mas primeiro, você deve reunir seus exércitos. Espalhe a notícia de que, embora Eamonn esteja morto, você permanece.



A multidão fervilhava de faes. Anões, pixies, fogos-fátuos e incontáveis outros que temiam por suas vidas. Eles não sabiam se deveriam ficar quando o rei desapareceu.

Um mês se passou, depois outro. Como um ano inteiro desde que Eamonn perdera a vida, e eles ficaram sem líder. A rainha deles permaneceu no castelo, seus gemidos transportados pelo vento. Eles choraram com ela, envolvendo seus corpos e casas em preto. Mas o tempo de luto havia acabado.

A rainha chamou por eles.

Sorcha estava nas muralhas. O vento chicoteava seu cabelo, criando uma massa rodopiante de vermelho como uma nuvem de sangue. Ela esperou que eles se aquietassem. Seus empurrões cessaram, seus sussurros terminaram e todos eles olharam para a mulher que sabiam ser doce, gentil e generosa.

— O rei está morto. — Sua voz chicoteava a multidão, carregada pela magia e pelas almas dos Druidas que repetiam suas palavras para os confins da multidão. — Mas seu trabalho está inacabado. Um usurpador se senta no trono dos Faes Seelie enquanto seu povo labuta e morre. Não vamos tolerar isso.

Ela sentiu a empolgação da multidão como uma corrente elétrica. Eles a encaravam com esperança nos olhos, e ela finalmente entendeu o que Eamonn sentiu quando entrou na batalha. Essa era uma sensação inebriante, que poderia atrapalhar seus sentidos.

— Passamos meses de luto. Muitas luas cheias de arrependimento, tristeza e medo. Não mais! Agora é a hora de agir, e

não vamos permitir que esse ataque ao nosso povo aconteça sem resposta.

Alguns fogos-fátuos vibraram, murmúrios de anões juntando-se à canção de aprovação.

— Que seja conhecido, eu clamo pela guerra.

Seu povo começou a gritar. Eles ergueram as mãos no ar, alguns já brandindo espadas. Eles desejavam vingança tanto quanto ela.

Sorcha fechou as mãos em punhos e a magia druida ficou mais forte enquanto eles erguiam sua voz ainda mais alto.

— Eu clamo por sangue. Eu clamo por vingança. Fionn, o Sábio, saberá nossos nomes e sentirá o chão tremer sob seus pés enquanto nossos exércitos marcharem em direção a sua cidade. Vamos destruir a nobreza e substituí-la pela nossa!

Eles gritaram diferente de tudo que ela já tinha ouvido antes. O grito retumbante de um povo que sofreu a vida inteira.

Sorcha entendia seus desejos; ela sentiu que fervia em seu próprio peito. Ela precisava que eles sentissem isso também, e então ela precisava que eles entendessem a verdade sobre sua situação.

— Mas tomaremos decisões inteligentes e calculadas em cada passo que dermos. Não vou perder um único de vocês para homens e mulheres que não se importam se existimos. — Ela olhou para todo o seu povo e suspirou. — Vocês seguem uma druida. Conheço muitos de vocês pessoalmente e alguns não. Eu digo a vocês agora, eu não sou humana.

Ethniu havia sugerido uma demonstração de poder, e Sorcha não gostou da ideia. Os faes precisavam confiar nela, não ter medo. No final, todos os druidas concordaram. Sorcha não era um deles, e eles temiam apenas o que não sabiam.

A multidão silenciou novamente, olhando para ela na expectativa de algo grande.

Ela inspirou e puxou os fios que ela podia ver conectando todos eles. Foi o menor dos puxões, do tipo que eles nem sentiriam. E então ela amarrou todos os fios a si mesma.

Sorcha argumentou que esse era o mais grave dos insultos. Ela pegou todos os nomes deles, todas as suas memórias, todos os seus sonhos e os enfiou através de si mesma. Tecendo-os em sua própria alma, atando as tapeçarias do tempo. Tudo sem o conhecimento deles.

Agora, ela viu que não estava os prejudicando de forma alguma. O brilho quente de sua própria alma, a parte que ainda queria se curar, se espalhou pela multidão. Isso elevou seus corações, aliviou o tormento e o medo, dando vida aos faes que tinham muito medo do futuro.

Eles sentiram isso. A multidão se agitou, espinhas se endireitando, rostos erguendo-se para olhar para a mulher que estava separada deles. O mesmo lugar que ela julgou que Fionn tinha tomado.

— Não posso fazer isso sozinha, — disse ela. — Eu sou uma parteira do mundo humano que não tem experiência em guerra ou batalha. Enviar vocês sem esse conhecimento levaria à devastação. Eu pergunto duas coisas a esta multidão.

— Primeiro, qualquer um de seus líderes que desejem se juntar ao meu conselho são bem-vindos em meu grande salão. Pelo resto desta lua, planejarei nosso ataque a Fionn e seu castelo. Todos os que vierem aconselhar serão ouvidos, alimentados e alojados.

— Em segundo lugar, todos os outros devem espalhar a palavra. Nosso exército já é grande, mas eu desejo que seja uma onda

estrondosa caindo sobre o exército dourado. Vamos extinguir cada centímetro do Castelo de Luz e preenchê-lo com nossa magia. Digam aos outros que existe um refúgio para eles aqui. Os feridos e os fracos serão curados. Os velhos encontrarão um lugar seguro para descansar a cabeça. Todos os outros vão treinar para a guerra.

A exaustão cravava pregos em seus ossos. Ela permanecia forte e majestosa nas muralhas enquanto sua alma desmoronava ainda mais.

Eamonn teria adorado ver isso. A multidão gritando enquanto sua campeã falava por eles. Enquanto eles tomavam medidas para recuperar o que era deles.

Ela o havia enganado. Essas criaturas não queriam negociações políticas. Eles queriam sangue, sangue coagulado e morte.

Sorcha se sentia mais distante deles do que nunca.

Afastando-se da multidão, ela desceu as escadas e caminhou em direção ao grande salão. Ela permaneceria lá o tempo que fosse necessário.

Oona e Cian esperaram por ela. Seus rostos se enrugaram de preocupação, pois eles sabiam o que isso significava.

A pixie estendeu uma xícara de chá. — Aqui, querida. Para seus nervos.

— Obrigada — Sorcha pegou a bebida oferecida e bebeu de um gole só. Queimou sua língua e o céu da boca, mas a dor era bem-vinda. — Eles virão?

— Eu acredito que sim. Eles desejam retribuição do rei que tirou a vida de Eamonn.

— Eu cometi um erro grave? Não desejo que eles pensem que sou fraca, mas não posso fazer isso sem eles.

— Eles decidirão sobre sua pessoa assim que se reunirem em seu

conselho de guerra. Se você parecer fraca, eles acreditarão que você é fraca. Se você não fizer isso, eles apoiarão suas decisões.

— Maravilhoso — Sorcha afundou em uma mesa. — Há pouco que posso fazer para controlar esse resultado. Se suas sugestões forem excessivamente cruéis, não irei apoiá-los.

— E se você não os apoiar, eles lutarão sem você.

— Existem muitas facções Fae — disse Sorcha com um suspiro.

— Eles não lutam muito bem juntos.

— Não, eles não lutam. — Oona concordou.

Cian subiu no assento de banco e então na mesa. Ele afundou ao lado dela, as pernas curtas balançando. — É o primeiro passo para fazer qualquer coisa. Eles são provavelmente ferozes. E vão querer testar você.

— Eu espero isso.

— Não ceda a todos os caprichos deles. Eles são boas pessoas em sua essência, mas desejam que seu povo esteja seguro.

— Eu concordei com outra guerra de um século? — Ela perguntou.

— Eu não sei. Você não vai durar mais de um século, então, para o seu bem, espero que você não seja uma mulher velha lutando uma batalha que pode nunca ser vencida.

Sorcha enfiou a mão no bolso e espalmou o pequeno frasco de líquido que os druidas haviam deixado ao lado da cama. Ela nunca pensou que iria beber. Poderia curar milhares.

Puxando-o para fora, ela o ergueu para a luz e observou os reflexos do arco-íris na lua leitosa. — E se eu não tivesse que me preocupar com a idade?

— É aquele? — Oona ofegou.

Cian ficou boquiaberto com a garrafa. — Onde você conseguiu isso?

— Isso importa?

— As relíquias dos Tuatha dé Danann desapareceram antes mesmo de termos a segunda geração de reis. Quando a primeira geração desapareceu, eles levaram suas relíquias com eles. Dagda foi muito cuidadoso onde escondeu o caldeirão.

— Os druidas têm. Eu suspeito que eles sempre tiveram.

— Por quê? — Cian agitou sua cabeça vigorosamente. — Por que ele daria aos druidas?

— Talvez ele confiasse neles. Eles mantiveram segredo por todos esses anos, e ninguém sabia que eles o tinham.

— Agora eles dão para você? Para qual propósito?

Sorcha espalmou o frasco, apertando suavemente. — A primeira vez que me deram, foi para curar a praga do besouro do sangue. Eles me disseram que curaria milhares ou tornaria uma pessoa imortal.

— Imortal? — Cian piscou rapidamente. — Você poderia ter vida longa? Como nós?

— Acho que é mais do que isso.

— Por que Dagda daria isso aos druidas? Fae tolo, eles só usariam isso contra nós! Eles se tornariam todo-poderosos!

— Eles não fizeram. — Sorcha deu um longo suspiro. — Eles não usaram tudo. Somente em presentes para aqueles que alterariam o futuro de forma positiva. Há muitos consertos necessários entre nosso povo.

Ela olhou para o frasco por um momento, abriu a rolha e bebeu profundamente. Como da primeira vez na alucinação druida, borbulhou em sua garganta e gelou em sua barriga. Ela não se sentia

diferente. O mundo parecia o mesmo através de seus olhos.

Mas ela não era mais a mesma.

Cian passou sem tocar sua garganta. — Minhas desculpas, senhora. Não quero falar mal de você ou de seu povo.

— Vou ajudar de todas as maneiras que puder para restaurar este mundo ao seu propósito original. Bondade, honra, respeito. Todas as leis pelas quais Faes Seelie vivem foram distorcidas para se adequar à visão de Fionn. Eu quero ver tudo voltar à forma como foi originalmente planejado.

Uma nova voz se juntou a eles, estrondosa e profunda. — Bravo. Eu não poderia ter dito melhor.

Sorcha saltou sobre seus pés. O recém-chegado era bonito, alto para um anão, embora ainda não chegasse até os ombros. Contas decoravam sua barba curta e elegante. Uma coroa de ouro estava pousada em sua cabeça.

Ela assentiu. — Mestre anão, é um prazer conhecê-lo. Você veio para se juntar ao conselho de guerra?

— Realmente eu vim. Se você for liderar meu povo na batalha, então eu teria uma palavra a dizer.

— Seu povo? — Ela olhou para a coroa. — Você é o rei anão?

— Eu sou. Mas você, linda, pode me chamar de Angus.

— E você pode me chamar de Sorcha.

Ele ergueu as sobrancelhas. — Eu nunca conheci um humano que tão voluntariamente deu seu nome a um fae. Você sabe que isso pode causar problemas nas mãos erradas.

Ela puxou seu fio, o suficiente para que ele cambaleasse surpreso. — Eu tenho meus próprios truques na manga.

— Tecelã, — ele murmurou. — Eu pensei que todos os de sua

espécie estivessem mortos.

— Muitos pensaram o mesmo. Não é assim.

— E estou feliz por isso. Meu pai tinha muitos amigos entre sua espécie. Tínhamos medo deles, mas sempre gostávamos quando lutavam ao nosso lado.

Ela inclinou a cabeça e gesticulou em direção às mesas. — Devemos?

— Os outros já estão aqui?

— Eu não sabia que havia outros. — Ela colocou as mãos atrás das costas enquanto caminhavam em direção ao conselho de guerra improvisado. — Já houve conversa?

— Eu professo, não sei. Presumo que muitos desejarão ter suas mãos nessa declaração de guerra. Há muito tempo que esperávamos para enfrentar Fionn.

— Estranho, ouvi dizer que você não deseja enviar suas tropas.

— Não com Eamonn. — Ele pigarreou. — Minhas desculpas, senhora. Eu entendo que você estava perto. Porém, lutei ao lado dele no campo de batalha e sei como ele luta. O homem era imprudente, sem se importar com a própria vida. Isso o serviu bem, mas eu não queria comprometer meu povo com alguém que pouco se importava com suas vidas.

— Ele mudou. Eamonn estava focado muito mais na vida de seu povo do que na sua no final. É por isso que ele correu o risco de visitar Fionn.

— Ah, — Angus assentiu. — Então, sinto muito por tê-lo julgado erroneamente. Qual é o seu plano?

— Há muitos, e eu teria a opinião do meu conselho de guerra antes de decidir.

– Acho que você descobrirá que há muitas opiniões.

O anão se sentou, apoiou os cotovelos na mesa e a olhou nos olhos. – Começaremos?



Embora apreciasse sua franqueza, Sorchá nunca teria imaginado que os líderes das faes seriam tão expressivos.

Ela segurou a cabeça entre as mãos e olhou para a madeira gasta da mesa enquanto os homens e mulheres gritavam uns com os outros. Uma dor de cabeça latejava entre seus olhos, descendo pela longa coluna de seu pescoço a cada batimento cardíaco.

Eles não podiam concordar em nada. Cada líder tinha sua própria opinião sobre como atacar, o que fazer com os exércitos, de onde vir, em que dia lutar.

E havia mais líderes todos os dias. Sorchá não esperava o enxame de faes que correram para o castelo. Os cozinheiros ficavam sobrecarregados, os campos murcharam, as lutas eclodiam nos bares quase todas as noites.

Ela tentou amarrá-los todos a ela, mas havia muitos para controlar. Cada vez que ela se libertava do conselho de guerra para vagar pelas ruas, ela encontrava outro que ela não tinha anexado a sua crescente teia de faes.

Ela deu um suspiro lento e controlado. Cada momento era mais um segundo para lembrar a si mesma que ela havia pedido por eles. Essas pessoas estavam aqui a seu pedido e ela lhes devia respeito.

Eles lideraram seu povo por muito tempo. Eles conheciam essas

terras como ela não conhecia. No entanto, ela ainda se perguntava o quanto eles realmente sabiam.

Vozes druidas sussurraram em seu ouvido.

– Poderíamos ter tomado essas decisões horas atrás.

– Deixe-nos guiar você, Sorch. Os Fae estão apenas retardando o processo.

– Leva mais tempo à medida que mais chegam. Faça suas escolhas agora e diga aos outros que eles chegaram tarde demais.

Ela apertou as têmporas. – Eu não posso fazer isso. Eles merecem ter uma escolha em seu futuro.

– Isso só vai acabar mal, Sorch. Você deve controlá-los.

– Não vou usar meus poderes para influenciar suas opiniões.

– Então você estará morta há muito antes que eles concordem!

– Que assim seja! – Sorch se levantou e bateu com os punhos na mesa. Os líderes faes ficaram em silêncio, olhando para ela com surpresa. – Já discutimos o suficiente.

– Ainda não decidimos. – O brownie sibilou.

– Então, peço que vocês decidam logo, ou eu decidirei por todos nós.

– Você não tem direito, – a pixie resmungou. – Você não é uma fae, apenas a catalisadora para uma guerra que está se formando há séculos.

Sorch revirou os olhos.

Uma das faes da turfa agarrou a mesa. – Eu não concordei em seguir os caprichos de uma Druida!

– Você concordou com isso no momento em que entrou por aquelas portas e se sentou no *meu* conselho de guerra!

– Como você ousa!

Os gritos começaram novamente. Alguns argumentaram que Sorcha era a única razão pela qual eles estavam lá. Outros concordaram que ela não tinha o direito de ser sua líder.

Sentando-se novamente com um baque duro, ela observou o processo e se perguntou onde havia errado. Ela não deveria assumir que essas criaturas eram capazes de pensamento racional?

— Eles não são, — disse um druida com raiva em seu ouvido. — Por que você acha que eles nos baniram tantos anos atrás?

Ela ansiava por Eamonn. Ele saberia o que fazer. Pior, eles nunca teriam se tornado indisciplinados quando ele estava aqui. Eles temeriam por suas vidas e que tortura ele os forçaria a viver.

— Senhora! — O grito de Oona ecoou pelos corredores externos antes que as portas se abrissem. — Eu tentei impedi-la, mas ela não me deu ouvidos!

— Quem? — Sorcha se levantou e colocou a palma da mão na espada em seu quadril.

A mulher que entrou na sala era tão dolorosamente bela que era difícil olhar para ela. O cabelo, tão dourado que rivalizava com o sol, caía dos ombros até a cintura. A luz do sol brotava de sua pele, fazendo-a brilhar com uma luz sobrenatural.

Sorcha olhou para as pontas dos dedos da mulher, satisfeita em ver que as manchas haviam se tornado cinza. Elva havia abalado o vício, pelo que parecia. Ou pelo menos não participou de tais atividades enquanto ela viajava.

— Consorte real — Sorcha a cumprimentou. — Eu não esperava ver você aqui.

— Peço uma audiência privada.

Os faes olharam para ela e Angus riu alto. — Desculpe, não

podemos permitir isso. Não quando pedimos o mesmo e você matou nosso rei.

— Eu não o matei, e peço que respeite minha posição, anão.

— Que posição? Isso de uma conserte para nosso bastardo de um rei?

Um rubor rosa se espalhou pelas maçãs do rosto de Elva, e Sorchia sabia que não era de vergonha. Havia uma certa sensação de pânico irradiando ao redor da fae. Ela estava aqui sem permissão, Sorchia supôs.

— Vão, — ela disse para os faes. — Nos deixem.

— Senhora, não posso concordar com tal loucura.

— Fora, Angus. Todos vocês, caiam fora.

Ela meio que esperava que eles recusassem. Mas eles permaneceram como um, relutantemente saindo da sala. Angus foi o único a permanecer.

— Você também. — Ordenou Sorchia.

— Com todo o respeito, senhora, pretendo ficar. Alguém deve permanecer como seu guarda.

— Oona vai ficar.

— Uma pixie?

— Elas são surpreendentemente capazes de proteger aqueles que amam. Por favor, pergunte à líder das faes e veja se ela discorda.

Ele resmungou, mas saiu da sala. Ela percebeu a forma como ele hesitou em fechar a porta. Ele as observou por tanto tempo quanto pôde antes que as portas se fechassem.

Oona tremia no canto, seu corpo travado com força enquanto olhava para a mulher que ajudara a criar. Sorchia percebeu seu olhar e assentiu.

A pixie se lançou para frente e envolveu a cintura de Elva com os braços. Lágrimas escorreram por suas bochechas e suas asas lilases bateram com tanta força que o vento derrubou uma xícara da mesa.

— Oh querida! Nunca pensei que veria seu rosto de novo!

— Olá de novo, — disse Elva, hesitante. Sua mão pressionou hesitantemente as costas de Oona. — Que bom ver você.

— Eu sinto muitíssimo. Eu deveria ter mantido você. Eu deveria ter fugido com você e nunca olhado para trás. Mas aquela sua mãe tinha tanta certeza de que você se tornaria rainha! Ela não deixou você ser criança e certamente não me queria muito perto de você. Eu deveria ter tentado mais forte!

— Oona, não havia nada que você pudesse fazer para alterar meu futuro. — Elva gentilmente colocou a pixie de lado, fazendo uma careta ao ver as lágrimas escorrendo pelo rosto de Oona. — Não gosto de ser tocada.

Sorcha assistia de sua cadeira à cabeceira da mesa, os cotovelos apoiados e o queixo em um punho. — A sua é uma história que gostaria muito de ouvir. Mas não agora.

— Não, há pouco tempo para reviver o passado, — concordou Elva. — Obrigada por oferecer uma audiência privada.

— Tão privada quanto alguém pode ficar em tais tempos. Por favor sente-se. Eu lhe ofereceria comida e bebida, mas suspeito que você não aceitaria.

Elva afundou na cadeira em frente a Sorcha, arrumando as saias com capricho. — Os outros não?

— Muitos optam por não comer até que tenham investido na causa. Assim que percebam que estamos falando sobre guerra, é mais provável que se empanturrem em meus jardins.

— Não sabia que as parteiras eram capazes de tamanha grandeza.

O sorriso de Sorchia era selvagem. — Eu não sabia que consortes viajavam sem permissão.

— Vejo que sua língua é mais rápida do que eu me lembrava. — Elva abaixou a cabeça. — É verdade, Fionn não sabe que estou aqui.

— Quanto tempo vai demorar para ele perceber onde você foi?

— Imagino que ele já saiba que fui embora, mas nunca vai suspeitar que vim aqui.

— Por que não?

— Ele ainda acredita que eu o amo.

Sorchia se inclinou para frente, juntou os dedos e os pressionou contra os lábios. — Você ama?

— Amo ele? Não.

Era uma vergonha. Sorchia tinha visto como Fionn era apegado à bela fae. Embora não parecesse possível, ele era gentil com sua consorte. Quase gentil.

Elva viu as emoções cintilarem no rosto de Sorchia. — É verdade, ele me ama.

— Como isso é possível?

— Você acha que ele é incapaz disso? Ele é apenas um homem, como os outros.

— Ele admitiu sua culpa para mim antes de matar Eamonn.

Elva acenou com a cabeça. — Ele tem pesadelos sobre aquela noite. Ele sonha com a lâmina mergulhando entre seus próprios ombros e tudo sendo tirado dele enquanto Eamonn observa.

— Esse era o plano dele.

— Eu suspeitei que fosse. Eles não deram escolha um ao outro.

- Eles não conseguiam ver além de suas próprias diferenças.
- Ambos foram determinados em seus caminhos.

Sorcha sentiu uma alma gêmea n Tuatha dé Danann diante dela. Ambas sabiam dos perigos de um encontro, mas ambas entendiam por que os eventos se desenrolaram da maneira que aconteceram. Ambas choraram pela dor que os gêmeos infligiram um ao outro.

- Por que você veio? – Sorcha perguntou.
- Para oferecer minha ajuda.
- Você deseja ir contra o rei? Para ajudar a construir um exército que o derrotará?
- Eu desejo minha liberdade, – Elva corrigiu. – Desejo tomar decisões por mim mesma, o que nunca fiz antes.

Liberdade. Era um conceito que todos lutavam para possuir. Sorcha não queria nada mais do que sua própria liberdade também, mas agora ela era a rainha de um povo que não era seu. No mínimo, ela poderia ajudar Elva.

- Então você é bem-vinda dentro de minhas paredes. Tenho certeza de que você vai entender minha hesitação em tê-la aqui, e vou designar um guarda pessoal.

– Entendido.

Sorcha recostou-se na cadeira. – Tudo bem, Angus, você pode voltar.

As portas imediatamente se abriram e o anão entrou na sala. – Eu sabia que você precisaria de mim, minha senhora.

- Você estava ouvindo na porta. Não aceito bem aqueles que não sabem quando são necessários e quando não são.

– Eu queria ter certeza de que você não seria prejudicada. A rainha precisa de um protetor.

Sorcha forçou seus olhos a permanecerem imóveis. — Esta rainha não. Você designará um guarda pessoal para cuidar de Elva. Por favor, lembre aos outros que ela está aqui como hóspede, não como prisioneira.

— Será um prazer.

— Cuide dela e mantenha-a segura.

Elva se levantou, passou as mãos pela saia e hesitou.

— Sim? — Sorcha perguntou. — Há mais?

— Achei que você gostaria de saber. Ele mantém Eamonn ao lado do trono, um cristal retorcido de dor e angústia.

— Como um lembrete ao seu povo o que acontece quando eles vão contra o Rei.

— Não. — Elva abanou a cabeça. — Acho que é um lembrete para ele.

— Sobre o que? — Sorcha perguntou.

— Eu não sei.

O pensamento era perturbador e a última informação que Sorcha precisava ouvir. Ela desejou que Fionn fosse um dos personagens malignos de antigamente. O homem que não queria nada mais do que mutilar e torturar, que precisava ser sacrificado.

Ele simplesmente seguia os velhos métodos e confiava que eles eram a decisão certa para seu povo. Cego e tolo, ele tomou decisões com as quais talvez não concordasse porque deveriam ser as corretas. Fionn era um homem complicado.

Quase tão complicado quanto seu irmão.

Sorcha acenou com a cabeça. — Angus, por favor, mostre a ela um dos quartos de hóspedes. Envie Oona para atendê-la e coloque dois guardas fora de sua porta. Ela deve ter tudo o que deseja.

Amanhã de manhã, traga-a ao conselho de guerra.

— Entendido.

A porta se fechou atrás deles com um golpe final que aliviou a tensão de seu pescoço. Ela ergueu as mãos e massageou os músculos, suspirando enquanto a dor de cabeça desaparecia.

Balor apareceu em um dos assentos, inclinando-se para frente para pegar uma taça de vinho. — Você foi bem hoje.

— Eu fui? Não posso dizer que algo foi realizado.

— Não, mas você está ganhando a confiança deles.

— Deixando-os gritar e berrar?

— Eles precisam livrar-se de suas frustrações. O futuro é tênue e isso deixa as pessoas nervosas.

Sorcha acenou com a cabeça. — E faes nervosos parecem ter reações instintivas.

— Isso eles fazem.

Ela se inclinou para trás e observou enquanto ele inalava o doce aroma. Ela ainda não tinha visto ele ou Ethniu comer e suspeitava que não podiam, mas ele ainda gostava de cheirar a comida e a bebida.

— O que você faria? — Ela perguntou a ele.

— Eu teria ido para a guerra há muito tempo.

— Quantas pessoas morreriam?

— Milhares. A terra seria dizimada, as colheitas arruinadas, o solo queimado, a grama pisoteada sob os pés dos meus exércitos. Teríamos cortado todas as árvores para fazer madeira, matado todos os animais para comer, destruído as minas para que o outro exército não pudesse obter mais recursos.

— Então, você teria matado Tir na nOg junto com Fionn?

Balor assentiu. — Os velhos métodos eram cruéis.

— Eles são os únicos caminhos?

— Isso é com você, minha querida. Essas pessoas merecem pelo menos uma batalha. Veja como você gosta disso primeiro e depois faça seu julgamento.

Ela se recostou na cadeira e olhou para o teto. Era uma grande decisão a tomar e que ela não esperava que acabaria bem.



Livre do conselho de guerra por algumas horas, Sorchá ficou na beira do penhasco onde Eamonn recitou poesia. Sua alma doía. Era um hematoma que ela não sabia como curar.

— Há tantas pessoas aqui, — ela disse ao vento, esperando que isso levasse suas palavras a sua alma. — Dezenas de líderes, centenas de clãs, milhares de guerreiros, todos prontos para ficar em seu nome. Gostaria que você estivesse aqui para ver, meu marido.

Ele ficaria orgulhoso. Ele teria ficado no topo da montanha com ela e olhado para o mar. Provavelmente faria uma piada sobre como eles ainda podiam fugir e deixar este lugar.

Ela sorriu. Ele teria passado a mão por sua cabeça e cachos emaranhados ao redor de seus dedos. Ele sempre amou o cabelo dela.

Pedras rangeram na rachadura na parede atrás dela. Estava quase completamente consertado quando ela pediu para deixá-lo continuar rachado. Embora fosse uma fraqueza um exército escalar os penhascos, ela não podia deixá-los tirar este lugar dela.

— Oona, — ela suspirou. — Eu pedi para sair sozinha.

— Então é uma coisa boa eu não ser Oona. — A voz profunda

soou como o bater de cascos. O cheiro fresco de grama chegou a seu nariz.

Sorcha enrijeceu. — Macha.

— Sim.

— Você não fala comigo há muito tempo.

Por que a fae veio agora? De todos os tempos, por que os Tuatha dé Danann chegavam quando a batalha estava prestes a começar?

Pedras se moveram para trás em seus calcanhares. Macha ficou ao lado dela, olhando para as ondas quebrando com as mãos cruzadas nas costas. Seus cabelos ruivos emaranhados até que Sorcha não pôde mais dizer de quem eram os cachos.

— Você se saiu bem, — disse Macha. — Muito melhor do que eu esperava de uma garota humana.

— Druida.

— Como quiser. Druida.

Sorcha lambeu os lábios, recusando-se a olhar para Macha. — Eu não cumpri nosso acordo. Você veio cobrar minha dívida?

— Não. Você superou minhas expectativas e fez o impossível. Embora Eamonn não tenha sido devolvido aos meus filhos, o resultado foi exatamente o que eu esperava.

Sorcha olhou para ela então, as sobrancelhas erguidas em surpresa. — Você gostaria que Eamonn começasse uma guerra?

— Essa era a intenção de trazê-lo para casa. Eu esperava que ele lutasse contra meus filhos por um tempo, mas então ele concordou que voltar para Tir na nOg era a única maneira de salvar seu povo. Eu não esperava que ele se apaixonasse por você e desejasse recuperar o trono por conta própria.

— Ele realmente não queria o trono, — Sorcha hesitou, — ele

queria um lar.

— No entanto, ele encontrou isso com você.

— Eu acredito que ele percebeu isso tarde demais. — Ela olhou de volta para o mar. — E por causa disso, ele pagou caro.

— É sempre triste quando perdemos um dos nossos. Lamento que você tenha de suportar o peso de sua perda.

— Eu suporto mais do que isso. — Sussurrou Sorchia.

— Um exército espera fora destas paredes por suas ordens. É estranho como o tempo muda. Lembro-me de quando expulsamos os druidas do Outro Mundo com medo de que nos destruíssem. Agora, todos nós esperamos com a respiração suspensa enquanto uma druida determina se ela nos lançará ou não em uma época de sangue e medo.

— Você me deu esse poder.

— Não, — Macha balançou a cabeça. — Eu adoraria receber esse crédito, mas você assumiu esse poder sozinha.

Sorchia supôs que ela estava certa. Se ela tivesse ido para Hybrasil e feito o que ela mandou, provavelmente estaria de volta para casa com o pai e as irmãs.

Ela suspirou. — Seus filhos já tiveram a cura?

— Não.

— Eles sabiam disso?

— Eles conheciam formas de evitar que uma pessoa contraísse a praga do besouro, mas nenhuma forma de curar quem já estava doente. Eles também sabiam que os druidas a tinham, mas sem nenhuma maneira de contatá-los, eles não teriam contado a você.

— Eles poderiam ter matado os besouros?

— Não.

Sorchia acenou com a cabeça. — Então você e seus filhos me

enganaram.

— Precisávamos que você pegasse Eamonn, e eu sabia que ele iria segui-la.

— Por quê?

— Ele sempre teve uma queda por garotas bonitas. Ainda mais para as humanas. Eu me lembro quando ele era criança, ele observava seu povo através daquele espelho dele. Ele ficou fascinado com as escolhas que você fez, as histórias que contou e o mundo que construiu.

Ela podia acreditar. Eamonn se sentia muito à vontade com ela, e se deixava influenciar muito facilmente quando os outros ainda não confiavam nela. Eles a respeitavam, mas não permitiam que ela ficasse em suas casas.

— Por que você mentiu sobre a cura? — Sorchá perguntou.

— Não era mentira. Teríamos dado a você tudo o que pudéssemos e então lhe diríamos que não havia cura verdadeira. Apenas bandagens para envolver uma ferida que jorra.

— Você estava errada.

Machá cerrou os punhos. — Eu não poderia saber que os druidas esconderam uma relíquia.

— Eles não esconderam. Eles a mantiveram segura por todos esses anos porque seu irmão os pediu.

— Meu irmão tem muito a responder, mas não é por isso que estou aqui.

Sorchá girou, seus pés confiantes e seguros na beira do penhasco.

— Então por que você está aqui? A grande Machá, uma da trindade que constitui a Morrighan, está de pé na encosta de um penhasco com uma parteira. O que você poderia ter a dizer para mim?

— Que estou orgulhosa de você.

— Eu não quero o seu orgulho! — ela gritou. — Você e seu povo tiraram tudo de mim. Minha vida está em ruínas e você diz que está orgulhosa? Não se orgulhe de ter descartado todo senso de identidade.

— Eu vi você crescer de uma criança, para uma mulher, para uma rainha. — Macha estendeu a mão, sua mão pairando na frente de Sorchá e então se fechando em punho. — Você é mais do que a parteira que encontrei em um vale com mel nas mãos e alecrim nos cabelos. Olhe para você!

Sorchá odiava que os Tuatha dé Danann estivessem certos. Ela não era a mesma pessoa que era no início desta jornada. Ela havia mudado tanto que mal se reconhecia.

E ela esperava isso. Quem não gostaria? Fazer um acordo com uma fae afetaria a maneira como ela via o mundo. A maneira como ela se via.

Ela nunca poderia ter visto esse futuro por si mesma. Se ela estava sendo sincera, ela sonhava com uma cabana silenciosa na orla da floresta. Uma família que a amava, um bebezinho que quicava nos joelhos do marido.

Macha olhou para ela com pena. — Você queria uma família.

— Eu queria uma vida.

— Ser rainha não é uma vida?

— Não, — ela balançou a cabeça. — É viver uma vida pelos outros. E embora eu não me ressinta deles, desejo ser egoísta, viver por minhas próprias escolhas sem afetar tantos outros.

— Essa vida não existe.

— Sim, você está certa — Sorchá disse com um suspiro. — Não

achei que fosse percorrer esse caminho sozinha.

— Você está sozinha? Existem centenas de almas ao seu redor, mesmo agora.

— O apoio dos mortos não é o mesmo que um toque de amor, nem eles podem aquecer minha cama à noite.

Ela sentia falta dele a cada respiração. Embora ela tivesse ficado orgulhosa de ver suas realizações, Eamonn não podia.

E agora ele estava como um troféu no trono de seu irmão. Ela queria enterrá-lo. Plantar rosas em seu túmulo e cuidar delas todos os dias. Sorcha as guiaria gentilmente para que florescessem o ano todo, através da neve e do sol. Ela poderia fazer o impossível por ele.

Lágrimas picaram seus olhos e ela limpou a garganta. — Isso não importa agora. Eu não tenho escolha.

— Não posso presentear você com uma relíquia dos Tuatha dé Danann, — disse Macha. — Não posso nem lutar ao seu lado no campo de batalha, pois não devo alterar a vida dos faes. Mas, se você aceitar meu presente final, eu lhe darei todo o conhecimento que tenho.

— Como isso é possível?

— Eu assisti milhares de batalhas, matei mais homens e mulheres do que aqueles que andam nesta terra. É minha penitência e meu desejo de ver você vencer.

Isso só poderia ajudar, embora ela não quisesse mais gritos de moribundos em sua cabeça. Ela suspirou. — É outra escolha que faço pelos outros. Sim, Macha, aceito o seu presente.

A mulher ruiva estendeu a mão, bateu um dedo na testa de Sorcha, e todo o seu conhecimento de batalha fluiu entre os olhos de Sorcha.

Ela entendia as formações que funcionavam e as que não funcionavam. Ela viu através dos olhos dos moribundos e dos vencedores. As lâminas se formaram quando martelos em brasa os atingiram. Os escudos amassaram diante de sua grande força, e o sangue fluiu como uma cachoeira de suas palmas.

Sorcha caiu de joelhos com as mãos estendidas. — Retire o que disse, — ela gritou. — Retire, eu não quero!

— Você vai precisar para proteger a si mesma e a seu povo. Não importa o quão difícil seja de suportar.

Ela odiava. Ela odiava os gritos, a culpa, a dúvida se os guerreiros tinham família. Macha não sentia essa preocupação. Ela via a verdade fria e dura da guerra e a filtrou.

Como a Tuatha dé Danann carregava tudo isso dentro dela?

Macha se ajoelhou e pegou as mãos de Sorcha. — Você não deve se deixar dominar por isso. A guerra é sombria e perigosa, muitos são vítimas de seus pesadelos. Mas você não vai deixar que eles te devorem. Esse não é o seu destino.

— Não quero saber de tudo isso.

— Você deve saber e usar bem o conhecimento. Você levará seu povo para a batalha e lutará ao lado deles como uma líder deveria.

— Eu só vou atrasá-los.

— Não com este conhecimento. Você empunhará uma espada, lutará com um escudo que pingará sangue e tomará suas próximas decisões sabendo que fez do jeito deles.

Sorcha ouviu as palavras ocultas na fala de Macha. Ela olhou para cima com os olhos vermelhos de lágrimas. — Você não quer que a gente vá para a guerra.

— Eu vi o resultado de inúmeras batalhas. Eu vi do que os Fae

são capazes. Eu acredito que você precisa ver isso também.

— As memórias não são suficientes?

— Você pode compartilhar minhas memórias, mas você ainda não experimentou por si mesma. A guerra dilacera as criaturas mais fortes e as transforma em matéria-prima. Você só vai encontrar seu verdadeiro eu quando estiver no calor da batalha.

Sorcha procurou em seu olhar uma resposta. — E se eu não gostar do que encontro?

— Ninguém gosta do que encontra na ponta de uma lâmina. Mas vai ajudá-la a decidir por si mesma qual deve ser o futuro dos Faes Seelie.

Macha se levantou, tirou o pó das saias e estendeu a mão para Sorcha segurar.

Ela não queria mais a ajuda da fae, mas percebeu que estava sendo mesquinha. Suspirando, ela estendeu a mão e deixou Macha levantá-la.

O cheiro de grama era opressor tão perto. Cheirava a casa, a coisas boas, a dias de verão que nunca terminavam. Essas não eram memórias nas quais Sorcha teve tempo para se alongar.

— Você está pronta, criança? — Perguntou Macha.

— Não.

— Mas você estará.

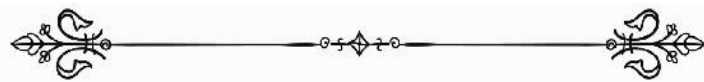
— Sim.

— Quando você dará ao seu exército a resposta que eles esperam?

Sorcha olhou para o céu e viu que o sol já estava mergulhando abaixo do horizonte. — Esta noite, no banquete que eles preparam. Eles esperam que tais notícias sejam anunciadas então.

Macha assentiu e a soltou. — E então a Rainha Druida começará sua guerra.

CAPÍTULO 12



A Batalha para Acabar com a Guerra

— Oh, querida,

Oona disse enquanto apertava uma alça da armadura de Sorch.

— Você tem certeza disso?

Não. Ela não tinha certeza de nada. Mas Sorch sabia que não podia ficar parada enquanto seu povo lutava. Ela se recusava a ficar no topo de uma colina e assistir as pessoas morrerem quando ela deveria lutar com eles.

Ela era uma rainha agora. Esse era o seu dever.

— Sim, — ela finalmente disse. — Vou lutar ao lado deles.

— Ele não iria querer isso.

Sorch deu uma risadinha. — Não, ele teria me colocado em um canto e me dito para esperar até que a gritaria parasse. Eu não sou assim, Oona. E você sabe que mesmo se ele estivesse vivo, eu teria encontrado um jeito de ir.

— Mas você estaria curando pessoas, não lutando com elas.

— Admito que essa é a parte difícil. Desejo muito curar, não

ferir. No entanto, esta é minha única escolha. Eu tomei essas pessoas como minha família, como meus pupilos, e não serei covarde aos olhos delas.

Oona alisou as mãos pelo peitoral ornamentado que cobria o peito de Sorch. Elas haviam escolhido uma armadura para rivalizar com todas as outras. Redemoinhos martelados criavam um padrão na placa plana cobrindo seu peito e barriga. As peças entrelaçadas estavam suaves sobre seus braços, ombros e coxas.

Isso não impedia seus movimentos, a parte mais importante de uma boa peça de armadura. Elas encontraram o conjunto escondido nas entranhas do castelo, e Oona afirmou se lembrar dele há muito tempo. Não era feito por faes, mas os Druidas já usavam essa armadura há muito tempo.

— Querida, alguém veio ver você.

Sorch olhou por cima do ombro, esperando ver um membro do conselho de guerra. Em vez disso, Elva estava nas sombras da porta.

— Entre.

Ela graciosamente entrou na luz e Sorch travou a mandíbula. A armadura élfica cobria Elva de ouro da cabeça aos pés. Ela se lembrava bem do ataque a Hy-brasil.

— Você vai se juntar a nós então? — Sorch queria perguntar se ela estava se juntando ao exército de Fionn, usando seu símbolo tão descaradamente.

— Eu vou. Eu queria enviar uma mensagem ao meu amado consorte.

— Qual é?

— Posso levar seu nome, suas marcas e seu amor, mas não sou dele.

O fogo aceso nos olhos de Elva foi o suficiente para acender uma chama de resposta crepitante no peito de Sorch. Ela assentiu com firmeza. — Então selecione sua arma.

— Obrigada Oona, posso prepará-la a partir de agora.

A pixie abaixou a cabeça e saiu do cômodo.

Sorch observou a elfa circular pelo cômodo, testando o peso e o equilíbrio de espada após espada. — Meu conselho me avisou para não ficar sozinha com você. Eles não acreditam que você seja confiável.

— Tenho certeza de que eles acreditam que estou aqui para assassiná-la.

— Você poderia?

— Facilmente. — Elva escolheu uma lâmina fina de florete e amarrou a alça no ombro de forma que a espada ficasse pendurada entre os ombros. — Não tenho nenhum desejo de matar você.

— Você diz que está aqui para ganhar sua liberdade. Como começar uma guerra com Fionn lhe rende isso?

— Eu não estou começando uma guerra. Estou terminando uma guerra. — O olhar de Elva se fixou no dela. — Eamonn e eu éramos muito próximos em nossa juventude. Ele me protegeu, embora eu não quisesse. Ele era como um irmão mais velho, alguém por quem eu poderia colocar um pedestal e me apaixonar.

— E então Bran apareceu. — Sorch disse, completamente satisfeita com a expressão de choque no rosto de Elva.

— Como você sabe disso?

— Eamonn mencionou algo sobre sua história de fundo e eu juntei as peças. Bran estava aqui, você sabe.

Elva acenou com a cabeça lentamente, abaixando a cabeça até

que sombras cobrissem sua expressão. — Há muito tempo, ele e eu teríamos feito um par poderoso.

— A muito tempo atrás?

— Estou cansada de homens. Suas mãos estão sempre agarrando, suas necessidades são grandes e minha mente não deseja mais se dobrar a vontade deles.

— Não acredito que Bran pediria isso a você — declarou Sorch.

— Ele parece um homem honrado por tudo que ele é, Unseelie e sua família são desagradáveis.

— É uma boa palavra para eles. — Um pequeno sorriso se espalhou pelo rosto de Elva. — Eu gostaria de ter me tornado uma pessoa diferente com o passar dos anos, mas não me tornei. A mulher que reside dentro desta forma física não deseja mais a atenção de nenhum homem. Mesmo um que eu poderia ter amado.

Sorch lembrava-se vividamente do estado em que Elva estivera. As manchas de ópio em seus dedos, a expressão dos olhos vidrados, seu medo ao pensar que Fionn pudesse voltar. Embora Fionn a amasse, ela ainda havia sido abusada.

Dando um passo à frente, Sorch estendeu a mão blindada e agarrou a de Elva. O metal raspou no couro em uma moagem severa.

— Quando eu era pequena, uma mulher na rua me disse que as mulheres foram criadas para sofrer. Era a carta que a vida nos deu, não importando nossa posição ou propósito. Nunca acreditei e agora vejo que fazemos nosso próprio caminho na vida.

— Se decidirmos.

— Você fez essa escolha, Elva. Vou lutar ao seu lado pela sua liberdade. Apoiarei suas escolhas depois que esta guerra acabar e não deixarei ninguém ficar em seu caminho.

Sorcha quis dizer cada palavra com um poder que vibrou por seu corpo.

Elva acenou com a cabeça com firmeza, apertou os dedos mais uma vez e recuou para as armas. — Você escolheu uma arma, Sua Majestade?

Foi a primeira vez que alguém a chamou de rainha. A coluna de Sorcha se endireitou. — Não. Minhas habilidades estão com o arco, mas meu conselho de guerra aconselhou que também devo me adornar com uma espada.

— É um bom conselho. Um arco é excelente para combate de longo alcance, mas uma espada é a única coisa que pode protegê-la quando seus exércitos alcançarem os nossos. — Elva puxou uma pequena espada da prateleira. — Isso vai servir bem para você.

Era muito menor do que a espada que Elva escolhera, mas era boa na mão de Sorcha. Não era muito pesada como muitos delas. Ela cortou o ar.

— Eu gosto desta.

— Como eu esperava que você faria. É uma lâmina druida.

Sorcha testou o peso em sua mão novamente. — Parece certo.

— Isso é o que você quer na batalha.

— Você já lutou em muitas?

— Cada Tuatha dé Danann lutou em muitas batalhas. Somos uma sociedade guerreira. É nisso que somos bons.

— Isso é triste. — Disse Sorcha.

— É? Nossos homens testam seu valor por meio de sangue e fogo. Nossas mulheres aprendem a ser gentis por meio de pequenos atos de gentileza.

— Algum de vocês sabe como amar sem a necessidade de se

machucar? — Sorchá balançou a cabeça. — Conto minhas bênçãos por Eamonn ter sido banido para aquela ilha. Por todo o mal que causou, ele é um homem melhor por isso. — Ela se conteve. — *Era*. Ele era um homem melhor, mas não é mais.

Elva estremeceu. — Eu te invejo. No mínimo, você o carrega com você aonde quer que vá.

— O amor é assim.

— Não, — Elva balançou a cabeça. — Eu não planejava lutar com você até passar por você no corredor. Existem dois batimentos cardíacos dentro de você.

Sorchá piscou, sem compreender bem o que Elva disse. — Com licença? Você está sugerindo que a magia está em ação?

— Magia da forma mais terrena. Você é parteira, Sorchá. Achei que você teria reconhecido os sinais antes de mim.

Não era possível. Ela não podia estar carregando seu bebê, não é?

Ela tentou se lembrar dos últimos meses, mas tudo em que conseguia pensar era no estresse e no medo. Suas crises de náusea foram provocadas pelos gritos do conselho de guerra, as memórias da morte de Eamonn, as responsabilidades que repousavam sobre seus ombros. Não de uma criança.

— Como isso é possível? — Ela perguntou, pressionando a mão contra sua barriga blindada.

— Eu suspeito muito da mesma maneira que meu filho aconteceu.

— Mas eu não sou Fae.

— Isso nunca impediu o nascimento de crianças. Existem muitos mestiços, mesmo no Outro Mundo. Eamonn vem de uma linhagem de

Fomorian e Tuatha dé Danann, assim como você.

Um feitiço de tontura fez a cabeça de Sorchá girar. — Eu preciso de alguns momentos.

— Claro, Sua Majestade. — Elva parou ao passar e colocou a mão em seu ombro. — Eu lutarei ao seu lado, para proteger você e o bebê. Nada vai tocar em você. Você tem minha palavra.

Sua mão escorregou do ombro de Sorchá e a porta se fechou silenciosamente atrás dela.

Sorchá olhou para as estantes de espadas, as bestas penduradas, os escudos encostados na parede. Um alto soluço ecoou pelo armamento, e ela pressionou a mão contra a boca para segurar qualquer outro som.

Uma criança? Ela deveria trazer uma criança para esta vida?

Ainda assim, era o último pedaço dele que ela tinha. Ela tropeçou para trás e encostou-se na parede.

— Eu sinto muito, — ela soluçou enquanto pressionava os dedos na barriga mais uma vez. — Você merece muito mais do que esta vida. Muito mais do que guerra e violência. Você merece um pai que ame você e uma mãe que beije suas contusões.

Ela não podia lutar agora. Ela não podia ir para a batalha com uma armadura fina e esperar que seu filho vivesse. Que tipo de mãe faria isso?

O farfalhar chamou sua atenção, cortando seu medo e angústia. Olhando para cima, suas bochechas listradas de lágrimas ficaram frias quando ela viu um portal brilhante aberto no teto.

Uma perna longa e eriçada se estendia. Ela segurava um pequeno pote de barro em suas garras, que deixou cair no fardo de feno mais próximo.

A voz da Rainha Unseelie retumbou através do portal. — Uma rainha toma muitas decisões difíceis, e você não será a primeira mulher grávida a marchar para a batalha. Lutamos em muitas guerras. Com nossos corpos, com nossas mentes, com nossas palavras. Vá e fique segura, Rainha Druida.

Sorcha observou a perna se retirar e o portal desaparecer.

Esfregando as bochechas para evitar as lágrimas, ela cambaleou em direção ao pote e arrancou a tampa. Pó azul revestido por dentro. Ela reconheceu isso, embora não se lembrasse por quê. Sorcha mergulhou um dedo na substância e esfregou o dedo indicador e o polegar. Ambos manchados de azul brilhante.

Uma voz druida suspirou em seu ouvido. — É o símbolo do nosso povo.

— Por que a Rainha Unseelie o tinha?

— Ninguém sabe as razões pelas quais a Rainha Unseelie coleta qualquer coisa. Essa tintura de uma flor, sempre foi um símbolo druida de raiva e guerra. Nossas mulheres e homens pintam seus rostos e corpos antes da batalha. Traz os ancestrais com eles.

— Você virá comigo para a guerra?

— Nós guiaremos sua mão.

Sorcha soltou um suspiro silencioso.

Ela poderia fazer a escolha neste instante para lutar. Seu povo iria atacar Fionn e encontrar com eles um orgulho feroz, com ou sem ela ao seu lado.

Mas eles lutariam fortemente se ela estivesse com eles. Ela levantaria sua lâmina e defenderia suas injustiças. Os exércitos ofensivos temeriam a Rainha Druida, segundo rumores, ela controlava os caprichos e mentes dos Fae.

Ela não podia forçá-los a fazer nada. Ela não tinha sido capaz desde que Eamonn partiu.

Sorcha mergulhou os dedos no pote e passou um na parte alta de sua testa. Ela se viu no reflexo de um escudo. Cada passagem de tinta azul fazia sua raiva ficar mais forte, mais alta e ainda mais feroz.

Com o cabelo amarrado, balançando nos ombros, ela ergueu um elmo e o colocou na cabeça.

Quando ela saiu do arsenal, todos os que a viram sentiram medo em seus corações. A rainha curandeira se foi. Uma guerreira estava diante deles, o cabelo como uma bandeira ondulante de sangue e a guerra em seu coração.



Seus estandartes estalaram tão alto quanto um tambor. O cavalo de Sorcha movia sob ela, inquieto para a batalha começar. Queria dar patadas no ar, esmagar crânios sob seus cascos, correr colina abaixo em direção ao exército de Fionn e começar.

Ela se sentou e olhou para o exército dourado, medindo cada respiração, forçando seus movimentos a permanecerem calmos e imóveis.

— Senhora — disse Angus atrás dela. — É tarde demais para voltar atrás.

— Não desejo voltar atrás, rei anão. Estou apenas permitindo que olhem para nós como nós olhamos para eles.

— Por quê?

— Eu quero que eles vejam nossos rostos. Para ver o grande

número de faes que discordam de seu rei.

— Isso não vai mudar a opinião deles sobre ele.

Ela balançou a cabeça. — Ainda não estou pronta para acreditar que estes não são homens e mulheres inteligentes. Se eles não forem corajosos o suficiente para deixar seu rei, então eu quero que eles vejam aqueles que foram corajosos o suficiente para fazerem isso. Quero que tremam de medo antes mesmo de começarmos.

Angus ficou em silêncio e olhou para o exército com ela. Esta seria uma batalha sangrenta. Cada exército enviou uma grande quantidade de soldados. O de Fionn estava claramente bem armado, mas ela sabia que eles não lutavam pelos motivos certos. Eles vacilariam porque não estavam com raiva o suficiente.

O garanhão branco ao lado dela soltou um suspiro. Elva apertou ainda mais as rédeas. — Você fará um discurso motivacional?

— Isso é necessário?

— É tradição que o líder grite por seus guerreiros.

— Então eu devo.

Sorcha bateu com os calcanhares na lateral do cavalo, saindo do exército e cavalgando paralelamente às fileiras. Ela procurou em seu cérebro algo para dizer, qualquer coisa que desse uma razão para aqueles homens e mulheres estarem aqui. Um motivo para perder suas vidas.

Não havia nenhum. Nunca havia uma razão para tirar uma vida ou dar a sua, nada digno de sua alma.

Ela parou seu cavalo e olhou para as pessoas que amava. Os últimos de sua família, os últimos da grande ambição de Eamonn.

O vento aumentou, agarrando seu cabelo e sacudindo-o como as bandeiras vermelhas que todos seguravam. A Rainha Druida - a

Rainha Rosa - estava sentada em cima de seu poderoso corcel. Ela sabia o quão pequena ela parecia, o quão pequena ela se sentia.

No final, as palavras vieram a ela sem o gume duro do aço, o sabor metálico da batalha ou a amargura da guerra.

— Fiquem seguros! — Ela gritou. — Fiquem bem! E se não estiverem, vou encontrá-los nos corredores de nossos ancestrais com vinho e histórias para contar. Nós lutaremos para recuperar o que é nosso e não iremos descansar até que gritemos vitoriosos nos corredores de Cathair Solais!

Uma alegria se ergueu no ar. Não o suficiente, não o suficiente para causar medo nos corações do exército atrás dela. Sorcha era muito mole, muito fraca, muito curadora. Ela endureceu seu terno coração e gritou um grito de guerra.

Ela não era uma humana fraca. Ela não era uma fae para se esconder atrás de armadura e aço. A tintura era a sua mensagem e tinha sido ouvida.

Ela estendeu a mão e tirou o elmo enquanto a fumaça verde girava em torno de seus braços. As almas dos druidas mergulharam em sua armadura e guiariam suas mãos enquanto ela lutava.

Os faes ficaram em silêncio enquanto olhavam. Tinta azul cobria um lado de seu rosto, padrões desenhados no outro. Ela era uma criatura de outro mundo, agora. Um ser de sua história que saiu do próprio tempo.

Seu sorriso selvagem dividiu a pintura. — Que nossas espadas festejem hoje! Que seus escudos resistam, suas flechas voem certas e seu grito de batalha ressoe pelas cortes Seelie a partir de hoje!

Os faes gritaram. Eles ergueram as armas e gritaram, pois a Rainha Druida cavalgava com eles.

Sorcha girou o cavalo e olhou para o exército dourado que se preparava para a guerra. Elva e Angus incitaram seus corcéis adiante, suas pernas pressionando contra as dela.

Ela podia ouvir cada respiração que dava, cada batida de seu coração batendo ruidosamente contra suas costelas. O castelo brilhava atrás do exército, tão brilhante que queimava seus olhos. Esse era seu objetivo, seu destino, onde tudo isso terminaria. Sorcha ergueu sua lâmina rúnica, inalou e gritou: — Faugh A Ballagh! Limpe o caminho!

Os cascos do cavalo soaram como um trovão enquanto eles corriam montanha abaixo. Uma armadura tilintante bateu em seus ouvidos e suas coxas agarraram-se com força à montaria.

O exército de Fionn ergueu lanças, pronto para pegar os cavalos no momento em que os alcançassem. Mas Angus havia planejado isso.

— Anões! Preparem-se!

Eles ergueram grandes maçãs acima de suas cabeças, balançando-as descontroladamente e liberando-as ao comando de Angus. As armas pontiagudas se chocaram contra as lanças erguidas, quebrando os cajados em milhares de cacos. Os faes só tiveram um momento para encarar suas armas quebradas antes que os cavalos os atacassem.

Ela não ouviu nada a princípio. Então, o zumbido em seus ouvidos diminuiu.

Eles estavam gritando. Homens, mulheres e cavalos gritando enquanto suas vidas eram drenadas de seus corpos.

Anões ergueram martelos pesados e os derrubaram nas cabeças daqueles que não estavam montando cavalos. As grandes pancadas soaram como gongos quando os Tuatha dé Danann caíram no chão. Pixies jogavam adagas no ar, agarrando-se por baixo da armadura e

cavando na carne.

Ela se encolheu quando um soldado dourado balançou sua enorme espada e arrancou a cabeça de uma fae de turfa de seus ombros. Ele avançou em sua direção apenas para encontrar as lâminas duplas de Elva.

— Sorchá! — Ela gritou. — Atrás!

Ela se virou no último momento e ergueu a espada. As lâminas travaram, as vibrações sacudindo seu braço e zunindo por seus nervos. O soldado que a encarava sabia exatamente quem ela era. Um sorriso se espalhou por seus lábios enquanto ele balançava a espada para trás novamente.

Um jato de sangue respingou em seu rosto. Sorchá gritou, mas o soldado caiu para frente em seu cavalo, que saiu correndo.

Angus ergueu o martelo em saudação e se voltou para golpear outro homem.

Havia tantas pessoas. Tudo o que ela podia ouvir eram os gritos dos moribundos, a dor e agonia que se estendiam por todo o campo de batalha.

Este era apenas o começo.

Ela ergueu a mão e tocou o sangue na bochecha. Nada disso era dela, seu povo não permitiria isso.

Elva gritou sua raiva no ar. Ela empunhava lâminas duplas, disse que não precisava de um escudo e Sorchá podia ver por quê.

A bela mulher não era deslumbrante apenas em pessoa. Ela usava seu corpo como uma arma. Saltando e golpeando no ar. Seu cavalo havia partido fazia muito tempo, gemendo no chão e chutando as patas para matar qualquer um que se aproximasse.

Sorchá estava infinitamente feliz por ela ter forçado Cian e Oona

a ficar no castelo. Eles não precisavam ver isso.

Um soldado caiu de joelhos ao lado de seu cavalo. Ele alcançou seu tornozelo e ela se encolheu, mas o soldado dourado não tentou puxá-la.

Ela olhou para baixo e se perdeu em seus olhos. Ele estava morrendo, ele sabia, e queria um pouco de conforto enquanto sua alma vazava do buraco em seu peito. Ela estendeu a mão para ele pegar.

O metal frio encontrou a ponta dos dedos por um breve momento antes que ele caísse de lado. O suspiro final de sua respiração ecoou tão alto que ela jurou que era o vento.

E assim por diante, os moribundos gritando por misericórdia, por ajuda, para que alguém ouvisse seus apelos. Tanto seu povo quanto o de Fionn, todos iguais, mas infinitamente diferentes.

Os Fae menores eram brutais. Eles tinham muita raiva acumulada ao longo dos séculos e não mostravam pena. Os Grão-Feéricos ficavam cada vez mais zangados porque aqueles que acreditavam estar abaixo deles ousavam se rebelar.

Ela observou o chão ficar molhado de sangue. Seu coração batia cada vez mais devagar, mesmo quando ela se recusava levantar uma lâmina.

Um homem grande rompeu as fileiras de sua guarda pessoal. Seu peito arfou e ele correu em sua direção com a espada erguida. Ela ouviu o grito furioso dos anões, o triste lamento de Elva enquanto todos o observavam avançar.

Sorcha estava tão cansada da morte. Ela ergueu a mão em direção ao grande homem e gritou: — Basta.

Ele tropeçou, mas sua espada permaneceu no ar.

— Chega, — ela gritou. — Já houve morte suficiente!

Ele deu mais um passo em direção a ela e deixou a lâmina mergulhar no chão.

Sorcha escorregou de sua montaria, os pés blindados tocando o solo tão levemente que não fizeram barulho. Ela caminhou em direção a ele com as mãos ao lado do corpo.

A luta diminuiu no pequeno bolsão ao redor deles. Faes menores assistindo com medo enquanto Sorcha arriscava sua vida. Os Grão-Feéricos olhando com expressão atordoada, horrorizado que seu maior soldado estava hesitando em matar uma garota tão pequena.

— Fique em paz, — ela disse calmamente. — Você não é meu inimigo, e eu não sou sua. Não escolhemos este destino, mas podemos mudá-lo. Eu não desejo machucar você.

Em um piscar de olhos, ele ergueu sua espada e apontou para ela. Sorcha gritou, sua voz se misturando ao grito dele, e esperou pela dor. Não veio.

Uma espada cortou a frente de sua armadura e ele cambaleou para o lado.

— Não, — ela soluçou. — Chega disso.

Sorcha estendeu a mão e o segurou quando ele caiu de joelhos. Ela tirou seu capacete e alisou seu rosto bonito.

O choque refletiu em seus olhos, mesmo enquanto o sangue escorria por sua bochecha.

— Você não merecia isso, — disse ela. — Sinto muito.

Ele ergueu a mão trêmula mesmo quando Elva gritou um aviso.
— Você não é o que eu esperava.

— Descanse, guerreiro.

— Você não deveria estar na guerra.

A vida foi drenada de seus olhos enquanto as lágrimas escorriam dela. Ela passou a mão pelo rosto dele, fechando o olhar vago.

— Senhora! — Angus gritou enquanto os Tuatha dé Danann avançavam sobre eles. — Volte para o seu cavalo.

— Não. — Ela rosnou enquanto a raiva faiscava em suas veias.

A fumaça verde de seus ancestrais rodava através de sua armadura. Eles sabiam o que ela queria fazer. Que ela não levantaria mais uma lâmina contra aqueles homens e mulheres que deveriam ser seu povo também. Eles eram a família de Eamonn e seriam dela.

— O suficiente.

A palavra foi transmitida pelo campo de batalha. Um druida puxou com força sua armadura. — Mais, Sorchá. Você deve fazer mais.

Ela imaginou uma roca em sua mão e lembrou-se com surpreendente clareza da voz de sua mãe enquanto ensinava Sorchá a tecer.

— Não, Sorchá, seja paciente. Você criará protuberâncias na lâ!

— Nós vamos tricotar de qualquer maneira!

— Garota tola, teça o linho em volta da roca para que não se enrosque enquanto trabalhamos. É isso, segure assim, todas as fibras não fiadas ficarão paradas e então você pode girá-las em linha. Bom. Viu? Você sempre foi capaz disso.

Uma lágrima deslizou por sua bochecha e Sorchá teceu toda a magia não fiada e almas no ar em um fio fino forte como aço. Ela o teceu no ar, dando nós e desenredando até que ela criou uma tapeçaria deste momento no tempo.

— Durmam, — ela disse aos faes no campo de batalha. — Descansem até que isso seja feito.

Liberando seu aperto no fio, ela ouviu cada Fae cair no chão. A respiração deles era uniforme e sincronizada, criando um vento silencioso que roçou seus ouvidos.

Ela estava tão cansada. Ela queria dormir com eles, enroscar-se com o soldado morto e deixar sua mente vagar. Tinha sido um longo dia. E ela gastou muita energia para acalmar suas mentes.

— Não, Sorch. Nosso trabalho ainda não terminou, — druidas sussurraram em seus ouvidos. — Você não pode dormir ainda.

Ela tinha que ir até *ele*. Assim que Eamonn fosse colocado para descansar, ela poderia finalmente dormir em paz.

Um sopro silencioso soprou em seu rosto. Quando ela fechou os olhos?

O ar soprou novamente, roçando suas bochechas e a lembrando de uma época em que um selkie a acordou em uma praia. Ela estava lá atrás? Ele ainda estaria vivo se ela abrisse os olhos? Tudo isso tinha sido um sonho ruim?

Sorch ergueu o olhar e se encolheu ao ver os campos vermelhos. O fedor da morte encheu o ar e obstruiu seus pulmões.

A respiração a invadiu e trouxe consigo o aroma salgado do mar. Sorch respirou fundo, limpando sua mente e seus pulmões da guerra.

Um kelpie estava diante dela. Seus olhos escuros falavam de pena e perdão.

— Você, — ela disse maravilhada e estendeu a mão para tocar seu nariz macio aveludado. Uma gota d'água respingou em sua testa. — Eu lembro de você.

Ele balançou a cabeça em concordância.

— Você estava na cachoeira de Hy-brasil. Como você se libertou?

Seus olhos pareciam dizer que kelpies podiam ser criaturas selvagens. As águas da terra se entrelaçavam como sua magia, e ele veio porque ela precisava dele.

O kelpie se mexeu, lentamente ficando de joelhos e esperando que ela se colocasse em suas costas.

Ela se levantou, com os joelhos clamando de dor e as costas doendo. As mãos dela deslizaram sobre sua crina de algas marinhas e as saliências de sua coluna.

— Eamonn disse que você me arrastaria para as profundezas e me afogaria se eu tentasse montá-lo.

Os olhos do kelpie diziam o contrário, os mesmos da cachoeira.

Ela balançou uma perna para o lado e se pressionou contra a pele úmida e fria. — Leve-me para o castelo, amigo fiel.



Os guardas no portão não hesitaram em abri-los para a rainha guerreira que cavalgava sozinha para Cathair Solais. Eles puderam ver o exército no campo e se perguntaram se eles estavam mortos. O que essa feiticeira fez? Que poderes esta druida possuía?

Ela se equilibrou nas costas do kelpie e planejou o que diria. Ela pediria paz, ela não daria uma opção a Fionn, ela o forçaria a entender.

Mas então ela cavalgou diretamente para o palácio e todas as palavras saíram de sua mente.

Eles estavam se divertindo. Homens e mulheres lindos giravam em cores que ela não conseguia compreender. O vinho fluía das

estátuas e as risadas borbulhavam em direção ao teto.

Os faes usavam máscaras finas, o metal tão fino que parecia arame. Seus vestidos eram imaculados e seus movimentos graciosos.

Eles estavam tão bêbados que nem perceberam que ela havia chegado.

A raiva queimava tanto que Sorchá não conseguiu se controlar. Ela se abaixou, enfiou a mão embaixo de um prato que um garçom que passava carregava e colocou todos as taças no chão. A quebra fez até mesmo os músicos gritarem e pararem.

Eles a viram agora.

A multidão se separou e ela fixou os olhos em Fionn, que relaxava em seu trono.

— Há uma guerra à sua porta, Rei Sábio, — ela zombou. — Ou você não percebeu o sangue cobrindo suas escadas?

— Reis não lutam em guerras.

— Não, mas aparentemente as rainhas sim. — Ela limpou o sangue na bochecha e apontou para ele com uma mão que pingava água do mar. — Eu vim reivindicar o que é meu.

— Você pensa em assumir este trono? — ele disse, rindo. — Você é uma mera humana.

— Eu pouco me importo com uma cadeira. O homem de cristal ao seu lado é meu e pretendo aceitá-lo de volta.

— Não. — Fionn se levantou e gesticulou com a taça de vinho na mão. — Guardas, removam esta mulher.

Nenhum se moveu.

— Guardas! Tirem esta humana da minha vista!

Sorchá rosnou. — Sente-se, Fionn.

— Você não pode me dar ordens, parteira.

— Eu disse, sente-se.

— Não! — A raiva manchava seu rosto com manchas vermelhas.

— Você não tem o direito de estar aqui, de interferir em nada! Você deveria estar de joelhos enquanto me cumprimenta!

— É você, falso rei, que se *ajoelhará*!

Seu grito ecoou pelo grande salão. Os fios em sua mente brilharam e ela os puxou com força, agarrando-os em seu punho e torcendo-os cruelmente. Ela queria que eles sentissem a dor e o tormento em sua alma.

Cada Fae caiu sobre suas mãos e joelhos.

Respirando com dificuldade, Sorcha cerrou os punhos e deslizou das costas do kelpie. Suas botas blindadas batiam contra a pedra enquanto ela avançava em direção a Fionn. A raiva, tão vívida e crua que soprava respirações quentes contra seu pescoço, bateu em sua mente e gritou por liberação.

Havia tanta dor dentro dela que o trovão ecoou em seus ouvidos. Ela subiu as escadas até Fionn e colocou a mão em torno de sua garganta. Almas emaranhadas ao redor de seu braço, dando-lhe força desumana. Ela o empurrou contra as costas do trono e apertou.

— Seu tempo acabou. — Ela rosnou.

— Nunca. — Ele resmungou.

Não soltando o aperto em seu pescoço, ela alcançou por cima da cabeça e puxou uma flecha da aljava em suas costas.

— Você foi julgado e considerado culpado, Fionn, o Sábio. Seus crimes são escravidão. — Ela afundou a flecha no trono ao lado da cabeça dele, pegou outra e continuou. — Brutalidade. — Esta não acertou sua orelha. — E mentiras.

Ela arrancou a coroa de sua cabeça e afundou a última flecha tão

perto que cortou seu cabelo.

Sorcha encontrou seu olhar com olhos ardentes e ergueu a coroa para ele ver. — Isso não é seu.

Virando-se para a multidão de faes atrás deles, ela trouxe a coroa sobre o joelho e a quebrou ao meio. As duas peças caíram no chão e rolaram escada abaixo. Ela encontrou o olhar de cada guarda, viu o medo em seus olhos e o sentiu ressoar em seu próprio peito.

Sorcha estalou os dedos e puxou com força os fios de sua existência. — Levem seu rei para a masmorra e envolvam-no em correntes de ferro.

— Não! — Fionn gritou. — Não dê ouvidos a essa mulher!

— Se ele gritar muito alto, me digam. Vou enchê-lo de ervas que vão inchar sua língua até que ele mal possa respirar.

Os guardas entrelaçaram as mãos por baixo das axilas de Fionn e arrastaram-no para fora do salão. Seus protestos foram ignorados.

Mas então os faes não podiam fazer nada além de ignorá-lo, não é? Ela não deu a eles uma escolha.

Sorcha caiu no trono de Fionn com um suspiro pesado. — Saiam. Todos vocês.

Os faes se levantaram e saíram com tanta pressa que em três segundos ela estava sozinha.

Um soluço cortou o silêncio. Sua agonia veio à tona.

— Eu me tornei tudo que eu não queria ser! — Ela gritou.

Suas mãos tremeram e ela parou de respirar quando finalmente virou a cabeça e olhou nos olhos frios e vazios de Eamonn.

— Meu amor, — Ela soluçou. — Eu vim por você.

Puxando-se do trono, ela colocou os braços em volta dos ombros dele e pressionou os lábios nos dele. O cristal frio mordeu sua carne.

Tão familiar e ainda assim nem um pouco. Seu peito não se mexeu, seu coração não bateu e seus olhos não se encheram com a ternura que ela esperava.

Sorcha pressionou a boca contra a dele novamente. — Eu gostaria de poder salvar você. Meu amor. Meu coração.

Lágrimas escorreram de seus olhos e respingaram na pedra fria.

A raiva a invadiu novamente. Não era justo. Não era certo que ela estivesse tão perto dele, e ainda assim tão longe. Ele nunca iria olhar para ela com amor novamente. Nunca tocar em seu ombro, envolver seus cachos em torno de seu dedo.

Era uma brincadeira cruel e raivosa que o mundo jogou com ela.

Ela se virou e tirou a comida e o vinho da mesa lateral de Fionn. Gritando de raiva, ela caiu de joelhos ao lado dele e agarrou a Lança de Lugh.

— Isto não pertence aqui. — Ela gritou.

Como se a lança entendesse o que ela queria, o bastão encurtou, não sustentando mais Eamonn. Arrancando com todo o seu peso, ela puxou a lança do coração de Eamonn.

Ela caiu no chão e toda a sua raiva foi drenada, vazando de seus olhos enquanto as lágrimas deslizavam de suas bochechas. O que ela faria com ele? Enterrá-lo na terra? Colocá-lo na frente do castelo como uma gárgula vigilante?

Ela choramingou e se envolveu em torno dele mais uma vez. — Por favor, mo chroí. Eu quero ouvir sua voz uma última vez. Eu te amo.

A princípio, ela não percebeu que seus lábios estavam pressionados contra o cabelo sedoso. Então ela ouviu o estalo do cristal quando as pontas dos dedos dele se moveram.

Tropeçando para trás, ela pousou sobre seu traseiro e observou com olhos arregalados enquanto o cristal se espatifava. Caindo de seu corpo em grandes cacos, deixando para trás uma pele caramelo quente. Ele sacudiu as pedras de seus ombros, afastando-se dela para arrancar sua armadura e levar as mãos ao rosto.

Um pedaço de cristal caiu no chão, o pedaço que cobria seu rosto. Olhos frios e vazios a encararam de volta, como se ele simplesmente tivesse tirado uma máscara. Sorchá engasgou e pressionou a mão nos lábios, observando com olhos arregalados enquanto ele olhava para as mãos e depois se virava para encará-la.

Ele era perfeito. Esfarrapado e cansado, mas sem manchas. Seu rosto estava liso, sua garganta sem marcas. Nem um único cristal permaneceu, nem mesmo um pequeno cutucando sua camisa rasgada.

Ela viu sua garganta trabalhar enquanto ele engolia.

— Sorchá?

Ela gemeu e ficou de pé. Lançando-se em seus braços, ela colocou o rosto contra seu pescoço agora liso e respirou seu perfume.

— Eu pensei que tinha perdido você.

— Eu pensei que estava morto. — Eamonn pressionou os lábios contra o ombro dela e a apertou em seus braços. — Como isso é possível?

— Eu não sei, mas agradeço a todos os deuses que já existiram por terem trazido você de volta para mim. — Ela se inclinou para trás e traçou seu rosto com os dedos, estranho agora, mas tão amado quanto. — É você mesmo.

Ele não disse nada. Eamonn espalmou a nuca dela e apertou os lábios. Quente, seguro e maravilhoso, ela emoldurou seu rosto com as palmas das mãos e contou cada uma de suas muitas bênçãos.

CAPÍTULO 13



A Coroação

Sorcha não poderia soltá-lo. Ela tinha que sentir a pele lisa para acreditar que ele estava realmente aqui, que de alguma forma, de alguma forma, as marcas desfigurantes haviam sumido magicamente. Um deus deve ter sorrido para eles e curado todas as suas feridas.

Era difícil de acreditar.

Enquanto eles tropeçavam na sala do trono, os braços em volta um do outro, ela percebeu o quão fraco ele estava. Seus músculos tremiam, as pernas estremeciam e ele se apoiava nela. Este não era o rei de que ela se lembrava, mas ele seria.

Ele saiu do palácio e ergueu a mão para bloquear o sol.

Faes se espalhavam pelo terreno diante deles. Todos ficaram para ver o que a Rainha Druida faria a seguir. Eles engasgaram quando perceberam que ela não estava sozinha.

— Fionn? — Alguém gritou.

— Não, — respondeu Eamonn. — Seu rei supremo.

Sorcha sentiu o tremor percorrer seu corpo ao ouvir o nome. Ele olhou para ela.

— O que aconteceu?

— Seus cristais, Eamonn. Eles foram embora.

— Se foram? — Ele passou a mão pelo rosto, tremendo ao tocar a garganta. — Eles realmente se foram?

— Eu não sei como, ou por que, mas você renasceu como um novo homem.

Ele engoliu em seco e Sorchá não sabia se iria se acostumar a ver o pomo de adão dele se mover. Que estranho ver tanta pele depois de todo esse tempo.

Ela passou o braço pelo dele e puxou-o no meio da multidão. Havia mais para ele ver, mais que precisava ser explicado, e todos esses Fae não mereciam vê-lo no seu estado mais fraco. Eles o haviam condenado há muito tempo. Eles agora esperariam para saber qual seria seu destino.

Eles pararam no portão do castelo. Seus olhos se arregalaram em choque enquanto ele olhava para um campo de batalha de milhares de pessoas caídas no chão.

— Você foi para a guerra?

— E eu acabei com ela.

— Você? — Ele desviou o olhar dos corpos e encontrou o olhar dela. — Você matou todos eles?

— Eles não estão mortos, apenas dormindo.

— Eles sabem o que aconteceu?

— Não.

Ele soltou um suspiro. — Eu vou confessar, mo chroí. Eu mal posso lidar com isso agora.

— Podemos esperar para acordá-los.

— Não deveríamos. Onde está o seu cavalo?

— Nenhum cavalo, — ela disse com um sorriso. A sucção úmida

de pés tamborilou no chão atrás deles. — Apenas um kelpie.

Sua expressão era quase cômica. — Você montou um kelpie? Sozinha?

— Eu disse que ele não queria me machucar.

— O kelpie da cachoeira?

— Nem tudo é preto e branco, — disse ela enquanto acariciava a testa do kelpie. — Não sei por que ele me ajudou, mas sei que sou eternamente grata. Não tenho certeza se teria feito isso aqui de outra forma.

Suas próprias pernas tremiam agora. Ambos precisavam desesperadamente deitar-se nos braços um do outro e descansar.

Quanto tempo se passou desde que ela dormiu em seus braços? Demasiado longo. Meses, semanas, dias e até horas eram longos demais para Sorchá suportar.

Ele assentiu. — Vamos acabar com isso então. Obrigado meu amigo. Você ganhou honra pela raça dos kelpies.

O cavalo-marinho se ajoelhou e esperou até que Sorchá e Eamonn estivessem em segurança em suas costas. Ele avançou e disparou em direção ao campo de batalha. Ela podia sentir o cheiro da brisa do mar, ouvir os gritos das gaivotas e o barulho das ondas quebrando.

Deuses, como ela sentia falta do mar.

Seus braços se apertaram ao redor dela. Ela traçou as pontas dos dedos sobre seus antebraços e percebeu que teria que descobrir tudo de novo. O balanço de seu corpo, a esparsa rajada de pelos no peito, o gosto de pele em vez de pedra.

A respiração agitou os cachos em sua têmpora. — Como fui abençoado com uma mulher assim?

— Existe uma resposta para isso?

— Os deuses sorriram para mim quando criaram você. Eu sou um homem muito querido.

— Você é. — Sorchá cravou as unhas em seus braços e enviou uma prece silenciosa para o céu.

Mas ela sabia que não foram os deuses que ajudaram. Qualquer divindade que estivesse lá fora apenas colocara a roda em movimento.

O kelpie vasculhava os corpos caídos enquanto Eamonn o guiava em direção a uma elevação que lhes daria o pico mais alto para chamar os exércitos. Enquanto caminhavam, ela viu os rostos de seus ancestrais pairando sobre os Faes. Cada rosto pintado sorria para ela. Eles mantiveram os faes quietos e calmos.

Machá estava na beira do campo de batalha, sua espada erguida em saudação. Ao lado dela, Balor e Ethniu se abraçaram e sorriram.

Sorchá acenou com a cabeça para eles e se recostou ainda mais na parede de força atrás dela. Ela finalmente o tinha. A única coisa que ela queria desde o início desta jornada era um lugar para chamar de lar, uma família que a amasse e se sentir como se ela pertencesse.

Ela nunca teria imaginado que encontraria tudo em uma única pessoa.

Os pés do kelpie tocaram a elevação mais alta e balançou a cabeça. Ela empurrou para frente com um suspiro, Eamonn pressionando contra sua coluna.

Ele gemeu e deu um beijo entre suas omoplatas. — Só mais um pouco, mo chroí.

Eles se moviam como antigos, deslizando das costas do kelpie enquanto estremeciam. Uma dor de cabeça latejava entre seus olhos. Estava acabado e ainda não... para ela.

Eamonn a segurou quando seus joelhos cederam. Ele a puxou contra seu peito e afastou o cabelo de seu rosto.

Nenhum cristal prendeu seu cabelo.

— Deixe eles irem. Deixe-os despertar e saudaremos nosso povo.

Ela suspirou, colocou a cabeça contra o peito dele e soltou os fios. Ela podia sentir as almas druidas desaparecerem na névoa. Um grande peso que ela não percebeu que estava pressionado sobre ela levantou. Ela cedeu contra Eamonn, a cabeça pendendo para o lado de alívio.

— Bom. — Ele deu um beijo em sua têmpora, a respiração fazendo cócegas em seu pescoço. — Você se saiu muito bem, mo chroí.

Sorcha assentiu, incapaz de responder de qualquer outra forma.

Ele a segurou contra seu lado e deu um passo à frente para observar enquanto os faes rolavam para os lados, alguns de joelhos. Os soldados tiraram os elmos para balançar a cabeça em confusão.

Eamonn esperou apenas uma batida do coração antes de gritar:
— Faes da Corte Seelie! Contemplem! Seu novo rei e rainha!

O exército dourado congelou. Alguns olharam para o casal, com roupas rasgadas, respingos de sangue e estranhamente vivos.

Ninguém poderia confundir Eamonn com Fionn em um campo de batalha. Ele estava com as pernas abertas, o peito arredondado e a coluna reta. Este era seu domínio.

— O que ela fez para nós? — alguém gritou.

— Eu fiz vocês dormirem, — disse ela. — Chega de lutas, chega de batalhas, apenas sonhos.

— E nosso rei?

— Ele está diante de vocês — rosnou Eamonn. — O Usurpador fica na minha masmorra até eu decidir o que quero fazer com ele.

Aqueles que apoiaram Fionn ficaram em silêncio. O povo de Sorcha agarrou suas armas e os encurralou até que eles estivessem em uma grande massa diante de seu novo rei e rainha. Ele apertou seus ombros, inclinou seu queixo, então ela encontrou seu olhar.

— O que devemos fazer com eles?

— Se eles desejam se juntar à nossa família, para nos apoiar, eles podem.

— E se não o fizerem?

Uma faísca de raiva disparou em sua mente. — Então eles podem se juntar ao seu rei que forçou tantos à escravidão e mais à fome.

Os exércitos ouviram suas palavras em alto e bom som, enquanto as almas druidas ecoavam suas palavras. Um por um, os soldados dourados dobraram os joelhos. Nem um único permaneceu de pé.

Sorcha sorriu. — Acho que eles têm medo de mim.

— Na verdade, eu também tenho. — Mas ele ergueu a mão dela e pressionou seus lábios contra seus dedos. — Minha Rainha Druida, lamento não ter podido lutar ao seu lado.

— Espero que nunca tenhamos a chance.

— Angus! — Eamonn gritou. — Cuide das coisas para mim! Estou levando minha rainha para casa.

O anão fez uma saudação. — Meu prazer!

Eamonn a colocou nas costas do kelpie e eles correram para longe do Castelo de Luz. O kelpie balançou a cabeça, bufando, e a névoa se formou sob seus pés. Eles cavalgaram cada vez mais rápido até que Sorcha jogou a cabeça para trás contra o ombro de Eamonn.

— O que está acontecendo?

— Um kelpie pode viajar para qualquer lugar que desejar, mais rápido que a água.

— Então, para onde vamos?

— Casa.

Eles afundaram na terra e correram em rios de magia até a pequena fenda nos fundos do castelo de Nuada que Sorchu se recusou a consertar. Eles desmontaram com cuidado enquanto a lua os iluminava com uma luz prateada.

Eamonn a balançou nos braços e se virou para o kelpie. — Obrigado, meu amigo.

Ele se curvou e saltou do penhasco para o mar.

Ele a carregou pelas sombras para dar-lhes alguns momentos de paz. O castelo estava silencioso, seus residentes dormindo com sonhos silenciosos.

Ele os colocou na cama e se enrolou ao redor dela. Pouco antes de fechar os olhos, ela viu quando ele ergueu sua mão e a olhou ao luar. — Você é um milagre, mo chroí.

— Eu sou sua. — Ela sussurrou.

Eles dormiam emaranhados um no outro, vivos e finalmente em paz.



Toques leves como uma pena pressionaram suas bochechas e lábios. Ela franziu a testa, tentando desesperadamente segurar o aperto quente do sono.

— Pare, — ela murmurou. — Ainda não é a hora.

— Mo chroí, se esperarmos mais eles vão temer que morremos. Novamente.

Seus olhos se abriram com o tom de barítono profundo tão familiar que fez seu coração doer. Ela soltou um suspiro quando seu olhar encontrou olhos azuis brilhantes.

— Eamonn? — Ela se lançou para frente e colocou os braços em volta do pescoço dele. Puxando-o para baixo em cima dela, ela respirou seu perfume amadeirado enquanto as lágrimas escorriam por suas bochechas. — Eu temia ter sonhado tudo.

— Eu estou aqui.

— Você está *aqui*!

Ele riu contra sua garganta. — Sim eu estou. Embora eu não tenha certeza de quanto tempo mais se você continuar me sufocando.

— Você é teimoso demais para morrer pelas minhas mãos. Deixe-me abraçá-lo por mais alguns momentos. Por favor.

— Um homem não pode negar um argumento tão tentador. — Ele os rolou e passou os braços e as pernas ao redor dela. — Fique à vontade. Nós sobrevivemos.

Ela não conseguia parar de chorar. Lágrimas respingaram em seu peito, misturando-se ao pelo curto ali. *Pelo*!

Sorcha puxou-o. — Desde quando você tem pelos no peito?

— Eh? — Ele passou a mão pelo peito, esticando o pescoço para olhar para si mesmo. — Eu não tenho. Ou não, há muito tempo.

Ela respirou fundo e traçou um círculo ao redor de um buraco que ela não tinha notado antes. Uma ferida em forma de estrela sobre seu coração. Cristais minúsculos espalhados ao redor dela, dificilmente comparáveis às fendas e rachaduras anteriores, mas ainda estavam lá.

— Olha. — Ela disse.

Ele segurou sua mão sobre a dela. — Tenho o prazer de mantê-lo. É um bom lembrete de como a vida é preciosa.

— É. — Sorchá se inclinou e pressionou os lábios contra os dele, fazendo uma careta ao se afastar. — Você tem hálito matinal.

— Eu tenho o *quê*?

— Hálito matinal!

— Eu nunca tive hálito matinal na minha vida.

— Você tem agora. — Ainda assim, ela o beijou novamente apenas para se divertir. — Eamonn, há algo que preciso lhe contar.

Um punho bateu na porta, a voz zangada de Cian gritando pela madeira, — Não há criados destinados a estar nestes quartos a esta hora do dia! Se você estiver se acariciando nas câmaras do mestre, eu mesmo vou esfolá-la!

Sorchá mordeu o lábio e balançou a cabeça. — Isto pode esperar.

— Não me importo de dizer a ele onde ele pode encontrar o chicote.

— Eamonn, — ela riu. — Temos que contar a eles mais cedo ou mais tarde.

— Mais algumas horas sozinhos não faria mal. — Ele passou a mão sugestivamente por sua espinha.

— Foi você quem me acordou e disse que precisávamos ir.

— Eu mudei de ideia.

— Tem certeza de que está pronto para isso? — Ela estremeceu quando seu quadril estalou quando ela se moveu.

— Ah, nós dois ainda estamos doendo. Talvez devêssemos esperar.

Ela não queria, mas sabia que se arrependeria se eles

encontrassem tempo um para o outro. Ela queria correr as mãos sobre este novo corpo dele e redescobrir cada pedaço dele. Mas seu corpo rangeu quando ela se moveu e tremeu com o mero pensamento de se esticar.

Teria que esperar, como ele disse, mas ela não estava feliz com isso.

— Grite por ele então, — ela resmungou. — Eu não pensei em reintroduzir você em nosso quarto. Mas assim seja.

Eamonn pigarreou. — Cian! Seu bastardo sarnento, abra a porta!

O berro do gnomo ecoou pelo corredor quase tão alto quanto a porta batendo que bateu com as dobradiças. Havia tanta esperança nos olhos do Cian como ele olhou para eles, embrulhado nas folhas de creme com cortinas ao redor deles.

E então a raiva tão vermelha que queimou transformou o gnomo em pedra.

— Então é assim que você está retribuindo? — Ele rosnou. — O mestre está morto há apenas três meses e você rasteja para a cama com o irmão dele?

Eamonn se moveu, uma espada que ele arremessou pelo ar tão rapidamente que encaixou na metade da porta logo acima da cabeça de Cian. — Você terá cuidado ao falar com minha rainha dessa maneira, gnomo. Podemos ter uma história, mas não vou tolerar isso.

— Não quero o falso rei neste castelo.

— Então é uma coisa boa você não tê-lo.

Cian cruzou seus braços firmemente sobre seu tórax irregular. — Você não é o mestre.

Sorcha puxou os lençóis até o peito e se sentou. — Agradeço sua lealdade, mas você deve estar cego para não ver que é Eamonn.

— Você foi enganada, garota?

Passos barulhentos ecoaram pelo corredor e Oona gritou: —O que é Cian? Um dos fogos-fátuos travou de novo?

Ela irrompeu no quarto, congelou ao vê-los e desabou em lágrimas. — Oh minhas estrelas! Mestre!

Ela abriu os braços e saltou na cama. Sorchá engasgou quando o cotovelo de Oona se curvou sobre sua garganta e a arrastou de volta para o lado de Eamonn.

Oona soluçou, — Oh meus queridos! Nunca pensei em ver seus rostos de novo! E mestre! Você está tão bonito, não que não fosse antes, mas olhe para você!

Ela se afastou o suficiente para acariciar seu rosto com as mãos violetas.

— Oona! — Cian repreendeu. — Aquele não é o mestre! Esse é o irmão dele, Fionn. Olhe para o rosto dele!

— Seu idiota! Você não reconhece nosso menino quando o vê?

O rosto de Cian empalideceu. — Eamonn?

— Eu tentei te dizer, — ele grunhiu. — Em vez disso, você me fez colocar minha espada por uma porta perfeitamente boa.

O gnomo lançou-se pelo quarto e passou os braços em volta dos ombros de Eamonn. — Você está vivo!

Todos riram e seguraram Eamonn até que ele ficou vermelho e tentou empurrá-los para longe. Nem Oona nem Cian deixariam ir. Ele olhou por cima de suas cabeças para Sorchá com olhos arregalados.

— Eles estão em nossa cama.

— Eles sentiram sua falta.

Ele suspirou. — Ah, bem, teremos uma cama nova em breve.

Oona se afastou e olhou para Sorchá. — Você conseguiu?

— Conquistamos Cathair Solais e seu rei anterior agora apodrece na masmorra até decidirmos o que fazer com ele.

— Querida, isso é maravilhoso. E agora o verdadeiro rei pode assumir o trono.

Eamonn sorriu, mas Sorchá estremeceu.

— Eles não vão gostar de mim com você, Eamonn. Você pode desejar que eu me afaste por um tempo, apenas até que você esteja confortável como rei.

— Por que eu iria querer isso?

— Há uma razão para meu povo ter sido posto de lado. Eles me temem, ainda mais agora que provei o que posso fazer. Eu posso controlá-los facilmente. Eles estão certos em ter medo.

Ele estendeu a mão e pegou a mão dela. — Eles temem o que não sabem. Você já capturou o amor de metade da Corte Seelie, e isso é muito mais do que qualquer rei jamais conseguiu.

Sorchá se perdeu em seu olhar. Ele acreditava tanto nela, que fez seu coração inchar. Ela poderia fazer qualquer coisa com ele ao seu lado.

Oona pigarreou. — Então vamos voltar para o Castelo da Luz?

— O mais breve possível.



Cathair Solais fervilhava de movimento. Pela primeira vez em centenas de anos, uma nova coroação estava sendo realizada. Ninguém sabia muito sobre o misterioso rei e a rainha que lutaram com o exército de ouro e venceram.

Mas todos estavam curiosos. E todos foram convidados a ver a importante coroação.

Criados corriam pelos corredores, tanto Fae menores quanto maiores. Alguns Grão-Feéricos desfrutavam de suas novas vidas. Trabalhar deu um propósito em vez de bailes, drogas e álcool constantes.

Outros optaram por não ter uma vida respeitável e tinham direito a essa escolha. O dinheiro antigo os sustentaria por algum tempo, mas, eventualmente, eles também precisariam ganhar seu sustento.

— Senhora! — Um grito ecoou pelo corredor. — Isso é para a cerimônia!

— Vai ficar tudo bem, Ada! Shh.

Sorcha riu das expressões assustadas. Os criados ainda não haviam se acostumado com seu comportamento estranho. Eles esperavam que ela fosse como as incontáveis outras rainhas e princesas que tinham visto. Estoica, recatada, gentil demais.

Ela enfiou a massa doce na boca e acenou com os dedos para eles. Algum dia ela poderia agir como uma rainha, mas certamente não dentro de seus aposentos.

Enxugando os dedos pegajosos nas saias, ela se afastou da parede de criados e correu para seu quarto.

Ela ainda não conseguia acreditar que uma ala inteira do castelo era dedicada a ela. Ela olhou para a mulher que dirigia o castelo com olhos arregalados e perguntou por que diabos ela precisaria de uma ala inteira.

Aparentemente, a maioria das rainhas achava que precisava de muito espaço.

Sorcha queria uma pintura da expressão da mulher quando ela disse para dar aos criados os três andares inferiores. Era como se ela tivesse sugerido manter animais de fazenda dentro de seus quartos.

— Sorcha! — Oona gritou. — Se você não estiver em seu vestido de coroação, irei e a enfiarei nele!

Seus olhos se arregalaram. Certo, ela precisava entrar em seu vestido e esperar pacientemente pelo cabeleireiro.

Ela ouviu o barulho das asas de Oona e girou nos calcanhares para subir as escadas correndo.

— Eu posso ver suas saias! — Oona gritou. — Vista-se!

Os criados também tiveram que se acostumar com seu relacionamento. Ninguém se atreveria a falar dessa maneira com qualquer rainha anterior. Mas Oona era quase uma mãe para Sorcha, ela poderia dizer o que quisesse.

Com os pés voando pela escada em espiral, ela fez seu caminho até a torre mais alta. Por que ela insistiu neste quarto? Sua respiração falhou em seus pulmões e a tontura ameaçou desequilibrá-la.

Ela deslizou pela porta, gritando quando os braços envolveram sua cintura e a levantaram.

Foi por isso que ela insistiu em um quarto na torre. Eamonn a puxou de volta contra seu peito e salpicou beijos sobre seus ombros.

— Você deveria estar com um vestido feito de luz do sol, — ele rosnou e mordeu seu pescoço. — Eu não vejo um vestido, eu vejo uma leiteira se escondendo da repreensiva peixeira.

— Você acabou de chamar Oona de esposa de peixe? — Ela riu.

— Ela grita alto o suficiente para ter merecido o nome.

— Você me chamou de leiteira?

— Oh, isso está apenas nas minhas fantasias? — Ele a girou para

capturar seus lábios.

Sorcha balançou a cabeça, a risada borbulhando em seus lábios.
— Você tem fantasias sobre mim como uma leiteira? De todas as coisas, Eamonn!

— O que? Há algo bastante divertido na ideia de voltar da guerra com fome, dor, cansaço. E aí está você, em uma colina entre as urzes, com o cabelo solto e um sorriso no rosto. — Ele puxou seu vestido, saias que não eram muito apertadas para andar.

Ela revirou os olhos. — Isso é mais o que eu esperava. Você está tentando me distrair? Temos uma coroação para ir.

— E nós somos o rei e a rainha! Podemos fazê-los esperar. — Ele a empurrou para a cama, puxando os laços de seu corpete.

Sorcha riu de novo, batendo em suas mãos. — Pare com isso! Você está apenas enredando-os ainda mais!

— Eu estou ajudando.

— Você não está!

— Sorcha, tirei mais roupas de mulheres na minha vida do que você. Fique parada!

Foi nessa cena divertida que Oona invadiu. Ela pressionou a mão na boca e corou em um vermelho brilhante, mas Sorcha sabia que ela tinha visto muito pior.

— Vejo que o mestre assumiu a responsabilidade de colocar você no vestido da coroação.

Sorcha deu de ombros e arrancou as cordas das mãos de Eamonn novamente. — Parece que todos estão trabalhando contra mim.

— No vestido com você. — Oona apontou para Eamonn com uma expressão severa. — E se você atrasá-la por mais tempo, vou mudar para o seu traseiro, garoto.

— Você não faz isso há séculos.

— Não pense que não vou!

Ela saiu do quarto e Eamonn olhou carrancudo para o espaço vazio. — Não deveríamos ter dado a ela tantos ares. Ela fala conosco como se fôssemos crianças!

— Estamos com ela — Sorcha disse com uma risada. — Mais do que isso, nós somos seus filhos. Portanto, não tire isso dela.

— Hm. Talvez um pouquinho?

— Não!

Ela o deixou girá-la e começar com os fechos na parte de trás do vestido. Havia algo calmo e doce na maneira como ele a despiu. Se ele tinha um objetivo específico em mente ou se estava ajudando depois de um longo dia.

Eamonn sempre foi tão gentil com ela. E ela ainda tinha dificuldade em acreditar que essa era sua vida.

Há pouco tempo, ela era uma camponesa que vivia em um bordel. A velha religião era sua fuga do mundo mundano de sua vida. E agora? Ela se sentava em um trono com um homem que ela teria reivindicado como um deus.

Um do Povo dos Faes a amava. Como ela teve tanta sorte?

— Eu sou o sortudo. — Ele disse contra seu ombro enquanto deixava suas camadas externas caírem no chão.

— Eu estava falando em voz alta?

— Não, eu poderia ler em sua expressão, mo chroí.

— Então seremos os dois sortudos, pois certamente fomos abençoados nesta vida. — Ela se virou, colocou as mãos nos ombros dele e o forçou a se sentar na cama. — Eamonn, há algum tempo estou querendo dizer uma coisa e me recuso a colocar uma coroa na minha

cabeça sem que você saiba.

— Você se casou antes de vir para cá.

— O que? Não!

— Você matou um homem no campo de batalha.

— Não.

— Você foi amaldiçoada a gritar 'sapo' sempre que ver meu irmão gêmeo?

Ela começou a rir novamente. — Não! Seu homem tolo, nada disso.

Ele espalmou seus quadris e a arrastou para frente até que ela ficou entre suas coxas. Pressionando um beijo contra sua clavícula, ele murmurou: — Então o que é? Certamente não me fará amá-la menos.

— Não, eu suspeito que isso vai fazer você me amar um pouco mais.

As palavras eram difíceis de encontrar e nada faria justiça. Em vez disso, ela pegou a mão dele e a guiou sobre a parte inferior da barriga, onde o menor dos solavancos se formava.

Ele levou um momento para entender o que ela queria dizer.

Sorcha observou enquanto cada emoção dançava em suas feições. Suas sobrancelhas se curvaram em concentração teimosa enquanto ele pensava na sensação de sua barriga. Seus olhos se arregalaram quando ele percebeu o que ela queria dizer. Então, sua mão flexionou suavemente sobre o filho.

Ela nunca tinha visto Eamonn tão atordoado ou tão comovido. As lágrimas encheram seus olhos e uma exalação rápida tirou todo o ar de seus pulmões.

— Nosso?

Lágrimas picaram seus próprios olhos enquanto ela ria. —

Poderia ser de outra pessoa?

Fora de si e sem palavras, Eamonn deslizou da cama de joelhos diante dela. Ele a puxou para perto e pressionou a testa contra sua barriga. Ela sentiu o deslizamento lento de seu nariz quando ele se aninhou mais perto.

— Você é amado, — ele rosnou, tanto para ela quanto para a criança. — Você será grande, honrado e bom. Você terá o cabelo flamejante de sua mãe e o queixo teimoso de seu pai. Vou balançar você para dormir à noite, e sua mãe vai beijar você até acordar todas as manhãs.

Ela pressionou uma das mãos nos lábios trêmulos e a outra na cabeça de Eamonn. Ela o segurou contra ela, perto de seu filho, que parecia um milagre no meio de tanta escuridão.

Com a voz embargada, Eamonn ergueu os olhos para ela. — Quanto tempo mais?

— Eu não posso ter tanta certeza. Seis luas, talvez um pouco mais.

— É uma menina?

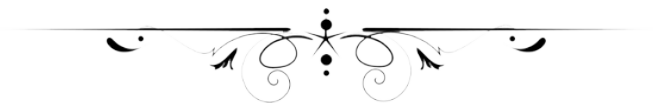
— Eu não sei, — ela riu. — Você não quer um filho?

— Quero tudo o que você puder me dar e centenas de outros. — Ele cambaleou e puxou-a tão suavemente em seus braços que ela se perguntou se ele pensava que ela agora era feita de vidro.

— Centenas? — Ela riu. — Isso é pedir muito, Rei Supremo.

— Insuficiente. Eu nunca posso ter o suficiente de você.

Ela se perdeu em seu beijo, em seu abraço, enquanto ele a segurava contra seu coração.



— Você está pronta? — Perguntou Eamonn.

Eles estavam do lado de fora da sala do trono, totalmente vestidos com as roupas mais desconfortáveis que Sorchá já tinha visto. Ele estava maravilhoso. Vestido todo em branco e dourado, a longa cauda de sua trança ficava livre para balançar enquanto ele se movia. Ocras balançava em seu quadril e um grande pingente em forma de estrela em seu pescoço.

O vestido de gola alta de Sorchá a fez querer coçar. Ele se espalhava ao redor de seu queixo como uma onda do oceano e, em teoria, era impressionante. As mangas de sino tocavam o chão se ela deixasse seus braços afundarem muito. Pedras preciosas cravejavam o espartilho de metal e espalhavam-se pela saia pesada em pontos finos bordados. Seu cabelo estava pesado no topo de sua cabeça, trançado tão apertado que ela podia sentir a pele de suas têmporas puxando para trás.

Era uma pena que a coisa toda a fizesse se sentir como se fosse uma antiguidade em exibição.

— Sorchá? — Eamonn perguntou novamente.

— Sim, sim, estou pronta.

— Você tem certeza? — Ele estendeu a mão e tocou em sua barriga. — Sempre podemos adiar, se desejar.

— Não sou diferente do que era antes, e você não me tratava como vidro na época. Além disso, já os fizemos esperar muito tempo.

— Vai ser avassalador.

— Por que deveria ser? Eles ficarão em silêncio como um túmulo

se perguntando o quanto iremos mudar.

Ele sorriu. — Você vai ver. Guardas, abram as portas.

Os dois homens com armadura de prata - Eamonn tinha insistido na mudança de uniforme, não importava o quanto Sorcha argumentasse que era um desperdício -, abriram as portas para revelar a multidão de faes.

Eles viram seu rei e rainha e explodiram em gritos violentos. Ela forçou sua boca a permanecer fechada em seu entusiasmo. Ela tinha pensado que eles permaneceriam reservados, inseguros sobre seus novos governantes que haviam conquistado o reino.

Eles não estavam. Alguns rostos ela reconheceu, anões do campo de batalha, pixies no ar, faes da turfa nas sombras com sorrisos brilhantes em seus rostos. Mas outros, ela não reconhecia. Tuatha dé Danann, dríades, brownies, aqueles que permaneceram fiéis a Fionn até o amargo fim.

Até eles ficaram satisfeitos por finalmente ver Eamonn e Sorcha.

Ela agarrou seu antebraço com mais força e olhou para ele. — Eu não esperava isso.

— Os Fae estão muito acostumados a mudanças em suas vidas. A realeza se move, as peças mudam, mudando conforme o jogo é jogado. Eles esperam que sejamos melhores do que os anteriores e, se não formos, seremos derrubados com a mesma rapidez.

Sorcha soltou um suspiro. — É muita pressão.

— É, mas seremos um bom rei e uma boa rainha.

— Como você pode ter tanta certeza?

Ele olhou para seu povo, um sorriso suave no rosto. Ela ficou impressionada com a facilidade com que ele estava entre eles. A maneira simples como ele podia mudar de senhor da guerra para rei

sem problemas.

— É para isso que fui criado, Sorch. Vi as injustiças que nosso povo foi forçado a suportar, mas foi você quem me convenceu de que eles realmente poderiam ser mudados. Faremos uma grande diferença neste mundo, uniremos nosso povo e daremos a esta terra a tão necessária paz.

Ela olhou para Eamonn e sorriu. Eles subiram as escadas em direção aos seus tronos. Um com bordas irregulares, queimado e agourento. O outro com rosas florescendo em cada centímetro.

Uma voz gritou: — Assim termina a era de Fionn, o Sábio, e começa o reinado do Rei Cervo e da Rainha Rosa!

Dois dos mais velhos Tuatha dé Danann estavam de pé, carregando coroas douradas que fizeram o coração de Sorch disparar. Ela estava pronta para isso? Ela poderia estar pronta para ser Rainha?

Ela olhou para a multidão e viu rostos que amava, pessoas em quem confiava, e ela sabia que se fosse seu destino se tornar rainha, então ela usaria esse destino com orgulho.

As estranhas criaturas eram uma miríade de cores e texturas. Asas, chifres, apêndices brilhantes, tudo misturado para formar uma colcha de retalhos de magia e maravilha.

Exceto uma única pessoa, que se destacou como um polegar dolorido.

Ela engasgou com um soluço violento. — Papai?

Eamonn apertou a mão dela e a empurrou de volta para a multidão. — A coroação pode esperar.

Ela não se importava com o que seu povo pensava de uma rainha que fugiu de seu trono e irrompeu na multidão. Ela jogou os

braços em volta dos ombros do pai e soluçou em seu pescoço.

— Oh, papai! Achei que nunca mais veria você!

— Nem eu, minha doce menina. — Ele a abraçou, rindo em sua orelha. — Mas seu marido me encontrou com muita facilidade, e aqui estou eu.

— E minhas irmãs?

— Esperando em nosso quarto. Receio que elas foram muito oprimidas pelo Outro Mundo.

— E você não foi?

— Não, sou muito teimoso para temer essas criaturas. — Mas ele olhou ao redor e engoliu em seco. — Além disso, não é todo dia que um pai vê sua filha ser coroado rainha.

Sorcha apertou o aperto em volta do pescoço dele. — Eu devo ir e fazer isso, pai. Mas gostaria de falar com você imediatamente depois.

— Você não deveria estar tendo algum tipo de cerimônia?

— Eles podem esperar. Minha família é muito mais importante do que velhas tradições enfadonhas.

Ele deu uma risadinha. — Eu acredito que seu marido se sente da mesma maneira.

— Ele sente.

Demorou um pouco para liberar o aperto no pescoço de seu pai. Ela sentia muita falta dele e não tinha percebido o buraco em seu coração que veio por ele não estar aqui. Saindo de seu abraço, ela sorriu brilhantemente antes de se virar para o marido.

Eamonn. O homem que não apenas salvou sua vida e a convenceu a se tornar algo muito mais do que uma parteira, mas que atendia a todos os seus caprichos e desejos.

Ela voltou a subir os degraus e estendeu as mãos para ele. — Você fez isso.

— Eu sabia que você não gostaria de passar por isso sem pelo menos um de seus familiares.

— Eu nunca teria perguntado. Eu nem sei o que você deve ter feito para trazê-lo aqui.

— Você não quer. — Ele a puxou para perto dele e deu um beijo em seus lábios. — Mas eu faria qualquer coisa por você, mo chroí.

— Então vamos ser coroados e acabar com isso o mais rápido possível. Eu desejo que você os conheça.

Ele a girou de modo que a saia dela voasse em forma de sino ao redor dos joelhos. Os faes aplaudiram, e ele a sentou em seu trono, tomando o dele ao lado dela.

O arauto pigarreou e recomeçou. — Nós te coroamos Rei Cervo! Que você governe com honra, confiança e mão firme.

O fae atrás de Eamonn baixou uma coroa que retorcia e girava, marcada como os dentes de um chifre.

— Nós te coroamos Rainha Rosa! Que você governe com bondade, nobreza e perdão.

Ela sentiu a fina coroa de ouro aninhar-se em seu cabelo. Ela sabia, sem olhar, que delicadas rosas haviam sido feitas pelos melhores artesãos de todo o país. Olhando para a multidão de seus súditos, ela sorriu para eles e rezou para nunca os decepcionar.

Eamonn pegou a mão dela e apertou-a. — Juntos.

Ela olhou para ele e sentiu seu coração inchar. — Juntos.



– Tem certeza de que está pronta para isso? – Perguntou Eamonn.

– Quer parar de me fazer essa pergunta hoje?

– É apenas em sua condição delicada...

– Se você disser mais uma palavra sobre eu estar grávida e frágil, vou colocar fogo nas cortinas.

– Você não ousaria.

Sorcha olhou para ele. – Eu certamente faria.

– O barulho das suas irmãs... – Ele olhou para a porta enquanto gritos de risadas explodiam através da madeira grossa. – Exaustivo.

– Elas são. Mas elas são muito gentis e têm boas cabeças nos ombros. Acho que você descobrirá que são mulheres maravilhosas que me amam muito.

– Elas deixaram você ir.

– Porque era o que eu queria. – Ela colocou a mão na maçaneta e sorriu. – Você vai ficar bem, não vai?

– Basta abrir a porta.

Sorcha girou a maçaneta e abriu os braços. – Irmãs!

– Sorcha!

O gritante grupo de treze mulheres a cercou. Elas passaram por ela em busca de abraços, lágrimas e palavras chorosas que não podiam ser compreendidas. Elas não precisavam saber o que as outras haviam falado, o amor já estava no ar.

Cada mulher sentira tanta falta de Sorcha que tudo se transformou em uma nuvem de felicidade com gosto de sal e alívio.

Eamonn encostou-se à porta com os braços cruzados. O pai de

Sorcha se aproximou dele e ficou observando a multidão de mulheres.

— É bastante intimidante, não é?

Eamonn olhou para baixo. — Essa é uma maneira de colocar as coisas.

— A família dela a ama muito.

— É um presente raro. Ela aprecia isso.

— Você? — Papa ergueu os olhos com uma expressão severa. — Não vou permitir que minha filha seja tirada de mim pelo Povo Fae.

Eamonn achou estranho que um homem tão pequeno o estivesse ameaçando. Os humanos eram minúsculos comparados aos Tuatha dé Danann, mas o pai de Sorcha não hesitou. Ele entendeu o que essas palavras significavam, mas não reprimiu sua língua.

Inclinando a cabeça, Eamonn respondeu: — Não tenho intenção de manter Sorcha longe de sua família.

— Bom, isso é bom.

Sorcha ergueu os olhos e gesticulou para que Eamonn se juntasse a eles. — Mo chroí! Deixe-me apresentá-lo à minha família!

Ele não deveria ter que se preparar para gerenciar um grupo de irmãs de Sorcha. Mas Eamonn ficou mais nervoso do que na véspera da batalha.

Endireitando o colete, ele deu um passo à frente. — Senhoras.

Elas riram. *Riram* e *deram* risadinhas como pequenas colegiais e abaixavam a cabeça para sussurrar entre si.

Deuses o ajudem.

Eamonn olhou para trás, esperando que o pai de Sorcha fornecesse alguma orientação muito necessária. O velho simplesmente deu de ombros.

Ele era de nenhuma utilidade. Eamonn cerrou os punhos e

abaixou-se em um pequeno sofá com mulheres reunidas ao seu redor.

— Sorchia! Eu pensei que ele deveria ser bestial! Isso é o que todas as histórias dizem.

— Histórias? — Sorchia piscou para elas. — Que histórias?

— Bem, uma vez que soubemos que você foi a Hy-brasil, procuramos por qualquer boato! Todo mundo estava falando sobre o bruto feio da ilha, mas esse homem... Oh, ele não é nada feio.

Ele queria lembrá-las de que podia ouvi-las. Mas as mulheres estavam se divertindo, e ele não tinha uma multidão de mulheres admirando-o há muito tempo. Que mal poderia haver em se permitir encontrar a paz?

Os olhos de Sorchia brilharam com raiva e ciúme.

Certo. É daí que o mal pode vir. Suspirando, ele passou um braço em volta dos ombros dela e deu um beijo em sua têmpora. — Foi um prazer, senhoras. Mas tenho outros negócios a tratar. Eu acredito que vocês vão cuidar da minha vida?

— Sua esposa, você quer dizer?

— Não, — Ele corrigiu. — Minha vida. Ela é a razão pela qual eu respiro e vale muito mais do que apenas um título.

Uma das irmãs tombou ao lado com as mãos pressionadas contra o coração.

Ele se levantou imediatamente, captando os olhos de Sorchia para se certificar de que ela estava bem. Ela assentiu com mais alegria em sua expressão do que ele já tinha visto. Se tudo o que precisava para fazê-la feliz era ter sua família por perto, ele os manteria.

O que os velhos Tuatha dé Danann diriam sobre isso?

Sorrindo, ele saiu dos aposentos. Ele não correu. Ninguém se atreveria a dizer que o novo rei dos Faes Seelie fugiria de um grupo de

mulheres.

Mas ele pode ter se apressado.

Os criados curvaram-se quando ele passou, e Eamonn não teve coragem de dizer-lhes que parassem. Muitas coisas já estavam mudando. Eles precisavam de algo para permanecer o mesmo, para que seu mundo não virasse completamente.

Ele se parecia com o irmão. Alguns deles ainda escorregavam e o chamavam pelo nome de Fionn, ficando brancos como uma bean sidhe quando percebiam o que tinham feito.

Ele não os machucaria pelo pequeno deslize. Ele entendeu por que eles estavam preocupados, mas não tinha coragem de puni-los. Essas pessoas já sofreram o suficiente.

Ou talvez não. Alguns deles gostavam de ter Fionn como rei. Eamonn não sabia o que fazer com isso.



A masmorra era um lugar escuro e úmido. Água pingava do teto em um fluxo interminável de som que o deixaria louco. Alguns dos prisioneiros já haviam perdido o juízo.

Eamonn revisou pessoalmente seus registros. Alguns ele deixou ir, Faes menores que tinham quebrado a lei apenas para alimentar suas famílias. Outros ficaram onde estavam. Só porque o rei mudou não significava que o assassinato era aceitável.

No final da masmorra, longe dos outros, Fionn esperava. Seus braços esticados ao lado do corpo, as correntes se cravando na pele. Seu lindo cabelo pingava água e pendurava-se no chão. Eles

removeram a maior parte de sua roupa, deixando-o com nada mais do que calças sujas.

Eamonn acenou com a cabeça para o guarda que abriu a porta.

Fionn nem mesmo ergueu os olhos.

Ele se ajoelhou ao lado de seu irmão caído e suspirou.

— Você me disse que eu forcei sua mão quando você mergulhou a lança de Lugh em meu coração.

As correntes chacoalharam, mas Fionn permaneceu em silêncio.

— Então eu digo agora, você também forçou minha mão. Eu gostaria que pudesse ter sido diferente entre nós, irmão. Eu gostaria de governar com você ao meu lado.

Eamonn ergueu o rosto de Fionn, olhando para seus olhos fundos e os hematomas em sua mandíbula. Era como olhar para uma imagem refletida de si mesmo. E tão doloroso que Eamonn se esqueceu de respirar.

— Você vai me matar? — Fionn resmungou.

— Não. Estou banindo você para as terras humanas e negando todos os laços com o Outro Mundo. Nenhum fae falará com você, nenhuma Caçada Selvagem o encontrará. Eu te presenteio a vida, irmão, mas nada mais.

— É um destino pior do que a morte.

— Talvez você pense assim agora. Mas eu prometo a você, um dia você vai perceber que essas pessoas são capazes de amar de uma forma que nunca imaginamos. Você nunca esteve sozinho, Fionn. Agora você estará. — Eamonn se levantou. — Estou ansioso para assistir você e como você mudará sua história. Ou como você não mudará.

Ao sair da cela, Fionn ergueu a voz mais uma vez.

— E Elva?

— Ela não te ama, irmão.

— Não importa. Eu a amo e saberia que ela está segura.

— Elva assumiu o controle da própria vida. — Eamonn cruzou as mãos atrás das costas e se virou para Fionn. — Ela viaja para uma ilha ao norte, dedicando sua vida à arte da guerra. Nenhum homem pode pisar nessas terras. Eu ficaria surpreso se ela o deixasse.

Ele se afastou da expressão trágica no rosto de Fionn. O rei caído foi mais afetado pela perda de sua consorte do que por seu próprio destino. Uma pena, porque seu irmão não sabia o que era o verdadeiro amor.

As correntes chacoalharam e Eamonn soltou um suspiro. O chefe de seu exército esperava no topo da escada. O elfo alto trabalhava em estreita colaboração com Angus, que voltou para sua casa sob a montanha.

— Sua Majestade?

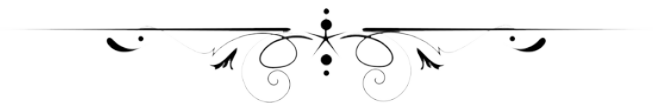
— Você ouviu meu julgamento?

— Sim. Você deseja esperar e falar com a rainha?

Eamonn balançou a cabeça e colocou a mão no ombro do elfo. — Não. Ela não precisa fazer parte disso. Guarde as informações do rei e da rainha viúva, eles ficarão confinados em seus aposentos pelo resto de suas vidas. Bani Fionn, cuidem dos portões e garantam que todos os círculos dos faes o rejeitem. Eu não quero nenhuma chance de que ele retorne ao Outro Mundo.

— Considere isso feito.

Ele já o fez. E talvez fosse por isso que seu coração doía.



Muito depois, Eamonn acordou de seus sonhos. O vento soprava pelas janelas da torre alta, esfriando sua pele. Grogue e meio acordado, ele estendeu a mão para Sorcha apenas para descobrir que ela estava fria.

Ele resmungou enquanto rolava para olhar para a varanda.

A lua recortou sua figura, tecido branco puro ondulando sobre seu corpo enquanto o vento beijava suas curvas. Como ele a amava.

As pernas de um homem se mexeram, empoleiradas na grade. Eamonn também sabia quem seria. Malditos Unseelie, eles nunca sabiam quando parar de se intrometer.

Ele passou as pernas pela beirada da cama e caminhou em sua direção. Sem camisa, ele a puxou de volta contra seu peito e deu um beijo no topo de sua cabeça.

— Bran. — Ele resmungou.

— Sua Majestade. — Um distinto tom de zombaria estava na voz do príncipe Unseelie.

— Com ciúmes?

— Nunca. O trono não é meu destino.

— Não diga isso. Os ancestrais têm um jeito de se intrometer em nossas vidas.

— Eu gostaria que eles ficassem com os humanos.

Sorcha zombou. — Guarde a sua má sorte para si mesmo, obrigada.

Ela era quente e suave, tudo o que ele sempre desejou que sua esposa fosse. Ele não conseguia se lembrar de alguma vez ter visto

uma mulher Tuatha dé Danann como ela. Elas sempre foram régias, juntas, altas e de ombros largos. Sorchá era pequena e tão quente que queimava como uma fornalha.

Ele estendeu uma mão larga sobre seu filho e a protuberância cada vez maior de sua barriga. — Do que vocês dois estavam falando?

— Do futuro. — Sorchá respondeu.

— E?

— Achamos que vai ser muito bom.

— É isso? Por que você pensa isso?

Bran riu. — Minha mãe disse isso.

— Ah. Então será.

Eamonn sentiu o último pedaço de sua alma deslizar de volta ao lugar. Sua vida nunca foi abençoada com amor, família, amigos. Ele sempre esteve sozinho.

Agora, com esta mulher que nunca estava sozinha, ele encontrou a si mesmo e um futuro cheio de risos e amor.

As mãos de Sorchá pressionaram as dele e um chute firme pressionou sua palma.

— O que foi isso?

— Sua filha está inquieta, Athair. — Sorchá disse com um sorriso.

Ele não se importava que Bran estivesse assistindo. Eamonn a girou e caiu de joelhos. Ele pressionou os lábios contra sua barriga e sentiu o lento rolar de sua filha entre seus quadris.

— Só mais um pouco, nighean, filha. Logo nossa família estará finalmente junta.

Sorchá enroscou os dedos em seu cabelo solto e Eamonn de repente percebeu como era para todos estarem bem no mundo.

